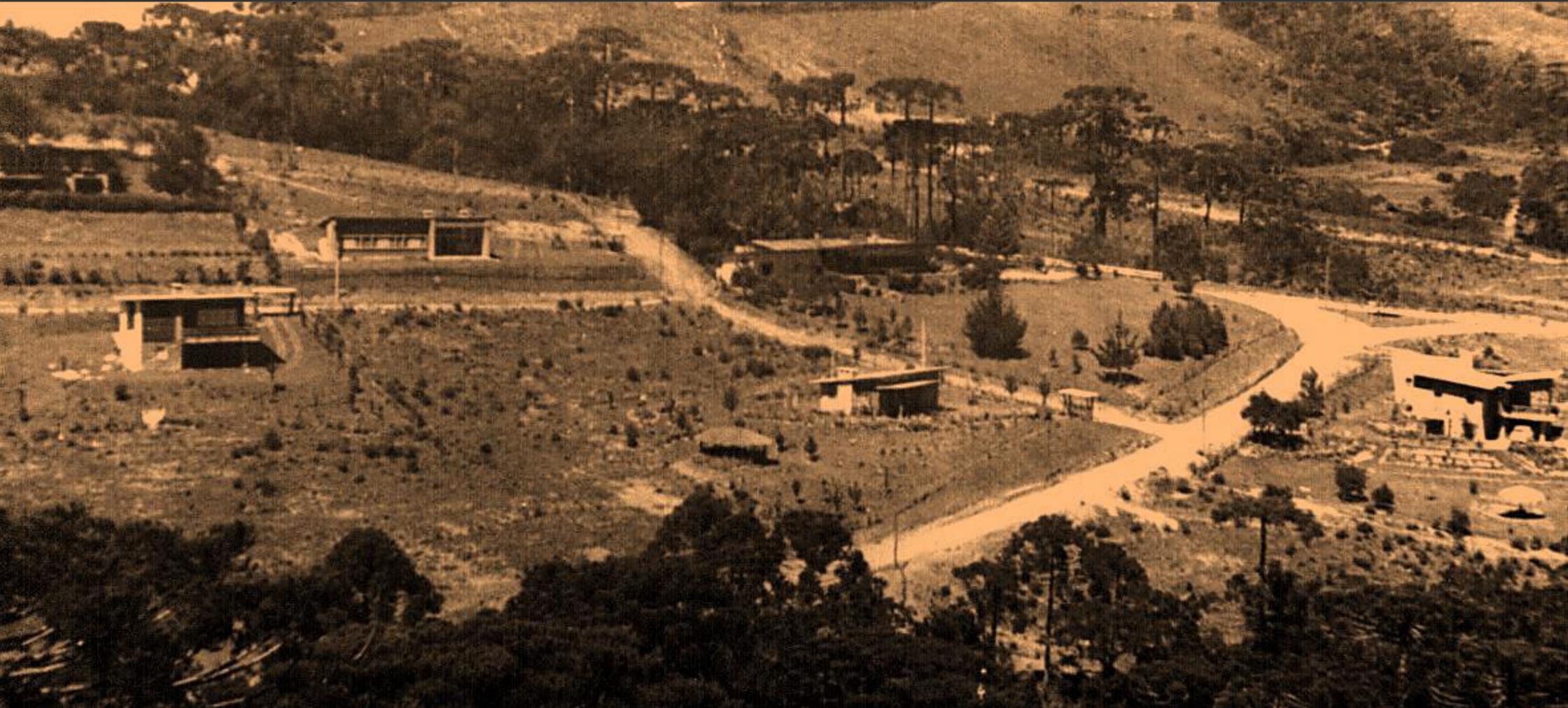


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

MARCELO ANDRÉ FERREIRA LEITE



JARDIM DO EMBAIXADOR

UMA ARQUITETURA EXPERIMENTAL DE OSWALDO BRATKE NOS ANOS 1940

GUARULHOS, 2018

MARCELO ANDRÉ FERREIRA LEITE

JARDIM DO EMBAIXADOR:

UMA ARQUITETURA EXPERIMENTAL DE OSWALDO BRATKE NOS ANOS 1940

Dissertação apresentada à Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História da Arte

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leticia Coelho Squeff

GUARULHOS
2018

Leite, Marcelo André Ferreira.

Jardim do Embaixador: uma arquitetura experimental de Oswaldo Bratke nos anos 1940 / Marcelo André Ferreira Leite. – Guarulhos, 2018.
277 f.

Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2018.

Orientadora: Leticia Coelho Squeff.

Título em inglês: Jardim do Embaixador: an experimental architecture by Oswaldo Bratke in the 1940s.

1. arquitetura moderna brasileira. 2. Oswaldo Bratke. 3. arquitetura paulista nos anos 1940. 4. Campos do Jordão. 5. bairro-jardim. 6. casas de campo. 7. relação Brasil Estados Unidos. I. Squeff, Leticia Coelho. II. Título.

Capa: vista do restaurante Jardim do Embaixador nos anos 1950, na qual se vê o restaurante a as casas Armando Ciampolini, Adolpho Calliera, Carlos Boccellini, Noêmia di Giulio e Sete.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

MARCELO ANDRÉ FERREIRA LEITE

JARDIM DO EMBAIXADOR:

UMA ARQUITETURA EXPERIMENTAL DE OSWALDO BRATKE NOS ANOS 1940

Dissertação apresentada à Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História da Arte
Aprovado em:

Prof^ª. Dr^ª. Leticia Coelho Squeff
Universidade Federal de São Paulo

Prof^ª. Dr^ª. Manoela Rossinetti Rufinoni
Universidade Federal de São Paulo

Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta dos Santos Camisassa
Universidade Federal de Viçosa

Agradecimentos

À professora Leticia Coelho Squeff, pela confiança e dedicada orientação ao longo de todo esse trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa de estudos concedida (proc. 2016/07348-0), a qual foi fundamental para o desenvolvimento desse projeto.

Às professoras Marta Camisassa e Manoela Rufinoni, pelas valiosas considerações feitas durante o exame de qualificação.

Aos professores e colegas discentes do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da UNIFESP, os quais propiciaram aulas riquíssimas e fizeram numerosas sugestões que contribuíram significativamente com o crescimento do projeto.

Às bibliotecas das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, bem como ao arquivo de projetos da Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão, acervos essenciais para a execução da pesquisa.

Aos moradores do bairro Jardim do Embaixador, que pacientemente compreenderam a proposta do trabalho e abriram os portões de suas moradas para as fotografias que integram a dissertação.

Ao topógrafo Carlos Horst Wagner (em memória) e ao iconógrafo Edmundo Ferreira da Rocha, que gentilmente cederam mapas e fotos, registros preciosos para a memória visual do bairro Jardim do Embaixador.

À arquiteta Rosa Amaral e à ilustradora Gabi Moraes, pela grande ajuda que prestaram com os desenhos do plano de urbanização e da Casa Ciampolini.

Ao arquiteto Roberto Bratke, filho de Oswaldo, ao professor Fernando Kolleritz, filho de Ilse, e à professora Anna Galvão, pela disponibilidade em me atenderem e me contarem um pouco de suas juventudes vividas na Campos do Jordão dos anos 1940, 1950 e 1960.

Ao arquiteto Fernando Serapião, autor de *Outra montanha mágica*, e à professora Sueli Ferreira de Bem e seus estudos sobre a arquitetura jordanense, os quais serviram como incentivos para a realização desse projeto.

Aos professores Hugo Segawa e Mônica Junqueira de Camargo, cujas brilhantes pesquisas abrem as portas para essa arquitetura tão rica e própria que é a de Oswaldo Arthur Bratke.

À professora Cláudia Costa Cabral e ao arquiteto Anderson Dall'Alba, cujos estudos permitiram vias de diálogo com esse trabalho.

Ainda que incorporem a nostalgia por um estado natural não perturbado pelo progresso e pela civilização, as urbanizações turísticas em meio à natureza agreste são fenômenos regulares e universais, e sua existência inseparável das metrópoles urbanizadas a que eventualmente se opõem [...] a popularização do automóvel e a emergência de uma sociedade afluyente, que podia permitir-se temporadas de férias e casas de veraneio, constituem o seu contexto de fundo (CABRAL, 2014, p. 261-2).

Resumo

A *trama narrativa dominante* da arquitetura moderna brasileira concedeu mais espaço aos grandes centros urbanos, à utilização de técnicas como as do concreto armado e do aço, à *arquitetura de gênio*, às obras públicas ou institucionais, e ao papel quase messiânico do arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Nesse contexto, o arquiteto paulista Oswaldo Arthur Bratke (1907-1997) acabou relegado à uma posição secundária na história, por ser um expoente da *arquitetura de ofício*, ter se dedicado majoritariamente à tipologia residencial unifamiliar e nunca ter se prendido a doutrinas, preferindo uma busca livre e múltipla por referências no Brasil e no exterior. O bairro *Jardim do Embaixador*, empreendimento cuja concepção, urbanização e primeiras edificações foram realizadas por Bratke a partir de 1944, se localiza na cidade paulista de Campos do Jordão – e por ser uma produção interiorana, feita com madeira e pedra, e relacionada com arquiteturas norte-americanas – foi esquecido por seu criador que, após se tornar eminentemente moderno e sendo uma pessoa demasiadamente modesta em relação à sua obra, não fez questão de divulgar nem preservar para a posteridade muitos projetos – sobretudo aqueles realizados nos anos 1930 ou 1940, como é o caso desse bairro. Diante de tal cenário, esse trabalho buscou inserir-se na trilha aberta por inúmeras pesquisas empreendidas nos últimos trinta anos, as quais ampliaram o entendimento da arquitetura moderna brasileira ao questionar o paradigma unívoco que por muito tempo existiu e reconhecer outras expressões do moderno no país. Construído num momento da história jordanense em que o governo estadual realiza investimentos em infraestrutura hoteleira e planejamento urbano com o objetivo de

incentivar a atividade turística, o Jardim do Embaixador foi idealizado como bairro-jardim destinado a abrigar modernas casas de campo para uma rica clientela do arquiteto, se adequando a um *imaginário de abrigo rústico na montanha* que permitisse contato com a natureza sem perder certas comodidades da vida urbana. Não deixa, porém, de apresentar algumas das particularidades de Bratke em relação à produção moderna nacional: economia, rigor construtivo, experimentalismo e compreensão mais ampla do fenômeno arquitetônico. Assim, tivemos por objetivo inventariar e analisar o plano urbanístico e o acervo residencial construído no bairro, identificando inovações espaciais, técnicas e estéticas incorporadas nessa arquitetura, em relação com produções anteriores e posteriores do arquiteto. Além da introdução e da conclusão, o texto é dividido em quatro capítulos: o primeiro revisa a constituição da *trama narrativa dominante* na arquitetura moderna brasileira e o estado da arte sobre Bratke; o segundo aborda as transformações socioeconômicas em curso na Campos do Jordão do segundo quartel do século XX e descreve o projeto urbano do Jardim do Embaixador; o terceiro foca nas casas de campo como locais propícios para experimentações arquitetônicas e traça um perfil dos primeiros moradores do bairro; e o quarto comenta a arquitetura do Jardim do Embaixador por meio de seis chaves de análise: implantações, usos do espaço, aberturas, estruturas e acabamentos em alvenaria, estruturas e acabamentos em madeira e coberturas.

Palavras-chave: arquitetura moderna brasileira. Oswaldo Bratke. arquitetura paulista nos anos 1940. Campos do Jordão. bairro-jardim. casas de campo. relação Brasil Estados Unidos.

Abstract

The *dominant narrative plot* of modern Brazilian architecture has given more space to large urban centers, use of techniques such as reinforced concrete and steel, *genius architecture*, public or institutional works, and the almost messianic role of the Franco-Swiss architect Le Corbusier. In this context, the São Paulo architect Oswaldo Arthur Bratke (1907-1997) ended up relegated to a secondary position in history, because he was an exponent of the *architecture of office*, to have devoted himself mainly to the single-family residential typology and never to have caught on doctrines, preferring a free and multiple search by references in Brazil and abroad. The neighborhood *Jardim do Embaixador* (*Ambassador's Garden*), an enterprise whose conception, urbanization and first buildings were carried out by Bratke in 1944, is in the town of Campos do Jordão, São Paulo – and is an inner production, made of wood and stone, and related with North American architectures – forgotten by its creator who, after becoming eminently modern and being a person too modest in relation to his work, did not divulge or preserve for posterity many projects – especially those carried out in the 1930s or 1940s, as is the case of this neighborhood. In this scenario, our work sought to join the trail opened by countless researches conducted in the last thirty years, which broadened the understanding of modern Brazilian architecture by questioning the univocal paradigm that had long existed and recognizing other expressions of the modern in the country. Built at a time in Jordanense history in which the state government invests in hotel infrastructure and urban planning to encourage tourism, Jardim do Embaixador was conceived as a garden suburb designed to modern country houses for a wealthy clientele, adapting to an *imaginary rustic refuge in*

the mountain that allowed contact with nature without losing certain facilities of urban life. However, it does not fail to present some of the peculiarities of Bratke in relation to modern national production: economy, constructive rigor, experimentalism and a broader understanding of the architectural phenomenon. Thus, we aimed to inventory and analyze the urban plan and the residential collection built in the neighborhood, identifying the spatial, technical and aesthetic innovations incorporated in this architecture, in relation to previous and later productions of the architect. The text is divided into four chapters: the first revises the constitution of the *dominant narrative plot* in modern Brazilian architecture and the state of art on Bratke; the second deals with socioeconomic transformations underway in Campos do Jordão in the second quarter of the 20th century and describes the urban design of Jardim do Embaixador; the third focuses on country houses as places conducive to architectural experimentation and traces a profile of the first inhabitants of the neighborhood; and the fourth comments the architecture of the Jardim do Embaixador through six keys of analysis: deployments, uses of space, openings, structures and finishes in masonry, structures and finishes in wood and roofing.

Keywords: modern Brazilian architecture. Oswaldo Bratke. São Paulo architecture in the 1940s. Campos do Jordão. garden suburb. country houses. relationship Brazil United States.

Sumário

Introdução.....[8]

Capítulo 1 – O lugar de Bratke na arquitetura brasileira[17]

1.1 A trama narrativa dominante [18]

1.2 A arquitetura paulista nos anos 1940.....[26]

1.3 A relação com os Estados Unidos [30]

1.4 De Botucatu à Serra do Navio [36]

1.5 Dos anos 1950 aos dias atuais [43]

Capítulo 2 – A gênese do empreendimento.....[54]

2.1 A cidade de Campos do Jordão..... [55]

2.2 A Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. [66]

2.3 Um bairro-jardim [71]

2.4 O Jardim do Embaixador [83]

2.5 A pensão não construída..... [95]

2.6 O restaurante coração do bairro [102]

Capítulo 3 – As casas de campo: aspectos gerais [114]

3.1 Origem e disseminação [115]

3.2 Experimentalismo na Mantiqueira.....[121]

3.3 Os primeiros moradores.....[127]

Capítulo 4 – As casas de campo: análise temática..... [140]

4.1 Implantações.....[141]

4.2 Usos do espaço [151]

4.3 Aberturas.....[164]

4.4 Estruturas e acabamentos em alvenaria [175]

4.5 Estruturas e acabamentos em madeira.....[183]

4.6 Coberturas.....[195]

Considerações finais [202]

Referências bibliográficas [210]

Anexos [219]



Oswaldo Arthur Bratke (1907-1997, fig. 1, p. 16)¹ foi um arquiteto que – apesar de sua extensa, brilhante e particular obra – sempre acabou em *segundo plano* na historiografia da arquitetura moderna brasileira. A razões para isso são diversas, como resume Mônica Junqueira de Camargo²:

Uma personalidade mais *introspectiva*, [...] um início de carreira com obras *ecléticas*, [...] a *distância* dos meios universitários [...] comprometeram uma divulgação e um destaque à altura de sua arquitetura [...] ele se *contrapunha* à orientação da busca da *genialidade* e da *força inspiradora* tão alardeada entre muitos. (CAMARGO, 2000, p. 68, grifos nossos).

Somam-se a isso mais dois fatores. Um deles, o distanciamento do cânone carioca, que baseado nos ensinamentos do franco-suíço Le Corbusier (1887-1965), por muitos anos definiu de forma unívoca e hegemônica o que era a arquitetura moderna em nosso país. E o outro, diretamente relacionado ao primeiro, a

evidente afinidade com as produções norte-americanas ou de europeus radicados nos Estados Unidos. Todas essas condições contribuíram para que fosse atribuído a Bratke um papel secundário na *trama narrativa dominante*³.

Além disso, mesmo dentro da criativa e intensa carreira do arquiteto ainda há pontos que permaneceram um tanto *obscuros*, como as obras realizadas nos anos 1930 (fig. 2) e 1940 (figs. 3 e 4). Nesse caso, o próprio Bratke teve uma parcela de responsabilidade, por dois motivos. Um deles, talvez resultado de uma visão demasiadamente modesta em relação à sua obra, é a despreocupação em manter um registro completo de sua produção – como observa Hugo Segawa⁴:

Diferentemente de arquitetos como Rino Levi ou Lina Bo Bardi, que preservaram a documentação de seus trabalhos em quase toda a plenitude [...] Oswaldo Bratke foi negligente nesse aspecto. Por volta de 1965, todo o arquivo [...] de projetos foi dispersado entre seus clientes, convocados pelo

¹ Nesse trabalho, as imagens referenciadas no texto se encontrarão sempre ao final de cada seção de capítulo. As figuras serão indicadas com algarismos arábicos (fig. 1, fig. 2, etc.), os mapas serão indicados com letras (mapa A, mapa B, etc.) e os quadros comparativos com algarismos romanos (comparação I, comparação II, etc.).

² CAMARGO, M. J. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

³ Conforme a revisão historiográfica feita por Carlos Alberto Ferreira Martins a partir de sua dissertação de mestrado: *Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para a uma análise da constituição do discurso moderno no Brasil – a obra de Lúcio Costa, 1924-1952*, defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1987.

⁴ SEGAWA, H. M.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke: a arte de bem projetar e construir**. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997.

arquiteto para retirarem suas plantas, posto que ele estava fechando seu escritório (SEGAWA e DOURADO, 2012, p. 12).

O segundo motivo é uma certa *vergonha* do arquiteto em relação aos projetos desenvolvidos nos anos 1930 e 1940, compreensível se entendermos o tratamento preconceituoso reservado às linguagens cronologicamente anteriores à moderna, em diversas partes do mundo e especialmente no Brasil durante meados do século XX. No cenário paulista em específico, como explica Aline Regino⁵ ao analisar a obra de Eduardo Kneese de Mello (1906-1994):

Existem diversas trajetórias de engenheiros-arquitetos formados nas décadas de 1930 e 1940 que exploraram inicialmente a arquitetura eclética. O ponto em comum entre todas é o fato de que a maior parte desses profissionais deixou de reconhecer valor nessa primeira produção, logo depois de sua *conversão* ao movimento moderno (REGINO, 2011, p. 3, grifo nossos).

Reconhecidos o relativo papel *coadjuvante* de Bratke na historiografia oficial e as lacunas ainda existentes a respeito de sua

⁵ REGINO, A. N. **Eduardo Kneese de Mello**: do eclético ao moderno. 2011. 580 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

⁶ Campos do Jordão localiza-se no interior do estado de São Paulo, na Serra da Mantiqueira. Pertence à região do Vale do Paraíba e tem população atual de

trajetória profissional, que diversos estudos a partir dos anos 1990 se propuseram a solucionar, resolvi oferecer uma contribuição – por meio dessa pesquisa de mestrado. E na condição de morador da cidade de Campos do Jordão⁶, não poderia haver objeto mais pertinente para o desenvolvimento do trabalho que o bairro Jardim do Embaixador (fig. 5) – localizado naquele município e cujo plano urbanístico e a concepção das primeiras casas de campo ficaram a cargo de Bratke, durante meados da década de 1940.

O Jardim do Embaixador sempre foi muito pouco comentado na bibliografia disponível sobre Bratke, mesmo nas três análises mais extensas e detalhadas sobre a obra do arquiteto: a dissertação de mestrado de Mônica Junqueira de Camargo, *Oswaldo Bratke: uma trajetória de arquitetura moderna*, orientada por Paulo Bruna e defendida no Mackenzie em 1995; o livro *Oswaldo Arthur Bratke: a arte de bem projetar e construir*, escrito por Hugo Segawa em coautoria com Guilherme Mazza Dourado em 1997, com segunda edição em 2012; e a tese de doutorado de

51454 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2017. O turismo é a principal atividade econômica da cidade que, por se localizar relativamente próxima à capital paulista (cerca de 180 km), apresenta frequência considerável de visitantes paulistanos, bem como de outros locais do país.

Camargo, *Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke*, também orientada por Bruna e defendida na Universidade de São Paulo em 2000.

Esse relativo desaparecimento do bairro jordanense é, contudo, explicável por dois fatores: a extensão dos estudos mencionados, que tiveram por objetivo analisar toda a carreira do arquiteto, de modo que inevitavelmente várias obras ficariam preteridas; e a dificuldade em se obter dados sobre o loteamento, seja na forma de desenhos, fotografias, documentos escritos, depoimentos ou mesmo o acesso às edificações existentes. Antes de nosso trabalho, o primeiro esforço no sentido de ampliar as informações disponíveis sobre a história do Jardim do Embaixador foi o artigo de Fernando Serapião – *Outra montanha mágica* – publicado em 2008⁷, e que foi o texto que nos motivou a realizar a presente pesquisa.

Num momento da história jordanense em que o governo estadual realiza uma série de investimentos em infraestrutura hoteleira e planejamento urbano com o objetivo de incentivar a

⁷ SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. In: **Projeto Design**, n. 340, jun. 2008.

atividade turística, o Jardim do Embaixador foi idealizado “tendo em vista construções do tipo residencial campestre, de fino gosto” (p. 1-2), como anunciam Oswaldo Bratke e um de seus *sócios* no bairro, o engenheiro civil Noé Ribeiro (1897-1975) – ao escreverem o memorial descritivo⁸ do loteamento em setembro de 1944.

O Jardim do Embaixador contribui para um melhor entendimento da faceta de Bratke enquanto arquiteto *empreendedor*, que adquire terras, elabora um plano de arruamento baseado nos preceitos dos bairros-jardins, incentiva parentes, amigos e conhecidos a comprar terrenos e projeta e constrói ele mesmo as primeiras habitações, bem como um restaurante que será o *centro social* da localidade. E essa pesquisa demonstra que o Jardim do Embaixador é a primeira iniciativa consistente e sistemática de Bratke como urbanista. Antecede, por exemplo, a Ilha Porchat no litoral paulista, o Morumbi em São Paulo e as vilas Serra do Navio e Amazonas, no Amapá.

Descobrimos que a atuação de Bratke no bairro foi muito mais expressiva do que o apontado por estudos anteriores. Além

⁸ BRATKE, O. A; RIBEIRO, N. **Memorial descritivo do plano de urbanização da gleba de terreno conhecida como *Homem Morto*, em Campos do Jordão**. São Paulo: Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., 1944.

dos seis estudos não construídos, do plano urbanístico e do restaurante – pensados como norteadores de um conjunto – muito provavelmente o arquiteto construiu dezenove habitações no Jardim do Embaixador. E apesar de cada unidade possuir características únicas, o acervo edificado constitui um todo que é coeso em si e que até hoje se destaca bastante da arquitetura vista no restante de Campos do Jordão, onde o pastiche alpino se impõe. A produção também não deixa de apresentar algumas das *particularidades* de Bratke em relação à arquitetura moderna brasileira: a economia, o rigor construtivo, o experimentalismo e uma compreensão mais ampla do fenômeno arquitetônico, de acordo com Camargo (p. 160).

Apresentado nosso objeto e a pertinência de seu estudo, cabe chamar a atenção para o método de pesquisa adotado. Para atingirmos nosso objetivo – que era inventariar e analisar o plano urbanístico e o acervo residencial construído no Jardim do Embaixador, identificando as inovações espaciais, técnicas e estéticas incorporadas nessa arquitetura, em relação com produções anteriores e posteriores do arquiteto – o plano seguido ao longo do projeto compreendeu dois grupos principais de

atividades, complementares entre si: o *trabalho de campo* e a *revisão de literatura*.

O primeiro grupo englobou três atividades. A primeira – o *levantamento documental* do plano de urbanização e das edificações – que foi em parte prejudicada pelo fato de Bratke não ter deixado um registro documental e visual completo de sua obra, como já explicado, bem como pela dificuldade em se obter contato com as primeiras famílias que ocuparam o bairro. Decorridos mais de setenta anos da construção das residências, a grande maioria já mudou de proprietário e como se tratam de casas de campo, nosso contato foi feito quase exclusivamente com *caseiros* – funcionários responsáveis pelos imóveis na ausência de seus donos. Ainda assim, conseguimos obter algumas fontes primárias *inéditas* junto ao arquivo de projetos da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão: o memorial do plano de urbanização, uma lista com os nomes dos dezenove primeiros proprietários e três conjuntos de desenhos técnicos referentes a edificações no bairro, os quais serão apresentados no trabalho.

A segunda atividade foi o *levantamento físico* do objeto de pesquisa, que consideramos desenvolvido de forma satisfatória,

pois obtivemos dados suficientes para nossas análises – apesar de termos enfrentado um entrave relativamente comum em estudos do tipo: a dificuldade em adentrar em um bairro que – apesar de não ser um condomínio fechado – é majoritariamente residencial, habitado por uma classe abastada e inevitavelmente suscetível ao cercamento e isolamento das propriedades, bem como por uma desconfiança em relação a presenças *atentos e estranhos* ao seu território. Por essa razão, não conseguimos um levantamento fotográfico para *todas* as obras em estudo, sobretudo no que diz respeito aos espaços *internos*.

A terceira atividade foi a *elaboração de fichas descritivas* para as obras arquitetônicas que são o objeto dessa pesquisa. Nesse trabalho, doze dessas fichas estão arroladas no anexo, correspondendo ao Restaurante Jardim do Embaixador e às casas Oswaldo Bratke, Guilherme Corazza, Noé Ribeiro, Armando Ciampolini, Firmino Whitaker, Francisco Berrettini, Paschoal

Scavone, Adhemar de Campos, Teixeira de Barros, Júlio Ortiz e Lote 87. A escolha por elas foi determinada por dois fatores: o *melhor estado de conservação* das características arquitetônicas originais, e/ou a *maior quantidade de informações* obtidas durante os levantamentos. As fichas seguiram um padrão *reduzido e adaptado* das fichas de inventário utilizadas pelo *Docomomo*⁹, a fim de que pudessem se adequar melhor à estrutura da dissertação e às informações disponíveis para cada construção, em alguns casos bastante escassas.

A revisão de literatura foi realizada para quatro grupos temáticos, que correspondem aos quatro capítulos dessa dissertação. O primeiro deles é o *estudo da carreira de Bratke e da forma como sua obra foi vista por diversos autores* ao longo do tempo. Para tanto, tivemos que recorrer a leituras complementares sobre: a *trama narrativa dominante* na historiografia moderna nacional, as especificidades da *arquitetura*

⁹ O Docomomo (*International Working Party for Documentation and Conservation of the Modern Movement*) é uma organização internacional fundada em 1988 na Holanda e sediada atualmente na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa. Objetiva documentar e preservar as criações do movimento moderno na arquitetura, no urbanismo e em manifestações afins. Seus membros são historiadores, arquitetos, planejadores urbanos, paisagistas,

preservacionistas, professores, estudantes e órgãos públicos. Em 1992, na Universidade Federal da Bahia, foi criado o Docomomo Brasil – atualmente sediado na Fundação Oswaldo Cruz. O núcleo nacional conta com representações regionais em Brasília e nos estados: Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sergipe. Cf. www.docomomo.org.br.

paulista nos anos 1940, e a relação dos arquitetos brasileiros com as produções desenvolvidas nos Estados Unidos no segundo quartel do século XX. Essas leituras contribuíram muito para um entendimento mais amplo de todos os outros temas discutidos nesse trabalho.

O segundo grupo de revisão de literatura abarcou dois estudos: o da *formação histórica da cidade de Campos do Jordão*, com destaque para a transformação socioeconômica sofrida pelo município a partir da década de 1940; e o das *origens, disseminação e características dos bairros-jardins*, visto que o Jardim do Embaixador foi idealizado e construído baseado em preceitos desse tipo de urbanização, da qual inclusive Bratke possuía relativa experiência – já que fora um assíduo construtor nos bairros-jardins paulistanos durante a primeira fase de sua obra. Esses temas se juntam a alguns dos resultados obtidos no trabalho de campo para constituir o capítulo dois da dissertação, que tem um enfoque um pouco mais urbanístico que os demais.

O terceiro grupo de revisão de literatura também se divide em dois temas, correspondendo ao capítulo três da dissertação, junto com dados obtidos no levantamento documental. Um dos temas foi a recuperação de informações sobre *os primeiros moradores do Jardim do Embaixador*, de modo a se obter um perfil dessa clientela com a qual Bratke esteve profundamente relacionado. Já o outro, se deteve nas *origens, disseminação e características das casas de campo*. Por ser uma tipologia de uso esporádico e mais ligada ao lazer e à natureza, as habitações de campo se tornaram um “vetor privilegiado para a experimentação de inovações arquitetônicas”, como analisa Maria Lúcia Bressan Pinheiro (p. 297)¹⁰ – e Bratke não foi uma exceção a essa regra, fazendo de seu bairro jordanense um verdadeiro *campo de testes* para novas soluções espaciais, técnicas e estéticas.

Por fim, o quarto grupo de revisão de literatura teve por objetivo o *estudo das obras de Bratke*, bem como de *produções arquitetônicas nos Estados Unidos de meados do século XX*. A intenção foi relacionar as informações descobertas nessa etapa

¹⁰ PINHEIRO, M. L. B. **Modernizada ou moderna?** A arquitetura em São Paulo: 1938-1945. 1997. 365 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

com os resultados dos levantamentos documental e físico da arquitetura do Jardim do Embaixador. Desse cruzamento surgiu o capítulo quatro da dissertação, que faz uma descrição do acervo construído por Bratke no bairro jordanense através da análise das formas de implantação, do uso dos espaços, do desenvolvimento de aberturas e coberturas, e do emprego e acabamento dos materiais ditos tradicionais (como a madeira e a pedra) juntamente com os novos (como o vidro e a telha de fibrocimento). Por meio desse exercício, identificamos as continuidades e rupturas entre o que Bratke estava fazendo antes do Jardim do Embaixador e o que viria a fazer depois. E, no panorama internacional, constatamos semelhanças físicas, conceituais e cronológicas com as habitações em madeira construídas por Marcel Breuer (1902-1981) em território norte-americano, as *casas usonianas*¹¹ de Frank Lloyd Wright (1867-1959) e as modernas moradias californianas de meados do século XX.

¹¹ Segundo Antônio Pinelo (2008, p. 2), as casas usonianas foram “projetadas por Frank Lloyd Wright durante cerca de duas décadas, a partir de 1936. Trata-se de um conjunto de cerca de 400 habitações unifamiliares (nem todas construídas), em que é patente um forte compromisso social e ambiental. Estas habitações, com carácter suburbano, destinavam-se a um segmento da

O levantamento da atuação de Oswaldo Bratke no Jardim do Embaixador vem renovar os estudos sobre esse importante arquiteto ao analisar o plano de arruamento e loteamento proposto para o bairro que foi a primeira experiência do tipo na trajetória profissional de Bratke. Além disso, também é relevante por trazer à tona algumas características quase únicas: na carreira do arquiteto, o *programa* da casa de campo e o desenvolvimento de *estratégias* de conforto numa região de clima frio; e na arquitetura brasileira em geral, a *temática* do abrigo rústico de montanha e o *protagonismo* da madeira como material construtivo. Todos pontos que o arquiteto atendeu com qualidade e que, justamente por isso, não merecem permanecer incógnitos.

população americana com recursos moderados. Na sua concepção [se] evidenciam os princípios de arquitetura orgânica perfilhados por Frank Lloyd Wright, a par de preocupações relativas aos custos iniciais de construção e ao estabelecimento de uma relação harmoniosa com a natureza”.

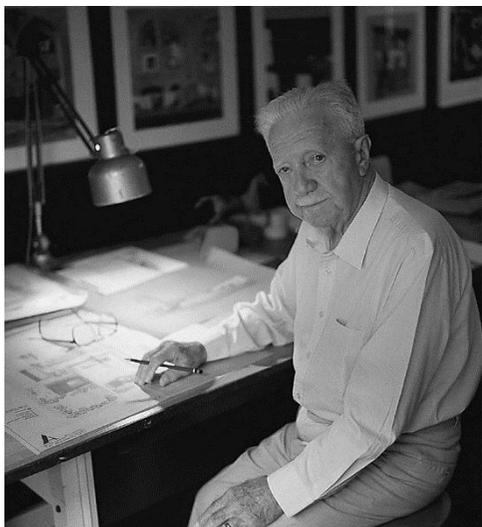


Fig. 1: Oswaldo Bratke em 1992.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 54.



Fig. 2: Casa Manoel Vega no Jardim América, 1935.
Fonte: *Acrópole*, jul. 1938, p. 57.



Fig. 3: Casa Caio Pinheiro em Pinheiros, 1942.
Fonte: *Acrópole*, fev. 1942, p. 388.

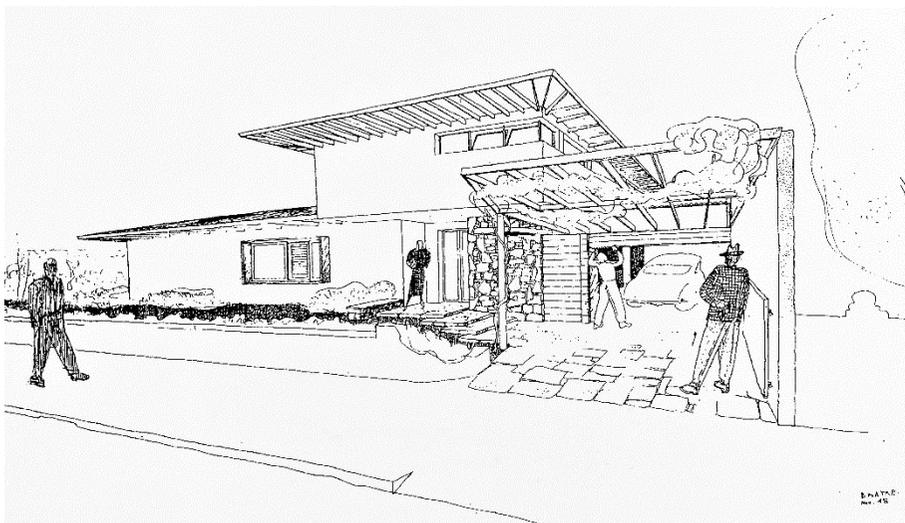


Fig. 4: Casa Vicente de Paula Ribeiro no Jardim Europa, 1945.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 31.



Fig. 5: Vista da parte central do Jardim do Embaixador nos anos 1940.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 73.

CAPÍTULO 1 – O LUGAR DE BRATKE NA ARQUITETURA BRASILEIRA



1.1 A trama narrativa dominante

A arquitetura moderna brasileira¹, famosa em todo o mundo, forjou-se por meio do trabalho de qualidade de muitos arquitetos e outros profissionais do desenho e da construção. Além do testemunho espacial e visual existente em cada projeto e em cada obra os seus autores, juntamente com pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, também deram voz a esse patrimônio por meio de palavras – materializadas em várias publicações ao longo dos séculos XX e XXI. Diante desse cenário, abordaremos primeiramente alguns dos pontos-chave da arquitetura moderna brasileira, que tem seus próprios *mitos e*

¹ O adjetivo *moderno* carrega diversos significados, de modo que consideramos necessário detalhar alguns desses sentidos. Ao longo do presente trabalho, *moderno* ou *moderna* será utilizado para expressar umas dessas três definições, baseadas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*: linguagens arquitetônicas desenvolvidas entre o fim do século XIX e meados do século XX; soluções que representaram avanços técnicos quando empregadas pela primeira vez; ou mesmo comportamentos de um grupo de pessoas que ainda não eram aceitos pela ampla maioria de uma sociedade, num dado contexto histórico. Para Nicolau Sevcenko (1992, p. 227-8), *moderno* também é uma espécie de “palavra-fetichismo que, quando agregada a um objeto, o introduz num universo de evocações e reverberações prodigiosas [...] condensando assim conotações que se sobrepõem em camadas sucessivas e cumulativas, as quais lhe dão uma força expressiva ímpar [...] [é] a palavra-origem, o novo absoluto, a

heróis. Em seguida, apresentaremos nosso tema – a arquitetura paulista dos anos 1940 e o lugar Oswaldo Bratke nela – para ao final atingirmos nosso objeto de estudo: o bairro Jardim do Embaixador em Campos do Jordão.

José Tavares Correia de Lira² afirma que o enorme sucesso da arquitetura moderna brasileira no cenário cultural nacional deveu-se, em boa parte, por seus agentes terem logo cedo “recorrido amplamente as artes da reprodutibilidade técnica – em especial à fotografia, mas também ao cinema e à comunicação visual” (p. 8), forjando uma eficiente propaganda em torno do tema. Além disso houve, é claro, a atuação do Estado – “o grande fomentador desta arquitetura” – segundo Eduardo Costa (p. 109)³

palavra-futuro, a palavra-ação, a palavra-potência, a palavra-libertação, a palavra-alumbramento, a palavra-reencantamento, a palavra-epifania. Ela introduz um novo sentido à História, alterando o vetor dinâmico do tempo que revela sua índole não a partir de algum ponto remoto no passado, mas de algum lugar no futuro”.

² LIRA, J. T. C.; FINOTTI, L. **O visível e o invisível na arquitetura brasileira**. São Paulo: DBA, 2017.

³ COSTA, E. **Brazil Builds e a construção de um moderno na arquitetura brasileira**. 2009. 291 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

e como atestam as obras do Conjunto da Pampulha (fig. 1, p. 25), nos anos 1940 ou de Brasília, nos anos 1950. O papel estatal aqui é um tanto ambíguo: uma *intelligentsia*⁴ modernista está instalada dentro de sua hierarquia e busca por meio dele executar seus ambiciosos projetos de *educar* a população ou tornar a sociedade mais *justa* – ao mesmo tempo em que as autoridades encontram nas novas linguagens uma forma legítima de manifestar o seu poder ou concretizar, de acordo com Nelci Tinem⁵:

O projeto de modernizar o país, iniciado no governo Vargas, em 1930, e seguido no de Juscelino Kubitschek, a partir de 1955, representativa de uma tentativa de suplantar o poder econômico ainda em mãos do capital agrário-exportador, apoiado pela classe média urbana e pelo capital comercial em defesa de uma nova sociedade mais industrializada e mais independente (TINEM, 2002, p. 15).

Nesse contexto, uma das primeiras publicações acerca da arquitetura moderna brasileira foi *Brazil Builds* (fig. 2)⁶, catálogo da exposição homônima realizada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) em 1943 e que posteriormente percorreu

⁴ Conforme Carlos Alberto Ferreira Martins, no artigo *Identidade nacional e Estado no projeto modernista* (in GUERRA, 2010, p. 279-297, primeira publicação em 1987), *intelligentsia* pode ser definido como “um grupo social que se individualiza menos por sua origem social que pela natureza particular das relações que propõe estabelecer entre o trabalho intelectual e a política”.

outras cidades estadunidenses e brasileiras, além de passar por México, Canadá e Inglaterra. Para José Lira, esse foi “o primeiro levantamento sistemático da produção de arquitetura moderna no Brasil, documentando 47 obras construídas entre 1938 e 1942” (p. 13). Projeto desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial, ou seja – em tempos da *política da boa vizinhança*⁷ – o arquiteto Philip Goodwin (1885-1958) deixa claro logo nas primeiras linhas da introdução do catálogo que o MoMA e o *American Institute of Architects* estavam “ansiosos por travar relações com [o] Brasil, um país que ia ser nosso futuro aliado” (p. 7).

Dividido em duas partes, a primeira é uma breve e clássica descrição do clima, da vegetação e do relevo de uma terra *exótica*, seguida da apresentação da arquitetura do período colonial, principalmente a religiosa, barroca. Ainda na primeira parte, a arquitetura brasileira do século XIX e das primeiras décadas do XX é vista da forma preconceituosa – tal como foi considerada durante todo o período em que a linguagem moderna predominou

⁵ TINEM, N. **O alvo do olhar estrangeiro**: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna. João Pessoa: Manufatura, 2002.

⁶ GOODWIN, P. **Brazil Builds: architecture new and old**, 1652-1942. 4ª ed. Nova York: MoMA, 1946. Primeira publicação em 1943.

⁷ Sobre a qual iremos discorrer mais adiante nesse capítulo.

na arquitetura. As exceções a esse tratamento pejorativo são poucas – como nos trechos dedicados aos teatros Amazonas, em Manaus e da Paz, em Belém – quando parece haver uma *trégua* apenas para que se possa explicar, por meio dos exemplos, a riqueza da região norte do Brasil durante a *belle époque*. A segunda parte do catálogo apresenta a arquitetura moderna brasileira. O autor faz um interessante balanço entre França e Estados Unidos, especulando qual dos dois países teria exercido um papel mais decisivo no surgimento do modernismo arquitetônico brasileiro:

A França influenciou sempre grandemente na cultura brasileira [...] as ideias revolucionárias do grande arquiteto suíço-francês Le Corbusier foram recebidas com simpatia especial. [...] Dos Estados Unidos, muito pouco de teoria arquitetônica foi aproveitado. (GOODWIN, 1946, p. 81).

Além da preponderância francesa, personificada na figura do arquiteto Le Corbusier, *Brazil Builds* aponta o *brise*⁸ como a principal inovação técnica e estética da arquitetura brasileira. Mas talvez o aspecto mais importante a se considerar no livro seja a

⁸ Segundo o *Dicionário da arquitetura brasileira*, de Eduardo Corona e Carlos Lemos (1972, p. 81), *brise* é um termo originado do francês *brise-soleil*, cuja tradução literal seria *quebra-sol*. São elementos arquitetônicos de madeira, metal ou concreto com a finalidade principal de interceptar os raios solares, quando estes forem inconvenientes.

eminência parda do arquiteto Lúcio Costa (1902-1998, fig. 3), à época Diretor de Estudos e Tombamento do recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (antigo SPHAN e atual IPHAN). A presença de Costa é percebida mais facilmente em dois pontos: o primeiro, o destaque que recebe no texto de Goodwin a obra do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP, fig. 4) no Rio de Janeiro (1936-1945), cujo projeto foi coordenado por Lúcio Costa⁹ – que solicitou a consultoria de Le Corbusier no processo. E o segundo, a articulação entre a arquitetura colonial e a arquitetura moderna – tanto por meio da ênfase visual que as duas linguagens recebem na publicação, quanto por uma ideologia cunhada por Costa, que considera os dois períodos como aqueles de maior criação e qualidade na história da arquitetura nacional.

A arquitetura de *Brazil Builds* constituía um todo mais ou menos homogêneo cujas características predominantes eram o uso da técnica do concreto armado com acabamento em pintura branca, o uso de linhas curvas, de brises e dos *cinco pontos da*

⁹ Que liderava a equipe constituída Affonso Eduardo Reidy (1909-1964), Carlos Leão (1906-1983), Ernani Vasconcellos (1912-1989), Jorge Machado Moreira (1904-1992) e Oscar Niemeyer (1907-2012).

arquitetura nova cunhados por Le Corbusier em 1926: *pilotis*¹⁰, planta livre, fachada livre, janelas *em fita* (contínuas), e laje de cobertura como *terraço-jardim*. Embasada teoricamente por Lúcio Costa e tendo como maior expoente Oscar Niemeyer, essa linguagem moderna com o tempo passou a ser conhecida por *escola carioca* – pois era na então capital federal que se localizavam as obras pertencentes a essa corrente ou haviam estudado ou tinham escritórios os arquitetos desse grupo.

Na visão de Carlos Alberto Ferreira Martins¹¹, *Brazil Builds* tem a dupla importância de divulgar mundialmente a arquitetura moderna nacional (o que também faz com que as obras sejam aceitas pelo *grande público* brasileiro) e inaugurar “uma matriz de leitura que se tornará recorrente na historiografia” (p. 137). Chamada de *trama narrativa dominante* pelo referido autor, a matriz posteriormente será revisada pelo livro do brasileiro

¹⁰ Ainda conforme o *Dicionário da arquitetura brasileira* (p. 373), a palavra *pilotis* também tem origem francesa e significa literalmente *grupo de estacas*. É utilizada para designar o conjunto de pilares que sustentam uma edificação, deixando livre o pavimento térreo.

¹¹ MARTINS, C. A. F. Há algo de irracional... Notas sobre a historiografia da arquitetura brasileira. In: GUERRA, A. **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**: parte 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 131-168. Publicado originalmente em 1999.

Henrique Mindlin (1911-1971) – *Modern architecture in Brazil*¹² – que amplia a seleção de *Brazil Builds* incluindo mais arquitetos e obras; e definitivamente consolidada na tese do francês Yves Bruand (1926-2011) – *Arquitetura contemporânea no Brasil*¹³ – que dentre as três publicações, é *o mais completo*, como analisa Nelci Tinem:

Percorre praticamente todas as revistas brasileiras de arquitetura, muitas das internacionais, uma bibliografia selecionada sobre cultura e antropologia, além de entrevistas com os protagonistas dessa história e visitas a suas obras. É o único que sistematiza exaustivamente todos os dados existentes e os analisa a luz dos métodos de investigação de documentos, objeto de formação fundamental e móvel de sua vinda ao Brasil (TINEM, 2002, p. 19).

Em seguida, a *trama narrativa dominante* apareceria também em compêndios de recorte temporal mais abrangente (do

¹² MINDLIN, H. **Modern architecture in Brazil**. Rio de Janeiro/Amsterdam: Colibris, 1956.

¹³ BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Tese de doutorado finalizada em 1973 e publicada no Brasil pela primeira vez em 1981.

colonial ao moderno), como os de Paulo Santos, Augusto Telles e Carlos Lemos¹⁴.

Mas, retomando Martins, uma notável *voz discordante* (p. 145) no período dos anos 1940 a 1960 foi a do crítico de arte Geraldo Ferraz (1905-1979, fig. 5) – para quem o esquema Costa-Goodwin-Mindlin *não fazia sentido* (p. 146). Segundo ele, o ponto mais relevante na arquitetura moderna brasileira não estava na vinda de Le Corbusier em 1936 e no projeto do MESP, mas sim no início da atuação do arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972) na capital paulista. E tal momento não era “balizado no processo de evolução de quatro séculos de arquitetura”, de acordo com a teoria de Lúcio Costa, mas sim “no quadro das profundas alterações na vida econômica, política, técnica e social de São Paulo, a partir da primeira guerra mundial” (p. 147), combinadas com “parâmetros europeus e norte-americanos, muito distantes da tradição colonial portuguesa”, na visão de Tinem (p. 27), que cita os arranha-céus de Chicago e o *Art Nouveau* e como exemplos.

¹⁴ SANTOS, P. F. **Quatro séculos de arquitetura**. Barra do Piraí: Fundação Educacional Rosemar Pimental, 1977. Originalmente uma palestra realizada pelo autor em 1965; TELLES, A. C. S. **Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil**. 3ª ed. Brasília: Iphan/Monumenta, 2008. Publicado originalmente em

Foi defendendo essa ideia que o crítico começou a célebre polêmica com Costa após o lançamento do álbum *Arquitetura contemporânea no Brasil*, realizado pelos estudantes da Faculdade Nacional de Arquitetura em 1947, e publicou o livro *Warchavchik e a introdução da arquitetura moderna no Brasil: 1925 a 1940* em 1965 – no qual busca “oferecer dados para uma versão alternativa da história da arquitetura brasileira, incluindo Warchavchik e as primeiras ações paulistas”, como observa Tinem (p. 36). A obra de José Lira sobre o arquiteto ucraniano¹⁵, complementa:

Para o jornalista de arte formado nas redações de jornal e nos salões modernistas paulistanos, dedicado à causa da arquitetura e do urbanismo modernos desde a década de 1920, tratava-se de uma *escamoteação da verdade histórica*, ou seja, da inquestionável precedência de Warchavchik na *luta áspera e amarga que foi levada a cabo nesta cidade de São Paulo* (LIRA, 2011, p. 494).

Nesse sentido, as duas séries que Geraldo Ferraz publicou na revista *Habitat* entre março de 1956 e novembro de 1957 – as *Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil* e os

1975; LEMOS, C. A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979.

¹⁵ LIRA, J. T. C. **Warchavchik: fraturas da vanguarda**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

*Novos valores na arquitetura moderna Brasileira*¹⁶ – também são “uma clara tentativa do autor de valorizar a arquitetura paulista e ampliar o panorama” como afirma Anderson Dall’Alba (p. 17)¹⁷ baseado na convicção de Mônica Junqueira de Camargo¹⁸ de que a motivação para os textos no periódico ainda está “na conhecida polêmica travada entre Ferraz e Lúcio Costa sobre o pioneirismo da arquitetura moderna brasileira” (p. 249). Essa também é a opinião de Paula Dedecca¹⁹, que explica que Geraldo Ferraz intencionava com essas publicações:

Revelar a pluralidade da produção brasileira, buscando contrapor-se e afastar-se do padrão narrativo hegemônico. Assim, [...] apresentava um cenário múltiplo em contraponto ao quadro histórico apoiado insistentemente em obras, eventos e figuras recorrentes, em uma única gênese e em um desenvolvimento linear e único. Talvez não seja tão por acaso que Niemeyer, o

grande herói para tais leituras canônicas, não tenha sido incluído na seleção (DEDECCA, 2017, p. 10).

Porém a *trama narrativa dominante* só começou a ser efetivamente desconstruída a partir dos anos 1980 – quando passa a existir de forma mais generalizada “um entendimento mais crítico” e mesmo histórico da arquitetura moderna – e percebe-se a “possibilidade de se fazer balanços, comparações, ajuizamentos”, como mostra Abílio Guerra (p. 14)²⁰. Chamamos a atenção para dois dos tópicos que passaram a ser questionados nesse momento. O primeiro deles é o reconhecimento de que não houve na arquitetura moderna brasileira uma *unidade* ou uma “extraordinária coerência formal e ideológica”, como observa Maria Lúcia Bressan Pinheiro (p. 1)²¹: pelo contrário, a própria “heterogeneidade racial, cultural, social e geográfica” do país,

¹⁶ Em *Individualidades* serão publicados: Gregori Warchavchik, Affonso Reidy, Rino Levi (1901-1965), Irmãos Roberto, Lúcio Costa e Burle Marx (1909-1994). Já em *Novos valores* serão publicados Aberlado de Souza (1908-1981) e Oswaldo Bratke.

¹⁷ DALL’ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

¹⁸ CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke**: uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

¹⁹ DEDECCA, P. G. **O lugar da história em revista: Acrópole, Habitat, Módulo, 1940-1970**. 2017. 16 f. Ensaio acadêmico – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

²⁰ GUERRA, A. A construção de um campo historiográfico. In: GUERRA, A. **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**: parte 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 11-22.

²¹ PINHEIRO, M. L. B. Rumo ao Moderno: uma historiografia da arquitetura moderna em São Paulo até 1945. In: **Anais do III Seminário Docomomo | Brasil**. São Paulo: Docomomo, 1999.

indicada por Lira (2017, p. 12) – fez com que surgissem diversas “arquiteturas que [tentaram], a seu modo, equilibrar os espíritos de época e lugar sem deixarem de pertencer à tradição e herança de nossa modernidade” como esclarece Ruth Verde Zein (p. 157)²². Já o segundo ponto é a busca por uma maior valorização da chamada *arquitetura de ofício*, que na historiografia oficial, acabou preterida pela *arquitetura de gênio*. Maria Beatriz de Camargo Aranha revisa esses dois conceitos num artigo²³, onde mostra que a arquitetura de gênio é:

[A] própria atitude de Oscar [Niemeyer] perante a produção de arquitetura: os grandes gestos, o projeto definido nos croquis iniciais, a *inspiração*. O oposto da noção de arquitetura como ofício: trabalho interdisciplinar, o projeto definido como resultado de um processo, o *conhecimento*. (ARANHA *in* GUERRA, 2010, p. 49-50).

A autora utiliza Oswaldo Bratke, Rino Levi e os Irmãos Roberto (fig. 6) como exemplos para essa arquitetura de ofício, que ao ser *resgatada*, lança luz sobre outros temas em parte associados a ela – a produção *privada*, voltada para o *mercado* e

mesmo a *residencial* – aspectos que acabaram em segundo plano na *trama narrativa dominante*, que divulgou mais amplamente uma arquitetura de gênio, vinculada com a produção *pública*, *estatal* e mesmo *institucional*. Entretanto, como aponta Tinem, era a “arquitetura de mercado que, ainda que não tivesse sido reconhecida internacionalmente, constituía o maior volume de construções e delineava o perfil das cidades brasileiras” (p. 40). São Paulo é um dos exemplos mais significativos da combinação desses fatores que foram relegados a segundo plano na historiografia oficial, como veremos a seguir.

²² ZEIN, R. V. O futuro do passado ou as tendências atuais. *In*: GUERRA, A. **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**: parte 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 117-162. Publicado originalmente em 1987.

²³ ARANHA, M. B. C. Rino Levi: arquitetura como ofício. *In*: GUERRA, A. **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**: parte 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 47-55. Publicado originalmente em 1993.



Fig. 1: Igreja da Pampulha.
Fonte: www.rotasale.com.br.

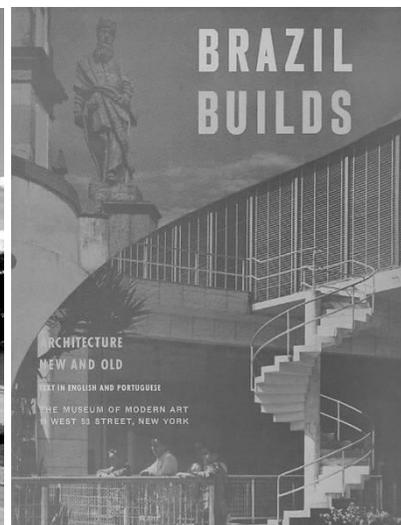


Fig. 2: Capa de *Brazil Builds*.
Fonte: www.archdaily.com.br.



Fig. 3: Lúcio Costa (esq.) e Le Corbusier (dir.).
Fonte: www.blogs.oglobo.globo.com.

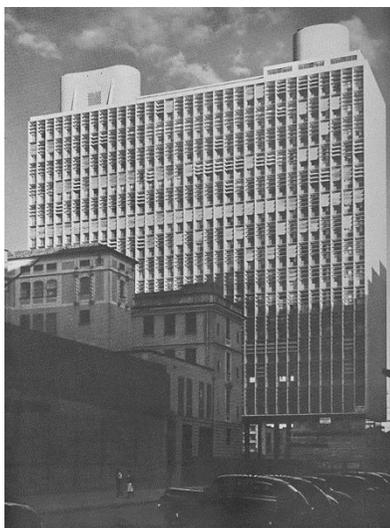


Fig. 4: O MESP, 1936-1945.
Fonte: www.archdaily.com.br.

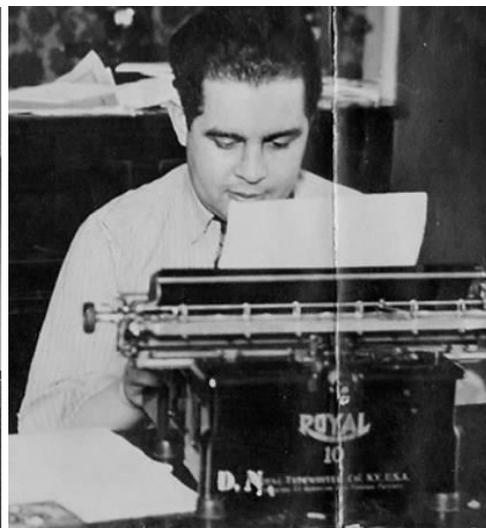


Fig. 5: Geraldo Ferraz.
Fonte: www.avilainglesa.com.



Fig. 6: Os irmãos Roberto: Milton (esq.), Marcelo (centro) e Maurício (dir.).
Fonte: www.arqurb2015.wordpress.com.

1.2 A arquitetura paulista nos anos 1940

Nos anos 1960 e 1970 – após a inauguração de Brasília – o Rio de Janeiro antiga capital federal perde o seu posto de centro das produções sobre arquitetura moderna brasileira para São Paulo, onde a linguagem brutalista se desenvolve com intensidade. A partir desse momento – segundo Paula Dedecca¹ – as análises históricas que até então *propunham coesão e homogeneidade* na produção moderna nacional perdem força, advindo daí alguns dos primeiros estudos regionais, entre os quais reflexões sobre as especificidades da arquitetura paulista de meados do século XX. Um pouco antes, porém – entre as décadas de 1940 e 1950 – alguns autores já expunham, mesmo que de uma maneira ainda superficial, certas características de distinção da produção arquitetônica moderna de São Paulo em relação ao restante do país – como já foi observado. Entre esses personagens estão o já citado Henrique Mindlin e Lourival Gomes Machado (1917-1967)²,

¹ DEDECCA, P. G. A ideia de uma identidade paulista na historiografia de arquitetura brasileira. In: *Pós*, v. 19, n. 32, dez. 2012, p. 90-101.

² MINDLIN, H. *Modern architecture in Brazil*. Rio de Janeiro/Amsterdam: Colibris, 1956; MACHADO, L. G. *Retrato da arte moderna do Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1947.

que conforme Dedecca apontavam para algumas *peculiaridades* da arquitetura paulista daquele período como:

a produção voltada à problemática da moradia; a contribuição dos estrangeiros; o contato com tendências internacionais; o estudo da arquitetura norte-americana e o ensino de raiz politécnica (DEDECCA, 2012, p. 94).

No cenário internacional da época, Henry-Russell Hitchcock (1903-1987)³ também notava essa particularidade ao afirmar discretamente que “a arquitetura paulista tende a ser menos especificamente brasileira *em sabor* que a do Rio” (p. 36, tradução nossa). Já nos anos 1990, pesquisadores como Hugo Segawa e Maria Lúcia Bressan Pinheiro concluem que o desenvolvimento e a assimilação em larga escala de linguagens modernas em São Paulo, ou seja – excetuando-se atuações *pioneiras* como a de Gregori Warchavchik (fig. 1, p. 29) – constituiu um processo *gradativo* dentro da vasta e variada produção reinante na cidade,

³ HITCHCOCK, H-R. *Latin american architecture since 1945*. Nova York: MoMA, 1955.

em acelerado crescimento, entre as décadas de 1930 e 1940 – tal como sugerira Carlos Lemos⁴ em 1972:

A sociedade paulista foi perdendo sua impermeabilidade à nova arquitetura muito vagarosamente. As novidades foram aceitas lentamente, graças à ação permanente de arquitetos lúcidos que sabiam inútil qualquer rompimento brusco” (LEMOS, 1972, p. 4).

Um dos principais campos de testes para os arquitetos eram as “residências unifamiliares, cujas encomendas mais oportunas eram geralmente procedentes de uma classe média burguesa e, preferencialmente, progressista”, de acordo com Anderson Dall’Alba (p. 31)⁵. Não somente no projeto, onde se ensaiava um “tratamento racional e inovador das plantas”, como observa Segawa⁶ – mas também nos canteiros, onde tomavam forma novas soluções espaciais, técnicas e estéticas, uma vez que naquele período “rara era a encomenda de projeto sem a

respectiva obra” (p. 140). Já Bressan Pinheiro⁷ salienta que toda a “intensa atividade de construção” foi em grande parte “guiada pela especulação imobiliária”. A autora cita Bratke, Eduardo Kneese de Mello, Rino Levi e Henrique Mindlin (figs. 2 a 4) como exemplos desse processo, “alcançando graus variados de amadurecimento, conforme cada caso” (p. 3) e constituindo um conjunto, segundo Mônica Junqueira de Camargo⁸:

Nada desconsiderável de obras experimentais de difícil classificação estilística, mas que não deixam de constituir um acervo valioso para uma melhor compreensão da relação entre o ecletismo e o modernismo (CAMARGO, 2013, p. 95).

Mais recentemente José Tavares Correia de Lira⁹ complementa essa lista de arquitetos, incluindo à sua análise os nomes de Vilanova Artigas (1915-1985) e Jacques Pilon (1905-1962, figs. 5 e 6), como profissionais que também vivenciaram a época na qual a produção arquitetônica paulistana “passou ao

⁴ LEMOS, C. A. C. Da arquitetura roceira à célula viva de concreto. *In: Folha de São Paulo*, 3 set. 1972, seção do sesquicentenário da Independência.

⁵ DALL’ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

⁶ SEGAWA, H. M. **Arquiteturas no Brasil**: 1900-1990. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1999. Primeira publicação em 1998.

⁷ PINHEIRO, M. L. B. Rumo ao Moderno: uma historiografia da arquitetura moderna em São Paulo até 1945. *In: Anais do III Seminário Docomomo | Brasil*. São Paulo: Docomomo, 1999.

⁸ CAMARGO, M. J. Ecletismo e modernismo na arquitetura de Oswaldo Arthur Bratke. *In: FERNANDES, J. M.; PINHEIRO, M. L. B. Portugal, Brasil e África*: arquitetura e urbanismo do ecletismo ao modernismo. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.

⁹ LIRA, J. T. C. **Warchavchik**: fraturas da vanguarda. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

largo de suas realizações vanguardistas e, no enorme mercado residencial que se formara, continua[v]am a prosperar os estilos pitorescos simplificados” (p. 364). Da mesma forma que Segawa e Bressan Pinheiro, esse pesquisador ressalta que praticamente todos os arquitetos naquele período atuavam como construtores, tanto nas grandes quanto nas pequenas empresas do ramo. E complementa mostrando que a associação entre engenheiros-arquitetos e engenheiros-civis também *se tornara uma regra*, como atestam diversos exemplos: Bratke & Botti (fig. 7), Marone & Artigas, Pilon & Matarazzo, Moya & Malfatti, Espinheira & Becker, Kosuta & Santos, Richter & Lotufo, etc. (p. 363).

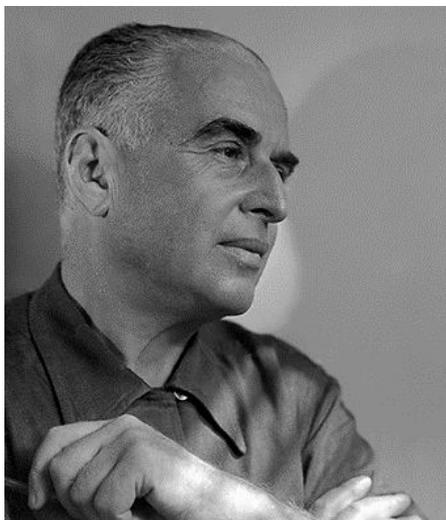


Fig. 1: Gregori Warchavchik.
Fonte: www.casaemercado.com.br.



Fig. 2: Eduardo Kneese de Mello.
Fonte: colegiodearquitetos.com.br.



Fig. 3: Rino Levi.
Fonte: www.vejasp.abril.com.br.



Fig. 4: Henrique Mindlin.
Fonte: www.arquivo.arq.br.

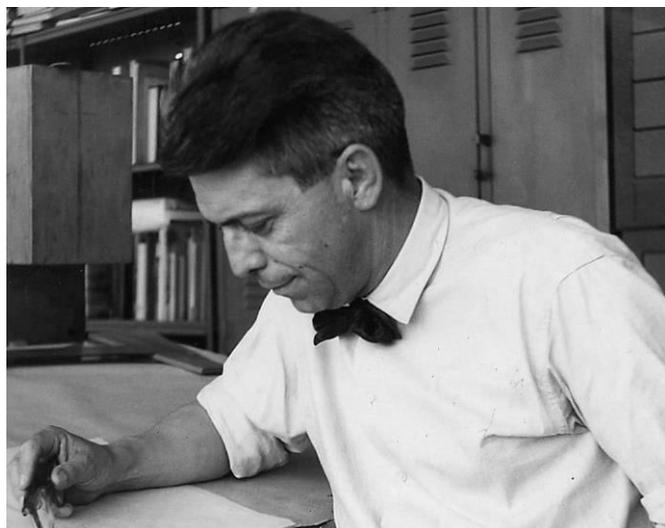


Fig. 5: Vilanova Artigas.
Fonte: www.archdaily.com.br.



Fig. 6: Jacques Pilon.
Fonte: www.arquivo.arq.br.



Fig. 7: Placa da construtora Bratke & Botti fixada em uma obra.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 19.

1.3 A relação com os Estados Unidos

A relação entre arquitetos brasileiros e norte-americanos é um tema no qual se aprofundaram diversos pesquisadores no país, e a evidente afinidade de Oswaldo Bratke com as produções estadunidenses faz com que tenhamos que recorrer a alguns desses estudos nesse trabalho.

Fernando Atique¹ buscou em sua tese desconstruir a ideia de que a *americanização*² no Brasil tenha ocorrido apenas durante e após a Segunda Guerra Mundial, mostrando – por meio de eventos, personagens, instituições e diversas fontes – que nosso envolvimento com os Estados Unidos é muito mais antigo e denso. Indo além do campo da arquitetura, esse autor mostra que pelo menos desde a segunda metade do século XIX nosso país recebia uma grande quantidade de objetos, modelos e técnicas vindas daquela nação – destacando-se nesse processo a presença de

empresas responsáveis pela implantação de nossa infraestrutura urbana, de transportes e de comunicações, bem como a chegada dos primeiros eletrodomésticos aos lares brasileiros.

Um dos pontos em que o autor se detém é no processo de americanização sob o ponto de vista da formação acadêmica e profissional dos arquitetos. Seu trabalho aborda a formação do *Mackenzie College* (atual *Universidade Presbiteriana Mackenzie*) em São Paulo, durante os últimos anos do século XIX, com a criação de um curso de engenharia civil nos moldes estadunidenses e com chancela da *University of New York*. Estudo particularmente interessante para nossa pesquisa porque Bratke recebeu sua formação básica e superior no Mackenzie, o que explica em parte a sua grande simpatia e associação com os arquitetos norte-americanos³, evidente por meio de obras e outras informações sobre sua vida.

¹ ATIQUÉ, F. **Arquitetando a boa vizinhança**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. 2007. 470 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

² Atique define *americanização*, como um processo de transmissão de conceitos, imagens, produtos e modos de pensamento cuja ascendência está

nos Estados Unidos visto como *locus* da técnica, da vida moderna e do enriquecimento no imaginário de muitos países latinos.

³ Sobre a qual iremos discorrer mais adiante nesse capítulo.

Um ponto importante dessa conexão Brasil-EUA é a ida do paulista Christiano Stockler das Neves (1889-1982, fig. 1, p. 35)⁴ para a *University of Pennsylvania* em 1909, onde concluiu o *Special Course of Architecture*⁵ em 1911. Stockler passou pela *Penn* no período de mudanças realizadas pelo professor francês Paul Philippe Cret (1876-1945), que procurou mesclar o ensino tradicional da *École de Beaux-Arts* com o sistema de ensino americano, que expedia certificados de proficiência na carreira a cada dois anos (ao invés de um único título ao final de quatro anos, como na Europa) e tinha uma relação mais estreita com a engenharia – complemento considerado indispensável na formação dos arquitetos pela *Penn*. Ao que tudo indica, esses preceitos foram transplantados para o Mackenzie em 1917, ano da criação do curso de engenheiro-arquiteto por Stockler das Neves.

⁴ Um dos principais professores de Bratke no curso de engenheiros-arquitetos do Mackenzie, do qual também foi diretor entre 1917 e 1947. Nesse ano, com a criação da faculdade de arquitetura, permanece nos cargos até sua aposentadoria em 1957.

⁵ Atique explica que a *University of Pennsylvania* possuía duas modalidades para cursar arquitetura: o bacharelado completo, em 4 anos, e o chamado curso especial, em 2 anos, que foi a opção escolhida por Christiano.

⁶ IRIGOYEN, A. **Wright e Artigas**: duas viagens. São Paulo: Atelier Cultural 2002.

Focando em São Paulo, Adriana Irigoyen⁶ afirma em seu livro que a cidade, “em função de seu perfil industrial, não poderia desejar um modelo mais apropriado que os Estados Unidos” (p. 110). Após a Primeira Guerra Mundial, o processo de americanização se amplia, “tornando-se os Estados Unidos da América cada vez mais o grande modelo” (p. 43-4)⁷. Os hábitos das metrópoles europeias disputam espaço com “arquétipos estadunidenses, principalmente após a difusão do cinema hollywoodiano e o crescimento da influência econômica dos Estados Unidos” (p. 451)⁸. Além do “*american way of life* [que] irrompe nos novos bairros ajardinados da cidade”, conforme Irigoyen (p. 110), as revistas especializadas norte-americanas – entre elas *Architectural Record*, *Architectural Forum*, *Pencil Points* e *California, Arts & Architecture* (figs. 2 a 4)⁹ – algumas presentes

⁷ SILVA, J. M. C. **O arquiteto e a produção da cidade**: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960). 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

⁸ REGINO, A. N. **Eduardo Kneese de Mello**: do eclético ao moderno. 2011. 580 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

⁹ *Architectural Record* (1892-1974), *Architectural Forum* (1891-...) e *Pencil Points* (1920-1995) eram publicadas na costa leste dos Estados Unidos. A última, a partir de 1945 para a ser denominada *Progressive Architecture*. *California, Arts*

em São Paulo desde os anos 1910¹⁰, dividem cada vez mais a atenção dos arquitetos paulistanos com os periódicos europeus.

A partir de 1937, Getúlio Vargas (1882-1954) impõe ao Brasil o Estado Novo. Segundo Jorge Francisco Liernur¹¹, esse formato ditatorial acentuava a “aproximação do país à órbita hegemônica por Hitler ou Mussolini”. Visualizando nosso país como uma fonte “de matérias-primas, decisivas para a indústria de guerra” e temendo que o território brasileiro pudesse servir, para o Eixo, como “uma base ideal de ataque aéreo ao hemisfério norte da América” (p. 170), os Estados Unidos acentuam, a partir dos anos 1940, a chamada *política da boa vizinhança*. Tal manobra gerou como frutos obras estatais para os dois governos, como a construção da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda

& *Architecture* (1911-1967), publicada em Los Angeles, será conhecida apenas como *Arts & Architecture* a partir de 1944. Sabemos por meio de Segawa e Dourado (2012, p. 17) e Camargo (2000, p. 71), que a *Record* e a *Pencil* circulavam no Mackenzie durante os anos de formação de Bratke, e que Oswaldo era assinante da *Forum* e da *Arts* entre as décadas de 1940 e 1950, entre outras revistas. Irigoyen (2002), Atique (2007), Foresti (2008), Hormain (2012) e Campos (2015) são alguns trabalhos que comentam a circulação de periódicos estadunidenses na capital paulista na primeira metade do século XX.
¹⁰ Hugo Segawa e Fernando Atique (2017, p. 532) informam que “publicações norte-americanas de arquitetura eram assinadas pela biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo pelo menos desde a década de 1910”. No caso das

para uso dos brasileiros, e uma base área em Natal para uso dos norte-americanos.

Também foi forte a presença da *good neighborhood policy* no campo cultural. É na década de 1940 que Carmen Miranda (1909-1955) se torna famosa em Hollywood e que Walt Disney (1901-1966) cria os *amigos latinos* do Pato Donald: Zé Carioca, um papagaio brasileiro, Panchito, um galo mexicano (fig. 5), Gauchito, um menino argentino e Pedrito, um aviãozinho chileno. O Pateta veste bombachas e visita os pampas no filme *Alô Amigos* (1942). Para Liernur:

Ainda que algumas iniciativas fossem espontâneas, uma boa parte das instituições ou pessoas envolvidas nestes processos mantinha vínculos estreitos com o governo, pelo qual se pode falar de uma complexa operação político-cultural de Estado. Por exemplo, no diretório do MoMA, uma das entidades mais ativas nessa direção, podiam-se

assinaturas realizadas pela Escola de Engenharia do Mackenzie College no mesmo período, os autores comentam que nessa instituição era “patente certa americanofilia, previsível pela origem da escola e [pela] formação do seu principal professor, Stockler das Neves”.

¹¹ LIERNUR, J. F. *The south american way: o milagre brasileiro, os Estados Unidos e a Segunda Guerra Mundial: 1939-1943*. In: GUERRA, A. **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**: parte 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010. Publicado originalmente em 1999.

encontrar várias das pessoas que simultaneamente atuavam no Departamento de Estado. Para começar, o *alma mater* do museu, Nelson Rockefeller, que era o chefe do Escritório de Coordenação de Assuntos Interamericanos (LIERNUR *in* GUERRA, 2011, p. 171 e 208).

Rockefeller (1908-1979, fig. 6) e o MoMA de Nova York desempenharam, por exemplo, relevante papel na formação do MASP e do MAM-SP na segunda metade dos anos 1940. Retomando Irigoyen, a *política da boa vizinhança* deu um “um especial destaque à arquitetura” (p. 146). Como comentado anteriormente, *Brazil Builds*¹² (elaborada em 1942 e apresentada a partir de 1943) está claramente vinculada a esse processo, algo percebido na própria fala de Goodwin nas páginas iniciais do catálogo da exposição. Liernur lembra também que o arquiteto Richard Neutra (1892-1970, fig. 7), austríaco radicado na costa oeste estadunidense desde a década de 1920, viajou pela América

¹² GOODWIN, P. *Brazil Builds: architecture new and old*, 1652-1942. 4ª ed. Nova York: MoMA, 1946. Primeira publicação em 1943.

¹³ Como Oswaldo Bratke, Vilanova Artigas, Rino Levi, Galiano Ciampaglia (1913-2016), Miguel Forte (1915-2002), Jacob Ruchti (1917-1974), Plínio Croce (1921-1984), Salvador Candia (1924-1991), Roberto Aflalo (1926-1992), Carlos Lemos (1925-...), Rodolpho Ortenblad (1926-...), Carlos Milan (1927-1964), Arnaldo Paoliello (1927-...) e David Libeskind (1928-2014), cujas relações com a arquitetura estadunidense são exploradas em diversas pesquisas. Nessa lista

Latina em 1945 “patrocinado pelo Departamento de Estado” norte-americano (p. 205).

Do ponto de vista dos arquitetos brasileiros, sobretudo os paulistas¹³, há pelo menos três fatores que contribuíram para uma relação mais próxima deles com os Estados Unidos – durante os anos 1940 e 1950 – período no qual “verificam-se, inclusive, semelhanças de partido e conceitos” em muitos projetos desenvolvidos em ambas as nações, “sugerindo que os momentos de diálogo entre os dois países resultaram em desdobramentos significativos na produção arquitetônica”, como mostrado na tese de Débora Hormain (p. 182)¹⁴.

O primeiro desses fatores, segundo essa autora, é que a *good neighborhood policy* “facilitava uma presença norte-americana mais marcante no panorama cultural brasileiro, já que eram também facilitadas as importações” de publicações

destacam-se os mackenzistas, muitos dos quais “puderam viajar para os Estados Unidos para conhecer ao vivo a arquitetura norte-americana que, até então, só era admirada em revistas e livros”, segundo Sabrina Pereira (2010, p. 9).

¹⁴ HORMAIN, D. **O relacionamento Brasil-EUA e a arquitetura moderna: experiências compartilhadas, 1939-1959**. 2012 271 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

especializadas vindas daquela nação, ao mesmo tempo em que o acesso aos periódicos europeus se tornava cada vez mais complicado, pois esse “continente sofria com os problemas decorrentes da guerra” (p. 179).

O segundo é a presença, também ocasionada pelo conflito global e pelos regimes nazifascistas, de vários arquitetos europeus em solo norte-americano¹⁵ – algo chamado por Segawa no prefácio do livro de Irigoyen como “o exílio dourado dos luminares da arquitetura europeia do século XX” (p. 13), e por Vilanova Artigas numa carta enviada à Fundação Guggenheim em 1945¹⁶ de “monopólio dos grandes arquitetos do mundo” (p. 148).

E o terceiro fator, não menos importante e intrinsecamente ligado ao segundo, é uma ânsia dos arquitetos paulistas por referências mais múltiplas do que o *paradigma unívoco* de moderno que aparentemente havia se instalado no Rio de Janeiro com a visita do franco-suíço Le Corbusier em 1936. A esse respeito Irigoyen observa ainda que, naturalmente, o Brasil

sempre manteve um vínculo maior com países de cultura latina e “especialmente com a França” a partir do século XIX. Contudo, não deixa de reconhecer que “a opção por Le Corbusier minimizou o valor de outras experiências que não se enquadrassem dentro da corrente predominante” (p. 17). Esse é o caso da obra do arquiteto Oswaldo Bratke.

¹⁵ Tais como Walter Gropius (1883-1969), Mies van der Rohe (1886-1969), Marcel Breuer, Richard Neutra, Alvar Aalto (1898-1976) e Eero Saarinen (1910-1961), que se juntaram aos estadunidenses Frank Lloyd Wright, Philip Johnson (1906-2005), Charles Eames (1907-1978), Ray Eames (1912-1988), Craig Elwood (1922-1992) e Quincy Jones (1913-1979), entre muitos outros.

¹⁶ De acordo com Irigoyen (2002, p. 147), um pedido de bolsa de estudos feito por Artigas à fundação em dezembro de 1945, para estudar *in loco* a arquitetura moderna norte-americana. O mesmo foi aprovado em junho de 1946, e a viagem ocorreu entre outubro daquele ano e setembro de 1947.

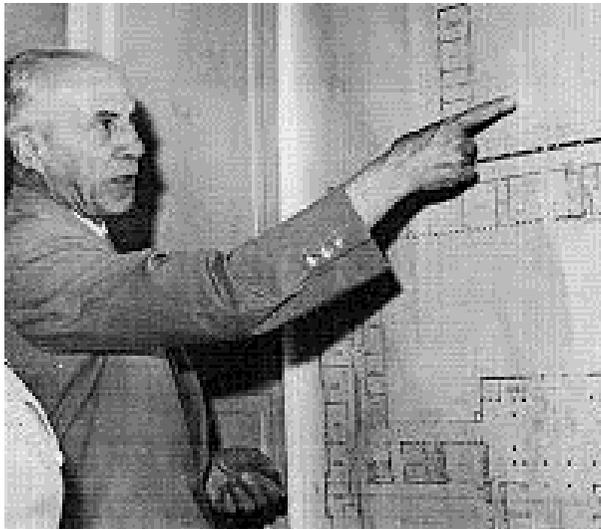


Fig. 1: Cristiano Stockler das Neves.
Fonte: www.arquivo.arq.br.



Fig. 2: *Architectural Forum*.
Fonte: www.steinerag.com.

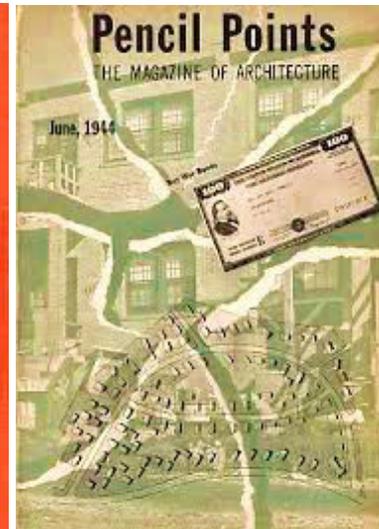


Fig. 3: *Pencil Points*.
Fonte: www.steinerag.com.

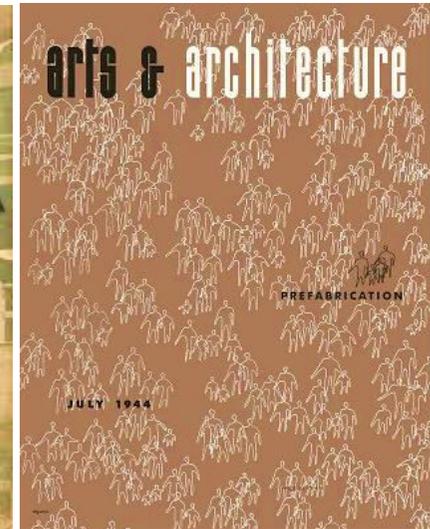


Fig. 4: *Arts & Architecture*.
Fonte: www.shop.mohd.it.



Fig. 5: Panchito, Pato Donald e Zé Carioca.
Fonte: www.animationgal.deviantart.com.



Fig. 6: Nelson Rockefeller.
Fonte: www.wikimedia.org.

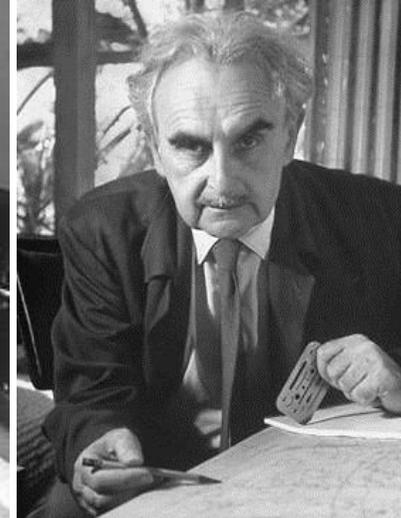


Fig. 6: Richard Neutra.
Fonte: www.wikimedia.org.

1.4 De Botucatu à Serra do Navio

Nascido em Botucatu em 24 de agosto de 1907, e falecido em São Paulo em 6 de julho de 1997, pouco antes de completar 90 anos¹ – Oswaldo era filho de Arthur Bratke (um técnico em agricultura natural de uma pequena cidade na Prússia que emigrou para o Brasil em 1892) e de Amélia von Giessel (filha de um engenheiro alemão que morou em Nova York antes de se estabelecer em Rio Claro)². Em 1914, Arthur Bratke deixa sua papelaria no interior paulista e muda-se com a família para a capital estadual. Três anos depois, Oswaldo ingressa na *Escola Americana* – vinculada ao *Mackenzie College* – onde tem aulas com uma ilustre professora de desenho: Anita Malfatti (1889-1964), segundo Mônica Junqueira de Camargo.

A formação superior se inicia em 1926, no Mackenzie. Em 1930, conforme Segawa, uma reforma educacional estendeu “a

duração do curso de engenheiros para seis anos. Acordo entre a escola e os alunos [...] permite a turma que se formaria neste ano concluí-lo no início de 1931” (p. 319). Assim, Bratke é diplomado em março daquele ano como *engenheiro-arquiteto*, junto com Américo Cápua (1907-1956) e Jayme Fonseca Rodrigues (1905-1946, fig. 1, p. 40)³. Ainda em 1931, Oswaldo casa-se com Helena Ciampolini e ganha dois concursos: o do Viaduto Boa Vista (fig. 2) e o do Tênis Clube Paulista (fig. 3), ambos em São Paulo. Em 1932, começa a sociedade com o engenheiro Carlos Botti.

Como observa José Tavares Correia Lira⁴, “cedo o arquiteto se orientou para uma produção eminentemente privada, atuando com projeto e construção de habitação [...] hotéis, clubes”, etc. (p. 75). Essa primeira fase de sua carreira é caracterizada pela por uma

¹ SEGAWA, H. M.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke**: a arte de bem projetar e construir. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997.

² CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke**: uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

³ SEGAWA, H. M.; ATIQUÊ, F. A turma de 1930 do Mackenzie: Bratke, Cápua e Fonseca Rodrigues. Ensino e arquitetura em São Paulo nos anos 1920-1930. *In: Anais do V Seminário Docomomo | São Paulo*. São Paulo: Docomomo, 2017.

⁴ LIRA, J. T. C.; FINOTTI, L. **O visível e o invisível na arquitetura brasileira**. São Paulo: DBA, 2017.

intensa⁵ atuação simultânea nos campos do projeto e da construção, bem como por uma produção predominantemente residencial nos bairros-jardins paulistanos – Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulista, Higienópolis, Pacaembu (fig. 4), entre outros – consideravelmente divulgada na revista *Acrópole*, cuja primeira edição data de maio de 1938.

Em maio 1942, a morte de Botti em um acidente aéreo é um fato muito marcante na vida (fig. 5)⁶ e na obra de Bratke. A partir desse momento o arquiteto passa a se dedicar cada vez mais às funções de projetista, e cada vez menos às de construtor, realizando uma série de experimentos. Os edifícios Jaçatuba (fig. 6)⁷ e Rua General Jardim, ambos na região paulistana da República (1942) e o loteamento Ilha Porchat, em São Vicente (1946), são duas das três intervenções urbanísticas e/ou arquitetônicas representativas desse período de Oswaldo. A terceira, situada temporalmente entre as outras duas, é o loteamento Jardim do

Embaixador, em Campos do Jordão (1944), objeto dessa dissertação. Além delas, em 1947 duas obras do arquiteto são incluídas no álbum *Arquitetura contemporânea no Brasil*, organizado pelos estudantes da Faculdade Nacional de Arquitetura: o Pavilhão Aricanduva e a Casa Vicente de Paula Ribeiro, ambas projetadas em 1945⁸.

Já em 1948 Bratke faz sua primeira viagem aos Estados Unidos, onde “percorreu as obras de vários arquitetos, [entre eles] Wright, Neutra, Johnson, Mies van der Rohe”, segundo Mônica Junqueira de Camargo (p. 63). Na costa oeste daquele país, visita a redação da revista *Arts & Architecture*, da qual é assinante – e acerta a divulgação, na edição de outubro (fig. 7), da casa-atelier que havia construído para si no ano anterior – na Rua Avanhandava (fig. 8)⁹ em São Paulo, e que era uma espécie de síntese de todo o aprendizado acumulado pelo arquiteto até aquele ponto de sua carreira. Com essa *estrela* num periódico internacional, Hugo

⁵ Algo em torno de 450 a 500 obras, como afirma o arquiteto em entrevista à John Peter (1917-1998) em 1956, dado corroborado por Segawa e Dourado (2012, p. 19) e Camargo (in FERNANDES e PINHEIRO, 2013, p.98).

⁶ O arquiteto batiza seu filho nascido em outubro daquele ano com o nome do sócio: Carlos (1942-2017).

⁷ Localizado na esquina da Rua Major Sertório com a Rua Araújo.

⁸ BRATKE, O. A. Projetos 17 e 18. In: ANTEPROJETO. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Anteprojeto, 1947, v.1.

⁹ BRATKE, O. A. *House and studio in Brazil*. In: **Arts & Architecture**, out. 1948, p. 32-3.

Segawa acredita que Oswaldo tenha sido, “provavelmente, o primeiro latino-americano publicado na revista” (p. 25)¹⁰. Bratke retorna aos Estados Unidos em 1949, quando tem a oportunidade de visitar a casa construída por Marcel Breuer nos jardins do MoMA em Nova York (fig. 9).

Entre o fim da década de 1940 e o início da década de 1950, Oswaldo realiza o loteamento Paineiras do Morumbi na capital paulista, iniciando a ocupação urbana daquela região. É nesse bairro que, em 1951, Bratke projeta outra casa-atelier icônica para seu usufruto (fig. 10). Dois anos depois, o projeto é incluído no livro *Latin american architecture since 1945* (fig. 11)¹¹. Ainda na parte introdutória de seu catálogo, Henry-Russel Hitchcock foi um dos primeiros estudiosos a indicar uma especificidade fundamental na obra de Oswaldo:

¹⁰ Conforme Segawa e Dourado (2012, p. 321-3), após aparecer em *Arts & Architecture* Bratke é publicado pela primeira vez na França em 1953, na *L'architecture d'aujourd'hui*. Na Suíça em 1953, na revista *Werk*. No Japão em 1954, no livro *World's contemporary house*. Na Itália em 1961, no livro *Ville nel mondo*. No Reino Unido em 1963, na *Encyclopedia of modern architecture*. Na Espanha em 1989, na *Enciclopedia GG de la Arquitectura del Siglo XX*.

¹¹ HITCHCOCK, H-R. *Latin american architecture since 1945*. Nova York: MoMA, 1955.

¹² Conceitos abordados no texto de Maria Beatriz de Camargo Aranha que apresentamos no início desse capítulo: ARANHA, M. B. C. Rino Levi: arquitetura

No trabalho de [Jorge Machado] Moreira, Bratke e [Sérgio] Bernardes, de diferentes maneiras e em diferentes graus, uma elegância mais *tranquila* e mais *disciplinada* aparece relacionada, em última instância, com o trabalho de Mies fora da América Latina e *não* com o de Le Corbusier (HITCHCOCK, 1955, p. 37, tradução e grifos nossos).

Ao caracterizar aqueles três arquitetos como mais *tranquilos e disciplinados*, o autor aponta para as distinções entre esses profissionais praticantes de uma *arquitetura de ofício*, e a *obra genial*¹² que à época via-se na Pampulha de Niemeyer ou mesmo na Ronchamp de Corbusier. Distinção essa que manteve durante bom tempo o segundo grupo em destaque e o primeiro grupo ofuscado, o que poderia ser considerado como a *consagração da exceção*, como defendido por Camargo (p. 159)¹³. Já a associação feita por Hitchcock entre aqueles arquitetos e Mies

como ofício. In: GUERRA, A. **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**: parte 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 47-55. Publicado originalmente em 1993.

¹³ CAMARGO, M. J. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

van der Rohe, será parcialmente contestada por pesquisadores posteriores, como veremos adiante.

1955 também é o ano em que Oswaldo – após concluir as Americano (1952, fig. 12), Joly (1953) e Profili (1954) no Morumbi – é contratado pela ICOMI, Indústria e Comércio de Minérios, para projetar e construir duas *company towns*: as vilas de Serra do Navio (fig. 13) e Amazonas no Amapá, que em meio à selva equatorial são um interessante “contraponto urbanístico à Brasília no panorama da época”, na visão de Hugo Segawa (p. 141)¹⁴.

Concluídas em 1960 e pensadas para abrigar entre 2500 a 3500 habitantes cada uma, as cidades receberiam funcionários da empresa que trabalhariam em diversas atividades ligadas à exploração de uma jazida de manganês. O grupo a ser atendido possuía características muito distintas, praticamente antagônicas: os operários e o pessoal técnico-administrativo, os naturais da região e os vindos de outras partes do Brasil, os que possuíam família e os solteiros, etc. Além desse desafio, havia outro muito maior, que era o de executar uma obra gigantesca em um local de

difícil acesso, sem mão de obra capacitada e com mercado de materiais de construção inexistente. Segundo José Lira, Bratke chegou ao projeto definitivo após:

Estudos cuidadosos dos processos produtivos do minério, dos modos de vida da população da região, dos recursos naturais e dos meios de construção disponíveis na região, do clima e da topografia [...] [obtendo] tipologias habitacionais coerentes, serviços e usos coletivos, infraestruturas, mobiliário [etc.] (LIRA, 2017, p. 76).

Mesmo com todas as adversidades, Oswaldo conseguiu realizar uma arquitetura confortável – sobretudo dos pontos de vista espacial e bioclimático – bem como profundamente dentro de uma linguagem própria, sendo esse épico projeto uma obra-síntese da parte final de sua carreira. Em 2010, Vila Serra do Navio foi tombada como um patrimônio cultural nacional pelo IPHAN.

¹⁴ SEGAWA, H. M. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1999.

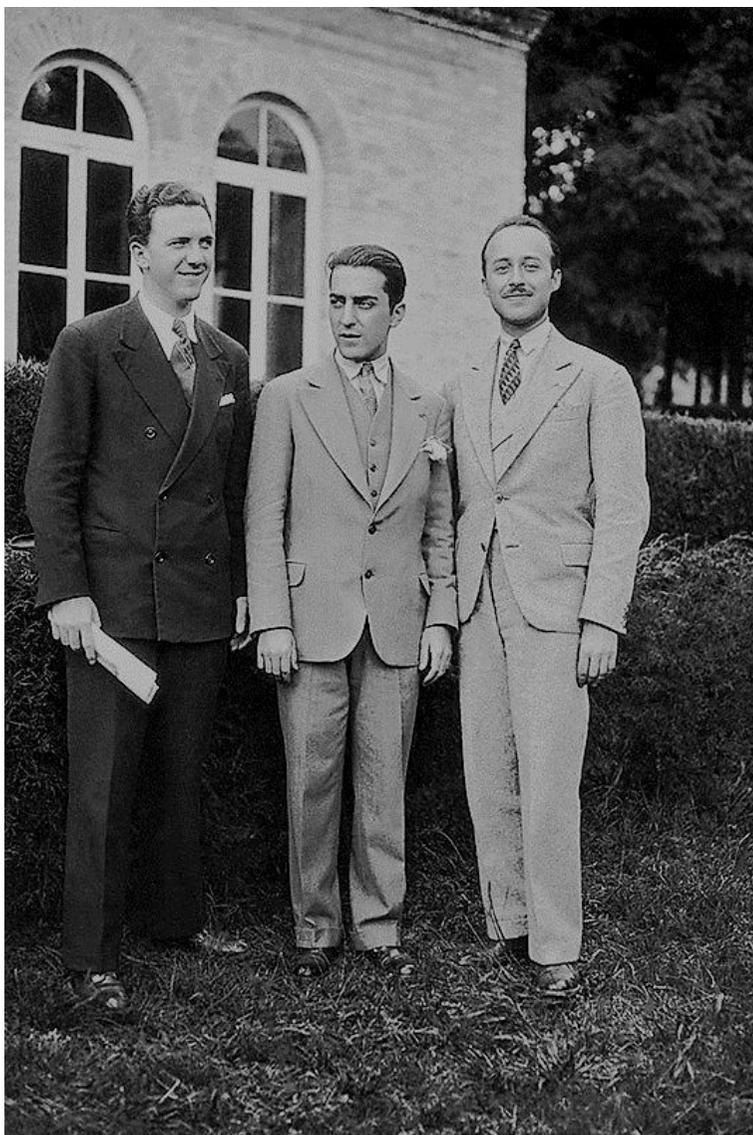


Fig. 1: Bratke (esq.), Cápua (centro) e Rodrigues (dir.) em 1931.
Fonte: www.arquivo.arq.br.



Fig. 2: Viaduto Boa Vista, 1931.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 59.

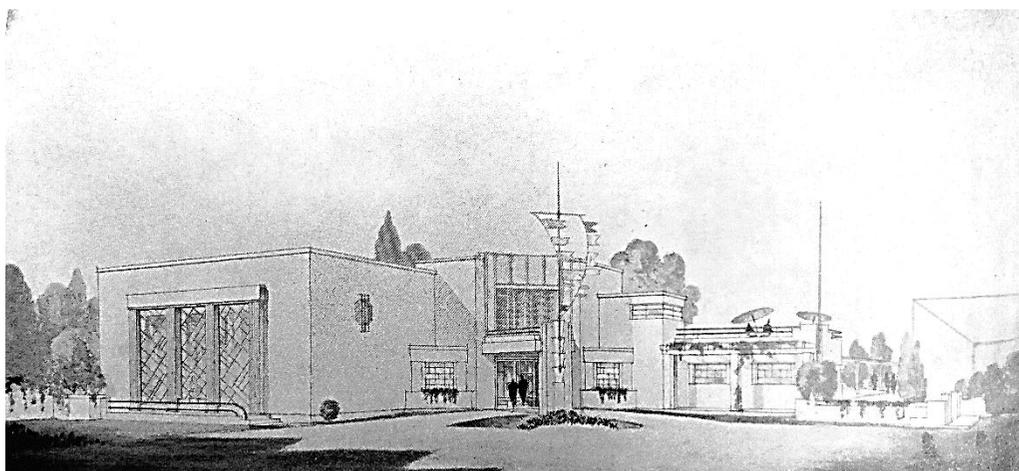


Fig. 3: Tênis Clube Paulista, 1931.
Fonte: *Revista Politécnica*, nov-dez. 1931.



Fig. 4: Casa José Brissac, Pacaembu, 1939.
Fonte: *Acrópole*, mai. 1941, p. 26.



Fig. 5: Helena Ciampolini e Carlos Bratke.
Fonte: Pugliese, 2005, p. 30.



Fig. 6: Edifício Jaçatuba, 1942.
Fonte: *Acrópole*, jun. 1944, p. 64.

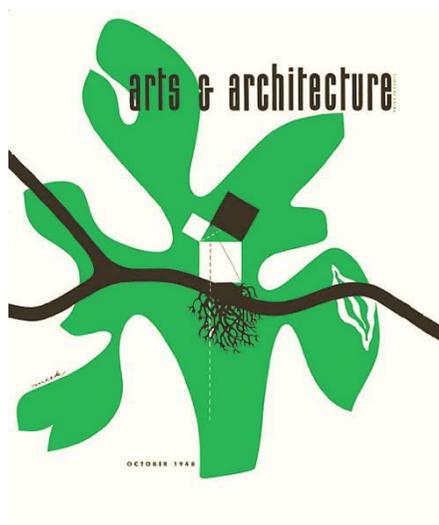


Fig. 7: Capa de outubro de 1948.
Fonte: *Arts & Architecture*.

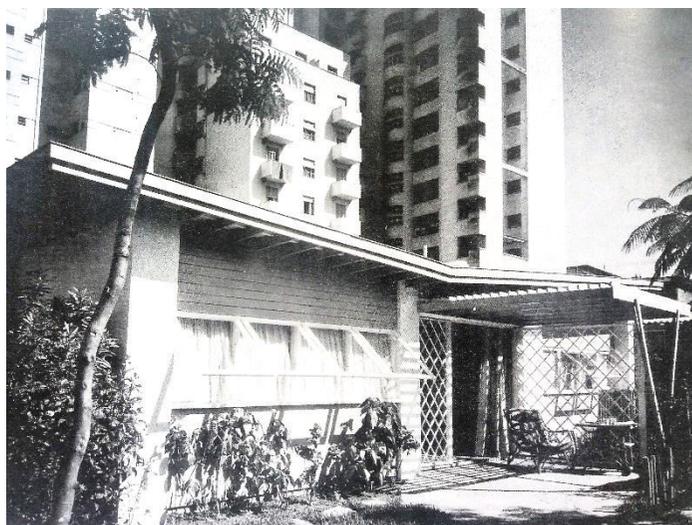


Fig. 8: Casa Bratke na Rua Avanhandava, 1947.
Fonte: *Arts & Architecture*, out. 1948, p. 33.

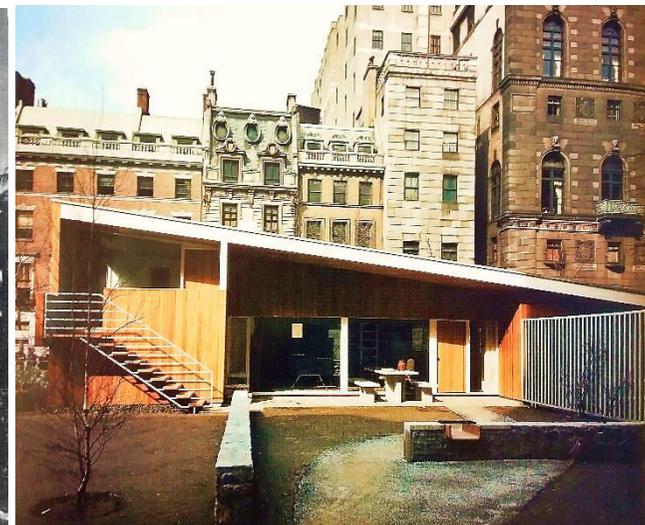


Fig. 9: Casa no jardim do MoMA, 1948.
Fonte: Cobbers, 2009, p. 50.

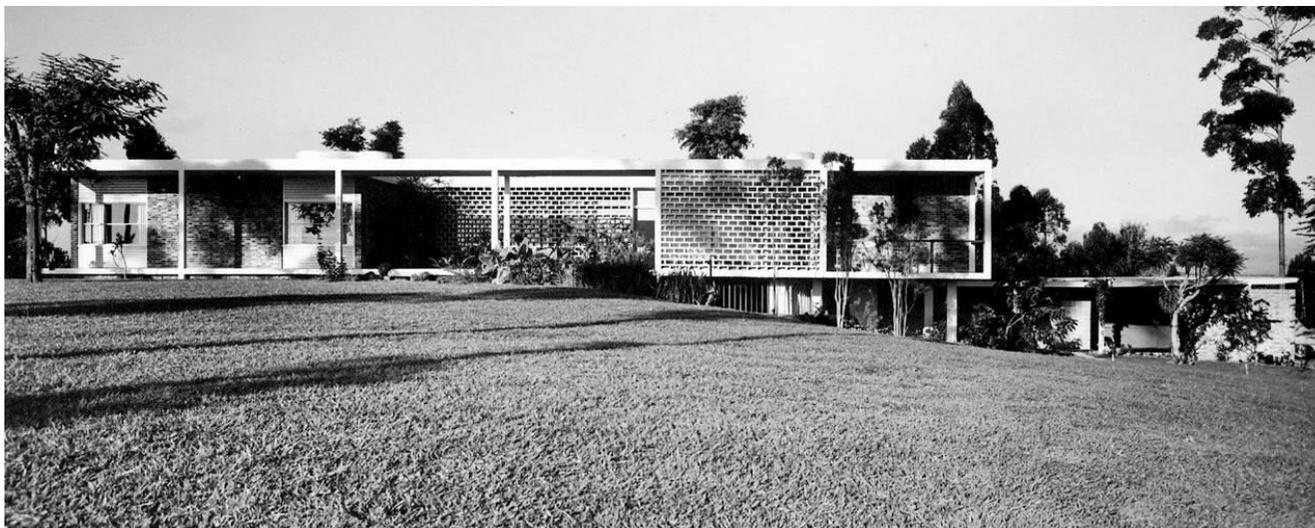


Fig. 10: Casa Oswaldo Bratke, Morumbi, 1951.
Fonte: capa do livro de Segawa e Dourado, 2012.



Fig. 11: Capa do livro de Hitchcock.
Fonte: www.stephensbookshop.com.



Fig. 12: Casa Oscar Americano, Morumbi, 1952.
Fonte: Nelson Kon, *in*: www.archdaily.com.br.



Fig. 13: Casas em Serra do Navio, Amapá, 1955.
Fonte: Nelson Kon, *in*: www.archdaily.com.br.

1.5 Dos anos 1950 aos dias atuais

Em 1956, ano em que a casa-atelier no Morumbi é a única obra de Bratke a aparecer no catálogo de Mindlin¹ (fig. 1, p. 51), Oswaldo é um dos quatro arquitetos brasileiros – junto com Niemeyer, Reidy e Marcelo Roberto (1908-1964) – escolhidos para uma série de entrevistas realizadas pelo norte-americano John Peter (1917-1998)², as quais iriam compor o livro *Masters of modern architecture* (fig. 2), publicado em 1958 e republicado em 1994 com o título *The oral history of modern architecture*. Sobre a seleção de Peter, é pertinente observar que Bratke foi o único arquiteto paulista incluído, num período onde a escola carioca estava em seu auge – com o início da construção de Brasília. Débora Horman é a responsável pela descoberta dessas conversas *na íntegra*, que praticamente permaneceram incógnitas até a visita da pesquisadora aos Estados Unidos, durante a elaboração de sua

¹ MINDLIN, H. *Modern architecture in Brazil*. Rio de Janeiro/Amsterdam: Colibris, 1956.

² Peter foi editor das revistas *Life* e *Look* e repórter de rádio e televisão para a CBS e a NBC.

tese³. Em sua entrevista, ao ser questionado *sobre quais eram as principais influências em seu trabalho*, Oswaldo responde:

No começo os trabalhos de arquitetos como Wright, Le Corbusier, Van der Vlugt e outros. Depois, a arquitetura japonesa, devido à sua pureza, arte, espontaneidade, mantendo simultaneamente contato com a natureza e o homem. Mas, em geral, a principal influência em nosso trabalho são nossas experiências de vida, o clima de nossa terra, o progresso de nossa indústria e as demandas de nossos clientes (BRATKE *in* HORMAIN, 2012, p. 202, tradução nossa).

O testemunho evidencia como o arquiteto brasileiro não era doutrinado por nenhuma corrente específica, pois suas referências eram múltiplas: um arquiteto norte-americano, um franco-suíço, um holandês, a tradição japonesa e o seu próprio empirismo, são algumas das fontes que lhe permitem criar uma arquitetura consciente das realidades locais e com respeito aos usuários. Em seguida, Peter pergunta para Bratke *qual o seu material de construção preferido*: Oswaldo revela o gosto por materiais naturais como ferro, pedra e tijolo, indicando “um

³ HORMAIN, D. *O relacionamento Brasil-EUA e a arquitetura moderna: experiências compartilhadas, 1939-1959*. 2012 271 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

especial apreço pelo trabalho com madeira” (p. 203, tradução nossa) – que por sinal foi o material mais utilizado e *testado* no Jardim do Embaixador.

Em 1957, Bratke será o oitavo escolhido por Geraldo Ferraz para ter sua obra comentada na revista *Habitat*⁴. Ferraz inicia o texto criticando a Escola de Engenharia do Mackenzie frequentada por Oswaldo na década de 1920 que, sob a direção de Stockler das Neves, se baseava em um sistema de aprendizagem bastante tradicional. Segundo o autor, Bratke felizmente encontrou o *caminho correto* (a arquitetura moderna), “por mais errônea a diretiva do ensino no curso” (p. 21). Em seguida, descreve o alcance geográfico da produção do arquiteto, tido como um profissional sempre informado sobre a produção internacional e disposto a conceder vagas em sua equipe para um grande número de estudantes ou recém-formados:

Territorialmente, Bratke, que fizera experiência na cidade *que mais cresce no mundo* a caótica Paulicéia, desbordou sua atuação para o interior e para todo o país – vamos encontrá-lo plantando casas em Campos do Jordão, Curitiba, Barretos, Botucatu, terminando por buscar campo de ação no Amapá [...] uma série de viagens ao exterior

propiciara ao arquiteto uma constante atualização de seus conhecimentos [...] esse atelier da Rua Avanhandava, onde o conhecemos [...] foi também o laboratório de novos valores para a nossa arquitetura. De fato, por ali passaram dezenas de jovens estudantes e arquitetos brasileiros (FERRAZ, 1957, p. 21).

Nessa entrevista, Oswaldo destaca como *pioneiros modernos* “Le Corbusier, Gropius, Mies van der Rohe e outros tantos mestres” (p. 21), mais uma vez evidenciando preferir múltiplas referências do que afiliar-se a uma única corrente. A respeito de sua especialidade, o projeto residencial, Bratke cita as mudanças presentes na *planta moderna*: a sala de visitas formal se transformou em *living*, a “parte de vivência dos habitantes da casa”, onde ficam “a televisão, o rádio e a vitrola”. A sala de jantar ou copa deixou de ser um cômodo a parte para se tornar um espaço dentro do *living*. A cozinha se tornou mais *aparelhada* e a despensa praticamente foi extinta, dada a “facilidade de abastecimento contínuo” nas grandes cidades. Os armários de corredor, chamados pelo arquiteto de *guardafeio* ou *storage*, são considerados “uma peça muito útil nessa nova casa” (p. 22).

⁴ FERRAZ, G. Novos valores na arquitetura moderna brasileira: II – Oswaldo Bratke. In: *Habitat*, n. 45, nov-dez. 1957, p. 21-36.

Ao mesmo tempo, o mestre paulista defende sem nenhum embaraço, a continuidade de certos pormenores consagrados pela arquitetura tradicional brasileira – como “o exemplo concreto do beiral; não vemos motivo para eliminá-lo da casa moderna” (fig. 3). Mostra-se também um defensor da “casa isolada, ou, no máximo, geminada” (p. 23), em detrimento das habitações coletivas. No campo da construção, é favorável ao estudo e incorporação de *partes pré-fabricadas* na habitação, desde que não haja excessiva repetição – ou seja, partindo de um conjunto de peças iguais, se obter diversas unidades que atendam a situações distintas e apresentem aspecto próprio. As moradias no Jardim do Embaixador, no Morumbi e nas vilas Serra do Navio e Amazonas são alguns dos exemplos concretos dessas suas ideias.

As Estações da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (CMEF) em Ribeirão Preto (fig. 4) e Uberlândia (1960) estão entre os últimos projetos realizados pelo arquiteto antes do fechar o escritório, por volta de 1965. “Numa contabilização grosseira [...] Bratke produziu ao longo de cerca de 35 anos algo em torno de

1300 projetos” (p. 12), afirma Hugo Segawa⁵. Cerca de quinze anos após o texto de Ferraz, em 1973, Yves Bruand (fig. 5)⁶ gastará algumas páginas de sua tese discorrendo sobre a obra de Oswaldo. Levando em conta a produção da década de 1940, o francês atribui à Bratke uma *fase wrightiana* que “não é de espantar, já que nessa época o prestígio do mestre norte-americano estava no auge em São Paulo”. Contudo, esclarece que esse período:

Está longe de ser tão caracterizado quanto o de Vilanova Artigas: o ofício de empreiteiro que exercia [...] o conduzia a preocupações com a economia [...], portanto, não recusava empregar os materiais modernos e os elementos padronizados quando estes se comprovavam ser mais práticos e mais baratos do que a construção tradicional, e ele o fez abertamente sem preocupar em disfarçar-los num conjunto onde a tônica recaísse exclusivamente sobre o tijolo, a telha ou a madeira. Ele também ficou insensível ao aspecto romântico [...] [pois] Bratke jamais renunciou a uma *síntese pessoal abeberada em fontes diversas* (BRUAND, 2016, p. 282, grifo nosso).

Pela terceira vez, temos uma fonte ressaltando Oswaldo como um arquiteto de referências múltiplas. Porém, a *fase*

⁵ SEGAWA, H. M.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke**: a arte de bem projetar e construir. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997.

⁶ BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Tese de doutorado finalizada em 1973 e publicada no Brasil pela primeira vez em 1981.

wrightiana descrita por Bruand será refutada no futuro, como veremos. Já Carlos Lemos – apesar de atribuir valor apenas às obras de Bratke produzidas em seu terceiro momento de trabalho, a partir dos anos 1950 – ressalta em seu *Arquitetura Brasileira* (fig. 6)⁷, de 1979, a importância que Oswaldo teve para a consolidação da linguagem arquitetônica moderna na cidade de São Paulo da década de 1940:

A Oswaldo Arthur Bratke a arquitetura residencial paulistana muito deve [...] por ter predisposto a burguesia de classe média [...] a aceitar o modernismo [...] em seus planos de organização domiciliar [...] Bratke simboliza bem uma classe de arquitetos paulistas, que veio ao modernismo através de experiências sucessivas em que, aos poucos, ia adotando os novos postulados da arquitetura racional contemporânea (LEMOS, 1979, p. 155-6).

Após o livro de Benjamin Adiron Ribeiro (fig. 7), de 1992, que resgata os projetos para Vila Serra do Navio⁸ – na segunda metade dos anos 1990 aparecem as três análises mais extensas e detalhadas sobre a obra de Bratke. São elas, em ordem cronológica: a dissertação de mestrado de Mônica Junqueira de

Camargo, *Oswaldo Bratke: uma trajetória de arquitetura moderna*, orientada por Paulo Bruna e defendida no Mackenzie em 1995; o livro *Oswaldo Arthur Bratke: a arte de bem projetar e construir* (fig. 8), escrito por Hugo Segawa em coautoria com Guilherme Mazza Dourado em 1997, com segunda edição em 2012; e a tese de doutorado de Camargo, *Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke* (fig. 9), também orientada por Bruna e defendida na Universidade de São Paulo em 2000.

Os três trabalhos ampliam a compreensão da arquitetura de Oswaldo por meio de seis aspectos que passamos a descrever. O primeiro é o grande número de novas informações, junto com o esforço de sistematização da vasta obra do mestre paulista, com a vantagem do distanciamento histórico que permite um estudo menos ofuscado pela *glória* do movimento moderno brasileiro.

O segundo é a preocupação em recuperar dados biográficos, como a trajetória acadêmica no Mackenzie e a relação de Bratke com diversas figuras, por exemplo: Vilanova Artigas, Carlos Lemos e Arnaldo Paoliello, alguns de seus inúmeros

⁷ LEMOS, C. A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979.

⁸ RIBEIRO, B, A. **Vila Serra do Navio**: comunidade urbana na selva amazônica, um projeto do arq. Oswaldo Arthur Bratke. São Paulo: Pini, 1992.

estagiários e arquitetos colaboradores; Lívio Abramo (1903-1992), que atuou como desenhista e muralista; Zanine Caldas (1919-2001), que produziu algumas maquetes para o escritório; e Rebolo Gonsales (1902-1980), que morou na chácara do arquiteto no Morumbi na década de 1940, conheceu Campos do Jordão e possivelmente foi responsável pela pintura de alguns projetos.

O terceiro aspecto são os comentários acerca da personalidade, opiniões e habilidades do arquiteto, que permitem melhor entendimento de seu *modus operandi*. É por meio de Camargo, Segawa e Dourado que conhecemos mais as facetas de Bratke: empreendedor, viajador, atento observador, grande fotógrafo; excelente desenhista, perfeccionista e disciplinado em seus projetos; pragmático, experimentalista cauteloso e extremamente dedicado em suas obras. Como bem sintetizou José Tavares Correia de Lira⁹, Oswaldo era um:

Defensor de procedimentos de racionalização da construção e até mesmo da pré-fabricação, adepto da pesquisa de materiais e soluções bioclimáticas, nele a expressão formal [não era resultado de um *insight*, mas sim] objeto de um *processo* rigoroso de

projeto, detalhamento e construção (LIRA, 2017, p. 75, grifos nossos).

Esse aspecto retoma a dicotomia *arquitetura de gênio x arquitetura de ofício* presente no texto de Maria Beatriz de Camargo Aranha¹⁰. Claramente posicionado no segundo grupo, Bratke afirmava que:

Não é necessário ser genial, para ser um bom arquiteto, mas ter a honestidade de compor projetos onde cada elemento cumpra sua função e atenda aos requisitos para abrigo ou ambiente desejado” (BRATKE *apud* CAMARGO, 2000, p. 67).

A *arquitetura de ofício* dependia de uma qualificada e diversificada equipe de trabalho, que no caso do mestre paulista era liderada pelo húngaro Zoltán Dudus, que trabalhou no escritório de 1939 até o fechamento. Segawa comenta que Dudus era “uma espécie de *consciência crítica* do arquiteto: cobrava de Bratke uma solução melhor, quando entendia que a resolução não estava satisfatória” (p. 44).

O quarto é a cuidadosa análise dos aspectos que qualificam Oswaldo como um arquiteto moderno “não por mera adesão

⁹ LIRA, J. T. C.; FINOTTI, L. **O visível e o invisível na arquitetura brasileira**. São Paulo: DBA, 2017.

¹⁰ ARANHA, M. B. C. Rino Levi: arquitetura como ofício. In: GUERRA, A. **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**: parte 2. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 47-55. Publicado originalmente em 1993.

formal”, como mostra Camargo (2000, p. 12), mas pela “constante preocupação em aproveitar as conquistas anteriores, uma considerável valorização do detalhe e a obsessiva busca da qualidade” (p. 83) – criando uma linguagem que lhe é muito autêntica – fruto de um “processo de permanente investigação” (p. 161) durante toda a sua carreira.

O quinto aspecto é o evidente destaque para a conexão de Bratke com arquitetos internacionais, sobretudo os norte-americanos ou europeus radicados nos Estados Unidos – caso de Walter Gropius, do qual “Bratke foi um leitor, admirador e amigo”, conforme Segawa (p. 46) – ou de Marcel Breuer (fig. 10)¹¹, “referência importante para o desenvolvimento de suas ideias [...] [e] responsável pela introdução de um novo tipo de moradia” em território estadunidense, como afirma Camargo (2000, p. 106). A parte final da tese da autora apresenta uma interessante série de

imagens que relaciona o mestre brasileiro com casas tradicionais japonesas e com Gropius, Breuer, Richard Neutra, Craig Ellwood, Mies van der Rohe e a designer Ray Eames (2000, p. 162-176).

O *Case Study House Program* (CSHP, fig. 11) é apontado por Camargo como “uma das mais fortes referências ao trabalho de Oswaldo Bratke” (2000, p. 36). Principal contribuição da revista californiana¹² *Arts & Architecture*, o CSHP existiu entre 1945 e 1966 e foi idealizado por John Entenza (1905-1984), editor-chefe entre 1938 e 1962. Consistia basicamente em convidar profissionais¹³ para projetarem, e em alguns casos executarem, residências para a classe média norte-americana do pós-segunda guerra – utilizando para isso uma linguagem moderna e fazendo uso da “racionalização da construção, industrialização e experimentação de materiais, [e] análise dos novos modos de vida” como explica

¹¹ Como mencionado na introdução, a arquitetura de Bratke no Jardim do Embaixador apresenta semelhanças físicas, conceituais e cronológicas com as habitações em madeira que Breuer construiu em território estadunidense, as casas usonianas de Frank Lloyd Wright e as modernas moradias californianas de meados do século XX, como será mostrado no capítulo 4 desse trabalho.

¹² Em seu artigo *O Sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50* (2010, p. 55) Luis Henrique Haas Luccas comenta que “a partir da grande crise

de 1929, a Califórnia desenvolveu uma experiência reflexiva sobre a construção. Como fruto dessa experiência surgiu a revista *Arts & Architecture* [...] uma publicação que influenciou a arquitetura moderna de forma global”.

¹³ Richard Neutra; Killingsworth, Brady & Smith; Julius Ralph Davidson (1889-1977); Craig Ellwood; Rodney Walker (1910-1986); Charles Eames e Pierre Koenig (1925-2004) são alguns dos arquitetos que mais contribuíram com o CSHP, desenvolvendo mais de um projeto residencial ao longo dos vinte anos do programa.

Segawa (1999, p. 140), sem deixar de ressaltar o *empirismo independente* do mestre paulista:

Bratke [...] não foi um arquiteto que se voltou ao experimentalismo *com* a propaganda das *Case Study Houses* [...] desde o início dos anos 1940, o arquiteto vinha desenvolvendo seu canteiro experimental, *produto mais de uma curiosidade atávica* que uma preocupação introjetada pelos meios de comunicação (SEGAWA e DOURADO, 2012, p. 26-7, grifos nossos).

Continuando as aproximações com os arquitetos internacionais, mesmo que parte da obra de Oswaldo apresente semelhanças com a de Mies van der Rohe – como notou Hitchcock em 1955 – Hugo Segawa utiliza a *relação arquiteto-cliente* para distanciar Bratke do alemão e aproximá-lo de Richard Neutra. Baseado num comentário do crítico Manfred Sack (1928-2014), Segawa defende que tanto o brasileiro quanto o austríaco diferiam completamente “de Le Corbusier, e mais ainda de Mies van der Rohe, que consideravam seus clientes principalmente como *fontes potenciais de patrocínio* de seus ambiciosos ideais” (p. 42, grifos nossos). Na direção contrária, Oswaldo sempre considerou as necessidades dos clientes como prioridade (fig. 12), mantendo com eles um diálogo respeitoso. E boa parte de suas *experiências*

foi realizada com recursos próprios, primeiramente em terrenos e construções de sua propriedade, para somente depois serem incorporadas em obras de terceiros. Outro *mito desfeito* por Segawa é a “categórica atribuição de uma influência direta de Frank Lloyd Wright (fig. 13) ajuizada por Yves Bruand” (p. 51), mais uma vez indicando a opção de Bratke por não se *afiliar* a nenhuma corrente específica, preferindo manter *afinidades* com várias durante o desenvolvimento de sua própria linguagem.

O sexto e último aspecto é a busca por uma explicação para o fato de Oswaldo ter ficado *em segundo plano* na historiografia oficial. Os fatores são diversos, como resume Camargo:

Uma personalidade mais *introspectiva*, [...] um início de carreira com obras *ecléticas*, [...] a *distância* dos meios universitários [...] comprometeram uma divulgação e um destaque à altura de sua arquitetura [...] ele se *contrapunha* à orientação da busca da *genialidade* e da *força inspiradora* tão alardeada entre muitos. (CAMARGO, 2000, p. 68, grifos nossos).

É diante desse cenário que aceitamos o desafio de lançar luz sobre as propostas urbanas e arquitetônicas de Bratke no Jardim do Embaixador que o arquiteto, eminentemente *moderno* e demasiadamente *modesto* em relação à sua obra, não fez

questão de divulgar. Entretanto, nosso objeto de pesquisa é relevante por apresentar algumas particularidades de Oswaldo em relação à produção nacional: economia, rigor construtivo, experimentalismo e compreensão mais ampla do fenômeno arquitetônico, de acordo com Camargo (2000, p. 160); e também por suas características quase únicas: na arquitetura de Bratke, o *programa* da casa de campo e o desenvolvimento de *estratégias* de conforto numa região de clima frio; e na arquitetura brasileira em geral, a *temática* do abrigo rústico de montanha e o *protagonismo* da madeira como material construtivo. Todos pontos que o arquiteto atendeu com qualidade e que, justamente por isso, não merecem permanecer incógnitos.

Após os estudos de Camargo, Segawa e Dourado, que comentamos, o estudo de Bratke prosseguiu com outros trabalhos. O artigo de Fernando Serapião¹⁴, de 2008, é o primeiro

¹⁴ SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008.

¹⁵ CORREIA, T. B. Bratke e o projeto civilizatório da ICOMI. *In: Pós*, v. 19, n. 31, jun. 2012, p. 132-45.

¹⁶ VILLÀ, S. R. C. **Oswaldo Bratke - Vila Serra do Navio**: soluções projetuais e construtivas. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014. Orientadora: Ana Gabriela Godinho Lima.

¹⁷ DALL'ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação

esforço no sentido de ampliar as informações disponíveis sobre a história do Jardim do Embaixador (figs. 14 e 15) – sendo o texto que nos motivou a realizar a presente pesquisa. O artigo de Telma de Barros Correia¹⁵, de 2012, é uma importante análise crítica dos planos urbanísticos para as vilas de Serra do Navio e Amazonas. As *company towns* também são objeto da dissertação de Silvia Regina Chile Villà¹⁶, de 2012, com enfoque nas soluções arquitetônicas projetuais e construtivas. E a dissertação de Anderson Dall'Alba¹⁷, de 2017, recupera o projeto urbano do Paineiras do Morumbi e as icônicas casas ali construídas. Seu texto relaciona em vários momentos os bairros paulistano e jordanense¹⁸ sendo, portanto, muito útil à nossa pesquisa para mostrar a continuidade de algumas ideias de Bratke ao longo de sua carreira. Durante todo o trabalho, retornaremos diversas vezes aos autores aqui citados.

(Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017. Orientadora: Cláudia Piantá Costa Cabral.

¹⁸ Baseado em informações e imagens sobre o Jardim do Embaixador obtidas no artigo de Serapião e em uma comunicação por nós apresentada no início da pesquisa de mestrado: LEITE, M. A. F. **Arquitetura moderna na Mantiqueira: os experimentos de Oswaldo Bratke em Campos do Jordão nos anos 1940**. *In: Anais do XI Seminário Docomomo | Brasil*. Recife: Docomomo, 2016.



Fig. 1: Capa do livro de Mindlin.
Fonte: www.mdc.arq.br.

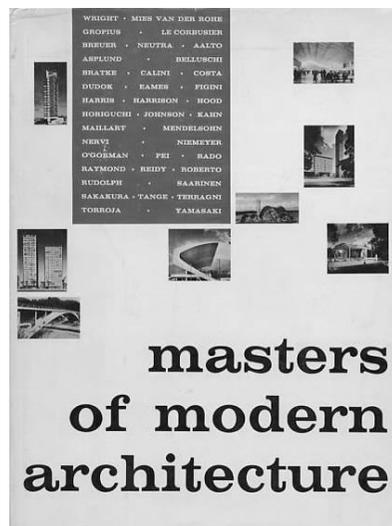


Fig. 2: Capa do livro de Peter.
Fonte: www.br.pinterest.com.



Fig. 3: Pavilhão Aricanduva no artigo sobre Bratke.
Fonte: *Habitat*, nov-dez. 1957, p. 23.



Fig. 4: Estação Ribeirão Preto da CMEF.
Fonte: *Acrópole*, jul. 1966, p. 28.

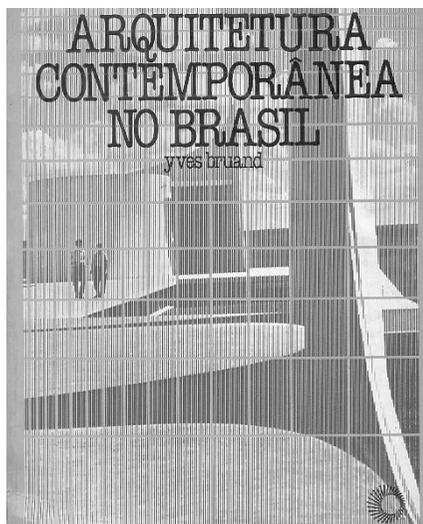


Fig. 5: Capa do livro de Bruand.
Fonte: www.mdc.arq.br.



Fig. 6: Capa do livro de Lemos
Fonte: estantevirtual.com.br.



Fig. 7: Capa do livro de Ribeiro.
Fonte: www.pt.scribd.com.

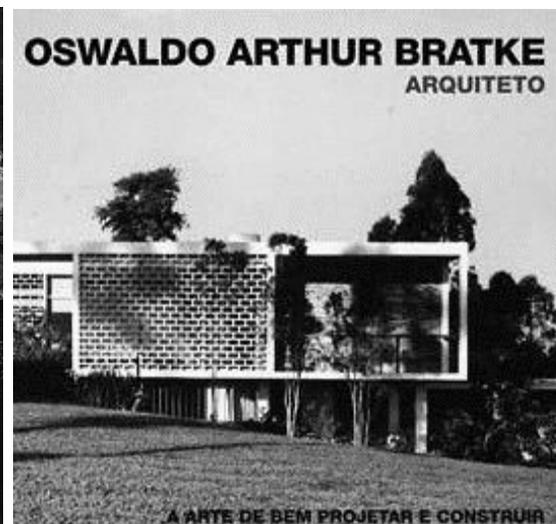


Fig. 8: Capa do livro de Segawa e Dourado.
Fonte: www.casaclaudia.abril.com.br.



Fig. 9: Capa da tese de Camargo.
Fonte: Dall'Alba, 2017, p. 23.



Fig. 10: O arquiteto Marcel Breuer.
Fonte: clubbcoacabana.wordpress.com

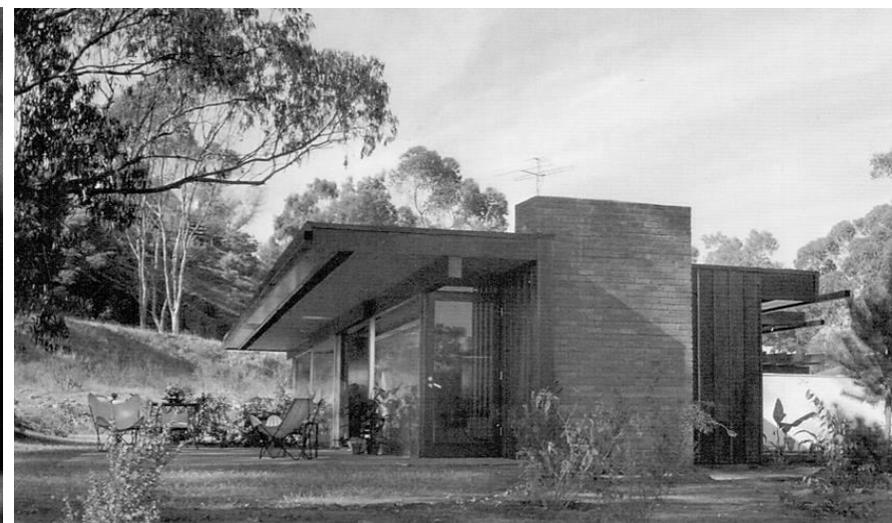


Fig. 11: CSH # 20, Richard Neutra, 1948.
Fonte: www.mosslerproperties.com.



Fig. 12: Bratke (esq.) e um cliente.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 43.

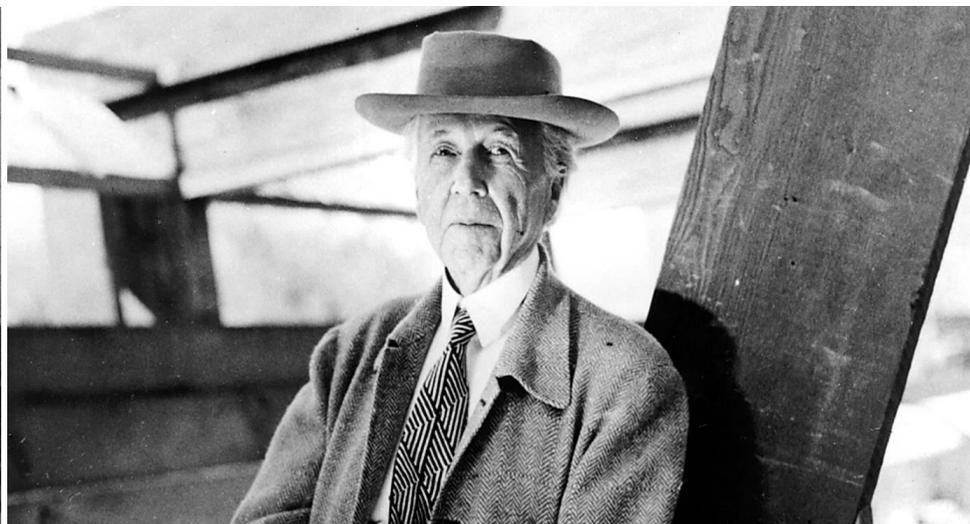


Fig. 13: Frank Lloyd Wright.
Fonte: www.kenburns.com.



Figs. 14 e 15: Algumas imagens, até então *inéditas*, que foram apresentadas no artigo *Outra montanha mágica*: Casa Bratke (esq.) e Casa Corazza (dir.).
Fonte: Serapião, 2008.

CAPÍTULO 2 – A GÊNESE DO EMPREENDIMENTO



2.1 A cidade de Campos do Jordão

Antes de passarmos à descrição e análise do projeto urbano e arquitetônico de Oswaldo Bratke para o Jardim do Embaixador, é necessária uma explicação sobre a geografia e a formação de Campos do Jordão, para melhor compreendermos a relação entre o bairro em estudo e a cidade.

Campos do Jordão localiza-se no interior do estado de São Paulo, na Serra da Mantiqueira. Pertence à região do Vale do Paraíba e mantém suas principais relações históricas e sociais com as cidades de Pindamonhangaba, Taubaté e São José dos Campos (mapa A, p. 60). Sua população atual é de 51454 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2017.

O *turismo de montanha*¹ é a principal atividade econômica de Campos do Jordão. Sua localização relativamente próxima de São Paulo (cerca de 180 km) garante-lhe uma frequência

¹ O *turismo de montanha* pode ser definido como uma modalidade turística na qual os usuários são motivados a vivenciar espaços caracterizados por imagens: *históricas e culturais*, associadas a um tempo ou contexto já não existente; *naturais e ecológicas*, relacionadas às paisagens típicas de montanha; *sociais de prestígio*, na qual se acredita que apenas uma elite é que habita ou usufrui de

considerável de visitantes da capital, além de outros locais do país. O turismo influencia consideravelmente a imagem da cidade, marcada por pastiches arquitetônicos que sugerem um simulacro europeu, vendido como mercadoria juntamente com as paisagens.

A configuração acentuadamente linear de Campos do Jordão pode ser dividida em três grandes regiões, com formação e aspectos distintos (mapa B). A primeira delas correspondente ao antigo distrito dos sanatórios, que hoje concentra uma grande parcela da população. Nessa área fica o *Portal* (fig. 1), junto ao final da rodovia Floriano Rodrigues Pinheiro (SP-123), que conecta a cidade à Via Dutra (BR-116).

A segunda região é denominada *Abernéssia* (fig. 2), situada geograficamente entre o Portal e o Capivari. Além de abrigar outra boa parte da população residente, nela se concentra a maioria dos serviços disponíveis aos moradores. É também o centro cívico-administrativo do município, em detrimento do núcleo histórico *Jaguaribe* (fig. 3), hoje uma zona de caráter mais suburbano. A

regiões de montanha; *de lazer*, na qual o usuário objetiva fugir de um espaço estressante em busca de um *paraíso*; e *afetivas*, na qual a montanha está associada à experiências pessoais positivas. Cf. SILVA, C. M. A. **A imagem dos destinos turísticos de montanha**: olhares dos residentes e dos turistas. 2011. 385 f. Tese (Doutorado em Turismo) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011.

terceira região é o *Capivari* (fig. 4), o centro turístico, verdadeiro *parque de diversões* dentro da cidade. Nessa área fica a maior parte das atrações, comércio e serviços oferecidos aos visitantes. A região também possui em seu entorno muitos bairros residenciais de alto padrão e condomínios fechados, habitados principalmente pelos turistas mais abastados que frequentam Campos do Jordão durante a temporada de inverno (julho) e feriados ao longo do ano.

Conforme Pedro Paulo Filho², em 1790 Inácio Caetano Vieira de Carvalho obteve do governador da Capitânia de São Paulo uma sesmaria no *Alto da Serra*, fundando a Fazenda Bonsucesso. Em 1823 seus herdeiros venderam essa propriedade ao Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão (1781-1827), fato que fez com que o local ficasse conhecido como *Campos do Jordão*. Em 1874, Mateus da Costa Pinto – considerado o fundador da cidade – adquiriu uma grande gleba dos herdeiros de Jordão, montando às margens do rio Imbiri uma capela consagrada a São Mateus, uma venda e uma primeira pensão para tuberculosos, originando o povoado de Vila

São Mateus do Imbiri. Paulo Filho considera essa data como ponto inicial do chamado *Ciclo da Cura*. Em 1891 o médico, geógrafo e escritor cearense Domingos Jaguaribe (1847-1926) comprou as terras de Costa Pinto e instalou-se na Vila de São Mateus, que em sua homenagem foi renomeada Vila Jaguaribe, hoje um dos bairros que compõe a cidade.

Entre 1912 e 1914 os médicos sanitaristas Emílio Ribas (1862-1925) e Victor Godinho (1862-1922) construíram a Estrada de Ferro Campos do Jordão (EFCJ), que partindo de um ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil na cidade de Pindamonhangaba, percorria 46 km serra acima até atingir as terras jordanenses. No ano seguinte a região foi elevada à categoria de distrito, já com a denominação oficial de Campos do Jordão, pertencente ao município de São Bento do Sapucaí.

Nessa década a ocupação se estendeu pelo vale do rio Capivari dando origem a outros bairros, como Abernéssia, originada da propriedade do escocês Robert John Reid (1868-1937). Um dos primeiros agrimensores locais, Reid era natural de

² Pedro Paulo Filho (1937-2014) foi um advogado, formado pelo Mackenzie, que também atuou como historiador e escritor. É de sua autoria a única publicação

que aborda a história jordanense de forma mais abrangente: PAULO FILHO, P. **História de Campos do Jordão**. Aparecida: Santuário, 1986.

Aberdeen. Para homenagear sua cidade natal e a de seu pai – nascido em Inverness – Reid batizou sua propriedade adquirida em 1915 de Chácara Abernécia. A primeira ocupação urbana no entorno da chácara era conhecida apenas como Vila Nova, uma vez que Jaguaribe era chamada de Vila Velha, mas a partir dos anos 1930 já era comum a denominação Vila Abernécia.

Em 1922 o embaixador Macedo Soares (fig. 5)³, presidente da Companhia Melhoramentos de Campos do Jordão, inaugura um loteamento junto ao ponto final da ferrovia. Inicialmente planejado por Emílio Ribas e Victor Godinho em 1911 como uma vila sanitária para o tratamento de tuberculose, o projeto foi convertido em um dos primeiros bairros com casas de campo para paulistanos abastados (fig. 6). Com o tempo, o local perdeu esse caráter exclusivamente residencial e se transformou no centro turístico da cidade, o Capivari.

³ José Carlos de Macedo Soares (1883-1968), bacharel em Direito, atuou como diplomata e ocupou, durante as décadas de 1930 a 1950, os cargos de Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Justiça e Interventor Federal em São Paulo. Sua empresa foi proprietária de terras numa localidade jordanense conhecida como *Zona Homem Morto*, assim chamada pelo fato de um cadáver ter sido encontrado acorrentado nessa região. A Zona Homem Morto foi comprada nos

Em 1934 ocorre a emancipação do município e em 1936, a inauguração da estrada Campos do Jordão-São José dos Campos (atual SP-50), primeira forma de ligação rodoviária com o Vale do Paraíba e São Paulo. A atividade turística começa a despontar como principal ramo econômico da cidade entre as décadas de 1930 e 1940, quando se inicia o segundo ciclo de Pedro Paulo Filho, *o Ciclo do Turismo*. A mudança foi primeiramente incentivada pelo governo estadual, à época liderado pelo interventor federal, Adhemar de Barros (1901-1969), e consistiu em dois aspectos.

O primeiro deles foi a implantação de sanatórios (fig. 7) para tuberculose numa área mais afastada, a oeste da zona urbana (mapa C)⁴, e a proibição de pensões para doentes próximas a áreas residenciais – medidas estabelecidas pelo decreto-lei 11781, no final de 1940. Eram garantias de que os doentes ficariam confinados nos hospitais, podendo os primeiros turistas usufruir

anos 1940 por Bratke, dando origem ao loteamento Jardim do Embaixador. A denominação do bairro, portanto, é uma homenagem a Macedo Soares.

⁴ O embaixador Macedo Soares desempenhou ativo papel na criação da SP-50 e do distrito dos sanatórios. Esses últimos foram construídos em terras que eram, anteriormente, de sua propriedade.

sem receio de contágio⁵. Esses, por sua vez, para se hospedarem nos hotéis de luxo precisavam apresentar atestados; alguns estabelecimentos possuíam, inclusive, instalações de raio-x para comprovação de boa saúde.

O segundo ponto foi a criação de uma infraestrutura de lazer. Entre os primeiros *pontos turísticos* criados estão o *Parque Estadual de Campos do Jordão* (1941), mais conhecido como *Horto Florestal*, uma grande reserva que protege parte da flora e da fauna da Serra da Mantiqueira; e o *Palácio Boa Vista* (1938-1964), idealizado como residência de inverno do governador de São Paulo, e atualmente também um museu de arte.

Quando se analisa esse processo sobre um ponto de vista mais amplo, como o panorama estadual ou nacional, percebe-se que a trajetória de cidade-sanatório baseada nas teorias do tratamento de doenças por meio do clima ou de fontes hidrominerais – muito comuns durante a primeira metade do

⁵ Mas ainda havia certa preocupação, como relata Roberto Bratke, filho mais velho de Oswaldo que nasceu em 1935: “lembro que eu e outras crianças saíamos às ruas de Capivari com máscaras, pois nossas mães tinham medo de que pegássemos o bacilo da tuberculose, mesmo a quilômetros dos sanatórios!” Cf. SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008.

século XX – e sua posterior transformação em polo turístico não é um fato exclusivo de Campos do Jordão, apresentando similaridades com outros municípios que têm o turismo como principal atividade socioeconômica, como Poços de Caldas ou Águas de Lindoia. Segundo Amanda Franco⁶:

De fato, no Brasil e na maior parte do mundo ocidental, a história do turismo relaciona-se intrinsecamente à história das estações balneárias. As propriedades medicinais [...] ocasionaram os primeiros grandes deslocamentos de curistas para esses núcleos, motivando a construção de hotéis de luxo, de categoria superior, inclusive, aos da capital, de balneários e de equipamentos de lazer como clubes, teatros e cassinos (FRANCO, 2003, p. 2).

Dentro dessa política estatal⁷ de incentivo ao turismo por meio de investimentos públicos (que seriam seguidos pelos privados), o engenheiro Oscar Americano (1908-1974) apresentou seu amigo Oswaldo Bratke à Adhemar de Barros em 1938. O interventor paulista encarregou a *Bratke & Botti* de projetar o

⁶ FRANCO, A. C. Entre o racional e o pitoresco: o plano diretor de Luís Saia para Águas de Lindoia, 1956. *In: Anais do V Seminário Docomomo | Brasil*. São Carlos: Docomomo, 2003.

⁷ Que era simultaneamente estadual e federal, durante a vigência do Estado Novo varguista, como mostra: HAMMERL, P. C. Política ambiental e o turismo na Era Vargas: análise do caso de Campos do Jordão-SP. *In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal: ANPUH, 2013.

Grande Hotel Cassino de Campos do Jordão (fig. 8), que foi inaugurado em 1944.

Um ano antes, o *Hotel Toriba* (fig. 9) – de propriedade de Ernesto Diederichsen (1877-1949) e Luiz Dumont Villares (1899-1979), já havia aberto as suas portas. Luiz era primo de Arnaldo Dumont Villares (1888-1965) e sobrinho de Ricardo Severo (1869-1940), sócios do *Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares Cia. Ltda.* – que foi responsável pelo projeto do Toriba – um dos primeiros construídos pela iniciativa privada na cidade.

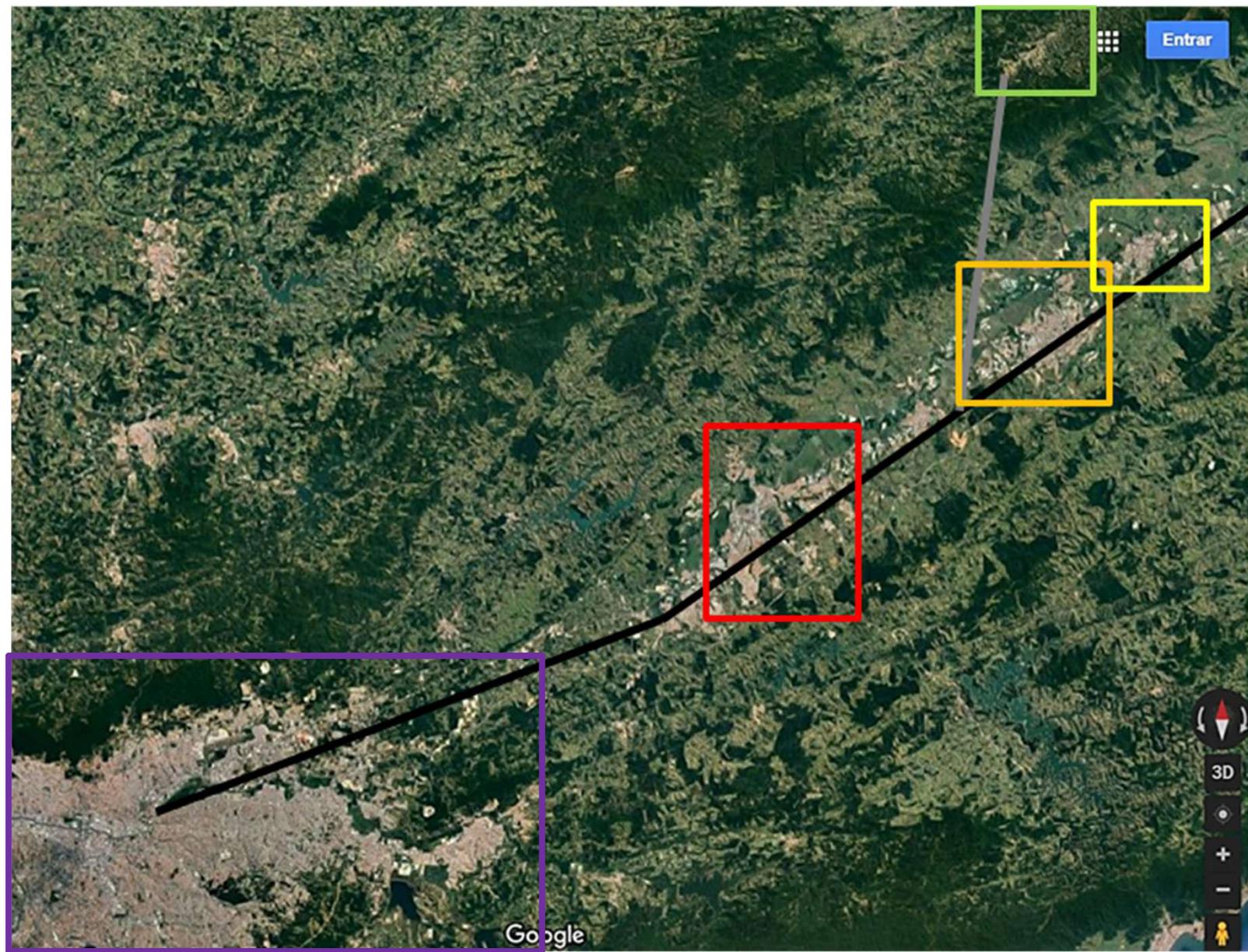
Já após o *Grande Hotel*, de propriedade do governo paulista, o *Hotel dos Lagos* seria inaugurado em 1945 e o *Hotel Rancho Alegre* em 1946. Por fim, o *Hotel Vila Inglesa* foi aberto em 1947, projetado por *Moya & Malfatti*⁸. Esses cinco estabelecimentos são alguns dos mais antigos e tradicionais hotéis de luxo da cidade, e estão em funcionamento até hoje.

É dentro desse contexto de criação de um novo destino turístico de elite no interior paulista (mapa D), nos anos 1940, que

Oswaldo Bratke – além de arquiteto, um empreendedor – adquiriu terras, idealizou e executou o Jardim do Embaixador.

⁸ Antônio Garcia Moya (1891-1949) era de origem espanhola e participou da Semana de Arte Moderna de 1922. Diplomou-se arquiteto na Escola de Belas

Artes de São Paulo em 1933, juntamente com seu sócio – Guilherme Malfatti (1892-?), irmão de Anita Malfatti.



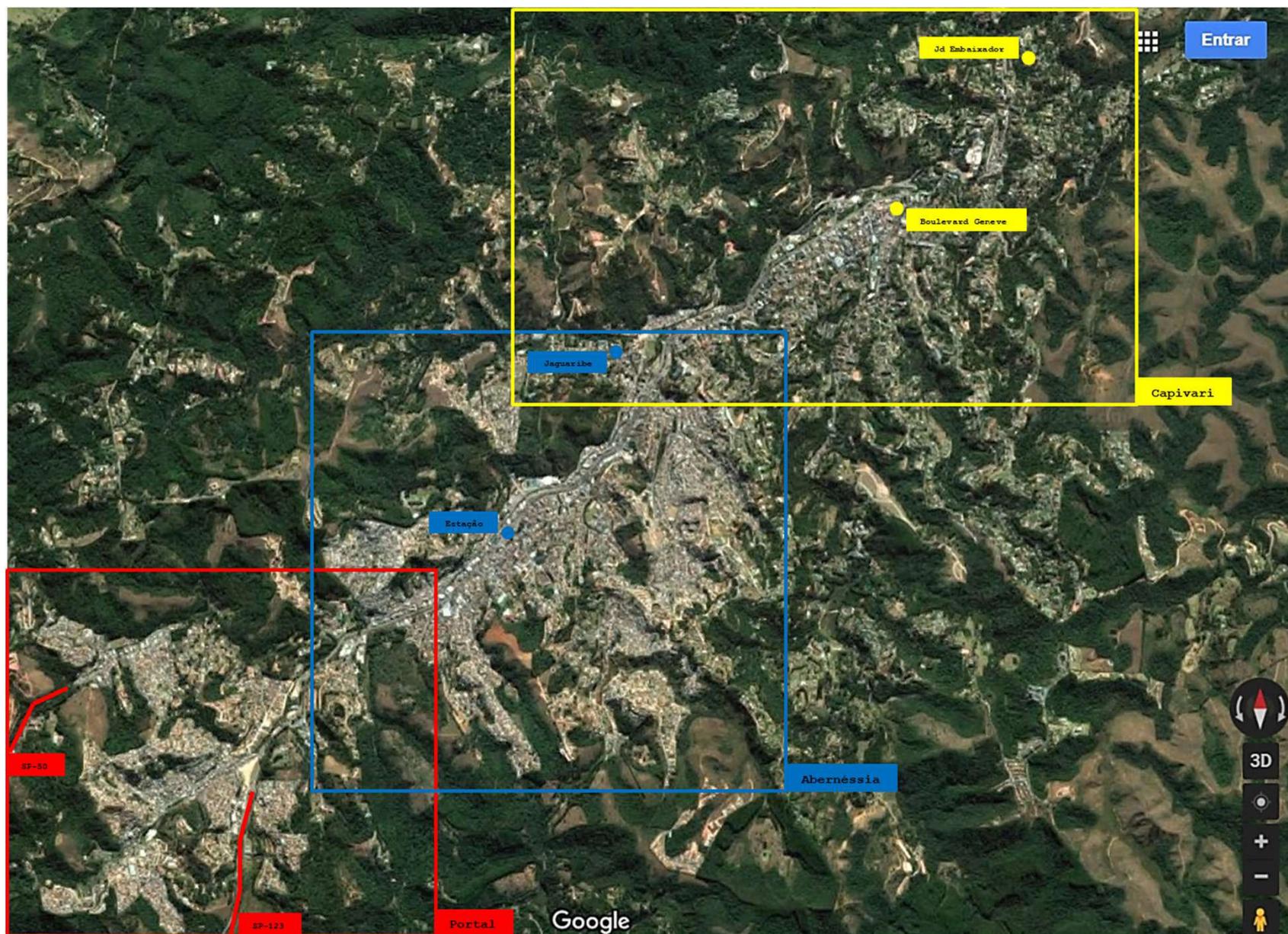
Mapa A: Vista de satélite da porção leste do estado de São Paulo.

Fonte: Adaptado pelo autor com base em www.google.com.br/maps, imagem de 2018 .

Legenda: **Em verde:** Campos do Jordão; **em amarelo:** Pindamonhangaba; **em laranja:** Taubaté

Em vermelho: São José dos Campos; **em roxo:** Região metropolitana de São Paulo

Em preto: Via Dutra; **em cinza:** SP-123.



Mapa B: Vista atual da área urbana do município de Campos do Jordão.
Fonte: Adaptado pelo autor com base em www.google.com.br/maps, imagem de 2017.



Fig. 1: Portal de Campos do Jordão.
Fonte: www.guiacampos.com.

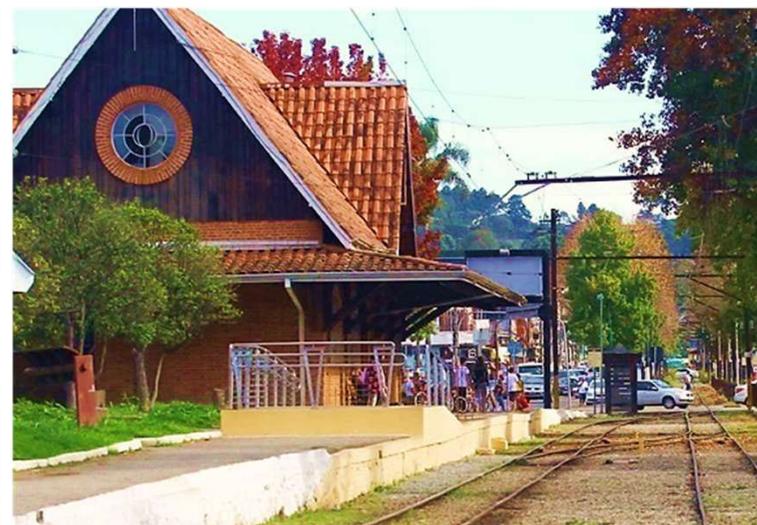


Fig. 2: Estação Abernécia da EFCJ.
Fonte: www.ovale.com.br.



Fig. 3: Igreja de Nossa Senhora da Saúde, no Jaguaribe.
Fonte: Luísa Marques, 07/09/17.



Fig. 4: Boulevard Geneve, em Capivari.
Fonte: www.boulevardgeneve.com.br

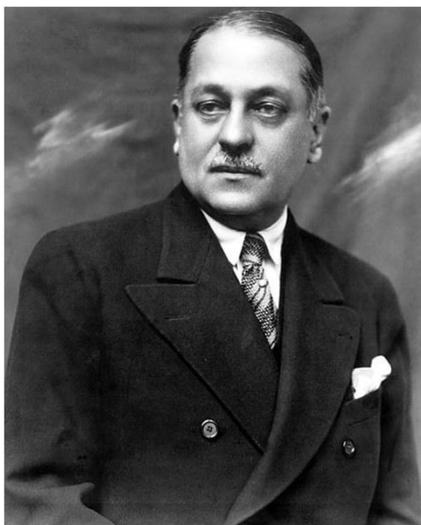


Fig. 5: Embaixador Macedo Soares.
Fonte: www.ibge.gov.br.



Fig. 6: Grupo de turistas na estação Emílio Ribas (Capivari), anos 1930.
Fonte: Paulo Filho, 2007, p. 114.



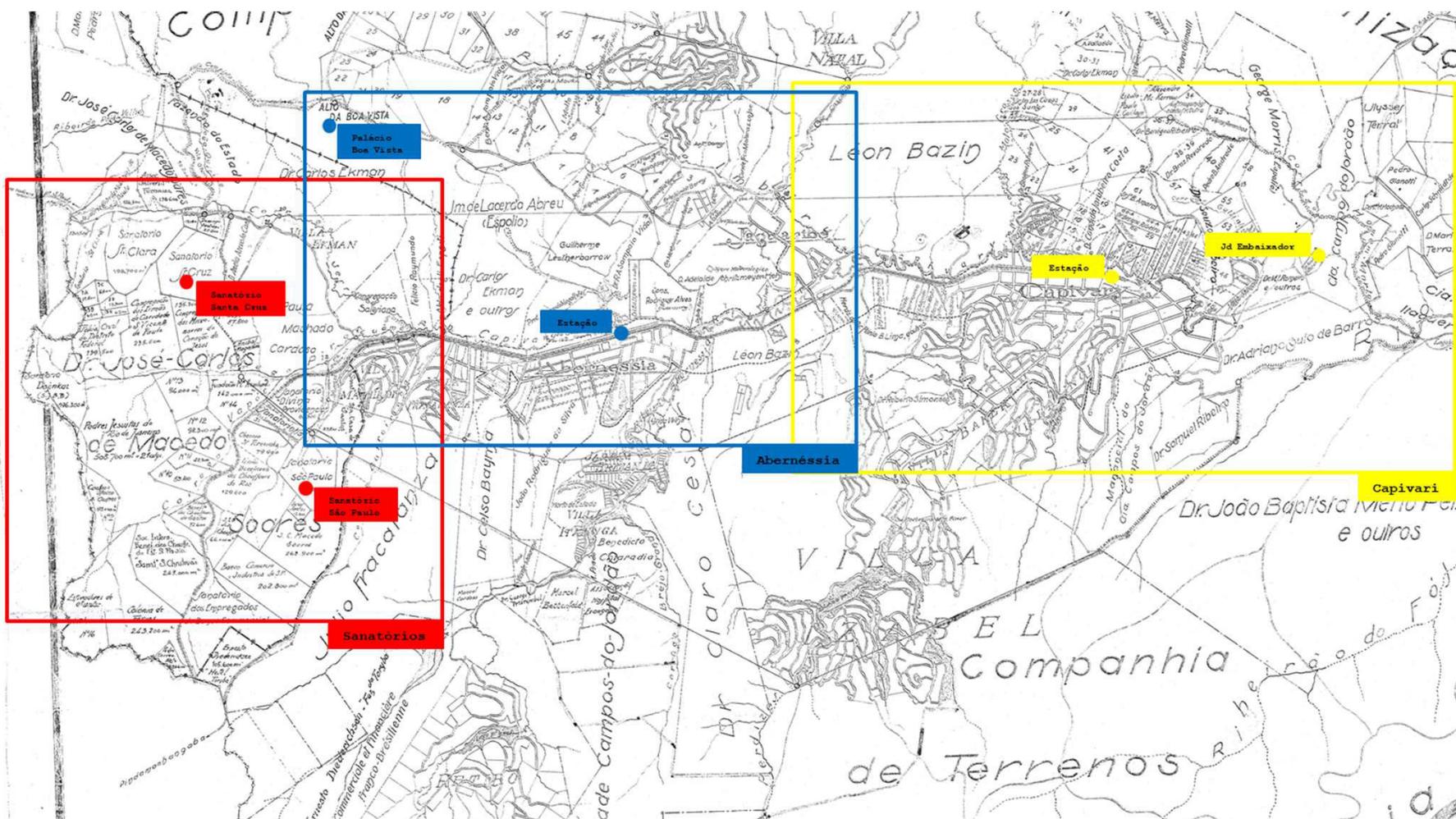
Fig. 7: Sanatório São Paulo (feminino).
Fonte: Svevo e Nedopetalski, 2007, p. 24.



Fig. 10: Grande Hotel Cassino.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Fig. 9: Hotel Toriba.
Fonte: Svevo e Nedopetalski, 2007, p. 34.

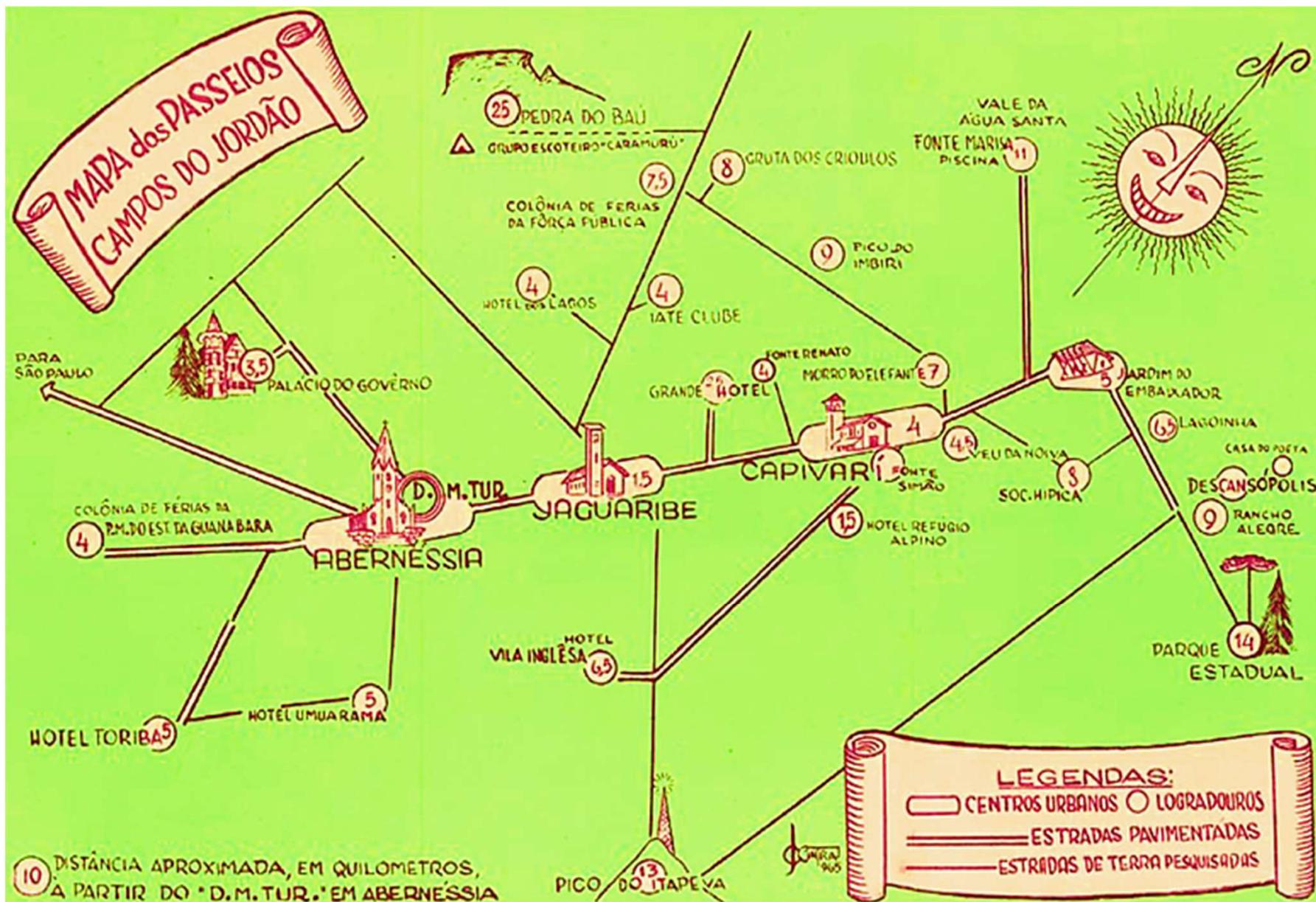


Mapa C: Campos do Jordão em 1932. À esquerda, vemos que praticamente todos os sanatórios foram construídos em terras que haviam pertencido ao embaixador José Carlos de Macedo Soares. À direita, vemos o local onde seria implantado o bairro Jardim do Embaixador, correspondente à porção sul de uma gleba que pertencia a Companhia Melhoramentos de Campos do Jordão, da qual Macedo Soares era o presidente.

Fonte: Adaptado pelo autor com base em cópia fornecida pelo escritório de topografia de Carlos Wagner em 2018.

O original é intitulado: *Campos do Jordão – coletânea dos dados obtidos para o Serviço de Estatística Imobiliária.*

Na página seguinte, o mapa D: Mapa turístico de Campos do Jordão, elaborado por Joaquim Corrêa Cintra em 1965. Fonte: Svevo e Nedopetalski, 2007, p. 17-8.



2.2 A Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda.

Como citado no capítulo anterior, nos últimos vinte e cinco anos, alguns pesquisadores citaram o Jardim do Embaixador em seus estudos. Fernando Serapião¹ não especifica nenhuma data para o início do empreendimento, apenas comenta que foi nesse local que, nos anos 1940, Bratke “desenvolveu o início de sua arquitetura moderna [...] um capítulo fundamental da arquitetura paulista, esquecido pelos historiadores”. Já Hugo Segawa² menciona os anos de 1941 (p. 318) ou 1942 (p. 73) como o começo para a urbanização do bairro, mas faz poucos comentários sobre o lugar, o que se explica pela extensão de seu trabalho – que analisa toda a obra do arquiteto – e também pela dificuldade em se obter fontes primárias, o que também foi um desafio a ser vencido pela presente pesquisa.

Pedro Paulo Filho³ informa que em 1943 a *Zona Homem Morto* foi comprada pela *Sociedade de Imóveis e Melhoramentos*

Ltda., que tinha a intenção de constituir ali um bairro “dotado de modernas e elegantes mansões de turismo” (p. 701). É esse autor que relembra que o lugar passou a ser denominado Jardim do Embaixador em homenagem ao diplomata Macedo Soares, antigo proprietário da Zona Homem Morto. Encontramos poucas informações a respeito da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. Sabemos apenas que foi fundada em 15 de junho de 1943 e que teve como sócios Oswaldo Bratke, Noé Ribeiro (1897-1975) e os irmãos Emílio Lang Júnior (1912-1959), Oscar Lang e Alberto Lang. Emílio Lang Júnior (mapa A e fig. 1, p. 69) empresta seu nome à via pública que conecta o bairro do Capivari (Praça do Cavalo, Teleférico) ao Jardim do Embaixador (atual Avenida Pedro Paulo, antiga Rua Araucária).

Oswaldo Bratke (fig. 2), Noé Ribeiro e Alberto Lang, além de sócios da empresa também tiveram casas de campo no bairro em estudo, desempenhando simultaneamente os papéis de agentes imobiliários e de primeiros moradores na história do

¹ SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. In: **Projeto Design**, n. 340, jun. 2008.

² SEGAWA, H. M.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke**: a arte de bem projetar e construir. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997.

³ PAULO FILHO, P. **História de Campos do Jordão**. Aparecida: Santuário, 1986.

Jardim do Embaixador. Noé, décimo quinto dos vinte e dois filhos de Francisco de Paula Ribeiro⁴, formou-se em engenharia civil pela Universidade de Manchester e foi casado com Martha Whitaker⁵ (fig. 3). Esse dado é interessante porque reforça o comentário de Serapião de que vários dos primeiros moradores do Jardim do Embaixador eram parentes ou conhecidos entre si: o irmão de Martha – Firmino Whitaker – foi um dos clientes de Bratke, tanto com uma casa de campo no bairro jordanense (1944), quanto com uma casa de praia em São Sebastião (1947).

Mônica Junqueira de Camargo aponta o ano de 1945, em sua dissertação⁶, como possível início para o Jardim do Embaixador. Já em sua tese⁷, Carlos Lemos comenta que, em seus tempos de estagiário no escritório de Bratke, “ele estava fazendo

muito loteamento, o Jardim do Embaixador em Campos do Jordão e o Morumbi” (p. 123). Como Lemos estagiou com o arquiteto entre 1946 e 1947 e Segawa afirma que a urbanização do Morumbi ocorreu entre o fim da década de 1940 e o início da década de 1950, esses fatos reforçam a hipótese de que o Jardim do Embaixador foi realizado na segunda metade dos anos 1940.

A possível comprovação está nos arquivos da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão, onde existe um projeto de autoria de Bratke para uma pensão na Zona Homem Morto⁸ (fig. 4). O documento – datado de 28 de junho de 1944 – foi aprovado pelos órgãos legais, porém a obra não foi construída, por motivos desconhecidos. Tal projeto foi seguido pelo envio de um memorial descritivo da urbanização do Jardim do Embaixador⁹, escrito por

⁴ Francisco de Paula Ribeiro (1851-1915) foi um dos idealizadores do Porto de Santos, além de ter sido superintendente da Companhia Docas e presidente da Associação Comercial daquela cidade na virada do século XIX para o XX. Em uma carta, Noé Ribeiro afirma o pai “foi muito empreendedor”, tendo participado da construção das ferrovias: Leopoldina, Noroeste do Brasil e Campos do Jordão.

⁵ Martha (1902-2002) era filha de José Maria Whitaker (1878-1970), que foi presidente da Associação Comercial de Santos na década de 1910 e presidente do Banco Central entre 1920 e 1922. Durante a Revolução de 1930, exerceu interinamente os cargos de Interventor Federal em São Paulo e Ministro da Fazenda. Em 1955 voltaria e esse ministério, durante seis meses.

⁶ CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke: uma trajetória de arquitetura moderna**. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

⁷ CAMARGO, M. J. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

⁸ BRATKE, O. A. **Projeto para uma pensão na Zona Homem Morto**. São Paulo: Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., 1944.

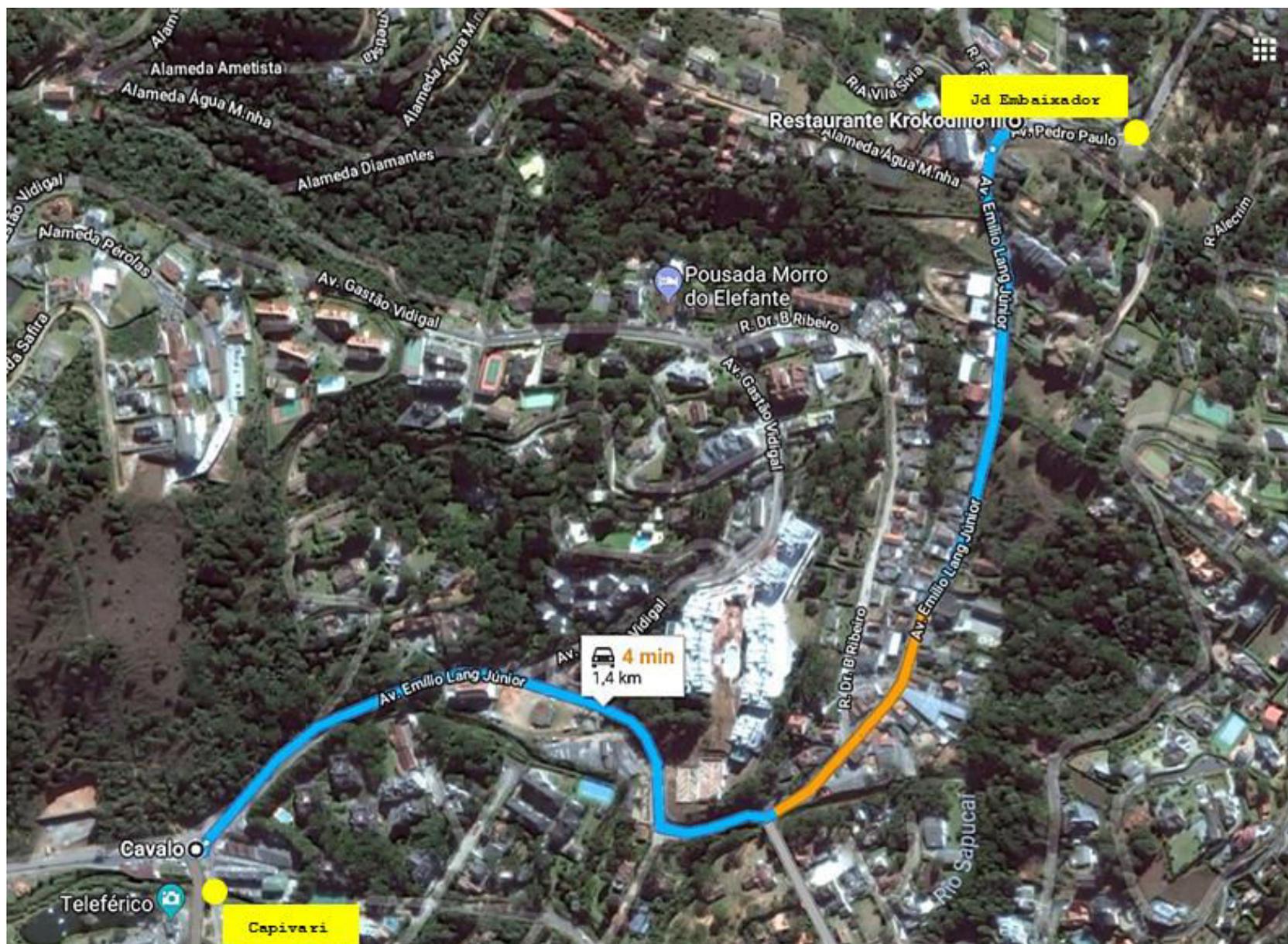
⁹ BRATKE, O. A.; RIBEIRO, N. **Memorial descritivo do plano de urbanização da gleba de terreno conhecida como Homem Morto, em Campos do Jordão**. São Paulo: Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., 1944.

Oswaldo Bratke e Noé Ribeiro – e datado de 28 de setembro de 1944. Sendo essa última uma fonte primária, esse trabalho adota a sua data como o início do empreendimento. Nesse caso, os *estudos para casas de campo* publicados em *Acrópole* em abril, maio e julho de 1944¹⁰ poderiam ter servido como uma *propaganda* do bairro que estava sendo idealizado.

O memorial de Bratke e Ribeiro¹¹ descreve a área como “um terreno de configuração típica da região, regularmente acidentado, parte com vegetação rasteira e parte coberto com matas de araucárias” (p. 1 e fig. 5). Em seguida, os autores indicam que o loteamento foi concebido “tendo em vista construções do tipo residencial campestre, de fino gosto” (p. 1-2) – passagem que sugere tanto um uso ligado ao lazer e turismo, cada vez mais comum em Campos do Jordão naquela época, quanto indica que esse desfrute esporádico – de fins de semana, feriados e férias – era destinado às classes mais abastadas. O projeto de urbanização do Jardim do Embaixador foi desenvolvido segundo os preceitos dos bairros-jardins, que serão descritos a seguir.

¹⁰ BRATKE, O. A. Estudos para casas de campo em Campos do Jordão. *In*: *Acrópole*, abr. 1944, p. 370-1; mai. 1944, p. 25; e jul. 1944, p. 118-9.

¹¹ Que se encontra em anexo ao final desse trabalho.



Mapa A: Avenida Emílio Lang Júnior, ligação entre os bairros Capivari e Jardim do Embaixador (cerca de 1,5 km).
 Fonte: Adaptado pelo autor com base em www.google.com.br/maps, imagem de 2018.



Fig. 1: Emílio Lang Júnior.
Fonte: www.geni.com.



Fig. 2: Família Bratke nos anos 1950.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 312.



Fig. 3: Martha Whitaker e Noé Ribeiro em 1974.
Fonte: www.marcosfrosa.com.br.

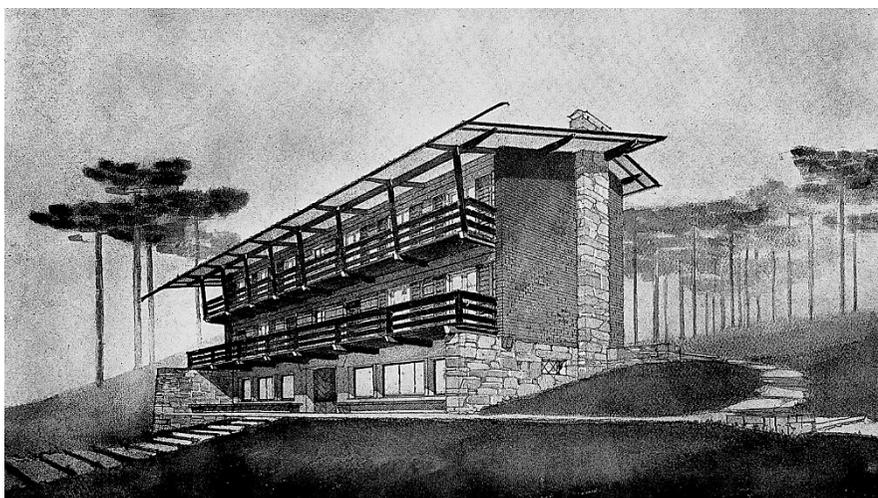


Fig. 4: Projeto para a Pensão Jardim do Embaixador.
Fonte: *Acrópole*, mai. 1944, p. 25.
(publicado como um dos *estudos para casa de campo*).



Fig. 5: Estrada para o Pico do Itapeva, Campos do Jordão, anos 1950. O relevo e a vegetação são similares aos encontrados por Bratke na região do Jardim do Embaixador. Fonte: Acervo de Celso Honorato.

2.3 Um bairro-jardim

Conforme Sílvia Wolff¹, o *subúrbio* – se entendido como um local de fuga da vida urbana – existe desde a Antiguidade. Porém, a forma que conhecemos foi aprimorada ao longo dos últimos duzentos anos, acompanhando o acelerado crescimento das cidades, o desenvolvimento dos meios de transporte e as mudanças nos conceitos de lazer. Na metade final do século XIX “as classes médias exigiam casas afastadas da sujeira criada pelas fontes de suas próprias riquezas. Assim os limites das cidades foram ampliados, englobando o campo com novos loteamentos”, como explica William Curtis (p. 242)².

O desejo de muitos moradores das cada vez maiores, mais populosas e poluídas metrópoles era o de viver no campo, mais próximo da natureza e em habitações limpas e confortáveis, não necessariamente luxuosas, como mostra Nicolau Pevsner³: “a palavra de ordem tinha sido cunhada: vamos deixar as cidades

velhas, grandes, sujas, barulhentas, congestionadas” (p. 195). Essa vontade vinculava-se também ao conceito mais amplo do *romantismo*, e sua manifestação na arquitetura e no paisagismo – a ideia de *pitoresco* – a qual se materializava em casas pequenas e confortáveis, construídas com materiais e estéticas tradicionais. Já Kenneth Frampton⁴ afirma que com o surgimento do trem, do metrô e do bonde elétrico, esse último já na última década do século XIX, “o arrabalde ajardinado surgiu como uma unidade natural da expansão urbana futura” (p. 19).

Frampton também considera “o centro de crescimento vertical e o subúrbio ajardinado de crescimento horizontal” como “duas formas americanas de desenvolvimento urbano” (p. 19-20). E de fato entre os primeiros empreendimentos desse tipo estão o subúrbio de *Llewelyn Park*, próximo a Nova York, projetado por Alexander Jackson Davis (1803-1892) em 1857 e *Riverside* (mapa A, p. 77), próximo a Chicago, planejado por Frederick Law Olmsted

¹ WOLFF, S. F. S. **Jardim América**: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: Edusp, 2001.

² CURTIS, W. **Arquitetura moderna desde 1900**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. Primeira publicação em 1982.

³ PEVSNER, N. **Origens da arquitetura moderna e do design**. São Paulo: Martins Fontes, 1981. Primeira publicação em 1968.

⁴ FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. Primeira publicação em 1980.

(1822-1903) em 1869. Olmsted também foi responsável pelo projeto do *Central Park*, em Nova York, nos anos 1850.

Entretanto, foi na Europa que surgiram as primeiras teorias sobre esse desejo por uma vida com mais qualidade e vinculada ao contato com a natureza. Entre esses conceitos está aquele conhecido como *cidade-jardim*, que posteriormente possibilitou as derivações *subúrbio-jardim* e *bairro-jardim*. A fim de torná-los mais claros, uma vez que não são exatamente sinônimos entre si, serão adotadas as definições utilizadas por Wolff que veremos a seguir.

A ideia de *cidade-jardim* foi desenvolvida por Ebenezer Howard (1850-1928) na Inglaterra e divulgada inicialmente em seu livro *Tomorrow: a peaceful path to real reform* em 1898, republicado em 1902 com o novo título *Garden cities of tomorrow*. Segundo Wolff, a “cidade-jardim propunha-se a criar um espaço em que seus habitantes vivessem autonomamente, rejeitando a sociedade e a cidade industrial” (p. 23). Para Leonardo Benevolo⁵, Howard uniu as utopias que imaginavam comunidades perfeitas, integrando campo e cidade com o conceito da casa unifamiliar

junto à natureza. Em 1903 Raymond Unwin (1863-1940) e Richard Barry Parker (1867-1947), baseados na teoria howardiana, conceberam a primeira cidade-jardim inglesa: *Letchworth*.

No mesmo ano, Unwin e Parker reinterpretaram as ideias de Howard e criaram nos arredores de Londres o *subúrbio-jardim* de *Hampstead*. A diferença básica entre as duas configurações espaciais era o caráter de *comunidade autônoma*, presente nas *idades-jardim* e inexistente nos *subúrbios-jardim*, dependentes das cidades industriais. Telma de Barros Correia⁶ aponta que vários loteamentos de cunho empresarial destinados às classes médias e altas se afastaram do “modelo de comunidade, de gestão do solo e de organização gerencial proposto por Howard à busca de lucro e às noções de *status* e bom gosto” (p. 164).

Retomando Wolff, os *bairros-jardins* são aqueles que possuem uma morfologia *derivada* dos subúrbios anglo-saxões e que se encontram ligados a cidades já existentes. “Proliferaram no mundo todo, sobretudo na primeira metade do século XX” (p. 26) e podem se localizar inclusive em cidades de médio e pequeno

⁵ BENEVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. Primeira publicação em 1960.

⁶ CORREIA, T. B. A cidade-jardim: os conjuntos residenciais de fábricas (Brasil, 1918-1953). In: **Anais do Museu Paulista**, v. 22, n. 1, jan-jun. 2014.

porte, como é o caso do Jardim do Embaixador em Campos do Jordão. Entre os primeiros bairros-jardins brasileiros estão o *Jardim América* (1915, mapa B), o *Alto da Lapa* (1921) e o *Pacaembu* (1925), todos no quadrante sudoeste da capital paulista e loteados pela *São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*. Essa empresa foi fundada em 1911, com capital nacional, inglês, francês e belga, e existe até hoje em São Paulo – popularmente conhecida como *Companhia City*. Unwin e Parker foram os responsáveis pelo plano urbanístico do Jardim América. Entre 1917 e 1919, o próprio Parker esteve em São Paulo, coordenando a concretização do projeto e desenvolvendo o traçado para os bairros Alto da Lapa e Pacaembu.

Conforme Maria Ester Lopes e Regina Tirello⁷, a partir dos empreendimentos da *City*, o modelo de bairro-jardim foi “reproduzido em larga escala por outras companhias loteadoras tanto no município de São Paulo como em outras regiões do

estado” (p. 3). Tamanha foi a disseminação que Wolff observa que a palavra *jardim* foi utilizada na denominação de inúmeros empreendimentos, como o objeto dessa pesquisa. Os subúrbios paulistanos “permitiram o desenvolvimento de uma arquitetura atuante, fundada na casa isolada [...] e não foi por acaso que os arquitetos paulistas se distinguiram particularmente nesse setor”, como observa Yves Bruand (p. 328)⁸.

Afinal, como analisa Joana Mello e Silva⁹, esses “loteamentos destinados às classes de mais alto poder aquisitivo” eram um dos principais “segmentos que compunham o mercado imobiliário” (p. 110) na São Paulo da primeira metade do século XX (figs. 1 e 2). Era muito comum que os profissionais do ramo que trabalhassem no período atuassem simultaneamente como arquitetos, construtores e investidores, pois o:

Mercado imobiliário era um negócio seguro [...] para os arquitetos, garantindo-lhes não apenas o exercício profissional como ganhos que eram, em

⁷ LOPES, M. E.; TIRELLO, R. Inventário da arquitetura eclética nos bairros-jardins paulistanos em meados do século XX. In: **Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: Enanparq, 2014.

⁸ BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Tese de doutorado finalizada em 1973 e publicada no Brasil pela primeira vez em 1981.

⁹ SILVA, J. M. C. **O arquiteto e a produção da cidade**: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960). 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

geral, muito maiores do que os disponibilizados pelo Estado (SILVA, 2010, p. 113).

Dessa forma, os arquitetos assumiam, segundo Silva e Maria Adélia Aparecida de Souza¹⁰:

Diversos papéis, do técnico ao investidor e [participavam] de todas as etapas de produção do edifício, desde a escolha do terreno, passando pela reunião de recursos financeiros, pela construção propriamente dita, chegando até a comercialização [...] Os motivos que os levaram a atuar dessa maneira foram muitos: da comunhão das atribuições profissionais e do ensino entre arquitetos e engenheiros à expansão dos negócios da terra em São Paulo” (SILVA, 2010, p. 92-93).

Bratke é um dos profissionais que personifica esse papel de arquiteto-empreendedor. Mônica Junqueira de Camargo e Hugo Segawa apontam em seus trabalhos¹¹ que ele foi um assíduo construtor nos bairros-jardins paulistanos – Jardim América (figs. 3 e 4), Jardim Europa (figs. 5 e 6), Jardim Paulista, Higienópolis e Pacaembu, principalmente – durante as décadas de 1930 e 1940. E com essa experiência acumulada – a partir de meados dos anos

1940 – Bratke vai experimentar pela primeira vez ser também o loteador-urbanizador dos bairros, além da função de projetista-construtor residencial. Nesse período, “esboçou o loteamento do Jardim do Embaixador em Campos do Jordão; pouco depois, envolveu-se com a urbanização da Ilha Porchat, no litoral santista” (p. 49), como observa Segawa. A eles se seguiriam diversas áreas que compõem o distrito do Morumbi (fig. 7), cujo início da ocupação ocorre entre o fim da década de 1940 e o início da década de 1950. E o desenvolvimento e execução das vilas Serra do Navio e Amazonas, no Amapá, construídas entre 1955 e 1960 para abrigar os funcionários da companhia mineradora ICOMI. Durante os anos 1960, 1970 e 1980, Bratke ainda prestaria serviços de consultoria em planejamento urbano e urbanização de glebas, se mantendo quase sempre na esfera privada.

Com relação às características dos bairros-jardins, no artigo de Correia há menção ao livro *Town planning in practice: an introduction to the art of designing cities and suburbs*, publicado

¹⁰ SOUZA, M. A. A. **A identidade da metrópole**: a verticalização em São Paulo. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1994.

¹¹ CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke**: uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995; SEGAWA, H. M.; DOURADO, G. M.

Oswaldo Arthur Bratke: a arte de bem projetar e construir. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997; CAMARGO, M. J. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

por Raymond Unwin em 1909. Nesse texto existem algumas recomendações para o planejamento desses loteamentos, tais como:

Atenção ao sítio (topografia, vegetação, vistas e outras características de interesse); *definição de um lugar central que concentre edificações de maior tamanho e/ou de caráter coletivo [...]* desenhar as vias de modo que sigam as linhas naturais de drenagem e que proporcionem vantagens à implantação dos prédios em suas margens (CORREIA, 2014, p. 168, grifo nosso)

O *lugar central* mencionado na citação acima, no caso do Jardim do Embaixador, se materializou na forma de um restaurante (fig. 8)¹² situado no centro geográfico do bairro e que foi “projetado como âncora do desenvolvimento da região”, como lembra Camargo em sua dissertação (p. 44).

Já o atendimento aos requisitos viários descritos geralmente resulta em um “traçado sinuoso de vias – coerente com as alterações do relevo”, segundo Correia (p. 194). Por ser mais adaptável ao terreno, em sítios predominantemente acidentados e irregulares tende a envolver uma quantidade menor de movimentações de terra do que o traçado em malha

quadriculada, mais amplamente utilizado. O caráter orgânico das ruas (mapa C e fig. 9) também leva em consideração o modo como a paisagem circundante será vista do interior dos lotes, numa atitude claramente vinculada ao pitoresco.

Apesar do ideal comunitário ter se perdido na criação dos subúrbios e bairros-jardins, as noções de privacidade, descanso e lazer em muitos desses loteamentos continuaram vinculadas aos conceitos de viver em um ambiente de relativa liberdade, igualdade e harmonia com o vizinho. A materialização desses aspectos se manifesta na existência de cercas baixas nas divisas dos lotes, algo que a princípio existiu no Jardim do Embaixador, mas que com o passar dos anos tende ao completo desaparecimento, perdendo espaço perante a disseminação de uma *arquitetura da segurança*, com seus muros altos, cercas elétricas e câmeras de vigilância. No bairro, a Casa Firmino Whitaker é praticamente a única que ainda possui sua fachada frontal completamente visível da rua (fig. 10).

O livro de Wolff sobre o Jardim América também mostra que a atuação da *Companhia City* na capital paulista contribuiu

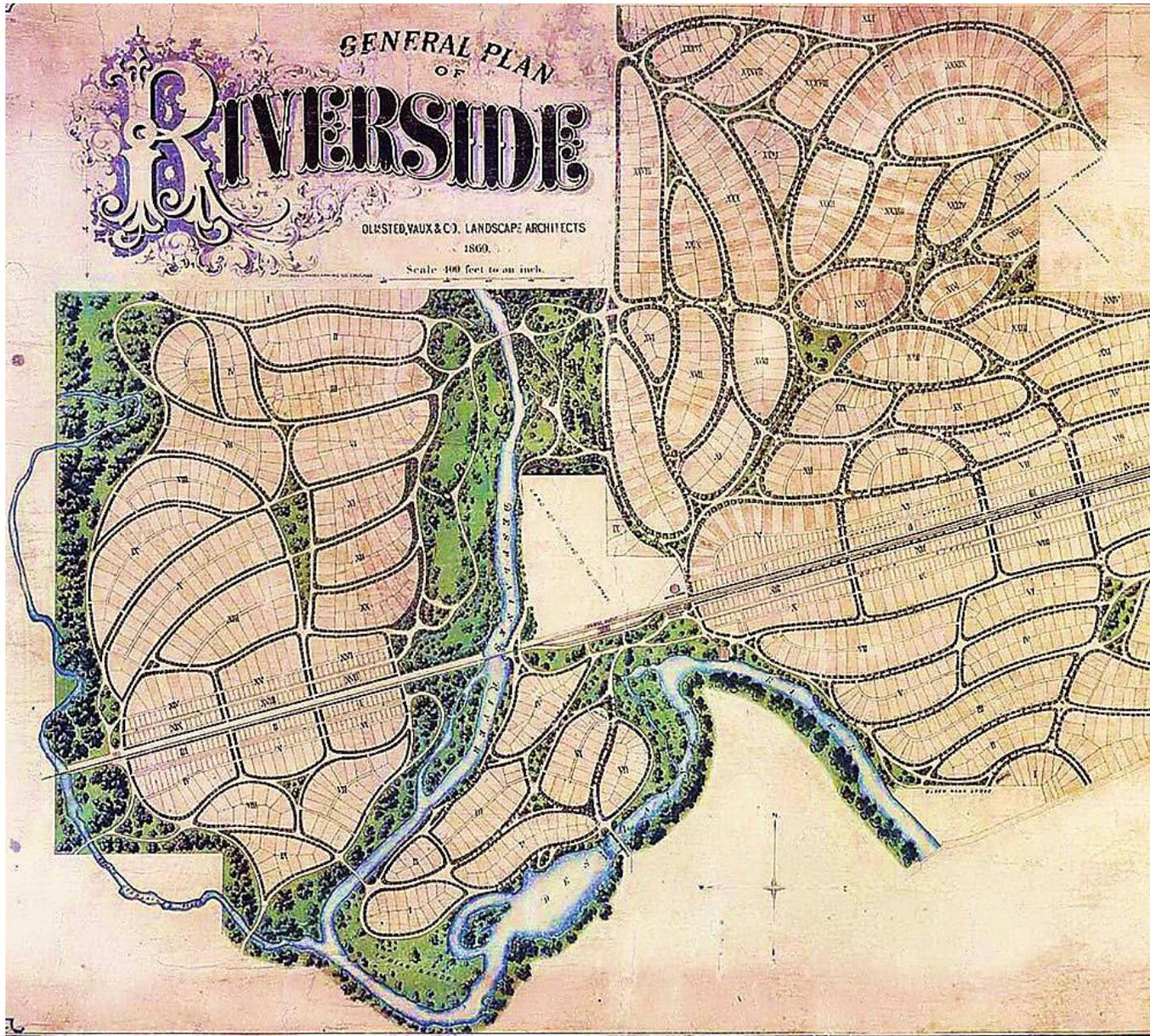
¹² Sobre o qual iremos discorrer mais adiante nesse capítulo.

para efetivar uma setorização na cidade de São Paulo. Seus empreendimentos ajudaram a consolidar uma divisão que fez com que boa parte das regiões sul e oeste da cidade fossem habitadas por classes sociais mais favorecidas do que a população residente em boa parte das regiões norte e leste do município. Além desse fato, Nicolau Sevcenko¹³ observa que – com a conivência do poder público – que lhe cedia infraestrutura e isenção de impostos, bem como o apoio da *Light & Power Company*, que monopolizava o “fornecimento de gás, eletricidade, transportes urbanos, telefone e mais tarde água” (p. 122), a *City* se tornou imensamente poderosa. Basta lembrarmos que, de acordo com Sevcenko, a empresa possuía “por volta de 1912 [...] cerca de 37% de toda a área urbana de São Paulo” (p. 126).

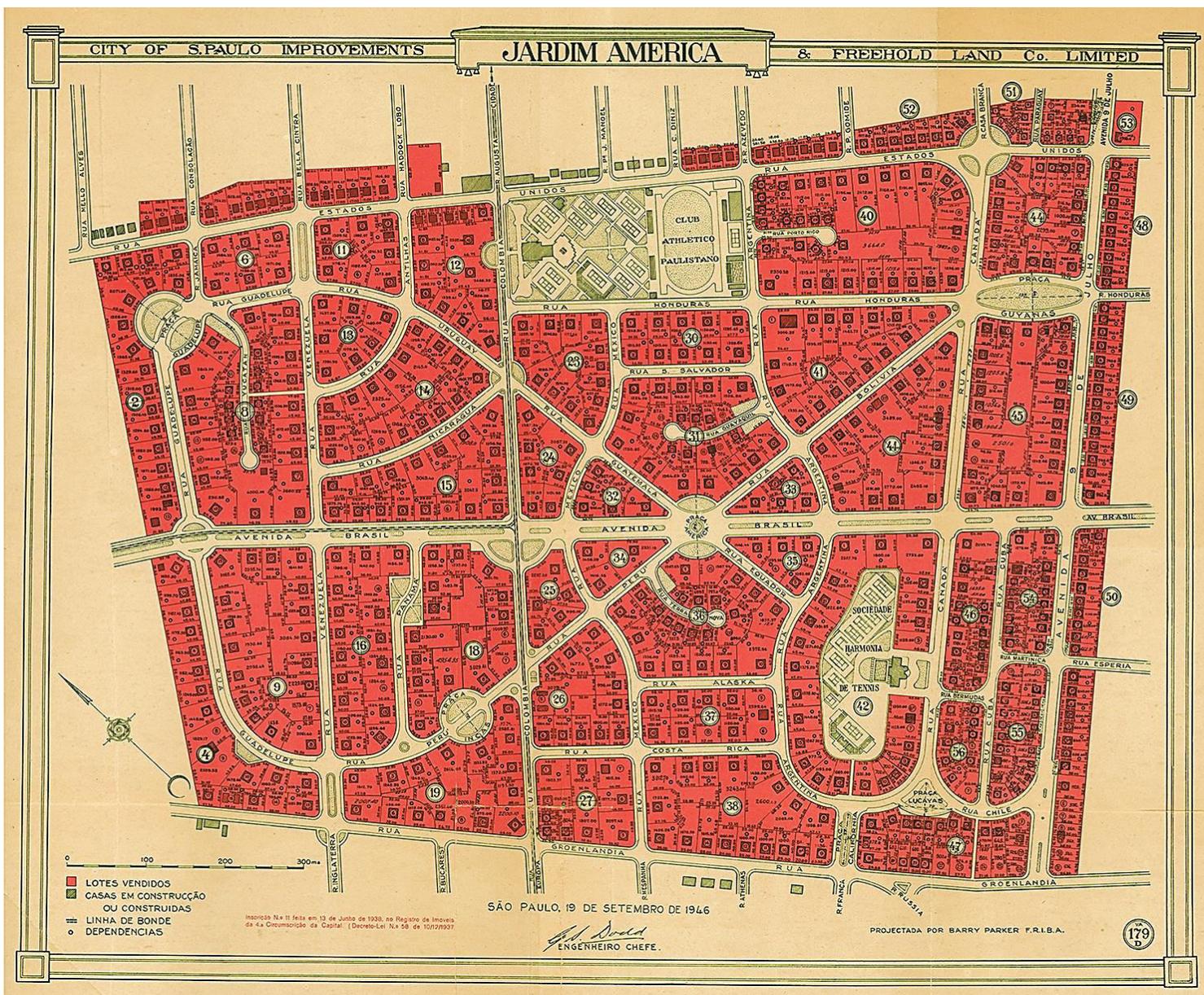
Analisando o tema da distribuição socioespacial da população em Campos do Jordão, constatamos que houve a polarização em torno do eixo central Abernécia-Jaguaribe, como visto anteriormente. Desse modo, a porção à oeste recebeu os sanatórios para tuberculosos, a maioria construídos entre as

décadas de 1920 e 1930. E a partir dos anos 1960, quando começa a gradativa desativação desses estabelecimentos, começam a surgir diversos assentamentos populares na região – regulares ou não. Paralelamente, a porção leste do território (Capivari) foi destinada à maior parte dos hotéis e casas de campo. O Jardim do Embaixador foi, assim, um dos empreendimentos que contribuíram para definir o setor turístico jordanense.

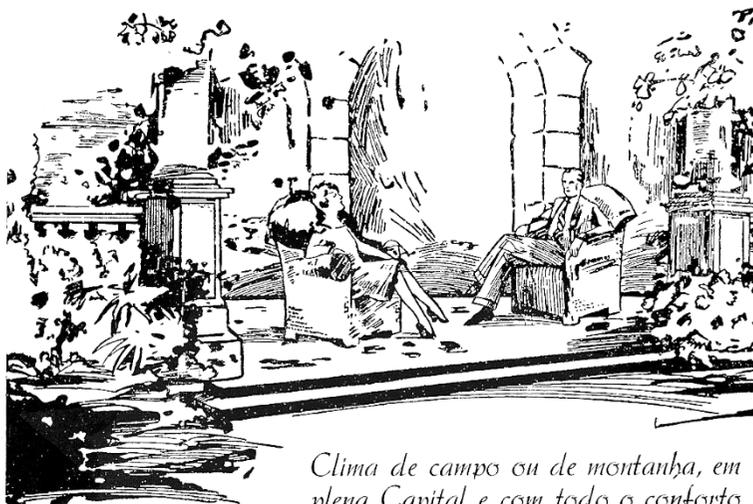
¹³ SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



Mapa A: Planta de Riverside.
Fonte: www.interactive.wttw.com.



Mapa A: Planta do Jardim América.
 Fonte: www.ciacity.com.br.



Clima de campo ou de montanha, em plena Capital e com todo o conforto das grandes cidades, só no

Jardim America

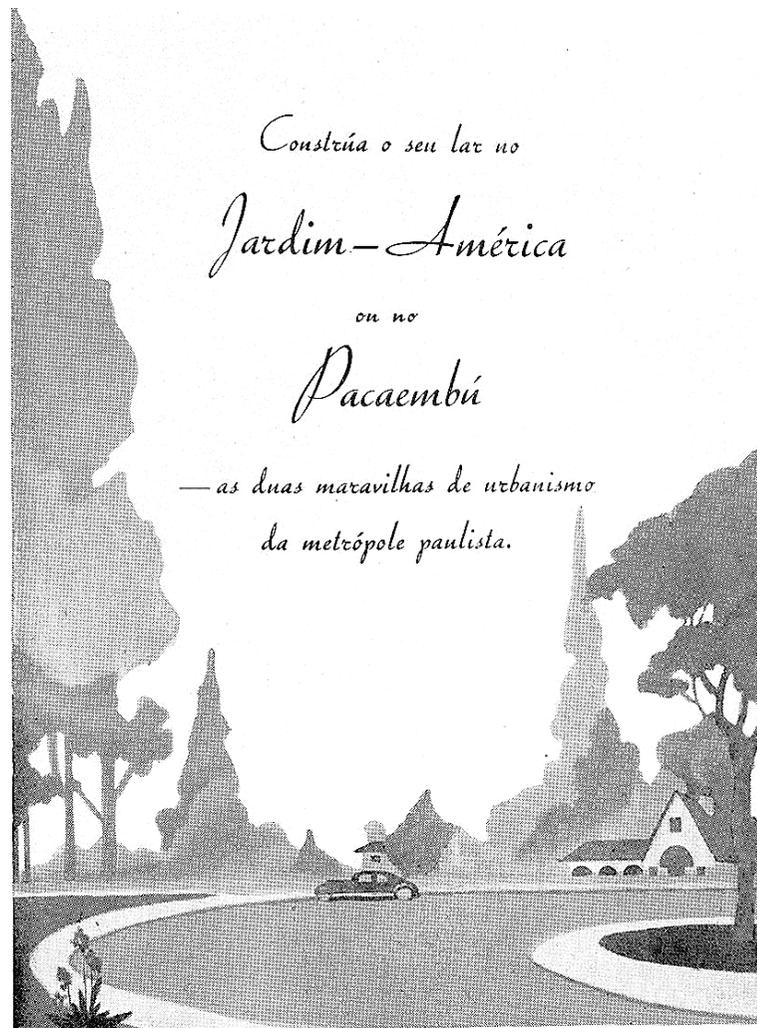
ou no

Pacaembú

— duas maravilhas de urbanismo na metrópole paulistana

Inscrições N.º 11, 14 e 8, em 13-6-938, 23-3-938 e 27-6-938, nos Registros de Imóveis das 4.ª, 2.ª e 5.ª Circunscrições da Capital (Doc-Lit n. 38 de 10-12-937).

COMPANHIA CITY
A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912
89, RUA LIBERO BADARO



Construa o seu lar no

Jardim—America

ou no

Pacaembú

— as duas maravilhas de urbanismo da metrópole paulista.

COMPANHIA CITY
A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912
89, RUA LIBERO BADARO

Insc. N.ºs 8, 11 e 14

Figs. 1 e 2: Propagandas da Companhia City veiculadas entre o fim de 1938 e o início de 1939 (esq.) e no fim de 1943 (dir.). Fonte: Acrópole, mar. 1939, p. 18 e dez. 1943, p. 206.



Fig. 3: Casa na Rua Canadá do Jardim América, 1935.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 19.



Fig. 4: Casa na Rua Chile do Jardim América, 1939.
Fonte: *Acrópole*, mai. 1942, p. 42.



Fig. 5: Casa no Jardim Europa, 1942.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 65.

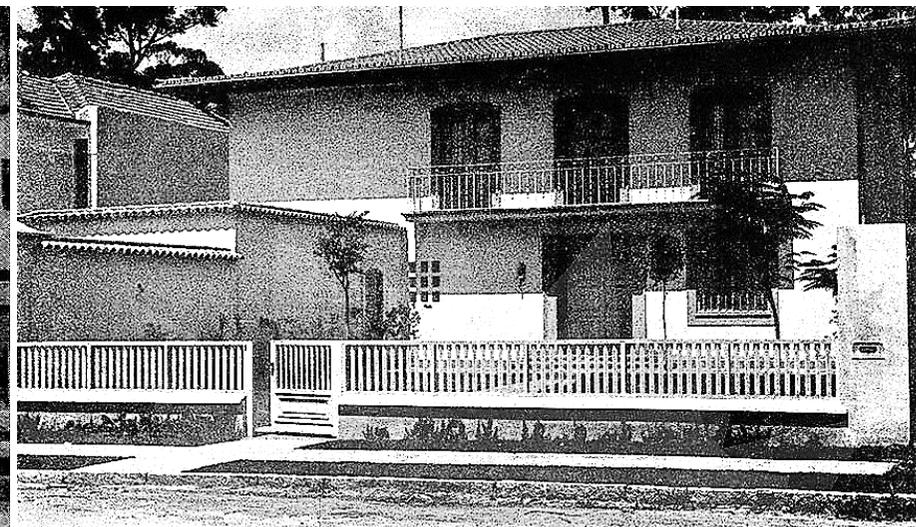


Fig. 6: Casa na Rua Suíça do Jardim Europa, 1943.
Fonte: *Acrópole*, jun. 1943, p. 29.



Fig. 7: Morumbi no início dos anos 1950.
Fonte: Dall'Alba, 2017, p. 91.

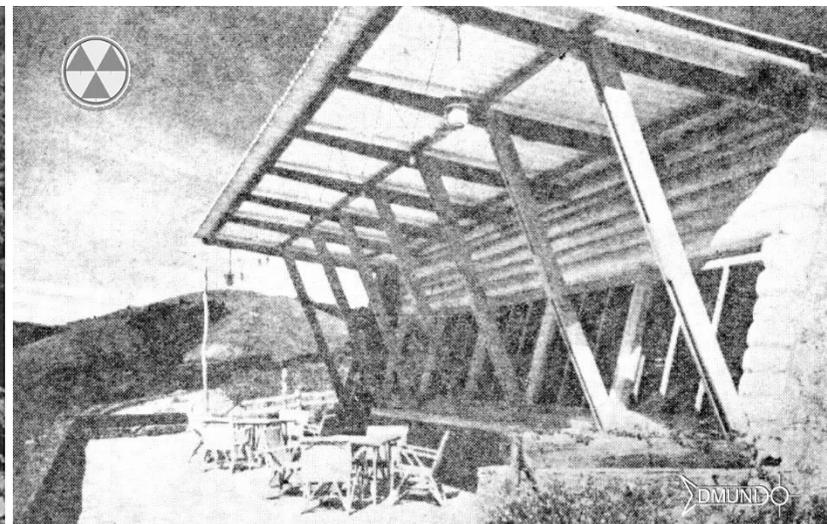


Fig. 8: Restaurante Jardim do Embaixador.
Fonte: Acervo de Edmundo Ferreira da Rocha.



Fig. 9: O Pacaembu em 2014.
Fonte: www.ciacity.com.br.



Fig. 10: Casa Whitaker vista a partir da rua.
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.

2.4 O Jardim do Embaixador

A primeira parte do memorial descritivo de Oswaldo Bratke e Noé Ribeiro¹ – intitulada *situação e área* – descreve o relevo e a vegetação pré-existente na região do atual Jardim do Embaixador, conforme citado anteriormente, informando também que “há, na parte mais alta, dentro da gleba [...] uma nascente [d’água] em pedra”². Os autores mencionam ainda que “o imóvel em questão tem uma área de 562182 [m² e] dista 1311,6 metros da torre da Igreja Matriz de Capivari” (p. 1). O plano de loteamento (mapa A, p. 88) dividiu a região do *Córrego do Homem Morto* (fig. 1) em 160 terrenos com áreas variando entre 857 e 7880 m², sendo o valor médio 1612 m². O item dois do memorial, *plano de arruamento*, explica que as ruas “acompanham tanto quanto possível as curvas de nível de modo a se evitar ladeiras muito íngremes, obtendo-se,

¹ BRATKE, O. A; RIBEIRO, N. **Memorial descritivo do plano de urbanização da gleba de terreno conhecida como Homem Morto, em Campos do Jordão**. São Paulo: Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., 1944. Uma cópia se encontra em anexo ao final desse trabalho.

destarte, o máximo efeito paisagista” (p. 2). Foram escolhidos nomes de árvores para os logradouros.

A *Rua Araucária*, atualmente denominada Avenida Pedro Paulo, se encontra nas cotas superiores do terreno e conecta o extremo sul do bairro às áreas mais centrais da cidade (os bairros Capivari, Jaguaribe e Abernécia). Em seu ponto mais alto ficava a casa do arquiteto (fig. 2), demolida em 2011, que marcava o início do loteamento. E em seu ponto mais baixo se localizava o restaurante (fig. 3) que era o centro geográfico e social do bairro. Atualmente, o ponto mais alto da Avenida Pedro Paulo é ocupado pelos restaurantes Krokodillo e Avestruz, que pertencem à uma mesma rede local.

A *Rua Jacarandá* corta todo o loteamento no sentido leste-oeste e o une à outras áreas residenciais de Campos do Jordão. A oeste, a via é atualmente denominada Avenida Dr. José Mestres e conduz ao Vale da Água Santa – sede da empresa Minalba³ –

² Nos mapas do loteamento que apresentaremos a seguir, uma área de 3512 m² destinada à “proteção do manancial d’água” (BRATKE e RIBEIRO, 1944, p. 2) será indicada com as letras N.A.

³ A Minalba faz a captação, o engarrafamento e a distribuição (principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro) da água mineral que jorra da Fonte da Água Santa.

próximo à divisa municipal com o estado de Minas Gerais. A leste, a Rua Jacarandá serve de ligação com os bairros Vêu da Noiva (um condomínio fechado), Lagoinha (mapa B), Descansópolis e Rancho Alegre. Hoje em dia esse trecho da via também recebe a denominação de Avenida Pedro Paulo. Próximo à divisa com o condomínio Vêu da Noiva, mas ainda dentro do Jardim do Embaixador, se encontra nesse logradouro o Restaurante Harry Pisek. Esse estabelecimento e o Restaurante Krokodillo marcam o início de uma espécie de roteiro gastronômico – do qual o Restaurante Jardim do Embaixador certamente foi o precursor – que engloba diversos estabelecimentos distribuídos pela Avenida Pedro Paulo, que vai do bairro de Bratke até a entrada do Horto Florestal (fig. 4).

Com exceção dessas duas vias principais, todas as demais foram idealizadas como ruas de menor porte e sem saída, acentuando o caráter restritivo desse bairro suburbano. A quarta parte do memorial descritivo de Bratke e Ribeiro, *normas técnicas*, descreve algumas características das vias:

a) largura das avenidas de penetração [Araucária e Jacarandá]: 14 m (já prevendo gabarito duplo carroçável); b) largura das ruas: 9 m; c) rampas: na sua maior parte abaixo de 8% para as avenidas de

penetração, e as demais com inclinação adequada ao escoamento de águas pluviais [que conforme o item cinco do memorial serão escoadas] pelo Ribeirão do Homem Morto (BRATKE e RIBEIRO, 1944, p. 2).

As *Ruas Nogueira* (fig. 5) e *Sucupira* (fig. 6) foram as preferidas dos primeiros moradores, concentrando juntas metade das 24 construções mais antigas. A escolha foi certamente favorecida pelo fato boa parte de seus terrenos serem menos acidentados que em outros pontos do bairro, pela localização em cotas superiores – possibilitando vistas interessantes – e pela proximidade com o restaurante. A *Rua Cabreúva*, junto com as ruas Araucária e Jacarandá, define a quadra onde ficava o Restaurante Jardim do Embaixador (fig. 7). A respeito dessa quadra é curioso notar que, na terceira parte do memorial, *zoneamento*, está escrito que “foi prevista uma grande área para o centro comercial, com 3955 m², no qual serão instaladas as lojas necessárias ao conforto dos habitantes locais, organizações esportivas, sociais, etc.”. Na prática, no local estava previsto a construção de uma pensão, ideia preterida pela instalação do restaurante. Conectada à Rua Cabreúva fica a *Rua Caviúna*, em uma cota intermediária do

terreno, mas ainda próxima ao centro do loteamento e com boas visadas da paisagem circundante.

Através dos registros da prefeitura municipal, constatamos que a primeira ocupação se deu entre meados dos anos 1940 e meados dos anos 1950, em todas as ruas citadas anteriormente. Apenas entre o fim da década de 1950 e a década de 1960 as demais vias passam receber construções. É o caso da *Rua Alecrim*, localizada nas cotas inferiores à leste, que possui apenas uma edificação da primeira fase de ocupação. No ponto de conexão dessa via com a Rua Jacarandá se localizam atualmente dois estabelecimentos hoteleiros, a Pousada da Pedra e o Hotel Pousada Vale Verde. As *Ruas Cedro e Embuia* (essa última também denominada Rua Particular, embora não haja nenhuma restrição ao livre acesso) se localizam em cotas intermediárias e possuem somente uso residencial, bem como a *Rua Embaúba*, situada nas cotas inferiores à oeste. No cruzamento da Rua Cedro com a Avenida Pedro Paulo fica a Pousada D'lines.

As *Ruas Canela e Ipê*, duas das menores do loteamento (mapa C) – se tornaram vias de uso privativo – ou seja, foram anexadas aos terrenos por ela servidos, que podem ter sido comprados por um mesmo proprietário. A *Rua Faveiro* (também denominada Rua José Pereira) – originalmente sem saída, foi prolongada até o início da Avenida Pedro Paulo, junto aos restaurantes Krokodillo e Avestruz. Nesse ponto atualmente se inicia também a antiga *Rua Angico* (atualmente denominada Rua Dr. Dorival Rodrigues ou Rua A da Vila Sylvia), rota pré-existente que tangencia o Jardim do Embaixador e a ele foi incorporada, ligando o bairro vizinho – a Vila Sylvia – ao Recanto Feliz.

Ao comentar o plano de urbanização do Jardim do Embaixador em sua dissertação, Anderson Dall'Alba⁴ fez duas observações interessantes. A primeira é a constatação de que Bratke adotou “no plano de urbanização do Paineiras do Morumbi” (mapa D), primeiro bairro naquele distrito paulistano, os mesmos “princípios pitorescos de traçado, em concordância com o relevo

⁴ DALL'ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

natural, empregados no desenho do Jardim do embaixador, embora minimize as vias terminadas em *cul-de-sac*⁵ (p. 195). Já no “setor destinado aos chefes” das vilas Serra do Navio e Amazonas (1955-1960, mapa E), como analisou Telma de Barros Correia⁶, havia “uma maior proporção de áreas verdes e algumas vias internas em *cul-de-sac*” (p. 137) – revelando que Bratke incorporou na concepção das vizinhanças destinadas aos *hierarquicamente superiores* da mineradora ICOMI, no Amapá, algumas características dos bairros-jardins que havia criado para sua *privilegiada clientela* no estado de São Paulo.

A segunda observação de Dall’Alba é a semelhança entre “o plano de Bratke para o Jardim do Embaixador” e a “urbanização de Villa Serrana (1946-1947), que foi concebida como um destino turístico em meio à natureza rural do interior do Uruguai” (p. 56), projeto do arquiteto Júlio Vilamajó (1894-1948)⁷. De fato, o Jardim

⁵ Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* um *cul-de-sac*, termo de origem francesa, é um “final de rua sem saída, com uma área maior e geralmente arredondada, para a manobra de veículos”.

⁶ CORREIA, T. B. Bratke e o projeto civilizatório da ICOMI. In: *Pós*, v. 19, n. 31, jun. 2012, p. 132-45.

⁷ Segundo Cláudia Piantá Costa Cabral (2014, p. 262), “Vilamajó teve uma formação acadêmica [...] assim como foi acadêmica uma parte importante de sua prática arquitetônica, até que se definiu por uma posição moderna. Quando assumiu o encargo de Villa Serrana, Vilamajó era autor de uma extensa obra

do Embaixador surge em condições muito parecidas às que Cláudia Cabral⁸ nota em Villa Serrana (fig. 8):

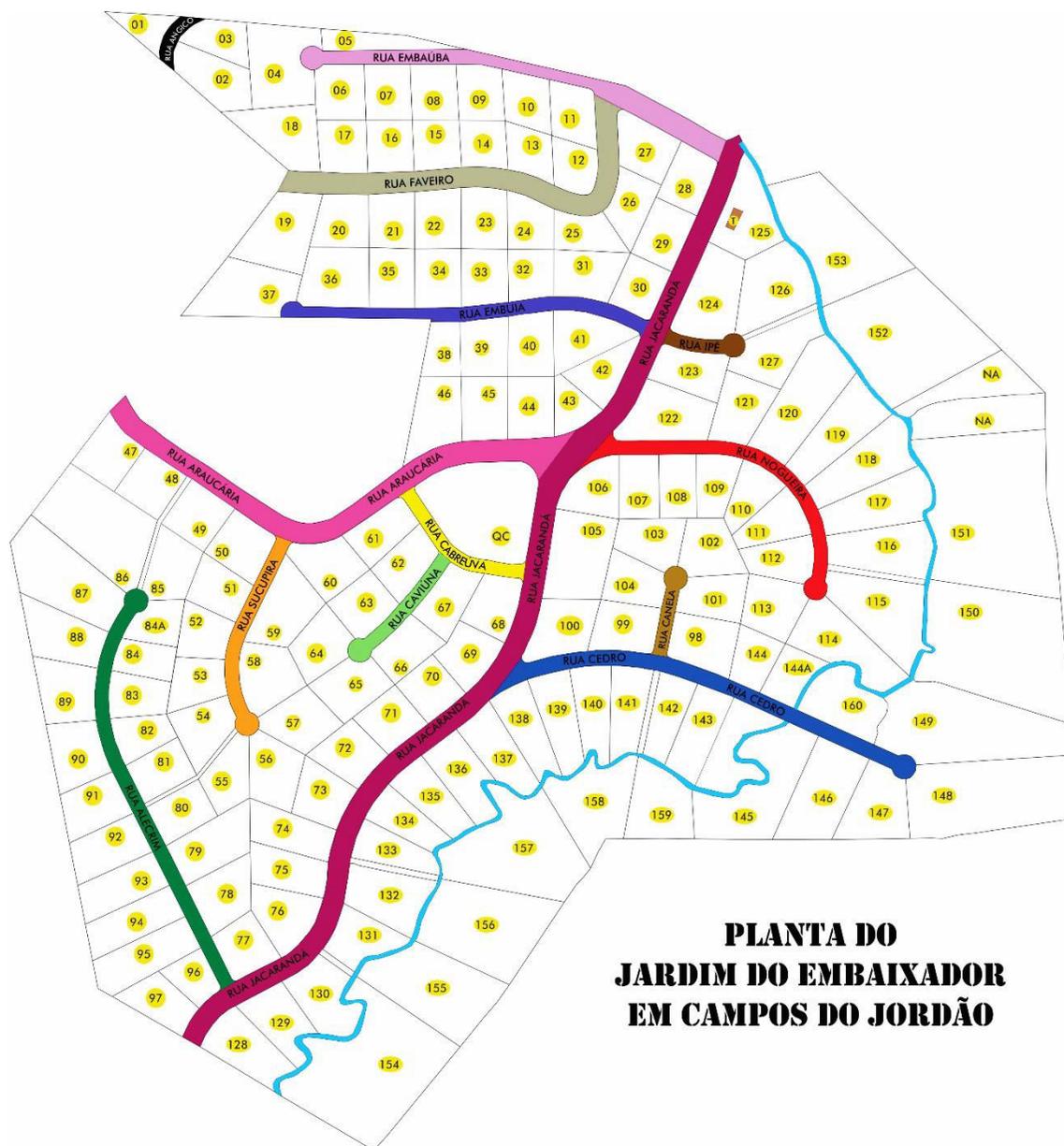
Moderna como operação econômica, em tanto que provocada por modos de vida urbanos que conduziam ao desejo de retornar à natureza perdida, bem como porque dependente de certa capacidade de movimento civilizada, da disponibilidade de estradas e automóveis, e do interesse do capital imobiliário em mover-se para fora da cidade (CABRAL, 2014, p. 265).

Ambos os empreendimentos se concretizam num momento em que a atividade turística está em expansão e é beneficiada por incentivos estatais no Brasil e no Uruguai. A clientela privada que encomenda os planos aos arquitetos é muito similar: a *Villa Serrana S.A* contrata Vilamajó no final de 1945, enquanto que a *Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda.*, de Bratke e seus sócios é fundada dois anos antes. Até mesmo alguns detalhes, como as vias com nomes de árvores existem nas duas

arquitetônica em que se destacavam a Faculdade de Engenharia (1942) e sua própria casa (1930) em Montevideo. Villa Serrana está entre seus últimos trabalhos, realizados em paralelo com a atuação como consultor para o edifício da Organização das Nações Unidas em New York, ao lado de Le Corbusier e Oscar Niemeyer”.

⁸ CABRAL, C. P. C. Na natureza agreste: a proposta de Julio Vilamajó para Villa Serrana, Uruguai, 1946-1947. In: SOUZA, C. F. **Ideias em circulação na construção das cidades**. Porto Alegre: Marcavizual, PROPUR-PROPAR/UFRGS, 2014, p. 261-285.

propostas. Outras semelhanças ainda serão apontadas ao longo de nosso trabalho. Apresentaremos a seguir, as edificações pensadas para serem o *núcleo* do Jardim do Embaixador, situadas na quadra central do empreendimento: a pensão, que não chegou a ser construída, e o restaurante, que foi efetivamente executado.



Mapa A: Redesenho do plano de urbanização do Jardim do Embaixador, com destaque para as ruas.
 Fonte: Redesenhado e adaptado por Marcelo Leite e Rosa Amaral com base em cópia fornecida pelo escritório de topografia de Carlos Wagner em 2017. O original é intitulado: *Planta do Jardim do Embaixador em Campos do Jordão* e data de 1954. Uma cópia do original se encontra em anexo ao final desse trabalho.



Fig. 1: Vista do Córrego do Homem Morto, com ponte de acesso à nascente de água citada por Bratke em seu memorial. Fonte: Acervo de Anna Galvão.



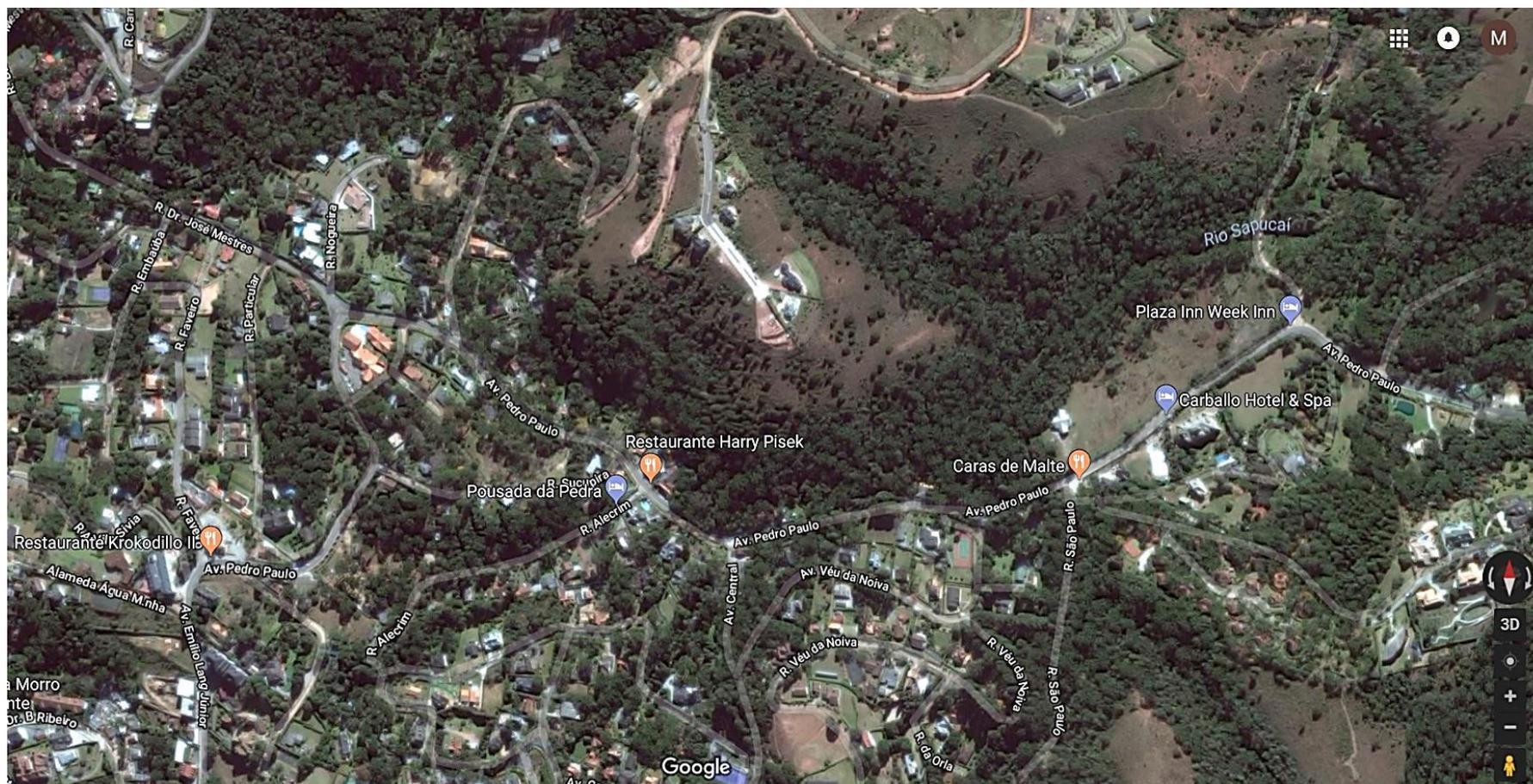
Fig. 2: Casa Oswaldo Bratke. Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.



Fig. 3: Restaurante Jardim do Embaixador. Fonte: Acervo de Edmundo Ferreira da Rocha.



Fig. 4: Vista do Horto Florestal de Campos do Jordão. Fonte: www.acimadasnuvens.webnode.com.br.



Mapa B: Vista dos bairros Recanto Feliz, Jardim do Embaixador, Vêu da Noiva e Lagoinha. Nesse mapa:
 O Recanto Feliz se localiza ao longo da Av. Emílio Lang Júnior, que vai até o Restaurante Krokodillo.
 O Jardim do Embaixador se localiza ao longo da Av. Pedro Paulo, entre os restaurantes Krokodillo e Harry Pisek.
 O Condomínio Vêu da Noiva é acessado pela Av. Pedro Paulo, entre os restaurantes Harry Pisek e Caras de Malte.
 A Lagoinha se localiza ao longo da Av. Pedro Paulo, após o Restaurante Caras de Malte.
 Fonte: www.google.com.br/maps, imagem de 2018.



Fig. 5: Trecho final da Rua Nogueira: Casa Teixeira de Barros (esq.), Casa Adhemar de Campos (fundo) e terreno da Casa Paschoal Scavone (dir.).
Fonte: www.google.com.br/streetview, imagem de ago. 2017.



Fig. 6: Trecho inicial da Rua Sucupira: cerca viva da Casa Oscar Americano (esq.) e Casa Noé Ribeiro (dir.).
Fonte: www.google.com.br/streetview, imagem de ago. 2017.



Fig. 7: Parte baixa da Avenida Pedro Paulo (antiga Rua Araucária): Casa Whitaker (esq.) e quadra central onde se localizava o restaurante (dir.).
Fonte: www.google.com.br/streetview, imagem de ago. 2017.

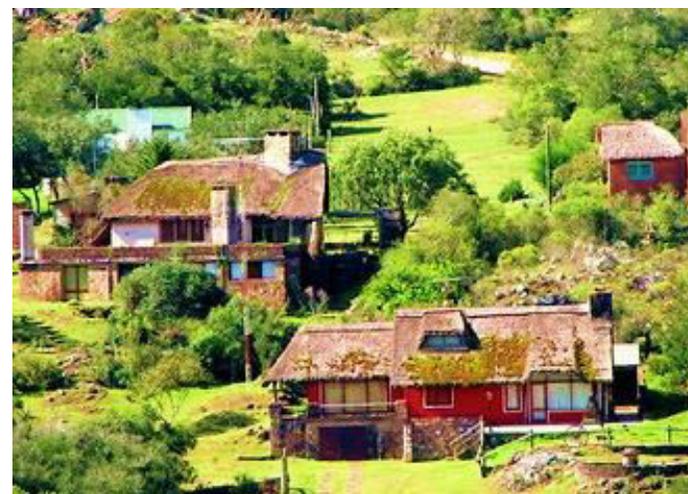
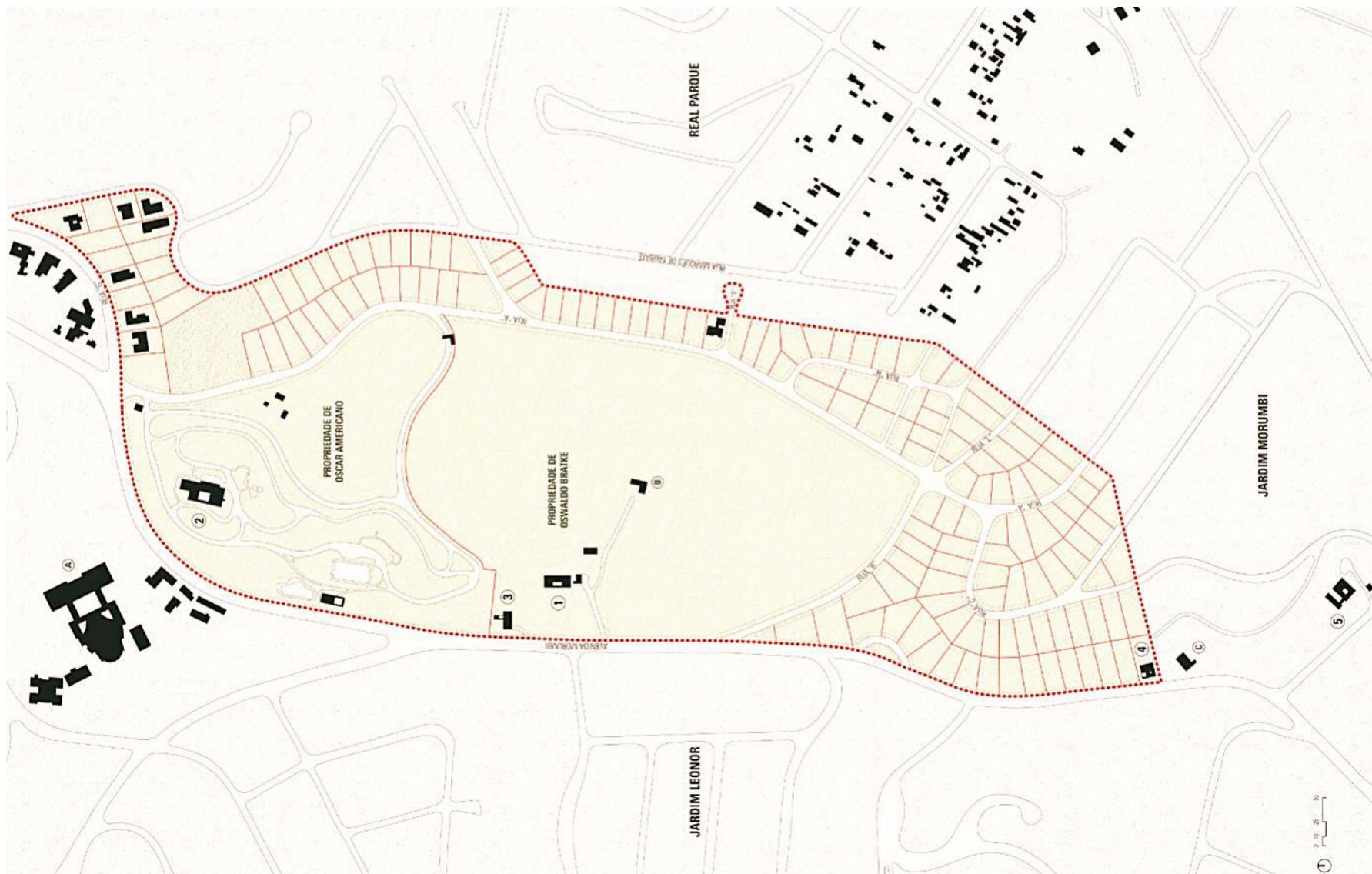


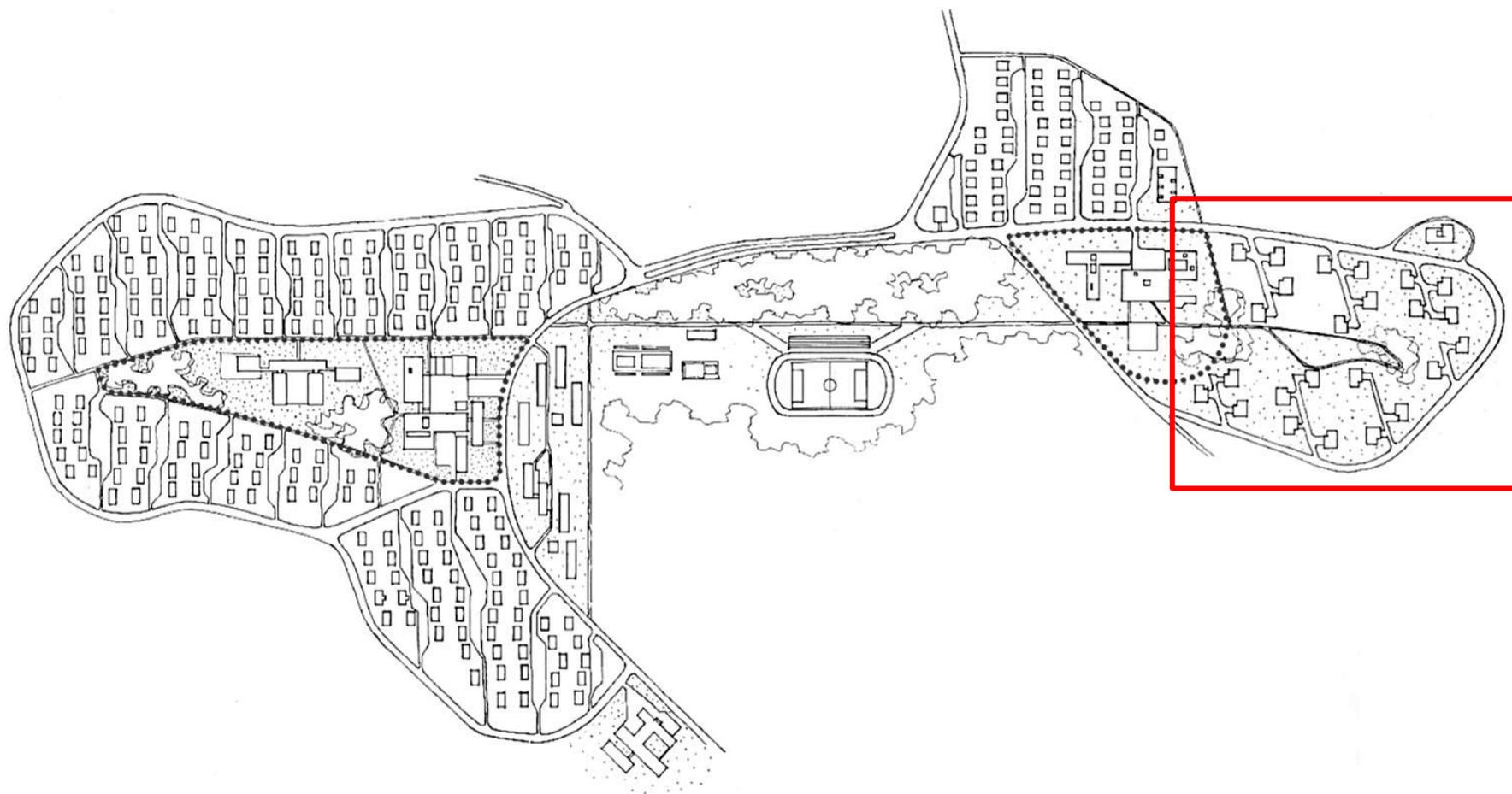
Fig. 8: Residências em Villa Serrana.
Fonte: www.eidlavalleja.weebly.com.



Mapa C: Jardim do Embaixador com destaque às ruas privadas.
Fonte: Adaptado pelo autor com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.



Mapa D: Bairro Paineiras do Morumbi situado sobre suas imediações no ano de 1954.
Fonte: Dall'Alba, 2017, p. 86.



Mapa E: Plano de urbanização de Serra do Navio, com o destaque para o setor de habitações para funcionários graduados.
Fonte: Dall'Alba, 2017, p. 96.

2.5 A pensão não construída

Durante nossas pesquisas, encontramos três conjuntos de desenhos técnicos *inéditos* referentes a edificações no Jardim do Embaixador, os quais serão mostrados ao longo do trabalho. Infelizmente, o número não pôde ser maior devido ao fato de Bratke não ter deixado um registro documental e visual completo de sua obra. Pelo contrário, conservou para si somente algumas anotações e projetos como lembranças pessoais, e distribuiu a maior parte para os antigos clientes, quando do fechamento de seu escritório, por volta de 1965.

No caso do Jardim do Embaixador, não conseguimos entrar em contato com quase nenhuma das primeiras famílias que ocuparam o bairro. Decorridos mais de setenta anos da construção das residências, a grande maioria já mudou de proprietário e como se tratam de casas de campo, nosso contato foi feito quase exclusivamente com *caseiros* – funcionários responsáveis pelos imóveis na ausência de seus donos.

Nessa situação, os projetos encontrados foram obtidos no arquivo de projetos da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão – órgão que lamentavelmente também teve parte do acervo dilapidado ao longo do tempo, impossibilitando a descoberta de informações sobre um número mais expressivo de edificações.

O primeiro desses projetos que apresentaremos é o da Pensão Jardim do Embaixador (figs. 1 a 3, p. 98)¹, que por motivos desconhecidos, não foi construída. Foram encontradas as plantas baixas, os cortes e a fachada frontal da obra, que até então era conhecida apenas pela perspectiva, publicada em *Acrópole* em maio de 1944 sob o título genérico de *estudo para casa de campo em Campos do Jordão*. O projeto previa implantação que aproveitava a inclinação natural do terreno e reduzia movimentos de terra, algo comum na carreira de Bratke e presente em várias das residências concebidas por ele no bairro.

O térreo (fig. 4) – onde ficariam a recepção, o salão de jantar, uma área de estar com lareira, a cozinha e os alojamentos de funcionários – tinha paredes revestidas em pedra (bem como

¹ BRATKE, O. A. **Projeto para uma pensão na Zona Homem Morto**. São Paulo: Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., 1944.

as chaminés), com janelas que se abriam para o norte (aproveitando, assim, a maior insolação) em direção a um vale com magnífica vista. Os dois pisos superiores (fig. 5), onde estariam os apartamentos (onze por andar), tinham paredes transversais em tijolo – provavelmente com função estrutural – enquanto as paredes longitudinais eram em madeira, mesmo material dos decks existentes nos quartos voltados para o vale. Coroando o conjunto, haveria uma cobertura em duas águas desencontradas (sem cumeeira) em telhas de fibrocimento, com beirais amplos.

Maria Lúcia Bressan Pinheiro², que estudou de forma detalhada as publicações de arquitetos paulistas em *Acrópole* durante as décadas de 1930 e 1940, fez considerações pontuais sobre a perspectiva para essa pensão. Segundo ela:

O projeto tem certas afinidades com os projetos de hotéis realizados por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa naqueles anos: *implantação em meia-encosta, grandes águas e amplas varandas, uso de pedras no embasamento e chaminés* (PINHEIRO, 1997, fig. 131, grifo nosso).

² PINHEIRO, M. L. B. **Modernizada ou moderna?** A arquitetura em São Paulo: 1938-1945. 1997. 365 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

³ CAVALCANTI, L. **Quando o Brasil era moderno:** guia de arquitetura, 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

De fato, essas três obras (figs. 6 a 8) compartilham de uma volumetria predominantemente longitudinal e do uso de materiais tradicionais. São ainda tentativas responder, de formas similares, “algumas das questões-chave da época” na visão de Lauro Cavalcanti³:

Dialética entre *futuro e passado*, casamento de técnicas *industriais e artesanais*, integração com a *natureza*, a busca de uma ponte entre *rusticidade e sofisticação* em uma *interpretação brasileira* da linguagem internacional (CAVALCANTI, 2001, p. 189-190, grifos nossos).

Da mesma forma que a proposta de Bratke, o Park Hotel São Clemente é “modesto em tamanho, mas destinado a uma clientela rica que ali viesse descansar”, aproveita a “melhor vista da paisagem” e demonstra as “possibilidades de uma arquitetura contemporânea livre de todo complexo ou preconceito em relação ao passado”, conforme comenta Yves Bruand (p. 132)⁴.

Também localizado na Serra da Mantiqueira, mas na cidade de Nova Friburgo-RJ, o Park Hotel de Lúcio Costa foi concebido

⁴ BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Tese de doutorado finalizada em 1973 e publicada no Brasil pela primeira vez em 1981.

quase simultaneamente ao projeto de Bratke para Campos do Jordão. Tanto a pensão paulista quanto o hotel fluminense estavam relacionados com empreendimentos imobiliários destinados às classes abastadas do Rio de Janeiro e de São Paulo: o de Costa, com o loteamento Cidade Jardim Parque São Clemente, propriedade da família Guinle; e o de Bratke, com o loteamento Jardim do Embaixador, propriedade da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. As duas obras se preocupam em “passar a imagem de lazer sofisticado, mas informal”, conforme explica Carlos Eduardo Dias Comas⁵.

O uso de madeira, pedra e tijolo pode ser explicado tanto pela facilidade – à época – de se obter esse tipo de matéria-prima em Campos do Jordão ou Nova Friburgo⁶, quanto pela relação com um *imaginário turístico de montanha*. Afinal o turismo estava em franca ascensão naquelas cidades nos anos 1940, e os materiais

⁵ COMAS, C. E. D. Arquitetura moderna, estilo campestre. Hotel, Parque São Clemente. In: **Arquitextos**, n. 123.00, ago. 2010.

⁶ Naquele tempo ainda não haviam legislações ambientais que restringissem a obtenção de madeira através do corte de árvores nativas ou a operação de pedreiras. Com relação ao tijolo e às telhas usados por Costa, Comas afirma que “a Cerâmica Parque São Clemente, de propriedade dos loteadores, [podia] abastecer o bairro com toda sorte de produtos cerâmicos”. Bratke, por sua vez, pode ter usado tijolos das olarias do Vale do Paraíba, que subiam a serra (com outros materiais) nos vagões de carga da ferrovia jordanense.

naturais eram uma forma dos construtores se adequarem a um *estilo montanhês, de cunho marcadamente campestre*⁷.

A Pensão Jardim do Embaixador, contudo, jamais saiu do papel. A Sociedade de Imóveis e Melhoramentos pode ter desistido da execução devido ao considerável número de pensões existentes na cidade, além de dois luxuosos hotéis⁸, com outros três em projeto ou construção⁹. Bratke optou – ao invés de mais uma pensão – por construir um restaurante em seu bairro. Assim, além de instalar um programa que era mais *inédito* naquele momento na estância turística em formação, também conseguiu criar uma edificação térrea na quadra central do Jardim do Embaixador – mais *harmônica* com as pequenas casas de campo construídas no loteamento (fig. 9).

⁷ Tais expressões aparecem na legislação de Nova Friburgo, na época do projeto do Park Hotel São Clemente, conforme analisado por Comas. Não encontramos informações que garantam a existência de algum código de obras ou documento similar na Campos do Jordão da década de 1940 que impusesse, da mesma forma que no caso friburguense, alguma linguagem estética para as edificações. Mas é claro que o imaginário de montanha já impregnava diversas construções na cidade naquele período, mesmo que fosse uma diretriz *oficial*.

⁸ O Toriba e o Grande Hotel Cassino de Campos do Jordão.

⁹ O Hotel dos Lagos, o Rancho Alegre e o Vila Inglesa.

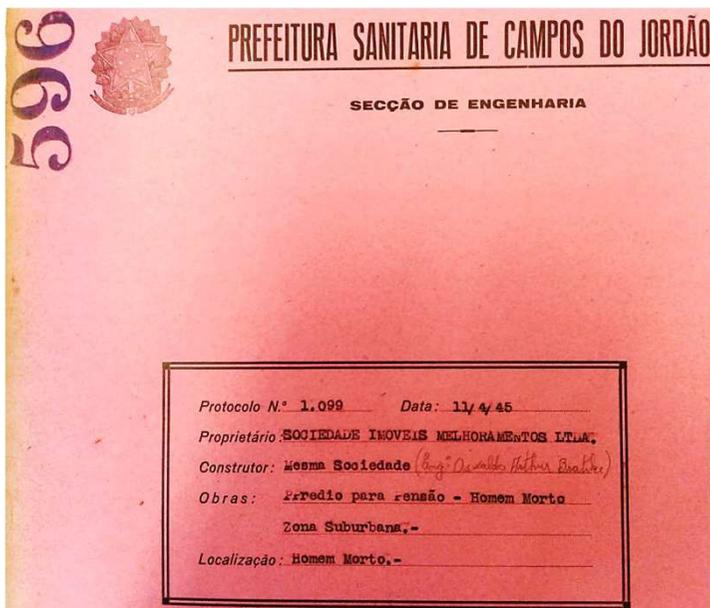


Fig.1: Capa da pasta com o projeto da pensão.
 Fonte: Acervo da Prefeitura de Campos do Jordão.

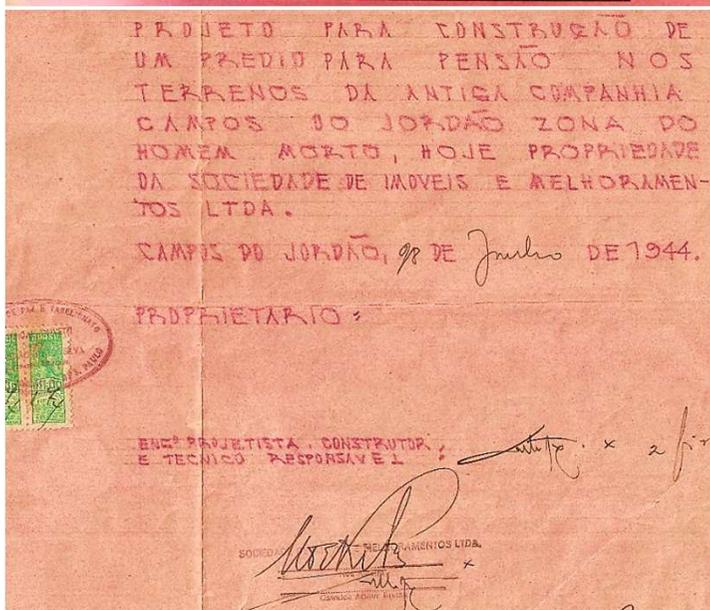


Fig. 2: Rótulo do projeto da pensão.
 Fonte: Acervo Prefeitura de Campos do Jordão.

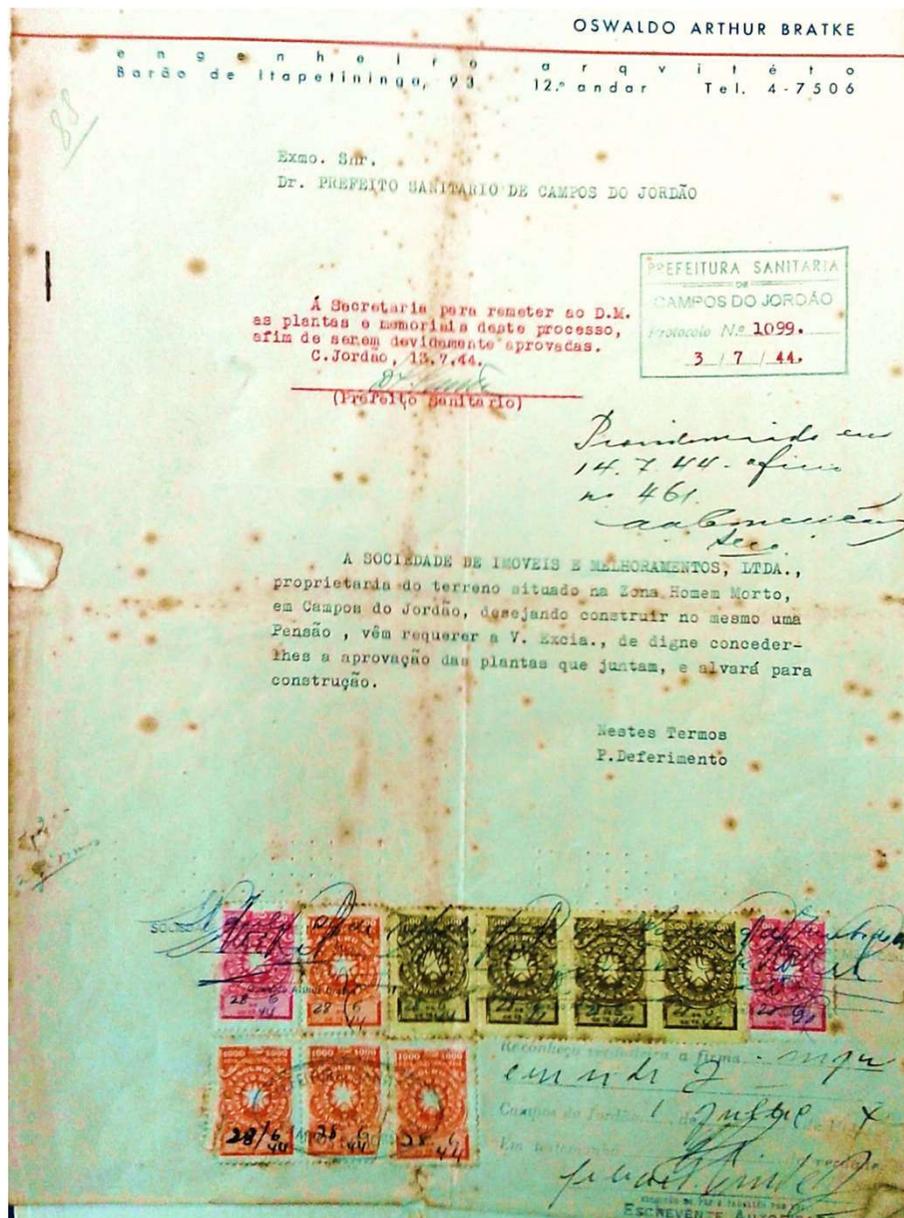


Fig. 3: Requerimento solicitando a aprovação do projeto.
 Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

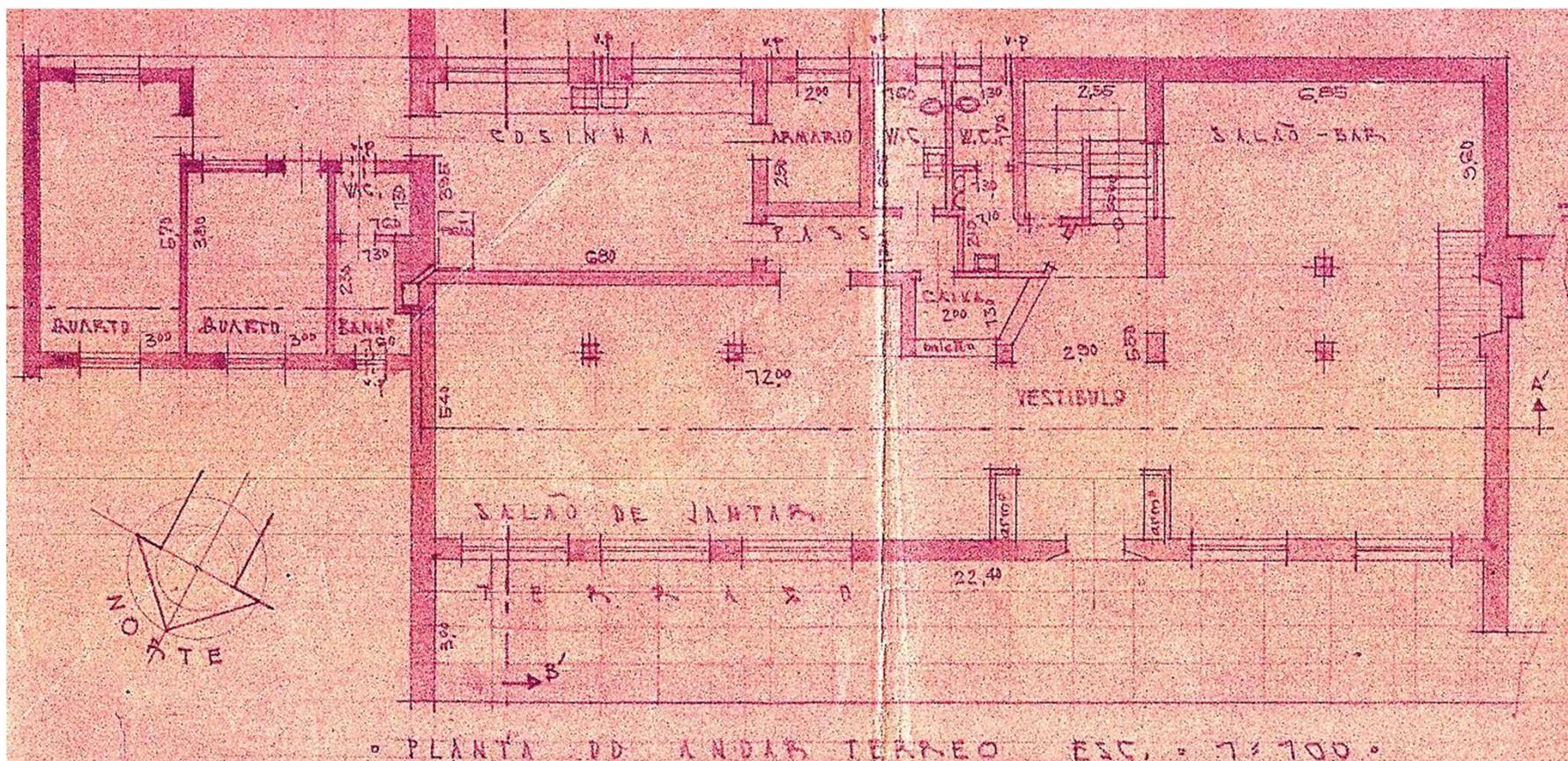


Fig. 4: Planta baixa do pavimento térreo da pensão.

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

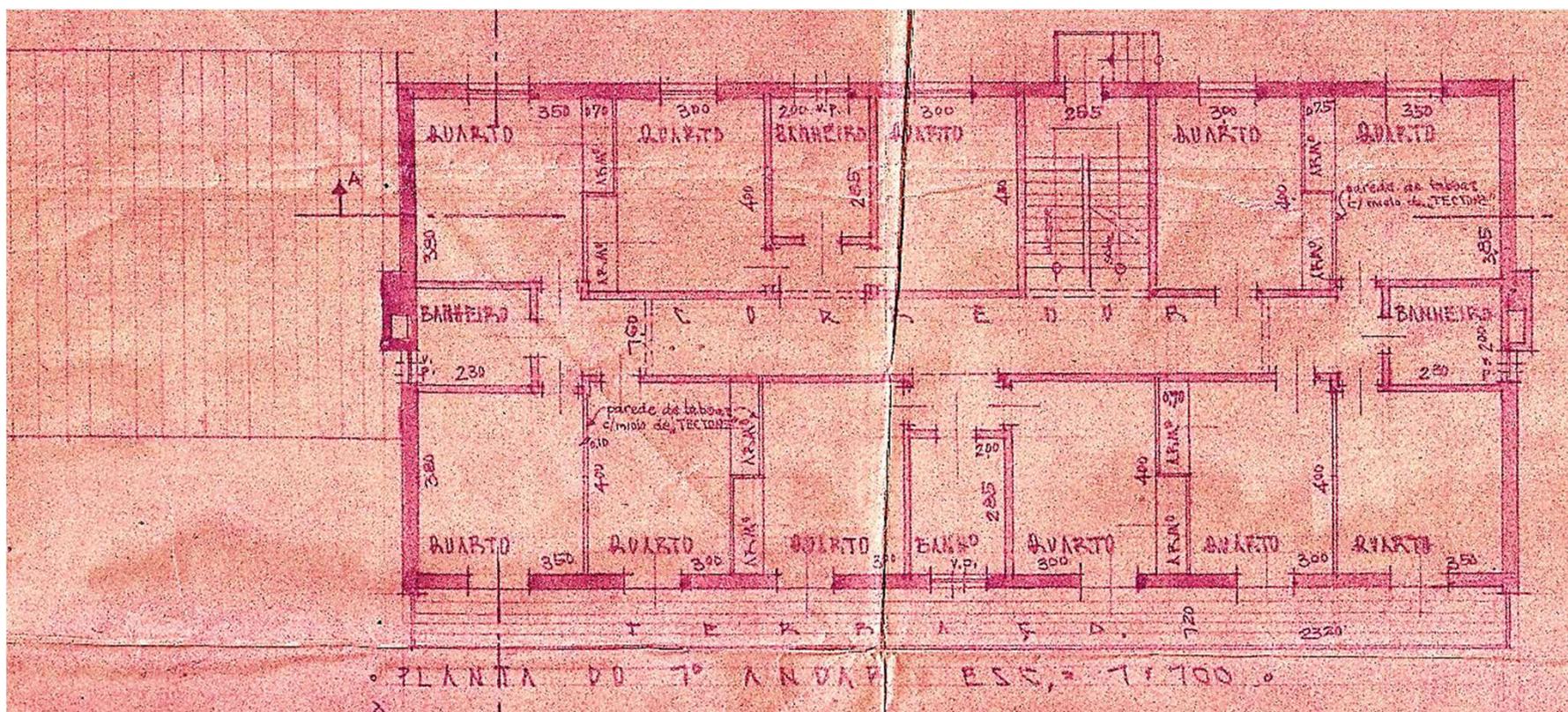


Fig. 5: Planta baixa do pavimento-tipo dos apartamentos.
 Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

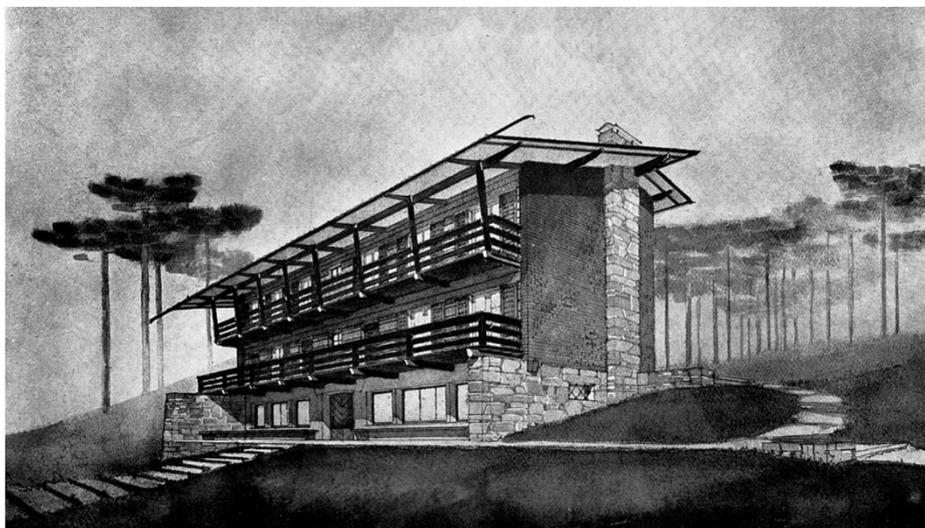


Fig. 6: Perspectiva da pensão.
Fonte: *Acrópole*, mai. 1944, p. 25.



Fig. 7: Park Hotel São Clemente.
Fonte: www.archdaily.com.br.



Fig. 8: Grande Hotel de Ouro Preto.
Fonte: Acervo de Sérgio Melo.



Fig. 9: Jardim do Embaixador nos anos 1950, com o restaurante no centro da foto, próximo à mata de araucárias. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

2.6 O restaurante coração do bairro

Conforme Natália Yunis¹, na primeira metade do século XX, “a massificação do turismo e o acesso às férias remuneradas exigia da arquitetura a criação de novas tipologias” que fossem capazes de acolher os novos programas, ao mesmo tempo em que adotassem “uma estética representativa da era moderna que estava sendo vivida”. Entre essas novas tipologias sem dúvida estava a do restaurante *moderno e despojado*, que segundo Pierluigi Serraino² eram instalações que explicitavam uma “nova tendência” e que em muitos casos tinham “dimensões reduzidas, frequentemente desenvolvidas horizontalmente” e eram preocupadas em criar “um cenário íntimo” no qual fosse possível “interagir socialmente” (p. 44).

O Restaurante Jardim do Embaixador (fig. 1, p. 107) é um entre muitos cenários que exemplificam esse novo modo de viver.

Situado no centro geográfico do loteamento, a família alemã Wolf Kolleritz foi a primeira e mais célebre administradora do local. Entre 1945 e 1952 o médico Martin Wolf, junto com sua esposa e sua mãe, foram os responsáveis pelo estabelecimento. Após a morte de Martin, sua irmã – a jornalista Ilse Kolleritz (fig. 2) – assumiu a direção do restaurante até falecer, em 1976³. O local, verdadeiro núcleo social do bairro, seguiu com outros proprietários até ser totalmente ampliado e descaracterizado em 1998 – tornando completamente irreconhecíveis seus traços originais. Sedia hoje um hotel colônia da USPESP – União dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo.

O projeto original de Oswaldo Bratke (fig. 3) consistia no restaurante propriamente dito e instalações de apoio: copa, cozinha, despensa, sanitários e um quarto-e-sala para os proprietários (fig. 4). O salão principal tinha paredes laterais em pedra, mesmo material usado na fundação e no piso do terraço.

¹ YUNIS, N. **Clássicos da arquitetura**: Cap Ducal/Roberto Dávila. 24/08/16. Disponível em www.archdaily.com.br, acesso em 06/02/18.

² SERRAINO, P. **Julius Schulman: modernism rediscovered**. 2ª ed. Colônia: Taschen, 2009. Primeira publicação em 2000.

³ Conforme relatou em entrevista o professor Fernando Kolleritz, filho de dona Ilse. KOLLERITZ, F. **História do Restaurante Jardim do Embaixador**. [Campos do

Jordão]: Residência Fernando Kolleritz, 19/12/16. Entrevista concedida a Marcelo Leite.

Outras paredes eram em *costaneiras* de madeira⁴. O vidro foi amplamente utilizado na fachada principal. Ainda nos anos 1940 foi construído um edifício térreo com quatro quartos para hóspedes próximo a fachada posterior, de modo que o local passou a funcionar também como uma pequena pousada⁵. Já em 1951 os arquivos municipais registram uma ampliação⁶, executada pelo construtor local Paulo Krause⁷. As alterações consistiram na criação de um anexo na lateral sul com mais dois quartos para hóspedes, uma sala de estar com bar e lareira, e uma lavanderia, mantendo inalterados os ambientes do projeto original.

Dentro da sequência de desenvolvimento de uma linguagem arquitetônica própria do arquiteto, o estabelecimento jordanense é muito semelhante ao Pavilhão Aricanduva, um espaço de lazer feito por Bratke na chácara de Rogério Giorgi em São Paulo. O pavilhão foi projetado entre 1945 e 1946, ou seja,

⁴ Segundo o *Dicionário da arquitetura brasileira*, de Eduardo Corona e Carlos Lemos (1972, p. 151), “nas serrarias, ao ser serrado um tronco de árvore, dá-se o nome de *costaneira* a primeira e a última das tábuas obtidas. São elas mais estreitas e menos perfeitas do que as outras, e possuem uma das faces abaulada”.

⁵ Uma reminiscência da proposta original, que era construir uma pensão na quadra central do Jardim do Embaixador.

⁶ KRAUSE, P. **Projeto de ampliação no Restaurante Jardim do Embaixador**. Campos do Jordão, 1951.

provavelmente pouquíssimo tempo depois da construção do restaurante. Aparenta inclusive ser uma *versão revisada* desse último, pois o pavilhão é mais *aberto* que o restaurante. Isso se deve ao fato que – na obra paulistana, a parede posterior apresenta uma série de portas-janelas (fig. 5) – enquanto que na obra jordanense, a mesma parede de fundo corresponde à lareira e aos sanitários.

Apesar de serem duas tipologias distintas (um restaurante, de uso comercial, e um pavilhão, de uso particular), o programa e a distribuição espacial são quase os mesmos – um grande salão interno com lareira e um prolongamento externo (terraço), ladeado por uma cozinha de apoio e por dormitórios (fig. 6). Outra semelhança é a cobertura borboleta em telhas de fibrocimento. Em ambas as obras, também se destaca o terraço pavimentado com pedras e coberto pela projeção do telhado, sustentado por

⁷ Krause, um imigrante alemão, segundo Serapião (2008) “era engenheiro [...] autor da catedral da cidade [a Matriz de Santa Therezinha, em Abernóssia], de alguns sanatórios e muitos outros projetos. Segundo testemunho do topógrafo Carlos Wagner, Krause e Bratke eram amigos”. Na mesma época da ampliação do restaurante, Krause também reformou Casa Firmino Whitaker no Jardim do Embaixador, alterando nesse imóvel principalmente a parte inferior da fachada voltada para o interior do terreno.

interessantes mãos francesas (fig. 7) que lembram às do *Taliesin West*⁸ (fig. 8). Como aponta Mônica Junqueira de Camargo⁹ essas “estruturas de madeira, cuja composição e ritmo o arquiteto soube adequar à rusticidade do material, são os elementos mais determinantes do caráter plástico da obra” (p. 65-6). Simbolizam ainda a ênfase na *ossatura exposta* que explica o *processo estrutural*, uma *marca registrada* de Bratke, segundo Yves Bruand (p. 282-4)¹⁰. No catálogo *Arquitetura Contemporânea no Brasil*¹¹ de 1947, onde o Pavilhão Aricanduva é apresentado, sobre ele é feito um comentário válido também para o restaurante: o arquiteto “introduz um espírito completamente novo na

composição. O efeito rústico é tirado do uso inteligente da madeira e do aspecto particular das varandas” (p. 17).

Em relação às semelhanças entre o Jardim do Embaixador e a Villa Serrana uruguaia, Anderson Dall’Alba¹² aponta que há “convergências notáveis entre a arquitetura do *Ventorrillo*¹³ de Vilamajó e a do restaurante projetado por Bratke” (p. 56, grifo nosso). De fato, para ambas as construções vale a análise feita por Cláudia Piantá Costa Cabral¹⁴ para o *Ventorrillo de la Buena Vista* (fig. 9). Há uma certa:

Conotação primitiva do exterior da construção [que] contribui para fundi-la com a natureza agreste, [enquanto] sua configuração estrutural produz a *transparência do espaço moderno*, assegurando a continuidade visual entre interior e

⁸ O *Taliesin West* foi construído em Scottsdale, Arizona, a partir de 1937. É um segundo escritório-casa para Frank Lloyd Wright na porção sudoeste dos EUA, pois o arquiteto já tinha uma residência-atelier na parte nordeste do país. Essa última, conhecida como *Taliesin East*, foi construída em Spring Green, Wisconsin a partir de 1911.

⁹ CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke**: uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

¹⁰ BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Tese de doutorado finalizada em 1973 e publicada no Brasil pela primeira vez em 1981.

¹¹ BRATKE, O. A. Projeto 17. In: ANTEPROJETO. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Anteprojeto, 1947, v.1.

¹² DALL’ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

¹³ Segundo Cláudia Cabral (2014, p. 275), a palavra *ventorrillo* é o diminutivo de “*ventorro*; em português, taberna ou tasca onde se servem comidas populares”.

¹⁴ CABRAL, C. P. C. Na natureza agreste: a proposta de Julio Vilamajó para Villa Serrana, Uruguai, 1946-1947. In: SOUZA, C. F. **Ideias em circulação na construção das cidades**. Porto Alegre: Marcavizual, PROPUR-PROPAR/UFRGS, 2014, p. 261-285.

exterior, e convertendo a paisagem em cenografia” (CABRAL, 2014, p. 276-7, grifos nossos).

A ideia de *fusão com a natureza* que vemos na obra de Bratke e na de Vilamajó se relaciona com uma tendência da arquitetura internacional no período dos anos 1930 e 1940. Mas percebemos pela citação de Cabral e pela observação *in loco* do acervo edificado do Jardim do Embaixador, que nos projetos em questão essa *fusão* é um tanto ambígua, mais próxima da terceira definição estabelecida por James Ackerman¹⁵ ao tratar da relação arquitetura-entorno (fig. 10). Segundo esse autor, utilizando como exemplo a *vila, ou casa de campo* :

Envolvimento íntimo com a natureza é simbolizado por um local e projeto que permite a vila se aninhar e se estender para seu entorno, por desenho assimétrico e aberto, cores refletindo o cenário, e texturas naturais e variadas. *Distanciamento* do cenário, por outro lado, é simbolizado por uma forma compacta, de traçado cúbico, frequentemente com um pódio ou dispositivo similar para elevar os ambientes do solo, proporções estudadas e ênfase em superfícies planas brancas ou de cores claras que disfarçam a natureza dos materiais. *Ambiguidade* entre esses dois polos também pode ser expressa, como na Casa Kaufmann de Frank Lloyd Wright em Bear Run

[fig. 11], que estabelece um diálogo entre afirmação da natureza por meio da lareira, chaminé e pisos em placas de pedra de formato irregular relacionando o interior e o exterior, e a contrastante suavidade cuidadosamente formada pelas varandas de cimento, que Wright queria pintar de dourado (ACKERMAN, 1989, p. 30-1, tradução e grifo nossos).

Ao longo desse trabalho, retomaremos esse ambíguo *envolvimento-distanciamento* da natureza, para explicar alguns pontos da arquitetura do Jardim do Embaixador. Por ora, constatamos que Bratke e Vilamajó compreenderam que seus restaurantes eram os pontos *críticos* dos empreendimentos turísticos que estavam concretizando, e que conciliar a *natureza nostálgica* com *viver moderno* era exatamente aquilo que suas clientelas desejavam. Retomando Cabral:

Tudo se integra à paisagem, tudo parece ter estado sempre ali. Mas apenas parece. [...] recorre[-se] à tradição vernácula não para através dela legitimar-se, mas como escolha racional, que aproveita o que lhe interessa e descarta o que não precisa (CABRAL, 2014, p 278-9).

No caso do Restaurante Jardim do Embaixador, vale a pena observar que posteriormente essa obra simples, elegante,

¹⁵ ACKERMAN, J. *The villa: form and ideology of country houses* . Princeton: University Press, 1989.

implantada delicadamente no terreno, habilidosamente integrada à natureza e em harmonia com as *cabanas modernas* ao redor – foi selecionada como um dos cenários do filme *Floradas na Serra* (fig. 12)¹⁶, adaptação de 1954 do romance homônimo de Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), estrelada por Cacilda Becker (1921-1969) e Jardel Filho (1927-1983). Essa escolha evidencia tanto o aspecto *moderno e despojado* do estabelecimento, condizente com a proposta do longa-metragem¹⁷, quanto mostra uma consolidação do empreendimento de Bratke enquanto atração turística na cidade – dez anos após o início da urbanização (mapa A) – a ponto de fazer parte de um conjunto eleito para representar Campos do Jordão nos cinemas de todo o país.

¹⁶ **FLORADAS NA SERRA.** Direção: Luciano Salce. Produção: Estúdios Vera Cruz. Brasil, 1954. 100 min, p&b.

¹⁷ Apesar de ter um enredo em parte comum, o filme busca em determinados momentos enfatizar a protagonista Lucília (Cacilda Becker) como uma mulher independente (inclusive financeiramente) que toma iniciativa em começar um relacionamento, em alugar uma casa e em morar temporariamente com um

homem com o qual não é casada. Portanto é, de certa forma, retratado um modo de vida moderno – mais livre de alguns dos estereótipos ou preconceitos acerca da conduta da mulher na sociedade dos anos 1950. Mais informações no artigo: LEITE, M. A. F. *Floradas na Serra* e a re(construção) da arquitetura através do cinema. In: **Anais do V Colóquio de Cinema e Arte da América Latina.** São Paulo: Cacaal, 2017.

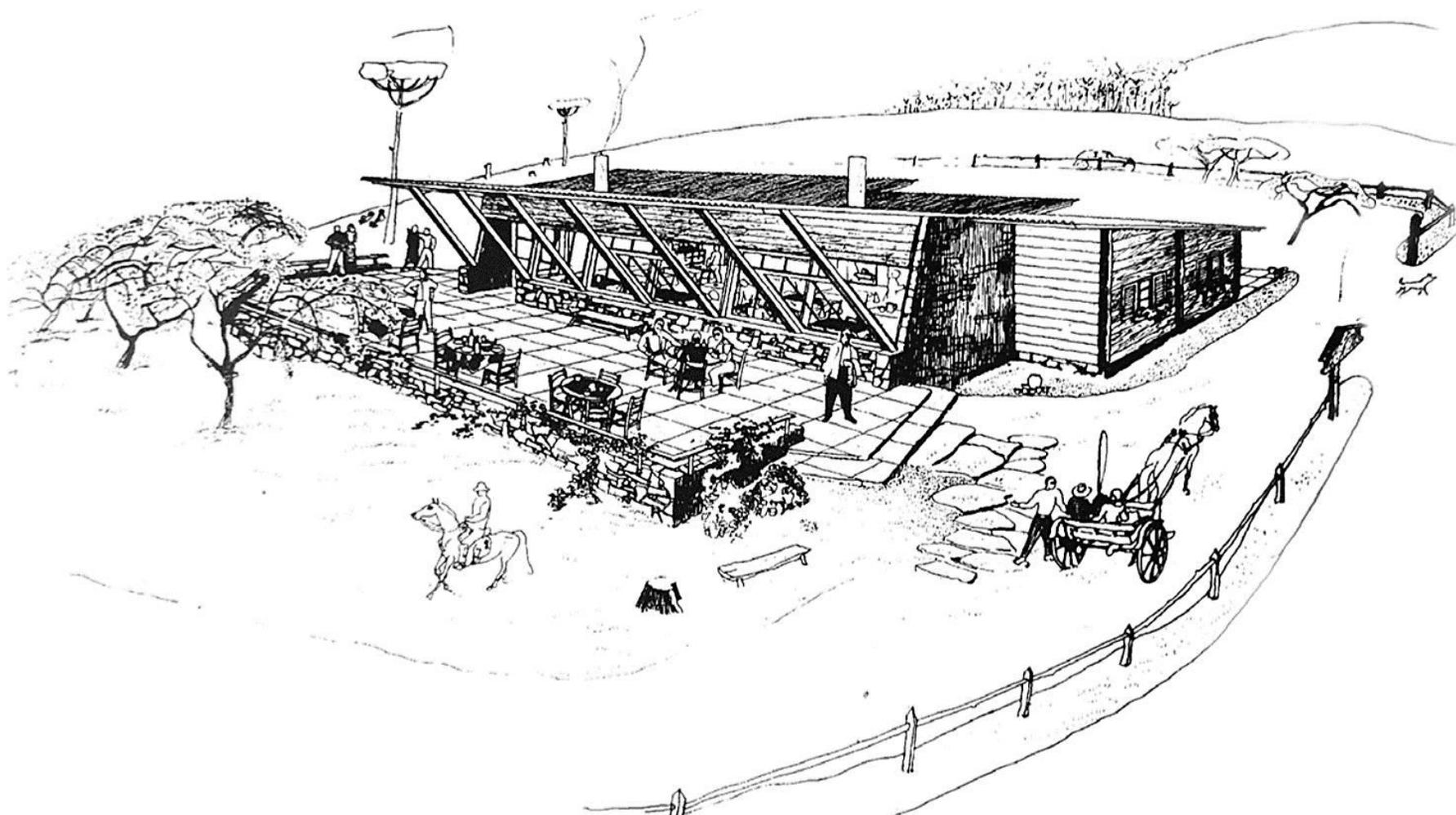


Fig. 1: Perspectiva de Lívio Abramo para o Restaurante Jardim do Embaixador.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 72.



Fig. 2: Terraço do Restaurante Jardim do Embaixador. Ilse Kolleritz aparece de pé, ao fundo, com vestido preto. Fonte: Acervo de Edmundo Ferreira da Rocha.

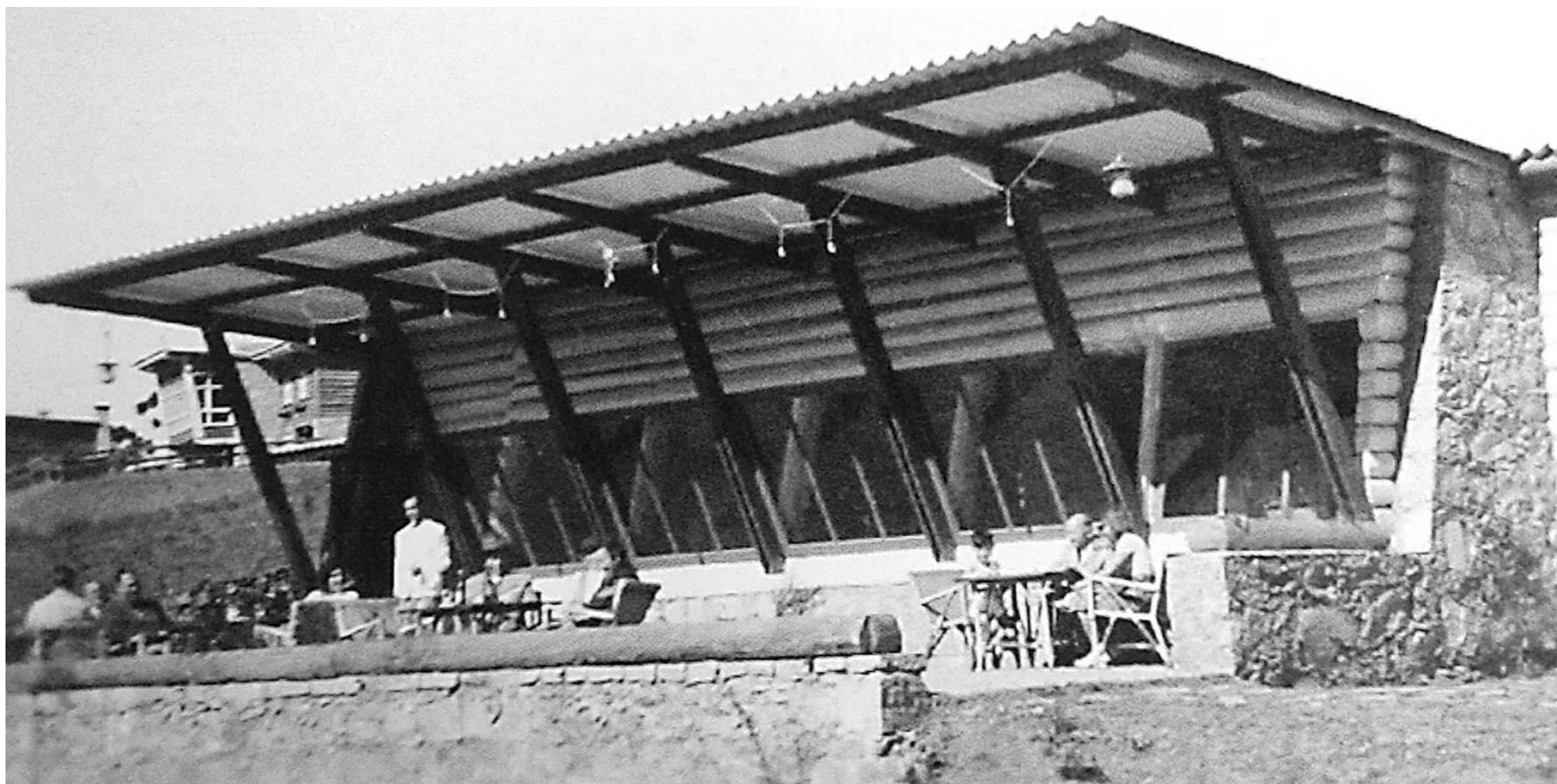


Fig. 3: Fachada principal do Restaurante Jardim do Embaixador.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 73.

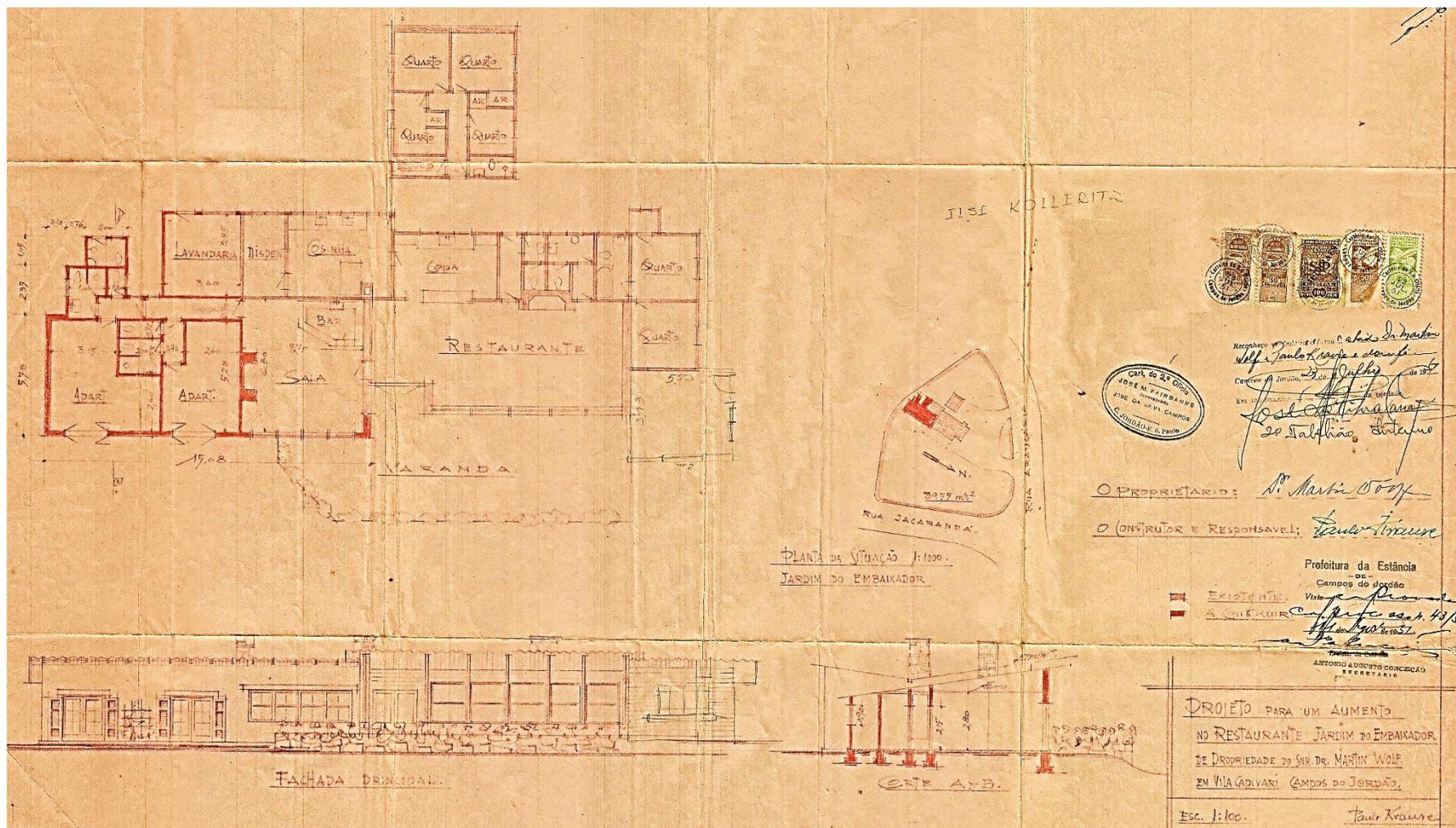


Fig. 4: Planta, fachada principal e corte da ampliação de 1951.
 Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

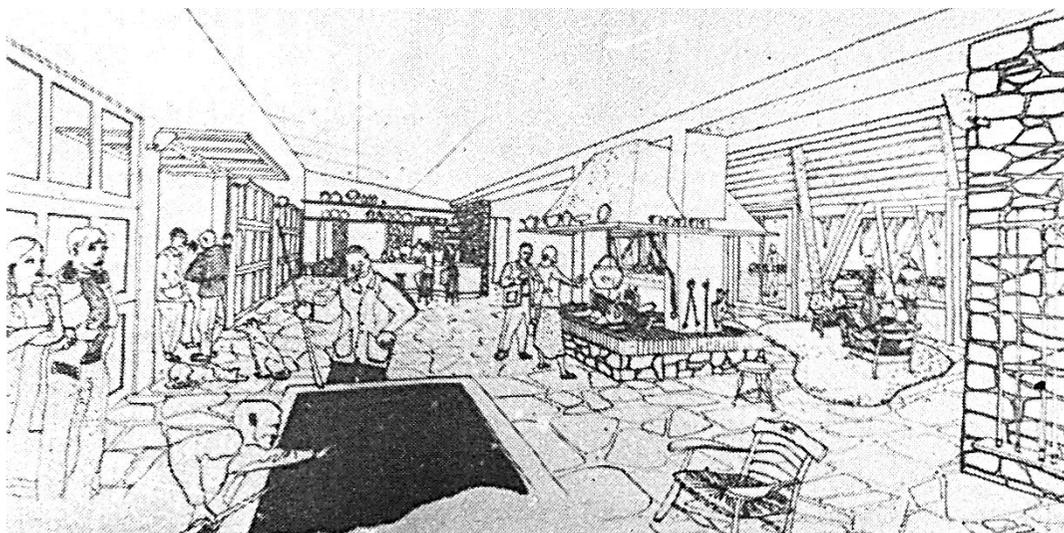


Fig. 5: Interior do Pavilhão Aricanduva.
Fonte: *Habitat*, nov-dez 57, p. 23.

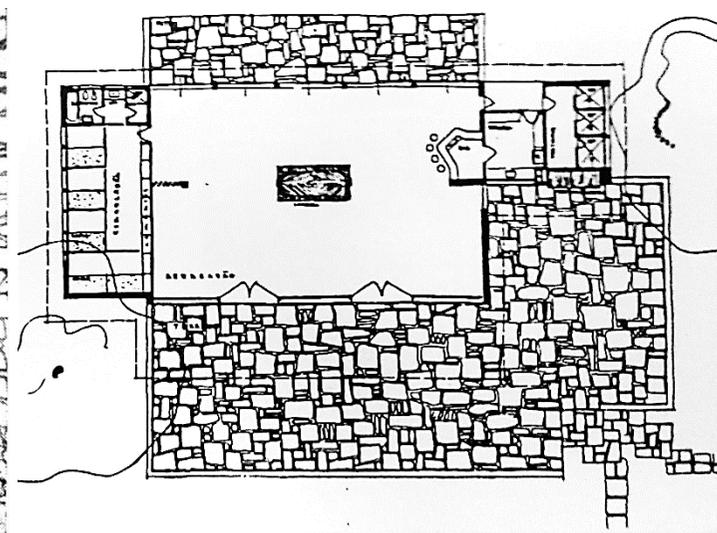


Fig. 6: Planta baixa do Pavilhão Aricanduva.
Fonte: *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, 1947, p. 17.

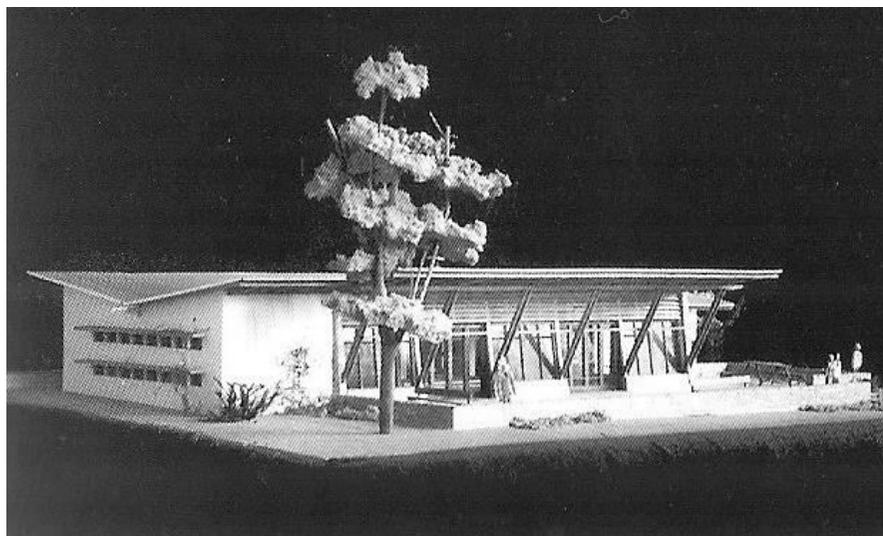


Fig. 7: Maquete de Zanine Caldas para o Pavilhão Aricanduva.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 45.



Fig. 8: Atelier do Taliesin West.
Fonte: Pfeiffer e Goessel, 2015, p. 346.



Fig.9: Ventorrillo de la Buena Vista.
 Fonte: www.ventorrillodelabuenavista.com.uy.

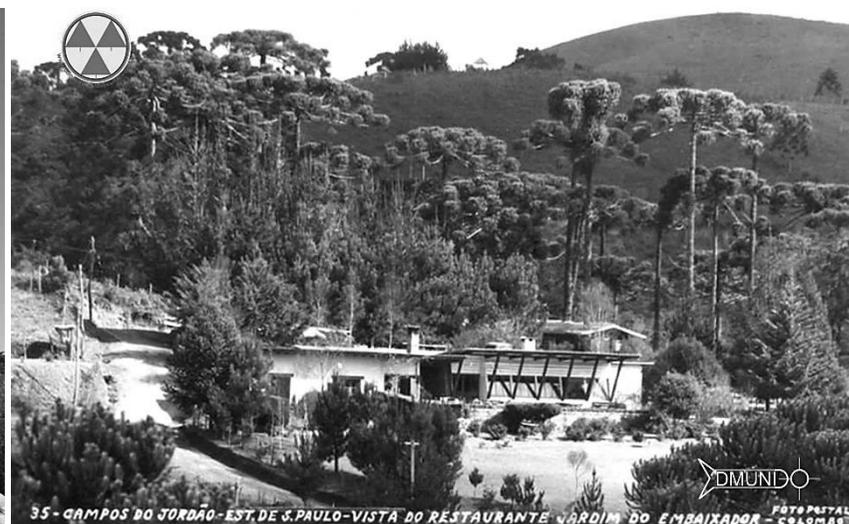


Fig. 10: Entorno do Restaurante Jardim do Embaixador, com a Casa Whitaker atrás do estabelecimento. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

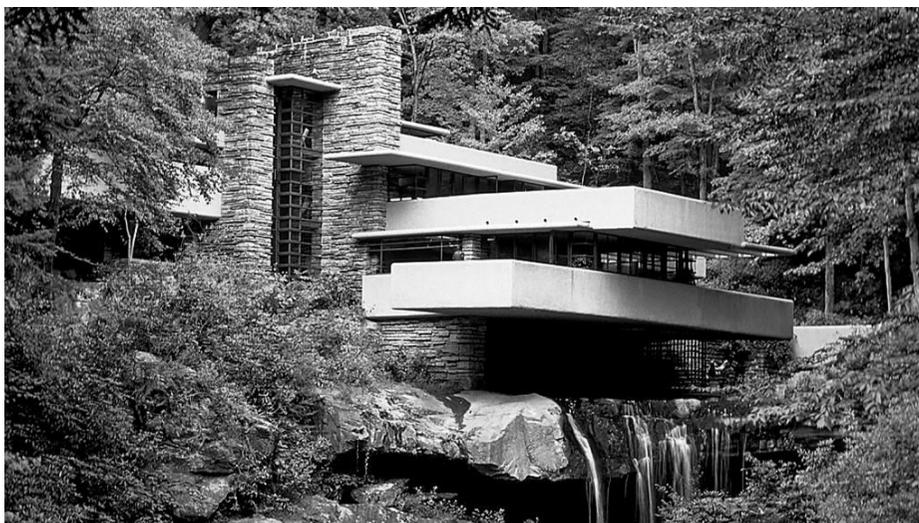


Fig. 11: Casa Kaufmann, ou Casa da Cascata, 1934.
 Fonte: www.washingtonian.com.



Fig. 12: Interior do Restaurante Jardim do Embaixador.
 Fonte: *Floradas na Serra*, 1954.



Mapa A: Versão de 1959 do Mapa dos Passeios de Campos do Jordão. O Jardim do Embaixador, à direita, é um dos pontos de destaque, representado pelo desenho de seu restaurante. Na lista de sugestões oferecida pela *Vila das Lembranças* junto com o mapa, o bairro aparece em um terço dos roteiros (propostas 1, 4, 11 e 12). Fonte: HAMMERL, P. C. **Por uma cidade turística: formação e transformação territorial da estância de Campos do Jordão-SP (1911-1966)**. 2016. 285 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2016, p. 250-252.

CAPÍTULO 3 – AS CASAS DE CAMPO: ASPECTOS GERAIS



CASA FIRMINO WHITAKER. FONTE: MARCELO LEITE, 14/03/16.

3.1 Origem e disseminação

Lugar de descanso, lazer e refúgio, as casas de campo descendem das antigas *vilas* da aristocracia romana, segundo James Ackerman¹ “um edifício no campo projetado para o prazer e relaxamento do proprietário” (p. 9, tradução nossa). O hábito, retomado na Idade Moderna, sofreu diversas e significativas transformações daquela época até os dias de hoje. Para essa pesquisa a mudança mais importante foi a gradativa transição entre um modelo de casa senhorial – de maiores proporções, para um modelo de habitação unifamiliar menor – em área construída e em número de pavimentos, bem como mais simplificado em relação ao uso dos espaços internos e aos padrões estéticos das fachadas, criando um tipo residencial mais *despojado e moderno*.

¹ ACKERMAN, J. *The villa: form and ideology of country houses*. Princeton: University Press, 1989.

² HITCHCOCK, H-R. *Architecture: nineteenth and twentieth centuries*. 2ª ed. Baltimore: Penguin Books, 1963. Primeira publicação em 1958.

³ CURTIS, W. *Arquitetura moderna desde 1900*. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. Primeira publicação em 1982.

⁴ Como atestam os termos *bungalow* ou *bangalô* (origem anglo-indiana), *cottage* (origem anglo-francesa) e *chalet* ou *chalé* (origem franco-suíça), por

Essa transformação parece ocorrer simultaneamente com uma *popularização* da tipologia, que ocorre sobretudo na Europa e nos Estados Unidos entre o fim do século XIX e o início do século XX, como esclarece Henry-Russell Hitchcock² ao afirmar que “o status de vila” migra de uma “grande mansão” para uma “propriedade própria de tamanho moderado nas proximidades da cidade” (p. 253, tradução nossa). Para esse período, William Curtis³ comenta que uma das ideias centrais era um incentivo ao uso de materiais e técnicas construtivas locais, contribuindo para o ideal pitoresco de integração da casa com o ambiente circundante. Havia também um cuidado em conceder a esses lares certa *rusticidade* (figs. 1 e 2, p. 119), desde que não fosse “grosseira demais ou demais distanciada do refinamento e da urbanidade de seus usuários” (p. 89-90). As características e inspirações para as casas de campo eram muito variadas⁴, como descreve Curtis:

vezes usados como sinônimos de casa de campo, ou de casa suburbana. Certamente existem diferenças entre essas tipologias, como o fato do bangalô ser quase sempre uma casa térrea, a cottage ser caracterizado pelo aspecto rústico e o chalé possuir telhado em duas águas, porém a bibliografia usada nesse trabalho mostra que com o tempo há uma tendência à mescla de elementos arquitetônicos nessas habitações.

Grandes beirais, varandas, trepadeiras e chaminés rusticadas. Os interiores eram simples evocações de *um lar*, resultando de combinação de vigas e pilares de madeira aparente, nichos de lareira e bancos embutidos, materiais *modestos* e lareiras na sala de estar principal. As fontes para tal imaginário eram diversas e aparentemente incluíam chalés suíços, casas de madeira japonesas e uma diversidade de protótipos de casas regionais norte-americanas feitas com toras rústicas de madeira (CURTIS, 2008, p.94).

Evoluindo dos diálogos entre construtores europeus e estadunidenses (figs. 3 e 4), esse tipo de habitação não tardou a se disseminar pelo mundo, seja por meio da migração de diversos povos, do intercâmbio de profissionais ou ainda da circulação de desenhos em revistas e livros.

Retomando Ackerman, a ideia de ter uma casa de campo está “enraizada no contraste de campo e cidade, em que as virtudes e delícias de uma são apresentadas como a antítese dos vícios e excessos da outra” (p. 12, tradução nossa). No Brasil da primeira metade do século XX, os abastados adquiriram o hábito de possuir um *segundo lar* em meio à natureza e longe da rotina e

do *stress* da vida metropolitana, onde a saúde seria favorecida “pelo ar e pelos exercícios” e haveria espaço para o “relaxamento e leitura, conversas com amigos virtuosos e contemplação, e deliciosas vistas da paisagem” (p. 14, tradução nossa).

Conforme Richard Morse⁵, em São Paulo algumas das primeiras casas de campo ou *de recreio* se localizavam em áreas próximas à capital (fig. 5), ainda pouco habitadas:

Santo Amaro, ao sul [...] tornou-se, com as suas represas, um centro de recreio para as classes médias da cidade. Os ricos aí possuem chácaras para fim de semana ou mesmo residências permanentes. A Cantareira ao norte, com suas montanhas frescas e o Horto Florestal, oferece atrativos semelhantes (MORSE, 1970, p. 358).

Com o rápido crescimento da capital paulista, logo os primeiros destinos de lazer se tornaram ou muito próximos da área urbana em expansão, ou insuficientes para atender a uma demanda cada vez maior, ou simplesmente desinteressantes para a elite, ansiosa por desfrutar de novas paisagens. Desse modo, Nicolau Sevcenko⁶ explica que “os mais ricos, com seus carros,

⁵ MORSE, R. **Formação histórica de São Paulo**: de comunidade à metrópole. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Primeira publicação em 1954.

⁶ SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

procuravam as praias [...] ou então as estâncias termais com seus cassinos” (p. 111). Além da expansão metropolitana, Morse atribuiu ao cinema norte-americano um importante papel de divulgação e incentivo ao costume de gastar o tempo destinado ao lazer em paragens litorâneas ou interioranas, em muitos casos em residências de campo:

O fim de semana em um chalé ou bangalô suburbano, assim como as férias no Guarujá [fig. 6], Campos do Jordão ou Poços de Caldas, tornou-se uma instituição fixa para aqueles que se podem permitir tal. Originalmente uma simples mania, que Hollywood muito contribuiu para popularizar, o fim de semana vem se tornando cada vez mais uma fuga necessária do torvelinho e das tensões da existência na cidade (MORSE, 1970, p. 358-9).

Para Maria Lúcia Bressan Pinheiro⁷ a deflagração da Segunda Guerra Mundial, no final dos anos 1930 – ao inviabilizar as viagens da elite para a Europa – acaba incentivando o chamado *turismo interno*, e conseqüentemente aumentando a construção de casas de recreio em paragens mais afastadas da capital paulista:

⁷ PINHEIRO, M. L. B. Uma cidade pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. In: **Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Campinas: SHCU, 1998.

⁸ PINHEIRO, M. L. B. **Modernizada ou moderna?** A arquitetura em São Paulo: 1938-1945. 1997. 365 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

A importância assumida por esse novo filão imobiliário/arquitetônico na década de 1940 é [...] amplamente comprovada pelos inúmeros artigos publicados em *Acrópole* a respeito de estâncias turísticas, hotéis e projetos de campo, notadamente em Campos do Jordão, a grande vedete entre as estâncias turísticas do estado (PINHEIRO, 1997, p. 298)⁸.

De fato, ao vasculharmos as edições de *Acrópole* da primeira metade da década de 1940, constatamos que existem até números praticamente exclusivos sobre a temática dos hotéis e moradas de recreio – como as edições de março e abril de 1944. A primeira apresenta o *plano de fomento ao turismo* elaborado pelo governo estadual; o Hotel São Paulo e o Hotel Terminus, na capital paulista; o Grande Hotel (projeto da Bratke & Botti) e Hotel Toriba (projeto da Severo & Villares), em Campos do Jordão; o Hotel Glória em Lindoia; o Hotel Quitandinha em Petrópolis; o Aeroporto Hotel, no Rio de Janeiro; e um *rancho* projetado por Sylvio Jaguaribe Ekman (1901-1978)⁹ em terras jordanenses (fig. 7).

⁹ Filho do arquiteto Karl Ekman (1866-1940), autor do projeto da Vila Penteado (1902, atual sede da Pós-Graduação da FAUUSP), e neto do médico, geógrafo e escritor cearense Domingos Jaguaribe, grande proprietário de terras em Campos do Jordão no início do século XX.

Já no número de abril de 1944, com linguagens bastante diversas entre si, aparecem três dos *protótipos* habitacionais de Bratke para o Jardim do Embaixador (que abordaremos na sequência); duas moradas em Campos do Jordão projetadas pela Severo & Villares (fig. 7); um estudo para residência de campo de Gregori Warchavchik e outro, “em terreno acidentado e densamente arborizado” (p. 390-1), de autoria de C. J. Millard. Imagens de móveis rústicos da Galeria Paulista de Modas, do Liceu de Artes e Ofícios (fig. 8) e do Lar Modelo completam a edição, junto com o artigo *Casas de Recreio*, do engenheiro paulistano Léo Ribeiro de Moraes (1912-1978)¹⁰.

O texto de Moraes destaca o fato das habitações de campo serem destinadas “apenas a um reduzido número de privilegiados” e cita os incentivos ao turismo realizados pelo governo paulista no interior (Campos do Jordão) e no litoral (Guarujá), apesar da falta de planejamento e regulamentação urbana nessas localidades, que podem pôr em risco “nossas praias, campos e montanhas”. Além disso, aponta os desafios a serem enfrentados na construção das moradas de campo:

O problema da casa de recreio, tal como a entendemos e necessitamos é *novo, nunca foi resolvido antes*; nada tem a ver com que nossos avós, sejam eles europeus ou brasileiros, fizeram nas suas *fazendas ou quintas*; deve ser resolvido de acordo com sua *finalidade* e as *condições do terreno e do clima*, com os *recursos da moderna técnica de construção*, ainda que grande parte dos *materiais sejam os mesmos* que nossos avós usaram (MORAES, 1944, p. 386, grifos nossos).

Bressan Pinheiro observa ainda que, o “modo de vida mais simples e natural [...] [d]a *estética do pitoresco* implicava em certas características que possibilitavam [...] diminuição dos custos” (1998, p. 2) das construções que fizessem uso dessa linguagem, como é o caso das residências de campo. Além disso, o *ineditismo* do programa, distinto das habitações rurais; a necessidade de adequações ao terreno e ao clima; e o emprego simultâneo de recursos modernos e materiais tradicionais – indicados no texto de Moraes – fizeram com que muitas moradas de campo em todo o mundo funcionassem como verdadeiros *campos de teste* para novas soluções espaciais, técnicas e estéticas. E Bratke não foi uma exceção a essa regra, como veremos a seguir.

¹⁰ MORAES, L. R. Casa de Recreio. In: *Acrópole*, abr. 1944, p. 386.



Fig. 1: Ames Gate Lodge, arq. Henry Robson Richardson, Easton-MA (EUA), 1880. Fonte: en.wikipedia.org.



Fig. 2: Casa William Low, arq. McKim, Mead & White, Bristol-RI (EUA), 1886. Fonte: Pevsner, 1981, p.34-5.



Fig. 3: Broadleys, arq. Charles Voysey, Lago Windermere (Inglaterra), 1898. Fonte: www.architectdesign.blogspot.com.br.



Fig. 4: Casa David Gamble, arq. Greene & Greene, Pasadena-CA (EUA), 1907. Fonte: www.news.usc.edu.

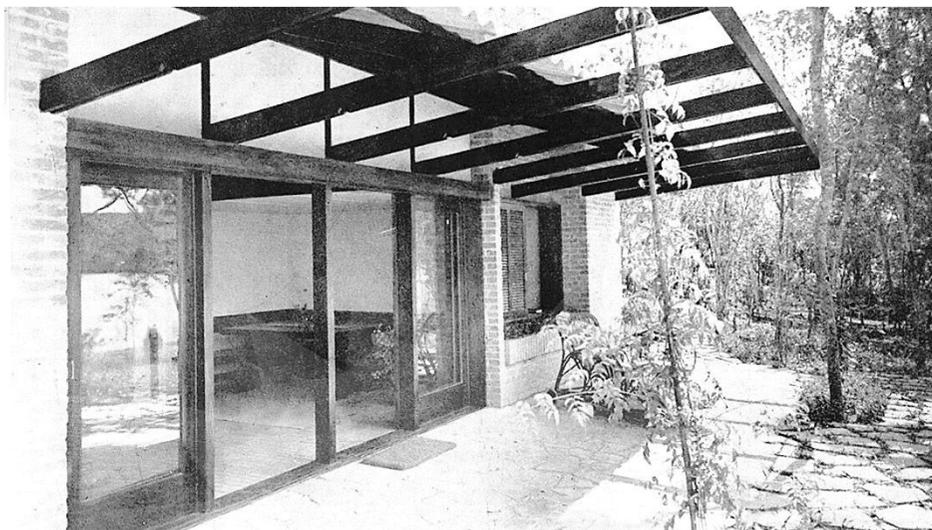


Fig. 5: Casa de férias do casal Luthi, arq. Frederico & Jacob Ruchti, Represa Nova, São Paulo, 1942. *Acrópole*, jan. 1943, p. 313.

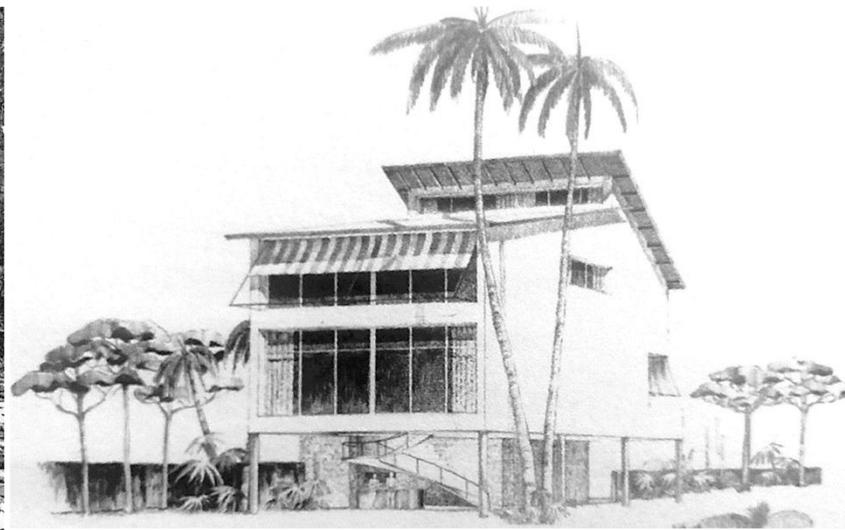


Fig. 6: Projeto para a Casa Ibsen Ramenzoni, arq. Gregori Warchavchik, Guarujá, 1944. Fonte: Lira, 2011, p. 404.



Fig. 7: Projeto de rancho para Adalberto do Valle, arq. Sylvio Jaguaribe Ekman, Campos do Jordão, 1944. Fonte: *Acrópole*, mar. 1944, p. 331.

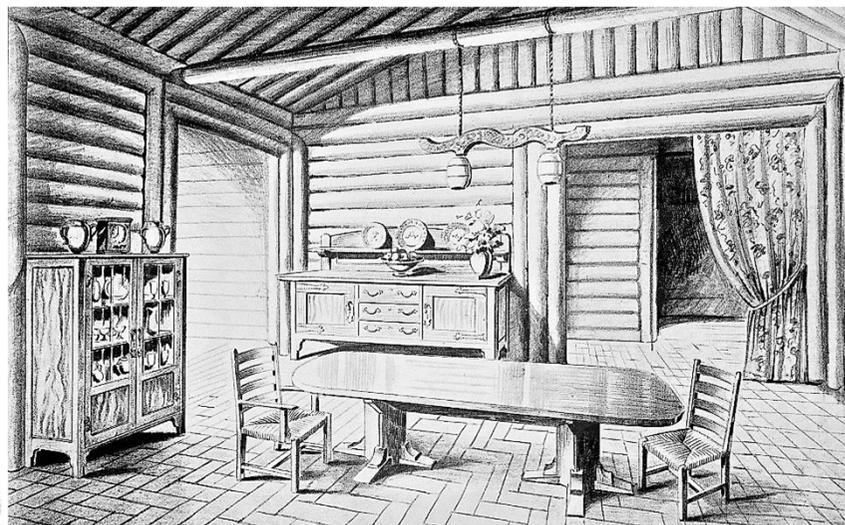


Fig. 8: Interior rústico desenhado pelo Liceu de Artes e Ofícios. Fonte: *Acrópole*, abr. 1944, p. 376.

3.2 Experimentalismo na Mantiqueira

Conforme João Batista d'Ávila Martin¹, “a habitação é o campo excelência para experimentação arquitetônica” (p. 136) – constatação que se sustenta no fato da casa ser a mais antiga e essencial das tipologias espaciais, representar uma enorme parcela das encomendas de profissionais da construção, e ter passado por inúmeras transformações desde que a humanidade passou a *produzir e significar* suas moradas. Ainda segundo o autor, o experimentalismo especificamente nas residências de campo também era favorecido pela “condição de espaço de uso temporário” e pelo “contexto peculiar escolhido para sua implantação (diversidade natural, beleza paisagística, condições climáticas particulares)”.

¹ MARTIN, J. B. D. **A outra**: a segunda-casa. 2015. 208 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2015.

² PINHEIRO, M. L. B. **Modernizada ou moderna?** A arquitetura em São Paulo: 1938-1945. 1997. 365 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

Na mesma linha estão as pesquisas de Maria Lúcia Bressan Pinheiro², que em seu estudo sobre a arquitetura paulista produzida no segundo quartel do século XX concluiu que:

Aparentemente, a maior *informalidade* das casas de campo e seu *descompromisso* com fórmulas arquitetônicas muito ortodoxas – de que as residências citadinas não prescindiam com a mesma facilidade – tornaram esse programa residencial um vetor *privilegiado* para a *experimentação* de inovações arquitetônicas (PINHEIRO, 1997, p. 297, grifos nossos).

Mesmo Henrique Mindlin, em seu *Modern architecture in Brazil*³ de 1956, reconhece que boa parte das habitações mais “interessantes se encontra *fora da cidade*, justamente onde os terrenos maiores e mais baratos dão as *melhores oportunidades* aos arquitetos” (p. 68, tradução e grifos nossos). Quantitativamente, comprova-se o destaque dado pelo autor para as casas de campo: se em *Brazil Builds*⁴ apenas uma das nove residências apresentadas se enquadraria nessa classificação, no

³ MINDLIN, H. **Modern architecture in Brazil**. Rio de Janeiro/Amsterdam: Colibris, 1956.

⁴ GOODWIN, P. **Brazil Builds: architecture new and old**, 1652-1942. 4ª ed. Nova York: MoMA, 1946. Primeira publicação em 1943.

livro de Mindlin a situação muda para 11 entre 32 (pouco mais de um terço da seleção), espalhadas pelas cidades de Petrópolis (7 casas), Guarujá (2), Nova Friburgo (1) e São José dos Campos (1) – não deixando de indicar a preponderância da escola carioca sobre a arquitetura paulista e praticamente ignorar projetos de outras regiões do país.

Em São José dos Campos, a meio caminho entre a capital paulista e Campos do Jordão, a obra eleita para figurar em *Modern architecture in Brazil* foi a Casa Olivo Gomes (fig. 1, p. 125). Projetada por Rino Levi a partir de 1949, Yves Bruand⁵ afirma que por estar “isolada em pleno campo, conseqüentemente não [estava] submetida às limitações de toda ordem das obras urbanas” (p. 281), de modo que os arquitetos tiveram uma liberdade projetual muito maior.

Retomando nosso objeto de pesquisa, Mônica Junqueira de Camargo⁶ salienta que Bratke “atingiu a arquitetura moderna

através das experiências elaboradas nos canteiros de obra e desenvolvidas nos projetos arquitetônicos” (p. 161). E dentro desse percurso, o Jardim do Embaixador “foi um campo de experimentação notável para Bratke”, segundo Fernando Serapião⁷. As casas de campo concebidas por ele na Mantiqueira antecederam aos testes que o arquiteto faria entre o fim dos anos 1940 e início dos anos 1950 no Morumbi. E em relação à produção de Bratke nos bairros-jardins paulistanos (Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulista, Higienópolis e Pacaembu), certamente tinham interessantes diferenciais como o fato de estarem “em terrenos maiores, com topografia mais acidentada e cercadas de mata exuberante” (fig. 2), ainda de acordo com Serapião.

As casas executadas no Jardim do Embaixador foram precedidas pelos seis *estudos para casas de campo em Campos do Jordão*, divulgados pelo arquiteto na revista *Acrópole* entre abril e julho de 1944⁸. Cronologicamente, todos esses protótipos foram

⁵ BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Tese de doutorado finalizada em 1973 e publicada no Brasil pela primeira vez em 1981.

⁶ CAMARGO, M. J. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

⁷ SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. In: **Projeto Design**, n. 340, jun. 2008.

⁸ BRATKE, O. A. Estudos para casas de campo em Campos do Jordão. In: **Acrópole**, abr. 1944, p. 370-1; mai. 1944, p. 25; e jul. 1944, p. 118-9.

desenvolvidos antes do envio do plano de urbanização à prefeitura jordanense, em 28 de setembro daquele ano. Na verdade, alguns deles (figs. 3 a 5) antecedem até mesmo a entrega do projeto da pensão na quadra central, que foi entregue às autoridades municipais em 28 de junho.

Em *Acrópole*, foram publicados apenas as perspectivas dos estudos. Mas é provável que fossem projetos completos, com implantação, plantas, cortes e fachadas, por conta do grau de detalhamento que a maioria deles apresenta. Um exemplo é a pensão (fig. 6) que – como mostrado anteriormente – teve a perspectiva divulgada na edição de maio da revista e seus desenhos técnicos depositados na prefeitura de Campos do Jordão, os quais foram encontrados durante a realização desse projeto de pesquisa.

Hugo Segawa, Bressan Pinheiro e Junqueira de Camargo foram as três primeiras fontes a comentar esses protótipos, bem como os aspectos que os caracterizam como experimentais, durante seus trabalhos realizados na década de 1990. No livro

sobre o mestre paulista⁹, Segawa assim descreve os estudos para casa de campo:

Edificações de *geometria nítida* e de *predominância horizontal*, plano único de cobertura com grandes *beirais*, materiais deixados à vista (*pedra e madeira*, principalmente) e generosos *panos de vidro* – configurando a *tênue separação interior/exterior*, valorizando a *belíssima paisagem* campestre daquela estância turística (SEGAWA e DOURADO, 2012, p. 29, grifos nossos).

Também nessa direção vão as observações de Bressan Pinheiro, que concorda com Segawa no uso de “telhados de grandes águas”, no respeito e valorização das “condições topográficas locais” e na “extrema racionalidade e precisão”, certamente resultados de um dedicado processo de projeto. Menciona ainda o “caráter informal” (p. 298) das edificações – que, como comentamos, é a condição que *autoriza* o arquiteto a desenvolver inovações. Complementando, Junqueira de Camargo destaca que é o “aspecto lúdico e alternativo dessas moradias”, algo desvinculado “do repertório convencional” que facilita “a aceitação da nova linguagem por parte dos moradores”. E da

⁹ SEGAWA, H. M.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke**: a arte de bem projetar e construir. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997.

mesma forma que Segawa, a autora não deixa de ressaltar da exploração da “rusticidade de alguns materiais *in natura* como a pedra e a madeira [...] o telhado de inclinação única e [as] amplas aberturas” (p. 99, figs. 7 e 8).

Apesar de nenhum dos protótipos ter saído do papel, as casas de campo efetivamente construídas apresentam notáveis semelhanças com os estudos na *Acrópole*, como veremos no capítulo 4. Antes, porém, discorreremos sobre quem foram os primeiros moradores do Jardim do Embaixador.



Fig. 1: Casa Olivo Gomes.
Fonte: www.archdaily.com.br.



Fig. 2: Casa Firmino Whitaker.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.

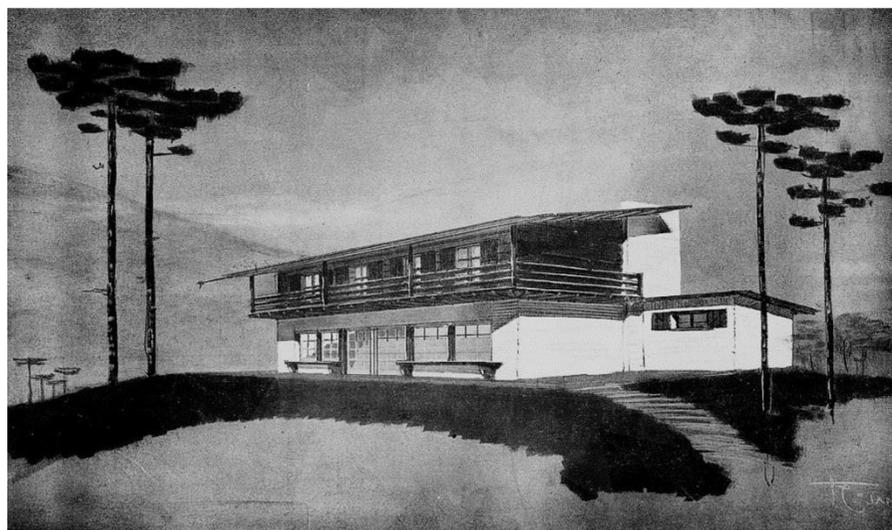


Fig. 3: Primeiro estudo para casa de campo.
Fonte: *Acrópole*, abr. 1944, p. 370.

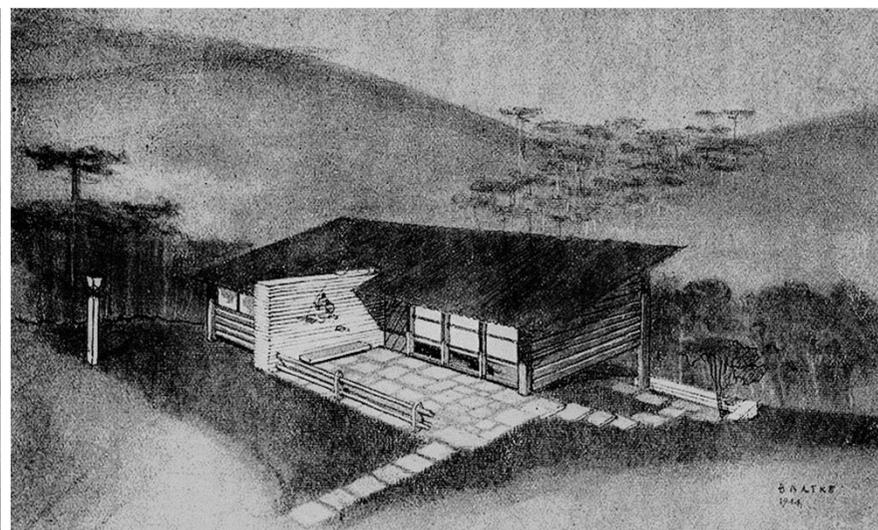


Fig. 4: Segundo estudo para casa de campo.
Fonte: *Acrópole*, abr. 1944, p. 371.

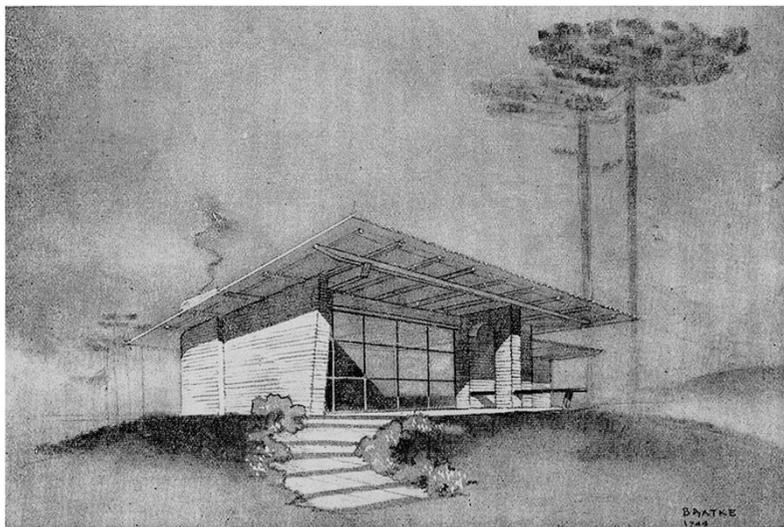


Fig. 5: Terceiro estudo para casa de campo.
Fonte: *Acrópole*, abr. 1944, p. 371.

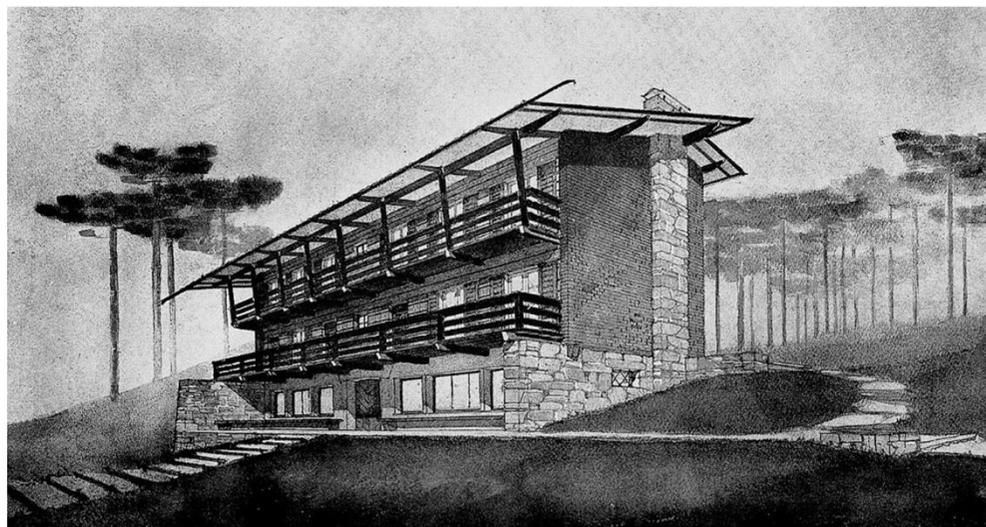


Fig. 6: Quarto estudo para casa de campo.
Fonte: *Acrópole*, mai. 1944, p. 25.

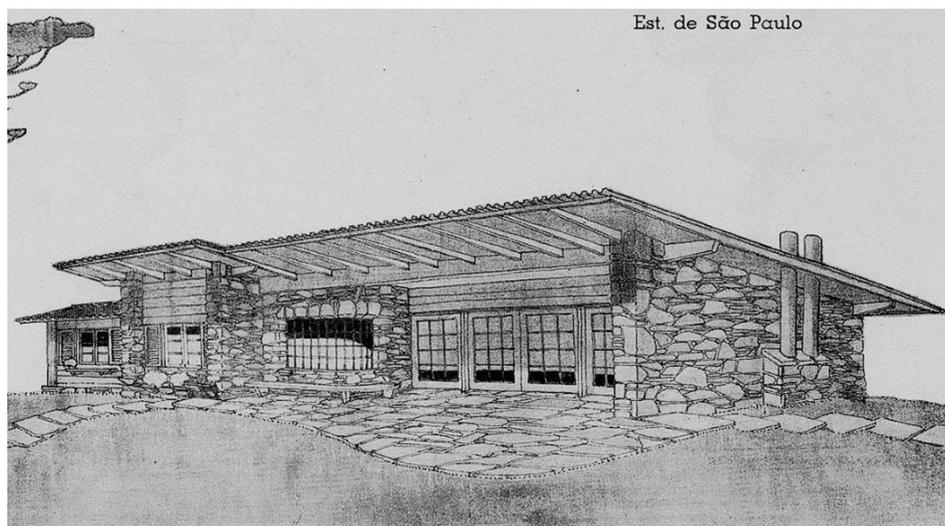


Fig. 7: Quinto estudo para casa de campo.
Fonte: *Acrópole*, jul. 1944, p. 118.

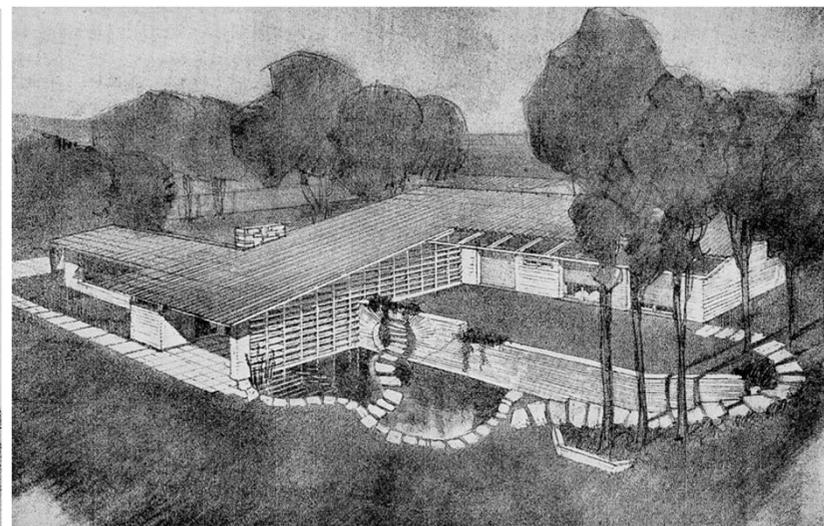


Fig. 8: Sexto estudo para casa de campo.
Fonte: *Acrópole*, jul. 1944, p. 119.

3.3 Os primeiros moradores

Fernando Serapião¹ é a única fonte que detalha o que teria sido de fato a produção de Bratke no Jardim do Embaixador. Segundo ele - baseado em um relato do filho mais velho de Oswaldo, Roberto - além do projeto urbanístico e do restaurante, o arquiteto teria levantado uma residência para si, três para colegas de profissão também egressos do *Mackenzie College* – Armando Ciampolini, Guilherme Corazza e Oscar Americano – e outras três para conhecidos - Firmino Whitaker, Paschoal Scavone e Teixeira de Barros - totalizando oito edificações.

Para além de suas funções enquanto arquiteto e urbanista, é muito provável que Bratke tenha atuado como uma espécie de

agente imobiliário do bairro jordanense – tendo atraído com sua *propaganda* Ciampolini, Corazza e Americano – de forma semelhante ao que faria posteriormente no Morumbi, como atesta o interessante depoimento de Mário Lopomo para o livro *São Paulo minha cidade*²:

O arquiteto Oswaldo Arthur Bratke tanto se entusiasmou pelo lugar que comprou um grande terreno e instalou um sítio onde vinha passar os fins de semana. Viu possibilidades imensas na região. Tanto que *não se cansava de ficar propagando* o lugar admirável que descobrira e *incentivando amigos a comprar terrenos* na região (LOPOMO in SÃO PAULO, 2008, p. 125, grifos nossos).

Armando Ciampolini (fig. 1, p. 134)³ também era cunhado de Bratke, irmão de Helena, esposa de Oswaldo. Já Guilherme Corazza⁴ e Oscar Americano⁵ foram parceiros de Bratke em

de Guilherme com os demais Corazza. A hipótese de Pareto, com quem entramos em contato, é que ele seria um filho ou irmão mais novo.

⁵ Americano formou-se engenheiro civil no Mackenzie em 1930. Sua empresa, o Escritório Técnico Oscar Americano, posteriormente Construtora Comercial e finalmente Companhia Brasileira de Projetos e Obras – CBPO – fez parte de consórcios responsáveis por diversas obras estatais no país, entre elas o Anel Rodoviário de São Paulo, as rodovias Anchieta, Imigrantes, Castelo Branco e Belém-Brasília, o Aeroporto Internacional do Galeão, o Metrô do Rio de Janeiro e as hidrelétricas de Três Marias e Itaipu, como resume Passos (2008).

¹ SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. In: **Projeto Design**, n. 340, jun. 2008.

² SÃO PAULO, PREFEITURA MUNICIPAL. **São Paulo minha cidade**: mais de mil memórias. São Paulo: PMSP/São Paulo Turismo, 2008.

³ Ciampolini (1906-1980), formou-se engenheiro arquiteto no Mackenzie em 1930. Segundo Silvia Wolff (2001, p. 282), atuou na construtora Ciampolini & Mota Jr. Foi o 3º presidente do IAB/SP (1952-1953), sucedendo Bratke. Ao que tudo indica, também foi diretor da Estrada de Ferro Sorocabana (1947 e 1948).

⁴ Corazza formou-se engenheiro arquiteto no Mackenzie em 1925. Wolff (2001, p. 282), mostra que Guilherme trabalhou na Construtora Fernando Corazza & Irmãos (que se chamavam Francisco e Jacob) – os quais, de acordo com a tese de Lindener Pareto Jr. (2016), eram arquitetos licenciados atuantes na região paulistana da Lapa no início do século XX. Contudo, não sabemos o parentesco

diversas obras. E em pelo menos uma ocasião os três atuaram juntos, no edifício ABC (1949, fig. 2)⁶, cuja sigla simboliza os sobrenomes dos proprietários. Corazza foi um dos principais construtores dos projetos de Oswaldo, após a morte de Carlos Botti em 1942, e o conseqüente fim da sociedade *Bratke & Botti*. Já com Americano, Bratke urbanizou o Morumbi – bairro onde construiria a icônica casa para o amigo, atual sede da fundação Maria Luísa e Oscar Americano (figs. 3 e 4).

Um dos parceiros de Bratke na Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., é possível que tenha sido Noé Ribeiro que trouxe sua concunhada Mary Mauger (1916-2010) para o Jardim do Embaixador. A história da aquisição do imóvel (fig. 5) é relatada em uma curiosa passagem do obituário de Mary⁷:

Apaixonada por Campos do Jordão, certa vez quis comprar um terreno lá, sem contar ao marido, que não gostava muito da cidade. Como não tinha condições, foi o pai, um escriturário, quem lhe bancou a propriedade, e ela ficou de lhe devolver o valor, aos poucos. Quando já tinha até casa no local, teve de fazer uma obra, e aí a situação apertou. Foi então que questionou ao marido se ele compraria

uma casa em Campos por um preço x baixíssimo (citou o valor da obra). Firmino, advogado, disse que aquilo não existia, mas que até compraria sim. Ela, então, lhe disse: existe, e eu te passo a escritura agora, revelando o segredo. No final, o marido adorou a ideia e acabou até adquirindo um outro terreno ao lado (BERTONI, 2010, s/p).

Contudo o *pouco afeto* de Firmino Whitaker (1912-1998) pela cidade parece ter prevalecido, pois a casa seria vendida no início dos anos 1950 para sua irmã Maria da Penha (1914-2012), casada com o engenheiro Francisco de Paula Vicente de Azevedo Filho (1916-1992).

Contribuindo para ampliar as informações sobre a história do bairro, encontramos nos arquivos da Prefeitura de Campos do Jordão uma lista (fig. 6) produzida pela Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. – datada de 26 de março de 1954 – na qual a empresa comunica à municipalidade que construiu dezenove casas no Jardim do Embaixador até aquela data.

Nessa lista, que é acompanhada pelo mapa A, aparecem praticamente todos os proprietários citados por Serapião. As

⁶ Localizado na esquina da Rua Major Sertório com a Rua Araújo, na região paulistana da República. Curiosamente, nesse cruzamento existem mais dois edifícios projetados por Bratke: o Jaçatuba (1942) e o Renata Sampaio Ferreira (1956). Cf. Segawa e Dourado, 2012, p. 188-193.

⁷ BERTONI, E. Mary Mauger Whitaker (1916-2010): a delicadeza de uma pintora de porcelanas. In: *Folha de São Paulo*, 20 abr. 2010, caderno cotidiano.

únicas exceções são a ausência dos Wolf Kolleritz e de Firmino Whitaker. Como o documento trata exclusivamente de casas, isso talvez explique a ausência de Martin Wolf e Ilse Kolleritz, donos do restaurante. Whitaker, por sua vez, aparece substituído pelo cunhado Francisco de Paula Vicente de Azevedo Filho⁸.

Diante dessa fonte primária, nosso trabalho adotou como critério metodológico que todas as dezenove casas que constam na listagem da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. foram projetadas pelo escritório de Bratke, uma vez que existe uma uniformidade estética nesses imóveis que parece indicar que todos os desenhos saíram do atelier de um mesmo arquiteto. Há formas de implantação, de uso do espaço e esquadrias similares, predominância de horizontalidade e os telhados são bem menos recortados e inclinados do que os presentes em outros bairros de Campos do Jordão, onde o pastiche alpino se impõe. Existe uma forma comum de tratar a madeira, as lareiras e as alvenarias de

pedra, que são elementos onipresentes em meio à vegetação dos grandes terrenos (fig. 7).

Vale a pena ressaltar que, mesmo que no grupo de *interessados* no Jardim do Embaixador houvesse outros arquitetos (como Corazza e Ciampolini) ou engenheiros (como Americano e Ribeiro) – parece bem certo que a toda a concepção arquitetônica do empreendimento tenha ficado a cargo exclusivo de Bratke. Afinal, é ele quem assina o projeto urbano e desenha as principais edificações para o bairro (primeiro a pensão e depois o restaurante), bem como faz a divulgação dos protótipos habitacionais em *Acrópole*. Além disso, os seus colegas citados se destacaram em suas biografias muito mais como administradores (de construtoras, empresas, repartições públicas) ou executores de obras, do que como projetistas. E os arquivos municipais jordanenses, bem como as construtoras estabelecidas há mais tempo na cidade, parecem apontar para uma espécie de

⁸ Uma vez que Firmino Whitaker e Mary Mauger foram os primeiros proprietários do imóvel situado no lote 46 do Jardim do Embaixador, esse trabalho creditará a residência como Casa Firmino Whitaker em todas as análises e imagens. A opção pelos nomes dos primeiros moradores, que

também valerá para as outras residências, busca ressaltar o caráter histórico desse estudo e resguardar a privacidade dos atuais proprietários.

monopólio de Bratke durante os dez primeiros anos de existência loteamento, entre 1944 e 1954.

Na bibliografia disponível sobre o arquiteto não há nenhuma passagem que inviabilize a hipótese de Bratke ter construído dezenove residências no Jardim do Embaixador (fig. 8). Pelo contrário, a respeito do bairro, a dissertação de Mônica Junqueira Camargo⁹ menciona apenas que o arquiteto “fez muitos estudos para residências e albergues, nesta região, dos quais alguns foram executados” (p. 44). Já sua tese¹⁰ contém o depoimento de Carlos Lemos (p. 123), em que o mesmo alega que Bratke trabalhou no Jardim do Embaixador durante seu tempo de estagiário com Oswaldo, entre 1946 e 1947. Analisando temporalmente, se os planos de urbanização do bairro foram submetidos à Prefeitura de Campos do Jordão na primavera de 1944 é bastante possível que – durante os anos de estágio de Lemos – Bratke ainda estivesse finalizando o projeto de algumas

residências no loteamento, sobretudo se a demanda fosse considerável, como as duas dezenas de nomes que constam na listagem encontrada nos arquivos municipais. Em seu livro Hugo Segawa¹¹ comenta que uma “parcela significativa de casas” (p. 73) foi projetada pelo arquiteto em terras jordanenses durante a fase inicial do turismo na cidade, nas décadas de 1940 e 1950. E para Roberto Bratke¹², também parece plausível que o pai tenha construído as dezenove casas citadas. Nascido em 1935, quando criança Roberto passou várias férias em Campos do Jordão e conheceu vários nomes que constam na lista da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda.

Além das habitações da listagem, constarão nessa pesquisa mais quatro edificações: as casas Carlos Boccellini, Deodoro Perrelli, Sete, e Lote 87, pelos motivos que expomos a seguir. As duas primeiras aparecem como anotações à lápis no documento encontrado, com a Casa Boccellini aparecendo em fotografias dos

⁹ CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke**: uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

¹⁰ CAMARGO, M. J. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

¹¹ SEGAWA, H. M.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke**: a arte de bem projetar e construir. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997.

¹² Conforme relatou em entrevista. BRATKE, R. C. **História do Jardim do Embaixador**. [São Paulo]: Construtora Bratke & Collet, 27/01/17. Entrevista concedida a Marcelo Leite.

anos 1950 (fig. 9) e existindo até hoje, enquanto que da Casa Perrelli restam apenas os portões e alguns vestígios. A Casa Sete, por sua vez, chegou a ser construída antes mesmo que algumas das *cabanas* erguidas pela Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. ficassem prontas. Por fim, a casa situada no lote 87 – vizinha à morada dos Bratke – apresenta em sua cozinha detalhes muito semelhantes com ideias desenvolvidas na prancheta do arquiteto, como mostraremos na parte do trabalho intitulada *usos do espaço*. Mesmo que a questão da autoria seja mais questionável no caso dessas quatro habitações, consideramos pertinente incluí-las por ainda estarem dentro do já descrito *modelo* estabelecido por Bratke e sua sociedade.

A busca por mais informações e a análise dos dados encontrados nos permite traçar um perfil dos primeiros moradores do Jardim do Embaixador. No geral, são pessoas que nasceram entre as duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, e que fizeram sua formação profissional

entre os anos 1920 e 1930. De modo que na década de 1940 se encontravam na faixa dos trinta a cinquenta anos de idade, com famílias constituídas e situação financeira estável o suficiente para adquirir um grande terreno no interior do estado e nele construir uma casa de campo que proporcionasse uma fuga esporádica da metrópole, junto de parentes e amigos.

Um segundo ponto a ser destacado diz respeito à ascendência étnica desse grupo. Dentro de um contexto de elite em meados do século XX – os primeiros moradores do Jardim do Embaixador mostram uma diversidade de origens que reflete, de certa forma, a sociedade paulista e paulistana do período – maciçamente constituída por descendentes de imigrantes de praticamente todos os continentes. Há um predomínio de sobrenomes italianos¹³, que coabitam no bairro com famílias de origem ibérica¹⁴, alemã¹⁵, inglesa ou norte-americana e árabe¹⁶. Uma configuração semelhante a essa pode ser identificada nas clientelas de Jacques Pilon, composta por “famílias tradicionais

¹³ Entre os primeiros moradores do bairro, há dez sobrenomes italianos: Corazza, Ciampolini, Boccellini, Imbriani Perrelli, Calliera, di Giulio, Sansone, Berrettini, Scavone e Fabrini di Augustinis.

¹⁴ Seis sobrenomes ibéricos: Americano, Ribeiro, Arruda Camargo, Campos, Teixeira de Barros e Ortiz.

¹⁵ Quatro sobrenomes alemães: Bratke, Grabner, Lang e Wolf Kolleritz.

¹⁶ Origem inglesa ou norte-americana: Whitaker, e origem árabe: Chohfi.

paulistanas” e “de imigrantes estrangeiros, constitutivas da elite política e econômica local” (p. 109)¹⁷; e de Gregori Warchavchik, formada por “remanescentes da velha oligarquia paulista e de descendentes de imigrantes que havia pouco tinham atingido o topo da escala social em múltiplas atividades, das primárias às terciárias” (p. 424)¹⁸.

Alguns *hobbies* compartilhados por essas pessoas poderiam ser praticados em conjunto durante o tempo livre para lazer em Campos do Jordão. Sabemos, por exemplo, que tanto Martha Whitaker quanto sua cunhada Mary Mauger gostavam de pintar; Adhemar de Campos e Oswaldo Bratke apreciavam andar à cavalo; o sócio de Bratke, Carlos Botti, era aviador tal como Adolpho Calliera; esse último disputava partidas de tênis na Sociedade Harmonia e no Clube Atlético Paulistano, no Jardim América, e era membro do Esporte Clube Palmeiras; de forma semelhante, Paschoal Scavone (fig. 10) realizou benfeitorias no Itatiba Futebol Clube em sua cidade natal, e foi um dos fundadores

do Tênis Clube jordanense em 1933 (fig. 11); era ainda um amante do automobilismo, como o arquiteto Fernando Stickel, pertencente à família Diederichsen Villares do Hotel Toriba. Nascido em 1948, Stickel faz em sua página na internet¹⁹ um relato sobre suas temporadas em Campos do Jordão, que incluíam “trabalhar nas estradinhas, construção coletiva de estradas, grutas, pontes” de dia e à noite festas ou “jogos perto da lareira”; às vezes construía-se “uma cabana no meio do mato”, os caiaques de lona entravam no lago, escalava-se a Pedra do Baú ou fazia-se “excursões à cavalo que duravam dois ou três dias”, com sacos de dormir estendidos sob “um céu estupidamente estrelado”.

Além das diversões e passatempos, alguns dos primeiros moradores do Jardim do Embaixador atuavam nos mesmos ramos profissionais. A propaganda que Oswaldo Bratke e Noé Ribeiro fizeram entre seus pares deve ter sido a responsável pelo número expressivo de personagens ligados à construção civil possuindo

¹⁷ SILVA, J. M. C. **O arquiteto e a produção da cidade**: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960). 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

¹⁸ LIRA, J. T. C. **Warchavchik**: fraturas da vanguarda. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

¹⁹ STICKEL, F. **Campos do Jordão**. Disponível em www.stickel.com.br, acesso em 18/02/18.

casas no bairro²⁰, seguido de perto pelo grupo dos empresários²¹. Alguns ainda eram advogados ou médicos²². De forma parecida, José Tavares Correia de Lira observa “industriais, comerciantes, banqueiros, investidores imobiliários e profissionais liberais (p. 388) na carteira de clientes de Warchavchik, em seu livro sobre a vida e a obra do arquiteto ucraniano.

A seguir, detalharemos o acervo arquitetônico do Jardim do Embaixador (fig. 12) conforme a lista apresentada anteriormente e através de seis chaves de análise: implantações, usos do espaço, aberturas, estruturas e acabamentos em alvenaria, estruturas e acabamentos em madeira e coberturas. Dentre as vinte e quatro edificações que constituem o recorte inicial dessa pesquisa, elegemos doze como mais *importantes*: o Restaurante, e as casas Oswaldo Bratke, Guilherme Corazza, Noé Ribeiro, Armando Ciampolini, Firmino Whitaker, Francisco Berrettini, Paschoal Scavone, Adhemar de Campos, Teixeira de Barros, Júlio Ortiz e Lote 87. Esses exemplos serão os mais recorrentes no próximo capítulo,

²⁰ Eram arquitetos, engenheiros e/ou pessoas ligadas a construtoras ou serviços de infraestrutura urbana: Bratke, Corazza, Americano, Grabner, Ribeiro, Ciampolini e Calliera.

e a escolha por eles foi determinada por dois fatores: o *melhor estado de conservação* das características arquitetônicas originais, e/ou a *maior quantidade de informações* obtidas durante o levantamento documental e físico. Para essas obras também foram elaboradas fichas descritivas, que se encontram em anexo ao final desse trabalho.

²¹ Eram empresários dos setores industrial, ou comércio e serviços: Perrelli, di Giulio, Sansone, Scavone, Camargo e Fabrini.

²² Whitaker, Berrettini e Campos eram advogados e Wolf, além de ter sido o primeiro gerente do Restaurante Jardim do Embaixador, também era médico.



Fig. 1: Armando Ciampolini.
Fonte: www.iabsp.org.br.

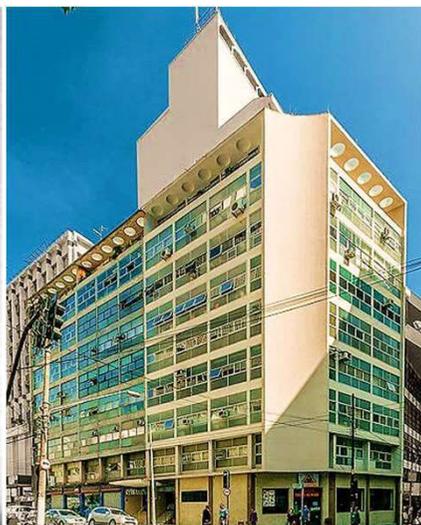


Fig. 2: Edifício ABC. Fonte:
www.fotografia.folha.uol.com.br..



Figs. 3 e 4: Oscar Americano e a esposa, Maria Luísa Ferraz (1918-1972). Fonte: www.fundacaooscaramericano.org.br.

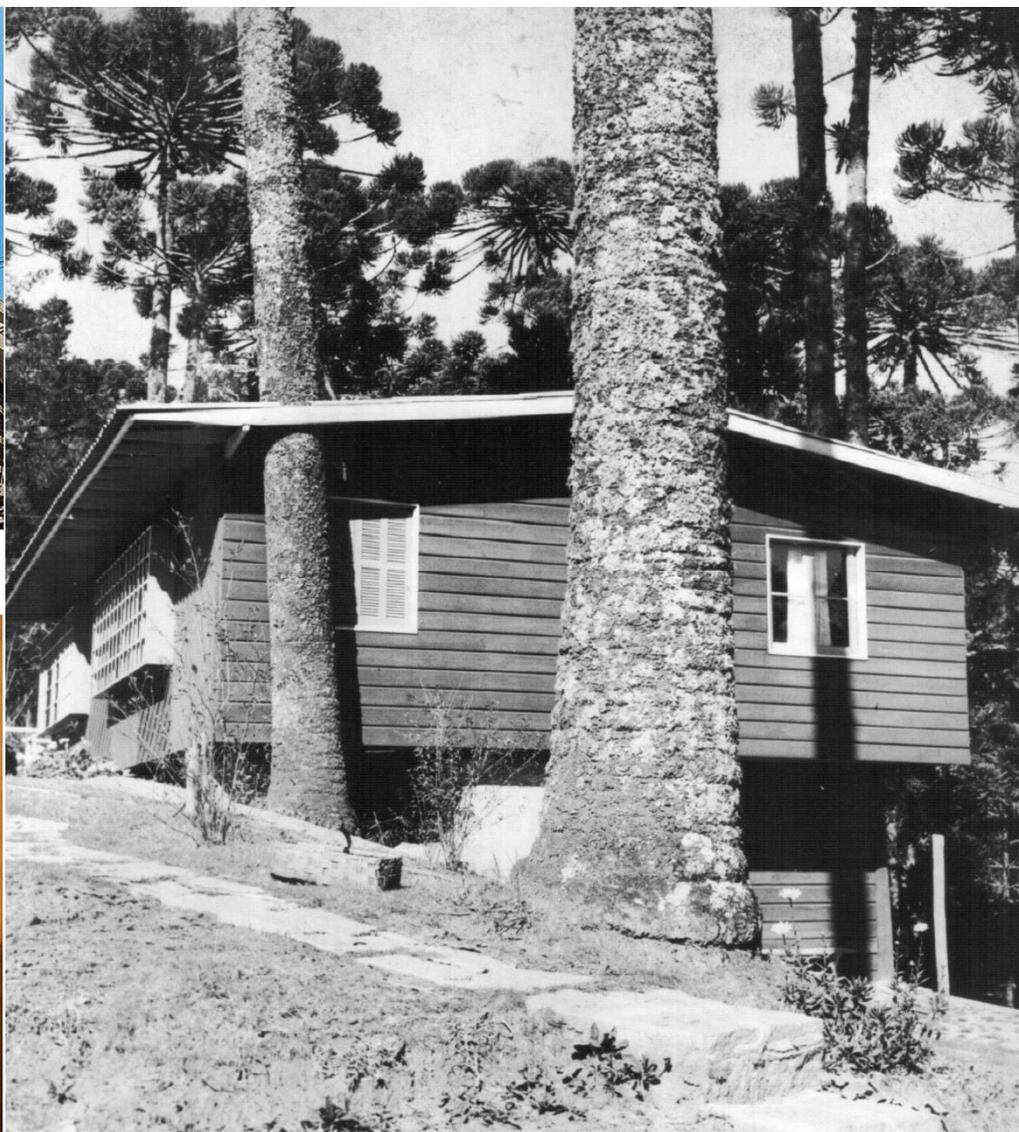


Fig. 5: Casa Whitaker nos anos 1950.
Fonte: Acervo da Família Whitaker.

Jardim do Embaixador

CAMPOS DO JORDÃO

Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. S. Paulo

DIRETORES:
 NOÉ RIBEIRO
 JOÃO LANG JUNIOR
 CARLOS LANG
 ALBERTO LANG

R. SEBASTIÃO PEREIRA, 589 - FONE 51-5395

R. CONS. CRISPINIANO, 378 - 6.º AND. - FONE 34-0069

São Paulo, 26 de Março de 1.954.-

RESIDÊNCIAS CONSTRUIDAS NO "JARDIM DO EMBAIXADOR" EM CAMPOS DO JORDÃO

- Lote 46 - Dr. Francisco V. Azevedo
- " 47 - Dr. Oswaldo Bratke
- " 49 - Dr. Guilherme Corazza
- " 50 - Dr. Oscar Americano
- 52 e 53 - Dr. Henrique Grabner
- 55 - Dr. Alberto Lang
- 59 - Dr. Noé Ribeiro
- 60 - Dr. Armando Champolini
- 66 - Adolpho Caliera
- 68 - Da. Noemia D'Giulio
- 110 - Dr. Francisco Berrattini
- 111 - Dr. Paschoal Scavone
- 113 - Dr. Aristides A. Camargo
- 114 - Theda Fabrini de Agustinis e Outras
- 115 - Dr. Carlos Adhemar de Campos
- 118 - Dr. Antonio F. de Barros
- 121 - Dr. Tufik Chofi
- 125 - Dr. Julio Ortiz
- 137 - Mario e Edmundo Sansone

65 - Lote Jardim Imbuicaba, Perdi
 62 - (Lote) Carlos Berrettini
 109 (Lote) Francisco Berrattini
 109 (Lote) Francisco Berrattini

Fig. 6: Residências construídas pela Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. no Jardim do Embaixador até 26 março de 1954. Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

Observação: Encontramos certas variações na grafia de alguns nomes, como Calliera e Calliera; usaremos a segunda; d' Giulio e di Giulio: usaremos a segunda; Berrattini ou Berrettini: usaremos a segunda; Aristides A. Camargo é o mesmo que Aristides Arruda Camargo; Antônio F. de Barros é o mesmo que Teixeira de Barros; Chofi e Chohfi: usaremos a segunda; Perrelli e Perrelli: usaremos a segunda.

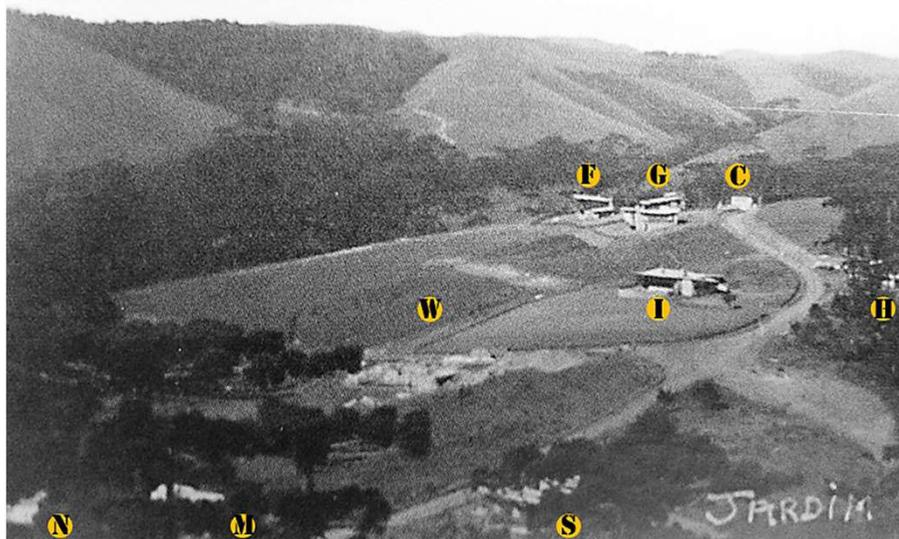


Fig. 7: Área central do Jardim do Embaixador nos anos 1940.
 Fonte: Adaptada pelo autor com base em Segawa e Dourado, 2012, p. 73.
 Seguindo a legenda apresentada no mapa A temos:

F: Casa Noé Ribeiro
 G: Casa Armando Ciampolini
 C: Casa Oscar Americano
 W: Casa Sete
 I: Restaurante Jardim do Embaixador
 H: Casa Firmino Whitaker
 N: Casa Paschoal Scavone
 M: Casa Francisco Berrettini
 S: Casa Tufik Chohfi

As casas Sete e Whitaker parecem estar em construção.
 O restaurante ainda não havia sofrido ampliação.
 As Ruas Cabreúva e Caviúna estão sendo abertas.

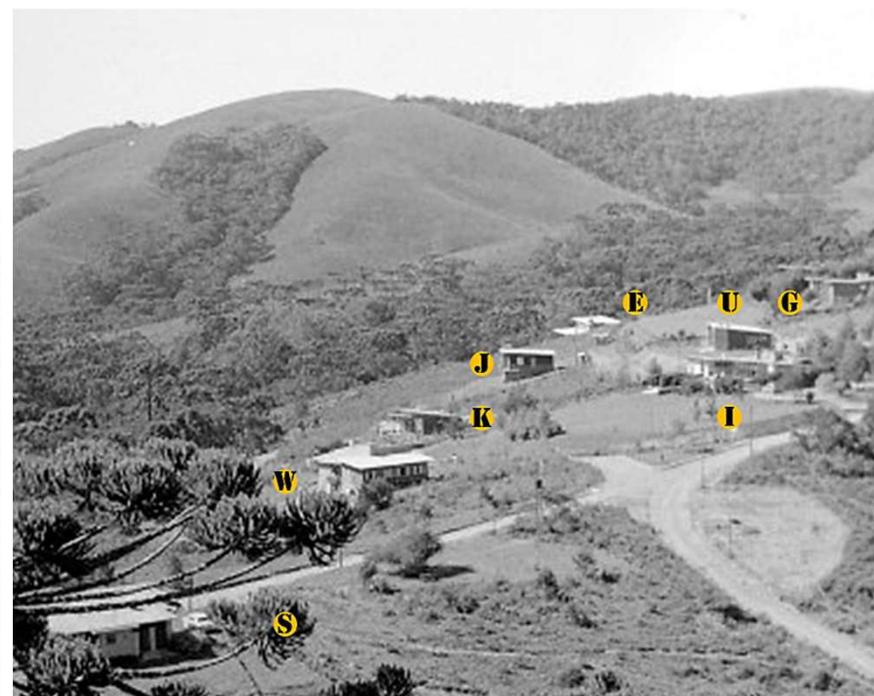


Fig. 8: Área central do Jardim do Embaixador nos anos 1940 ou 1950.
 Fonte: Adaptada pelo autor com base em foto do acervo de Edmundo Rocha.
 Seguindo a legenda apresentada no mapa A temos:

E: Casa Alberto Lang
 U: Casa Carlos Boccellini
 G: Casa Armando Ciampolini
 J: Casa Adolpho Calliera
 K: Casa Noêmia di Giulio
 I: Restaurante Jardim do Embaixador
 W: Casa Sete
 S: Casa Tufik Chohfi

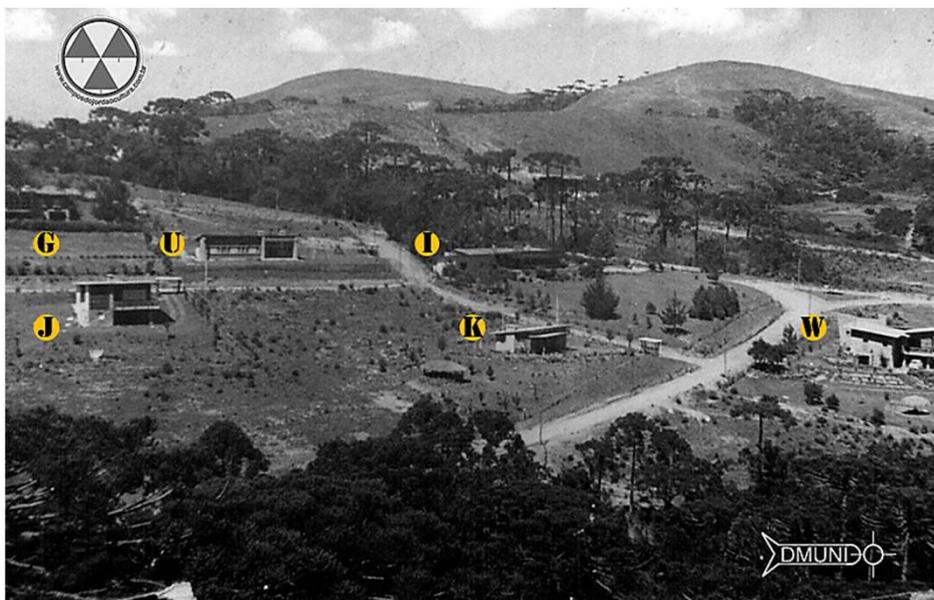


Fig. 9: Área central do Jardim do Embaixador nos anos 1950.

Fonte: Adaptada pelo autor com base em foto do acervo de Edmundo Rocha.

Seguindo a legenda apresentada no mapa A temos:

G: Casa Armando Ciampolini

U: Casa Carlos Boccellini

I: Restaurante Jardim do Embaixador

J: Casa Adolpho Calliera

K: Casa Noêmia di Giulio

W: Casa Sete

O restaurante já havia sido ampliado.

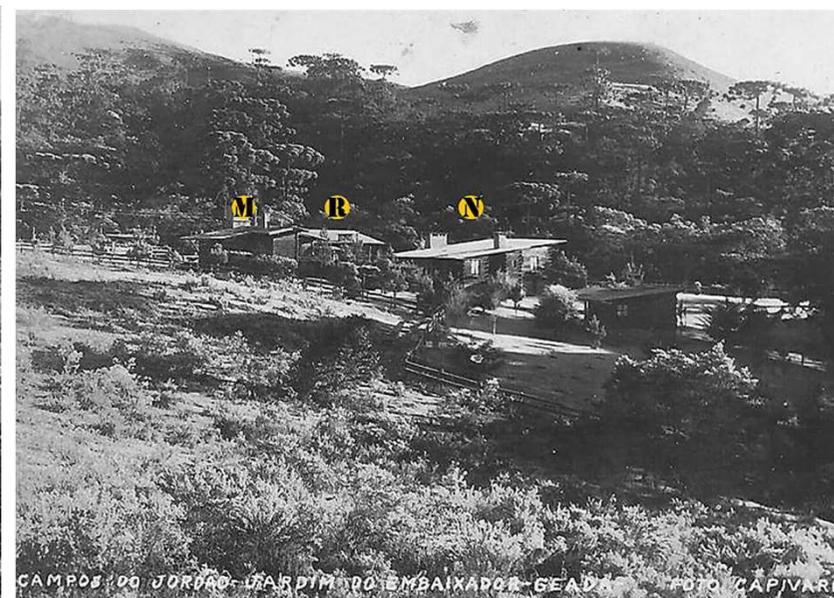


Fig. 10: Trecho final da Rua Nogueira nos anos 1950 ou 1960.

Fonte: Adaptada pelo autor com base em uma Foto Postal Colombo.

Seguindo a legenda apresentada no mapa A temos:

M: Casa Francisco Berrettini

R: Casa Teixeira de Barros

N: Casa Paschoal Scavone

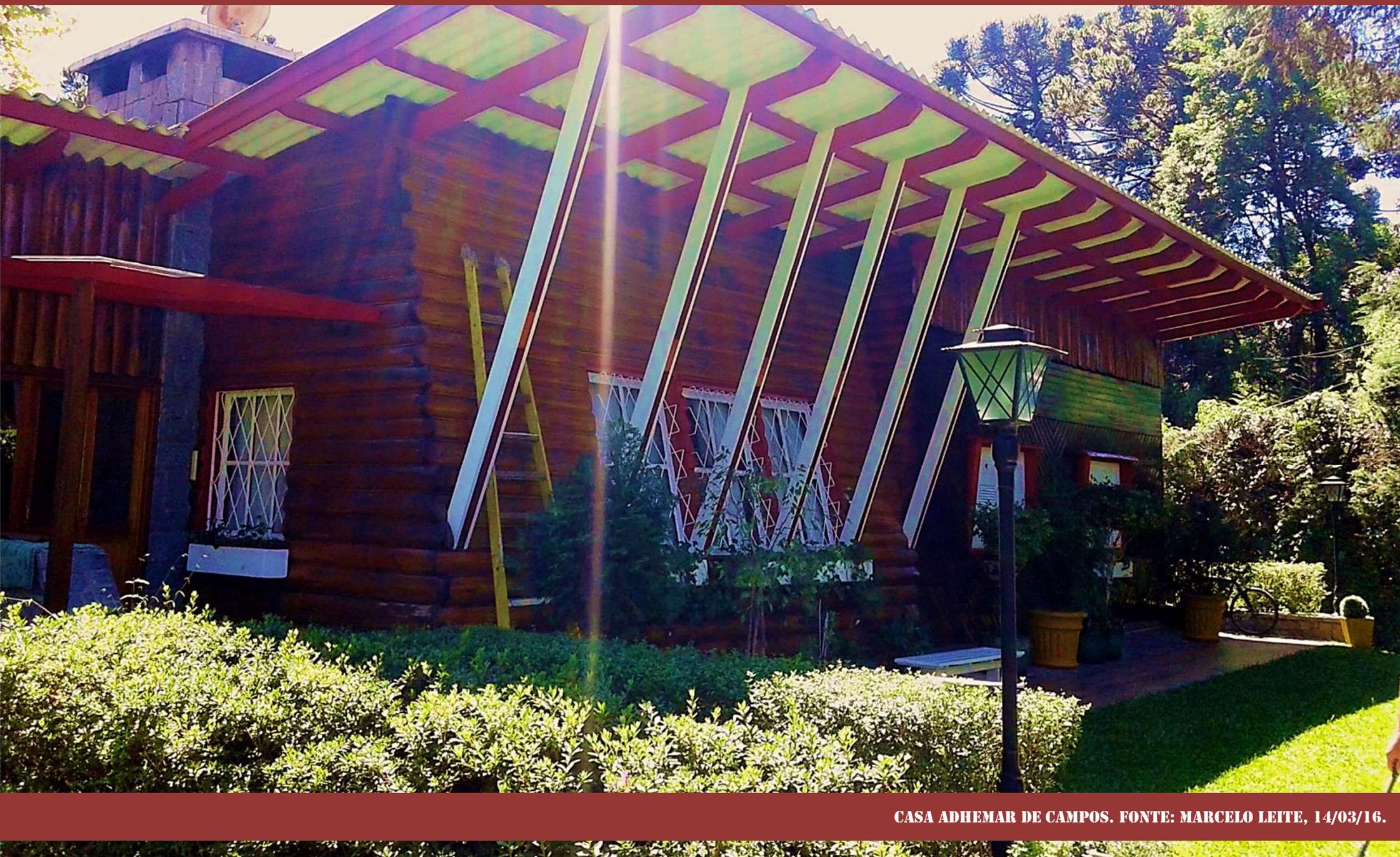


Fig. 11: Segunda sede do Campos do Jordão Tênis Clube de Turismo. Quadro de Expedito Camargo Freire (1908-1991) pintado nos anos 1960. Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Fig. 12: Porção oeste do Jardim do Embaixador nos anos 1960. Fonte: Adaptada pelo autor com base em foto do acervo de Edmundo Rocha. Seguindo a legenda apresentada no mapa A, temos:
 H: Casa Firmino Whitaker
 Y: Casa na Rua Ipê
 Z: Casas na Rua Faveiro
 A Rua Embuia está sendo aberta.

CAPÍTULO 4 – AS CASAS DE CAMPO: ANÁLISE TEMÁTICA



4.1 Implantações

Bratke se deparou com dois tipos de terrenos no Jardim do Embaixador: alguns praticamente planos, correspondendo a topos de morros e pequenas planícies próximas ao Córrego do Homem Morto; e outros com topografia acidentada e inclinações consideráveis, para os quais foram desenvolvidas interessantes estratégias de implantação.

Em ambos os casos, foram respeitados alguns preceitos dos bairros-jardins, tais como a baixa taxa de ocupação do lote e a preocupação em manter a maior parte do terreno vegetada e permeável. Apesar de não sabermos se o mestre paulista chegou a estabelecer uma taxa limite para a projeção construída das habitações, como fez Julio Vilamajó em Villa Serrana ao propor uma “ocupação máxima de 14% da superfície dos lotes edificáveis” (p. 270)¹, percebemos ao observar as imagens de satélite do bairro atualmente (mapas A e B, p. 145) que a ocupação dos terrenos ainda é baixa. Importante ressaltar também que, mesmo com os

lotes já possuindo em média 1612 m² de área, foi comum no Jardim do Embaixador a compra de dois, três ou até seis, sete lotes contíguos – o que acentua os aspectos de isolamento e privacidade das moradias.

Ainda em semelhança com Vilamajó, Bratke também criou um “padrão para cercas entre divisas” (p. 274) e portões (figs. 1 a 3). Apesar de servir como delimitação das propriedades, essas cercas baixas (fig. 4) parecem existir mais por uma questão simbólica do que por uma preocupação com segurança: afinal, o bairro era uma localidade desabitada e afastada de uma cidade interiorana, e os vizinhos que o arquiteto havia *convidado* para adquirir suas casas de campo pertenciam à um mesmo estrato social e eram conhecidos entre si. Desse modo, bem diferente do cenário de muros altos e desconfiança atual, o Jardim do Embaixador era originalmente um local de comunhão de famílias de iguais com a natureza. Analisando-se a carreira de Bratke como um todo, percebemos que esse tipo de cercamento de lote esteve presente em diversas residências projetadas pelo arquiteto (fig. 5).

¹ CABRAL, C. P. C. Na natureza agreste: a proposta de Julio Vilamajó para Villa Serrana, Uruguai, 1946-1947. In: SOUZA, C. F. **Ideias em circulação na construção**

das cidades. Porto Alegre: Marcavizual, PROPUR-PROPAR/UFRGS, 2014, p. 261-285.

A implantação nos lotes praticamente planos era, logicamente, mais simples e parecia envolver quase nenhuma movimentação de terra. Pequenos desníveis eram regularizados por uma base de pedra – que também cumpria o papel de fundação para a estrutura – em alguns casos formando um platô sobre o qual se assentava a construção (fig. 6). Marcel Breuer também adotou essa estratégia em algumas das residências projetadas por ele nos Estados Unidos entre o fim dos anos 1930 e os anos 1950 (fig. 7). A esse respeito o pragmático Bratke justificou para Geraldo Ferraz² que “a necessidade de se conservar a casa destacada do chão, preservando-se assim a construção da umidade [é apenas] uma condição intemporal de habitabilidade” (p. 23), sobretudo no caso das feitas em madeira como no Jardim do Embaixador. Simbolicamente, ainda vale lembrar – segundo James Ackerman³ – que essa espécie de *pódio* que *eleva os ambientes do solo* também representa, de certa forma, um

² FERRAZ, G. Novos valores na arquitetura moderna brasileira II – Oswaldo Bratke. In: *Habitat*, n. 45, nov-dez. 1957, p. 21-36.

³ ACKERMAN, J. *The villa: form and ideology of country houses*. Princeton: University Press, 1989.

⁴ BRUAND, Y. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Tese de doutorado finalizada em 1973 e publicada no Brasil pela primeira vez em 1981.

distanciamento do cenário natural (p. 30). O que leva à conclusão que há em alguns projetos de Bratke uma espécie de ambiguidade – o arquiteto concebe um edifício “ligado ao meio que o circunda”, ao mesmo tempo em que o mesmo se encontra “ligeiramente desligado do solo”, como observa Yves Bruand (p. 284)⁴.

Outro interessante exemplo de desligamento ocorre na fachada frontal da Casa Firmino Whitaker, onde a casa se encontra elevada do terreno cerca de 40 centímetros (fig. 8), transmitindo ao observador, sob alguns pontos de vista, a impressão de que a moradia flutua sobre o solo. Esse efeito ilusório se relaciona com “a característica visual do[s] *bungalow[s]* [de transmitir a] impressão de leveza e de fácil montagem” (p. 637) - conforme Ana Tagliari e Haroldo Gallo⁵.

De acordo com Anderson Dall’Alba⁶, “a elevação do solo e a distinção compositiva entre base que regulariza o terreno e corpo principal” que foram empregadas no Jardim do Embaixador

⁵ TAGLIARI, A; GALLO, H. O movimento inglês *arts & crafts* e a arquitetura norte-americana. In: *Anais do III Encontro de História da Arte do IFCH/Unicamp*. Campinas: Unicamp, 2007.

⁶ DALL’ALBA, A. *Formas modernas em jardins pitorescos: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950*. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

“também são retomadas” (p. 195) nas residências que o mestre paulista construiu posteriormente no Morumbi, onde outros terrenos foram *dominados com habilidade* (p. 284), na visão de Yves Bruand.

No caso dos terrenos acidentados, a implantação foi pensada de forma mais cuidadosa, tirando “partido dos acidentes topográficos locais e [reduzindo] ao máximo os movimentos de terras” (p. 2)⁷, mudança notada por Bressan Pinheiro em seu estudo sobre a arquitetura paulistana em meados do século XX. No início da década de 1940 já vemos Bratke experimentando essa relação da edificação com o sítio, como na casa da Rua Rio de Janeiro, em Higienópolis (figs. 9 e 10). No último estudo para casa de campo em Campos do Jordão, em julho de 1944 (fig. 11), a habitação se desenvolve em dois níveis, com o que parece ser o setor de serviços na parte inferior, e a área íntima, na parte superior. Entre eles o setor social, em pé direito duplo, de modo que o relevo define e dá dinamismo ao espaço doméstico. As casas Adhemar de Campos, Firmino Whitaker e Noé Ribeiro são os

melhores exemplos da concretização dessa forma de implantação em dois níveis, também empregada por Sérgio Bernardes na Casa Guilherme Brandi em Petrópolis (fig. 12) e por Breuer em diversos momentos de sua carreira (comparação I).

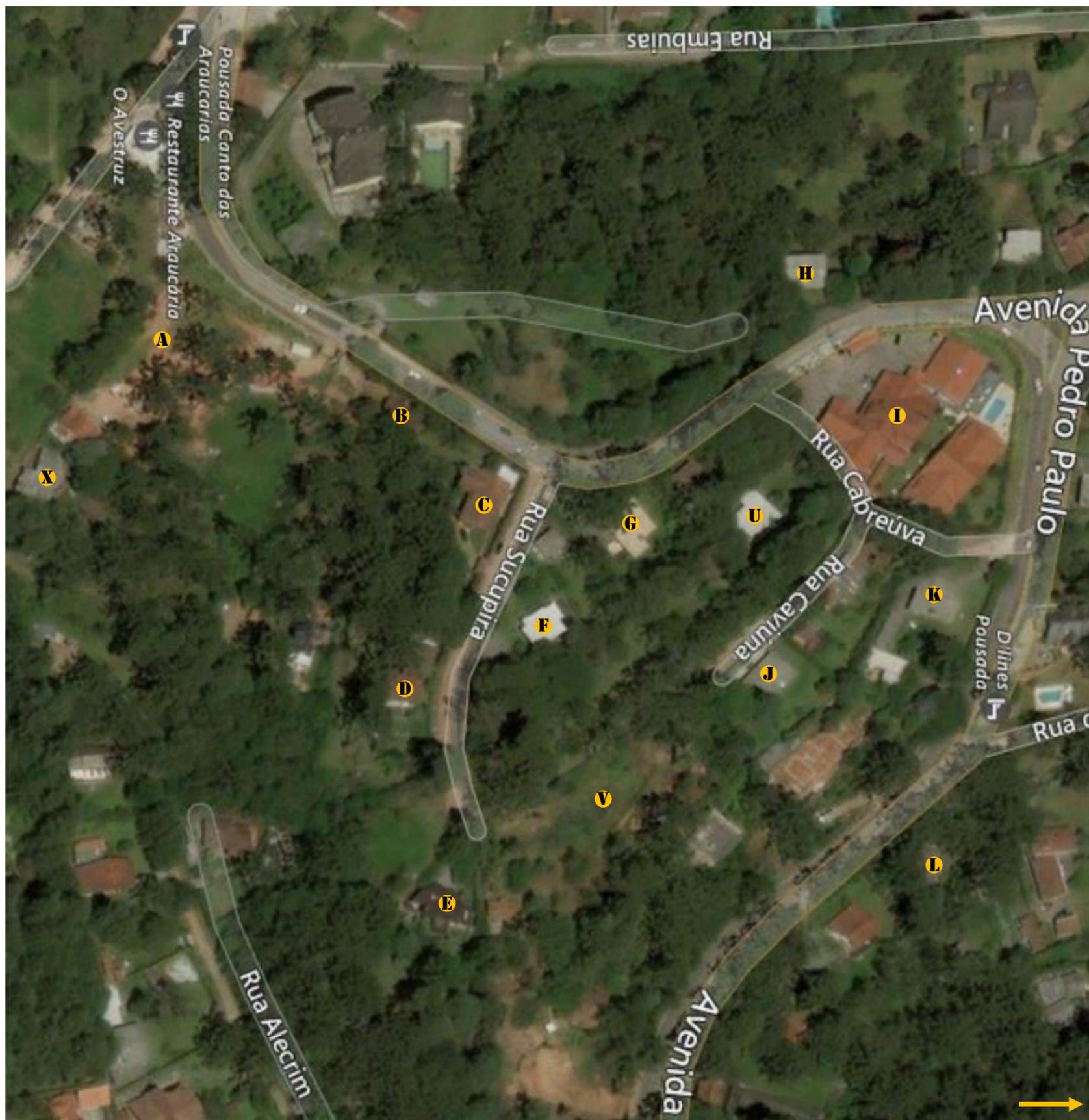
Em todos os casos da comparação I, o acesso se dá pela parte mais alta dos lotes, que se liga com a via. Com essa escolha, as vistas mais amplas – e conseqüentemente as maiores aberturas – ficam voltadas para o interior do terreno, de modo que a relação dos habitantes com o quintal é mais *amigável* e *extrovertida*, e com a rua, mais *introvertida*, como ocorre nas casas usonianas de Frank Lloyd Wright, construídas nos Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950 (comparações II e III). Essa lógica é condizente com a ideia de bairro-jardim, mas certamente rompe com uma preocupação em dar destaque para as fachadas frontais, revelando-se desse modo como uma estratégia moderna.

A frente introvertida da residência é também uma forma de garantir a *privacidade* daqueles que lá habitam, de modo que é comum no Jardim do Embaixador um recuo em relação à via. Além

⁷ PINHEIRO, M. L. B. Uma cidade pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. *In: Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Campinas: SHCU, 1998.

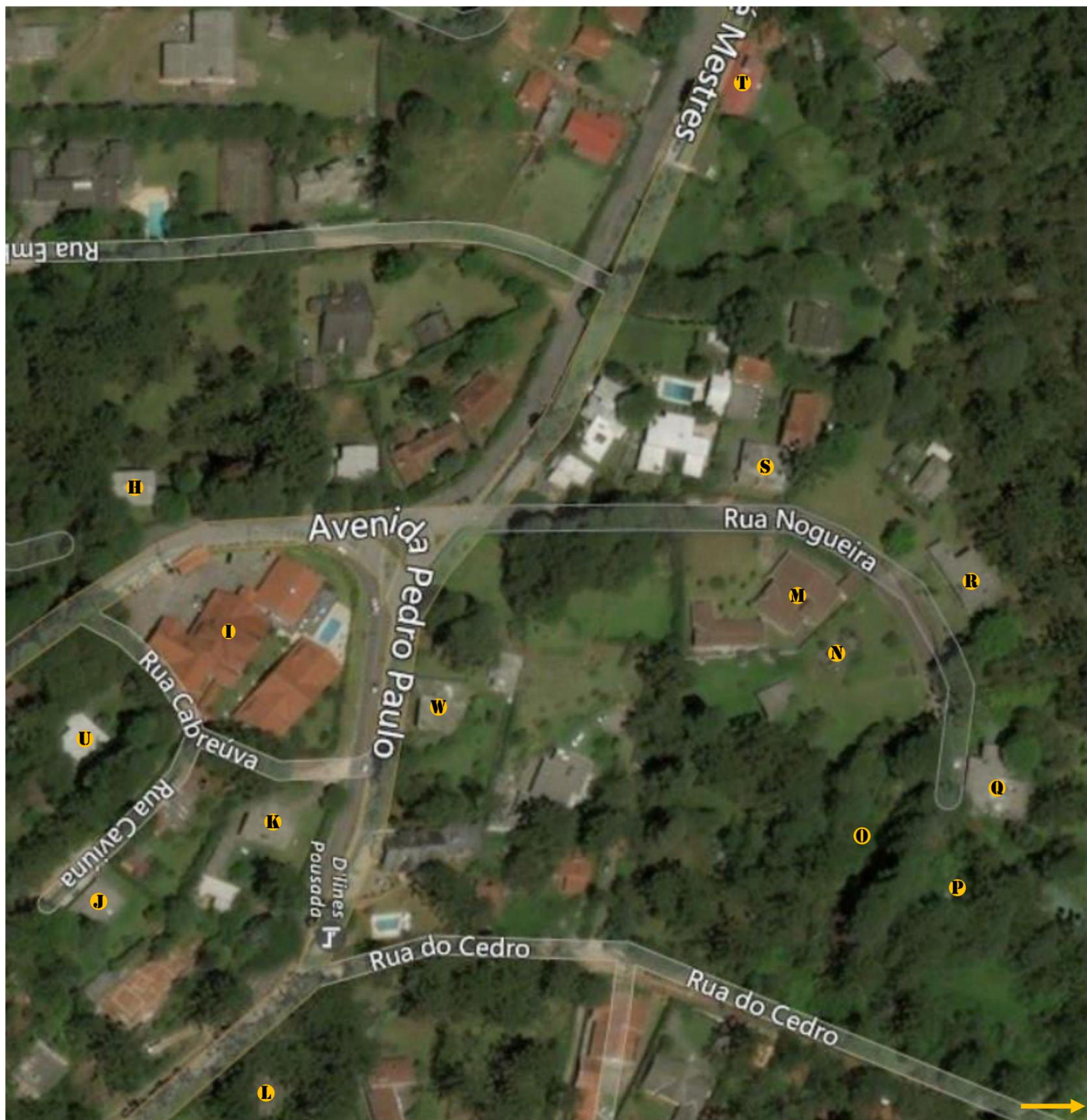
disso, a implantação em desnível faz com que – do nível da rua – um observador tenha a impressão de que as casas são térreas (e não em dois pavimentos). Em algumas delas, além dessas características, é possível identificar mais algumas estratégias para assegurar a privacidade. Como a ausência de janelas na frente da Casa Ribeiro, ainda em semelhança com as casas usonianas de Wright (figs. 13 e 14) que “possuem uma fachada simples e sem janelas [...] que não possibilita que as pessoas na rua vejam o interior” (p. 85)⁸. Ou como a malha de brises que oculta as janelas frontais da Casa Whitaker.

⁸ TAGLIARI, A. **Os princípios orgânicos na obra de Frank Lloyd Wright**: uma abordagem gráfica de exemplares residenciais. 2008. 351 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.



Mapa A: Imagem de satélite da porção sul do Jardim do Embaixador, com destaque para a localização e situação atual de 15 das 24 edificações em estudo.
 Fonte: Adaptado por Marcelo Leite com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

A legenda segue o padrão apresentado na seção anterior desse trabalho: A – Casa Oswaldo Bratke (lotes 47, 48, 86, demolida); B – Casa Guilherme Corazza (lotes 49, 85); C – Casa Oscar Americano (lotes 50, 51); D – Casa Henrique Grabner (lotes 52, 53); E – Casa Alberto Lang (lotes 55, 55, 56); F – Casa Noé Ribeiro (lotes 58, 59, 63, 64); G – Casa Armando Ciampolini (lote 60, também conhecida como Rancho das Araucárias); H – Casa Firmino Whitaker (lotes 38, 39, 45, 46); I – Restaurante Jardim do Embaixador (quadra central, atual Hotel Colônia da USPESP, bastante alterado em relação ao original); J – Casa Adolpho Calliera (lote 66, também conhecida como Rancho da Serra); K – Casa Noêmia di Giulio (lote 68); L – Casa Edmundo Sansone (lote 137); U – Casa Carlos Boccellini (lote 62); V – Casa Deodoro Perrelli (lotes 57 e 65, demolida); X – Casa do lote 87. Norte no canto inferior direito.



Mapa B: Imagem de satélite da porção norte do Jardim do Embaixador, com destaque para a localização e situação atual de 15 das 24 edificações em estudo. Fonte: Adaptado por Marcelo Leite com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

A legenda segue o padrão apresentado na seção anterior desse trabalho: H – Casa Firmino Whitaker (lotes 38, 39, 45, 46); I – Restaurante Jardim do Embaixador (quadra central, atual Hotel Colônia da USPESP, bastante alterado em relação ao original); J – Casa Adolpho Calliera (lote 66, também conhecida como Rancho da Serra); K – Casa Noêmia di Giulio (lote 68); L – Casa Edmundo Sansone (lote 137); M – Casa Francisco Berrettini (lotes 109, 110); N – Casa Paschoal Scavone (lotes 111, 112, demolida); O – Casa Aristides Camargo (lote 113, demolida); P – Casa Theda Fabrini (lote 114, demolida, também conhecida como Rancho Pernambuco); Q – Casa Adhemar de Campos (lotes 115, 116, 150, também conhecida como Rancho Azul ou Rancho Fundo); R – Casa Teixeira de Barros (lotes 117, 118, 119, 120, 151, 152 e NA, também conhecida como Rancho Cantagalo); S – Casa Tufik Chohfi (lote 121, também conhecida como Rancho Sete Cravos); T – Casa Júlio Ortiz (lote 125); U – Casa Carlos Boccellini (lote 62); W – Casa Sete (lotes 105 e 106). Norte no canto inferior direito.



Fig. 1: Portão da Casa Bratke.
Fonte: Serapião, 2008.



Fig. 2: Portões das casas Corazza (esq.) e Bratke (dir.).
Fonte: Serapião, 2008.



Fig. 3: Possível portão da Casa Berrettini.
Fonte: Acervo de Anna Beatriz Galvão.



Fig. 4: Cerca da Casa Whitaker.
Fonte: www.google.com.br/streetview, imagem de ago. 2017.

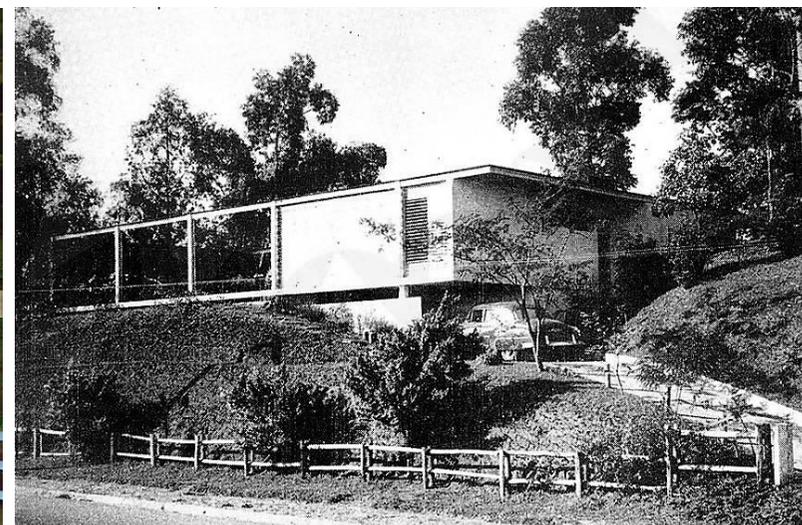


Fig. 5: Cerca da Casa Joly, Morumbi, 1953.
Fonte: *Acrópole*, jan. 1958, p. 91.



Fig. 6: Ruínas da Casa Scavone.
Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.

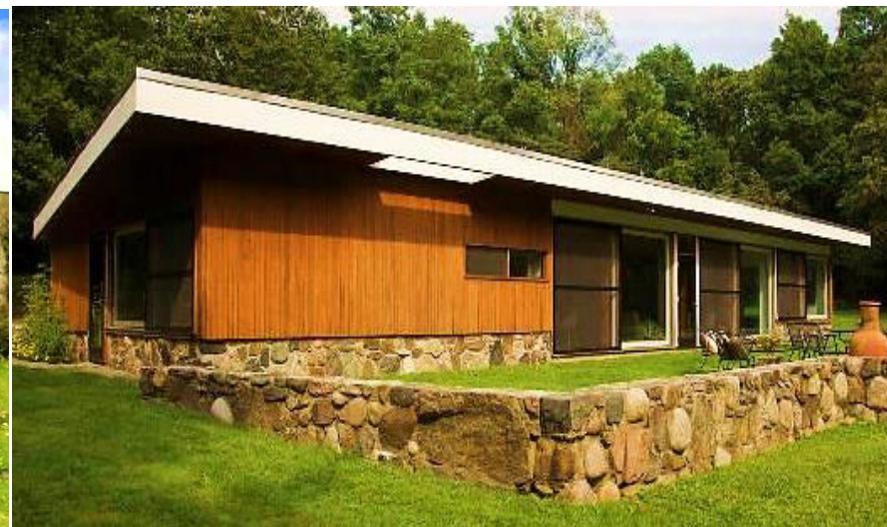


Fig. 7: Casa John Hanson, arq. Marcel Breuer, Huntington-NY, 1950.
Fonte: www.ncmodernist.org.



Fig. 8: Fachada frontal da Casa Whitaker.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Figs. 9 e 10: Casa na Rua Rio de Janeiro, Higienópolis, fachada frontal (esq.) e posterior (dir.).
Fontes: Segawa e Dourado, 2012, p. 65 e *Acrópole*, abr. 1940, p. 33.

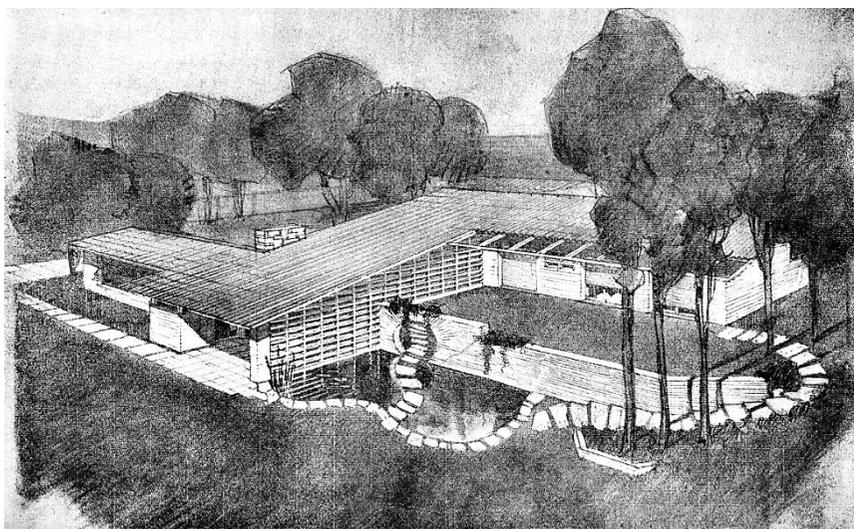


Fig. 11: Sexto estudo para casa de campo em Campos do Jordão.
Fonte: *Acrópole*, jul. 1944, p. 119.



Fig. 12: Casa Guilherme Brandi, arq. Sérgio Bernardes, Petrópolis, 1952.
Fonte: www.casasbrasileiras.wordpress.com.



Fig. 13: Casa Herbert Jacobs I, arq. Frank Lloyd Wright, Madison-WI, 1936.
Fonte: www.turtle.net.

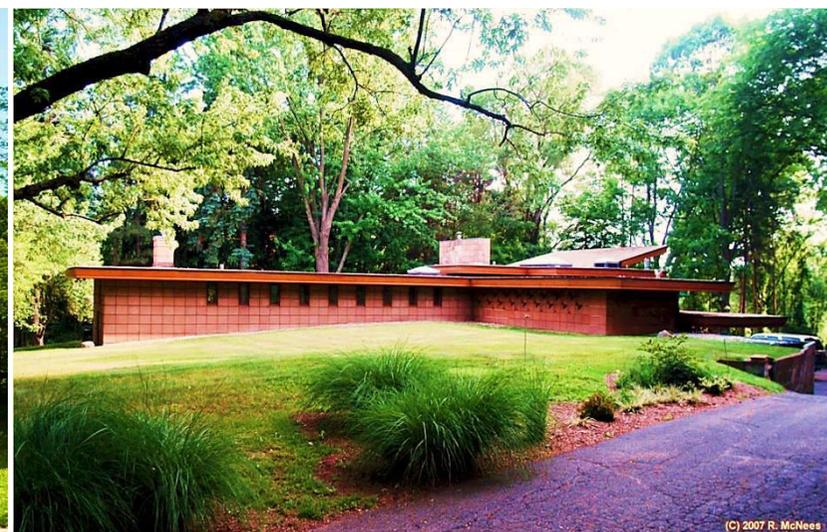


Fig. 14 Casa Robert Levin, arq. Frank Lloyd Wright, Kalamazoo-MI, 1948.
Fonte: www.mcnees.org.

Comparação I
fachada Lateral

Casa Adhemar Campos
Oswaldo Bratke, 1944
Campos do Jordão-SP



Casa Firmino Whitaker
Oswaldo Bratke, 1944
Campos do Jordão-SP



Casa Noé Ribeiro
Oswaldo Bratke, 1944
Campos do Jordão-SP



Casa June Alworth
Marcel Breuer, 1954
Duluth-MN



Casa Abraham Wilson
Frank L. Wright, 1954
Millstone-NJ

Comparação II
fachada posterior



Comparação III
fachada frontal



Fontes Marcelo Leite, 14/03/16

Marcelo Leite, 17/03/16

Marcelo Leite, 21/02/17

www.ncmodernist.org

www.crystalbridges.org

4.2 Usos do espaço

Um dos projetos encontrados no arquivo da prefeitura jordanense, datado de 1955, é o de uma reforma e ampliação na Casa Adhemar de Campos – que na época havia sido comprada por Felício Lanzara (fig. 1, p. 157)¹. Os desenhos do responsável pela obra, Floriano Rodrigues Pinheiro (1896-1981)², permitem um vislumbre do projeto original de Bratke. O piso superior corresponde à habitação propriamente dita, com um grande ambiente de estar e jantar, cozinha e três dormitórios. O piso inferior, de apoio, possui uma garagem e uma área de serviço. Concluímos, por meio das visitas às demais residências e dos depoimentos dos caseiros, que esse seria o programa básico original de todas as residências construídas por Bratke no Jardim do Embaixador.

¹ PINHEIRO, F. R. **Projeto de reforma e ampliação da Casa Felício Lanzara no Jardim do Embaixador em Campos do Jordão**. Campos do Jordão: Floriano R. Pinheiro & Cia. Ltda., 1955.

² Conforme o iconógrafo Edmundo Rocha, Pinheiro foi um imigrante português que veio para Campos do Jordão trabalhar na construção da ferrovia, em 1914. Sua construtora, formada nos anos 1920, foi responsável por executar diversas obras de vulto na cidade, entre elas diversos sanatórios, a Igreja Matriz, o Hotel Toriba e o Palácio Boa Vista.

Além do programa, o formato da planta – *retangular e compacto* – também é comum a quase todas as outras habitações. A escolha por repetir essa forma bastante simples provavelmente se deve ao fato do modelo tornar a construção mais econômica e facilitar possíveis ampliações, tal qual a chamada *planta longilínea* desenvolvida por Marcel Breuer a partir de suas casas de campo nos Estados Unidos dos anos 1940 e 1950 (fig. 2)³. Precursora da conhecida *planta binuclear* do arquiteto húngaro (fig. 3), nas plantas longilíneas já é possível perceber uma divisão do espaço interno das moradias em “*zona diurna* composta de estar, jantar e cozinha, e *zona noturna* dedicada aos dormitórios” (p. 19)⁴, como vemos na Casa Campos. Vale lembrar, conforme Marlene Acayaba, que Bratke desenvolveu dentro de sua linguagem um *conjunto de casas* que poderiam ser consideradas binucleares (fig. 4) – de modo que não seria estranho que ele também adotasse um

³ Abílio Guerra comenta a planta longilínea de Marcel Breuer em seu artigo: GUERRA, A. A casa binucleada brazuca. *In*: ZEIN, R. V. **Caleidoscópio concreto: fragmentos da arquitetura moderna em São Paulo**. São Paulo: Romano Guerra, 2017, p. 129-62).

⁴ ACAYABA, M. M. **Residências em São Paulo: 1947-1975**. 2ª ed. São Paulo: Romano Guerra, 2011. Primeira publicação em 1986.

esquema parecido com o longilíneo de Breuer em suas casas de campo no Jardim do Embaixador.

Continuando a observação da planta baixa da Casa Campos, percebemos nela mais algumas das mudanças que estavam em curso na arquitetura residencial do século XX, como a “integração entre sala de estar e de refeições” (p. 2)⁵ – que atendia a funções múltiplas, como “receber as visitas, reunir a família e organizar os fluxos entre os três setores da casa” (p. 190)⁶. E a tendência à “compartimentação por [meio de] móveis e painéis deslizantes” (p. 4)⁷: vemos o primeiro caso na separação entre quartos na Casa Campos, feitos com armários embutidos e esbeltos planos de madeira, enquanto que o segundo caso existiu no Jardim do Embaixador pelo menos na Casa Firmino Whitaker, onde “os quartos eram interligados à sala com grandes painéis de correr, e quando abertos havia integração do total dos ambientes”⁸. Posteriormente, a casa do arquiteto na Rua Avanhandava, São

Paulo (1947) – que contém todos os aspectos mencionados acima (fig. 5) – se tornaria uma primeira síntese-propaganda da arquitetura de Oswaldo Bratke, ao ser publicada na revista *Arts & Architecture*⁹.

Retomando o programa básico das casas de campo, o mesmo poderia sofrer pequenas variações em alguns casos, com vistas a atender à alguma demanda imposta pelo cliente. Três dessas mudanças são significativas, como veremos a seguir. A primeira é a existência em algumas casas de terraços frontais ou laterais às áreas sociais, como vemos nas casas Júlio Ortiz (fig. 6), Noé Ribeiro (fig. 7) e Armando Ciampolini, entre outras, ou de caramanchões nos terrenos, como nas casas Firmino Whitaker, Noêmia di Giulio, Sete, etc.

A segunda variação é a existência de duas salas em algumas edificações com dois pavimentos, criando em um andar um espaço mais formal e amplo – o estar e jantar, e em outro, um espaço mais

⁵ PINHEIRO, M. L. B. Uma cidade pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. In: **Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Campinas: SHCU, 1998.

⁶ WOLFF, S. F. S. O moderno como opção estilística: a gradual assimilação das linguagens despojadas de ornamentos na arquitetura residencial do bairro Jardim América em São Paulo nas décadas de 20 a 40. In: **Anais do III Seminário Docomomo | Brasil**. São Paulo: Docomomo, 1999.

⁷ COSTA, A. E; GERHARDT, T. Regra em meio à natureza: casas refúgio na arquitetura brasileira. In: **Anais do VII Projetar**. Natal: Projetar, 2015.

⁸ SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. In: **Projeto Design**, n. 340, jun. 2008.

⁹ BRATKE, O. A. *House and studio in Brazil*. In: **Arts & Architecture**, n. 65, out. 1948, p. 32-3.

informal e restrito – denominado pelo arquiteto em alguns de seus projetos como *sala da família*. É provável que as casas de campo de Oswaldo Bratke (figs. 8 e 9), Teixeira de Barros (fig. 10) e Armando Ciampolini (entre outras) tivessem, desde o início, esse tipo de configuração espacial¹⁰. Tal solução também aparece em projetos posteriores do arquiteto, como as casas Rodrigues Alves (em Higienópolis, São Paulo, 1948), Papa (no Capivari, Campos do Jordão, 1950) e Oscar Americano (no Morumbi, São Paulo, 1952).

A terceira mudança no programa básico das casas de campo era a existência de quartos ou habitações para empregados. Hoje, praticamente todas essas casas ficam aos cuidados de caseiros, que possuem suas próprias habitações dentro dos terrenos. Mas na concepção do bairro esse aspecto não parece ter sido *consenso*, de modo que algumas casas (mas não todas) tiveram *dependências* previstas desde o início, como as casas Noé Ribeiro (fig. 11), Paschoal Scavone e Alberto Lang, entre

outras. Esse ponto é importante por refletir o cenário social brasileiro da época (e o atual), no qual as camadas médias e altas dispunham facilmente de mão-de-obra para serviços domésticos, em muitos casos com coabitação entre patrões e empregados. Situação diferente de boa parte das habitações da classe média norte-americana no mesmo período (fig. 12)¹¹ – os anos 1940 – as quais certamente foram uma referência para Bratke no Jardim do Embaixador. Como aponta Débora Hormain¹², o modelo norte-americano no Brasil foi “de certa forma desvirtuado, e as elegantes e espaçosas residências construídas [...] foram destinadas às classes altas” (p. 116). Enquanto que, segundo Máximo da Silva¹³, a partir da abolição da escravatura nos Estados Unidos (1863) – a mão-de-obra para serviços domésticos diminui, ao mesmo tempo em que aumentam os estudos e propostas destinados a facilitar a limpeza e a organização do lar – pois “o serviço doméstico estava

¹⁰ Roberto Bratke, filho mais velho de Oswaldo, relatou que o andar superior da casa de campo da família de fato possuía uma sala, além de abrigar os dormitórios. BRATKE, R. C. **História do Jardim do Embaixador**. [São Paulo]: Construtora Bratke & Collet, 27/01/17. Entrevista concedida a Marcelo Leite.

¹¹ Sobretudo aquelas localizadas na costa oeste e na porção mais setentrional da costa leste estadunidense.

¹² HORMAIN, D. **O relacionamento Brasil-EUA e a arquitetura moderna: experiências compartilhadas, 1939-1959**. 2012 271 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹³ SILVA, J. L. M. Transformações no espaço doméstico: o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930. In: **Anais do Museu Paulista**, v. 15, n. 2, jul-dez. 2007, p. 197-220.

fortemente associado à escravidão” e “havia cada vez mais uma reação contra a presença de empregados nos lares” (p. 199).

O interior das casas no Jardim do Embaixador se assemelha ao de uma *cabana* (figs. 13 e 14). Há madeira no assoalho, nas paredes, no teto e nos móveis rústicos, criando um espaço termicamente confortável para vencer as baixas temperaturas da Serra da Mantiqueira. Duas outras estratégias bioclimáticas estão presentes nessas casas. Uma delas é a presença de certos fechamentos com poucas ou pequenas aberturas, ou mesmo as fachadas cegas, já comentadas anteriormente. Em uma passagem de seu livro *Sun and Shadow* (1956), Marcel Breuer esclarece que “paredes [...] sem janelas servem como aquecedores [...] [além de preservarem] a privacidade em relação à vizinhança” (*apud* GUERRA, 2017, p. 145) – algo que Bratke certamente conhecia, fosse por sua formação acadêmica, livros, revistas, ou por sua vasta experiência adquirida na prática de projeto.

¹⁴ SOGBE, E. *El lugar del fuego en la arquitectura de Marcel Breuer*. 2012. 354 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 2012.

¹⁵ NORBERG-SCHULZ, C. *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*. Nova York: Rizzoli, 1980.

A outra solução para conforto térmico, mais convencional, são as onipresentes lareiras de pedra (figs. 15 a 17) que quebram a monocromia da madeira no interior das moradas. Além de seu caráter funcional: abrigar o fogo que aquece o ambiente, elas também carregam certas conotações *antropológicas, simbólicas e formais* (p. 9), de acordo com Érica Sogbe¹⁴ – das quais certamente Bratke, assim como Breuer e Frank Lloyd Wright, não estava alheio. Explicamos: lareiras servem como um ponto para união familiar e podem até representar um *genius loci*, além de poderem funcionar como um “núcleo expressivo da habitação” (p. 192, tradução nossa)¹⁵, na visão do teórico da arquitetura Christian Norberg-Schulz (1926-2000) ao estudar a arquitetura residencial de Wright. O que pode ocorrer mesmo que esse “núcleo central formal” esteja “geometricamente deslocado” (p. 79)¹⁶, como analisa Ana Tagliari nas casas usonianas e como podemos constatamos no Jardim do Embaixador e na obra de Breuer. Retomando Sogbe:

Só a lareira, depois de atravessar o embasamento do projeto, continua sua ascensão perfurando

¹⁶ TAGLIARI, A. *Os princípios orgânicos na obra de Frank Lloyd Wright: uma abordagem gráfica de exemplares residenciais*. 2008. 351 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

também a cobertura. O eixo da lareira passa a converter-se na única conexão vertical que une céu e terra, atravessando o centro da vida doméstica onde a *busca pelo conforto térmico é prioritária* [...] o modelo de casa de campo [...] possui dimensões reduzidas devido a uma natureza programática que precisa de um *espaço único de atividade social* [fig. 18]. A lareira está na maioria dos casos no único espaço social da casa de campo e, em consequência, *o mais importante da casa* (SOGBE, 2012, p. 16, grifos nossos).

Continuando nossa visita pelas cabanas de Bratke, nas cozinhas, é possível que o projeto original dessas residências especificasse fogões à lenha – como vemos nas casas Scavone (fig. 19) e Campos – visto que esse tipo de combustível seria muito mais abundante que o gás na Campos do Jordão da década de 1940, cercada de florestas. Sobretudo os fogões *industrializados* movidos à lenha (fig. 20), que tinham a vantagem de serem menores, mais adequados às cozinhas compactas das habitações. O binômio lareira-fogão também poderia funcionar como ponto central de um sistema de calefação. Roberto Bratke lembra-se de que as paredes da casa de campo da família eram, de alguma

forma, aquecidas. Na cozinha da casa do lote 87, encontramos dois detalhes que parecem saídos da prancheta de Oswaldo. A mesa de refeições acoplada a uma prateleira (fig. 21) é similar aos croquis de Bratke para uma mesa-quadro (fig. 22) e um armário-cama. E a janela sobre a pia é semelhante à da casa do arquiteto na Rua Avanhandava e à da casa Gilberto Ferreira (fig. 23). Já na planta da casa Campos e nas ruínas da Casa Scavone, constatamos que havia uma única parede hidráulica, estrategicamente posicionada entre a cozinha e o banheiro (fig. 24). Tal decisão projetual, presente também nas casas usonianas, como mostra com Paulo Fujioka (p. 96)¹⁷ – poderia simplificar o processo de construção, tornando-o mais rápido e mais econômico. Solução que também foi empregada por Bratke nas habitações operárias das vilas mineradoras de Serra do Navio e Amazonas (fig. 25) – no Amapá (1955-1960) como observa Mônica Junqueira de Camargo¹⁸:

Os cômodos com necessidade de instalação hidráulica: cozinha, banheiro e área de serviço, foram projetados contíguos, permitindo que numa única parede se concentrasse toda a instalação (CAMARGO, 2013, p. 103).

¹⁷ FUJIOKA, P. Y. **Princípios da arquitetura organicista de Frank Lloyd Wright e suas influências na arquitetura moderna paulista**. 2003. 313 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

¹⁸ CAMARGO, M. J. Ecletismo e modernismo na arquitetura de Oswaldo Arthur Bratke. In: FERNANDES, J. M; PINHEIRO, M. L. B. **Portugal, Brasil e África: arquitetura e urbanismo do ecletismo ao modernismo**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.

Nos quartos, em média dois ou três por moradia, são comuns os armários embutidos (fig. 26). É também muito comum que pelo menos um dos dormitórios possua beliches (fig. 27) – solução simples para acomodar mais pessoas, sobretudo crianças, num espaço reduzido.

Para além de sua função original, a arquitetura doméstica do Jardim do Embaixador também parece ter inspirado a criação de um dos principais cenários do filme *Floradas na Serra* (1954)¹⁹, a cabana que é alugada pela protagonista Lucília (Cacilda Becker) durante seu romance com Bruno (Jardel Filho).

¹⁹ **FLORADAS NA SERRA**. Direção: Luciano Salce. Produção: Estúdios Vera Cruz. Brasil, 1954. 100 min, p&b. Mais informações no artigo: LEITE, M. A. F. *Floradas*

na Serra e a re(construção) da arquitetura através do cinema. In: **Anais do V Colóquio de Cinema e Arte da América Latina**. São Paulo: Cacaal, 2017.

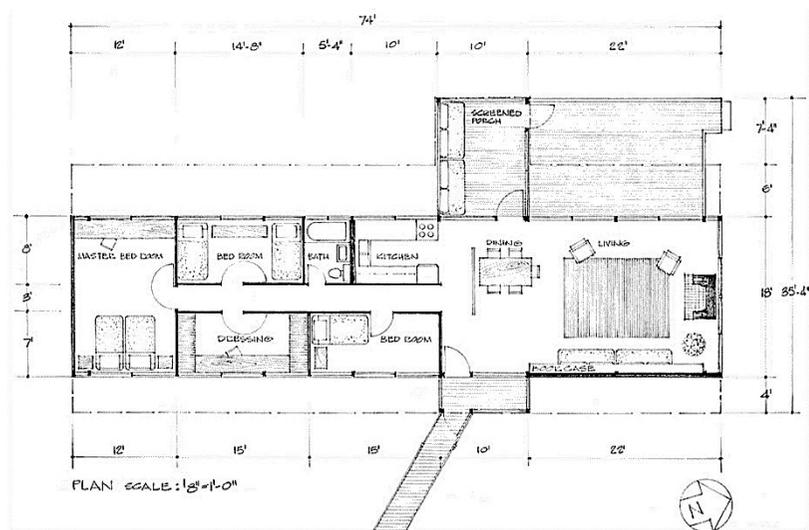


Fig. 2: Casa de campo Edgar Stillman Jr., Cape Cod-MA, 1953.
 Fonte: Sogbe, 2012, p. 192.

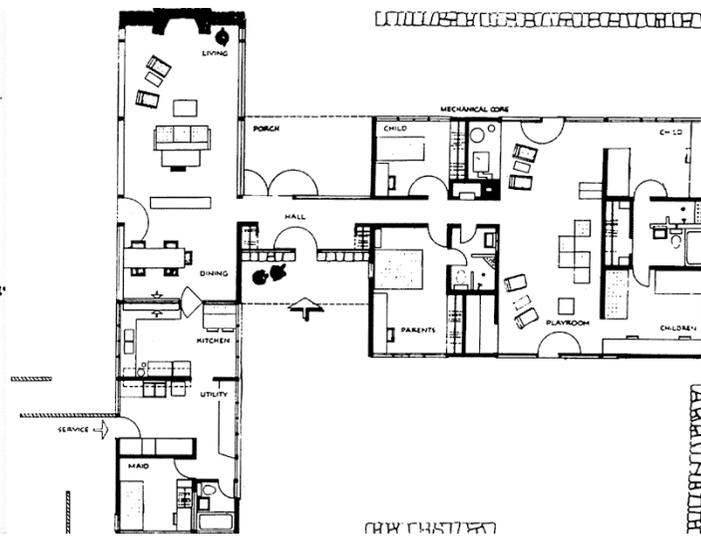


Fig. 3: Casa Bert Geller I, Long Island-NY, 1944.
 Fonte: Arts & Architecture, out. 1947, p. 31.

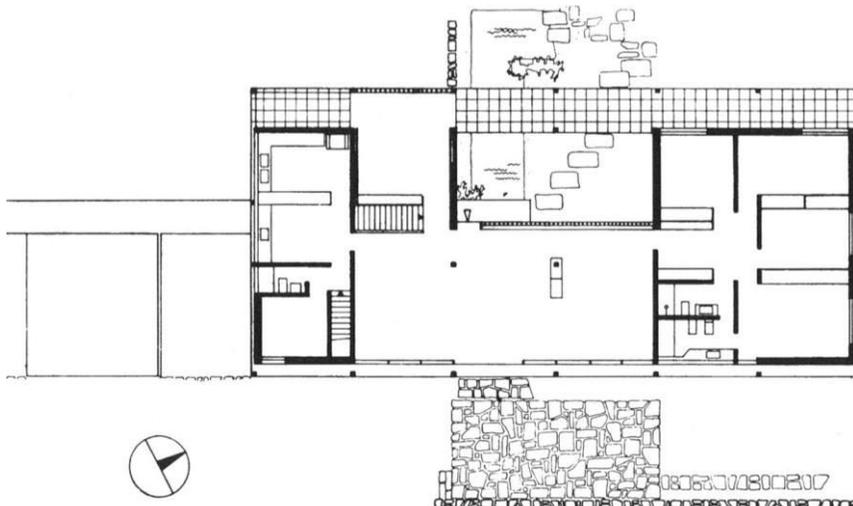


Fig. 4: Casa Oswaldo Bratke, Morumbi, 1951.
 Fonte: www.archdaily.com.br.

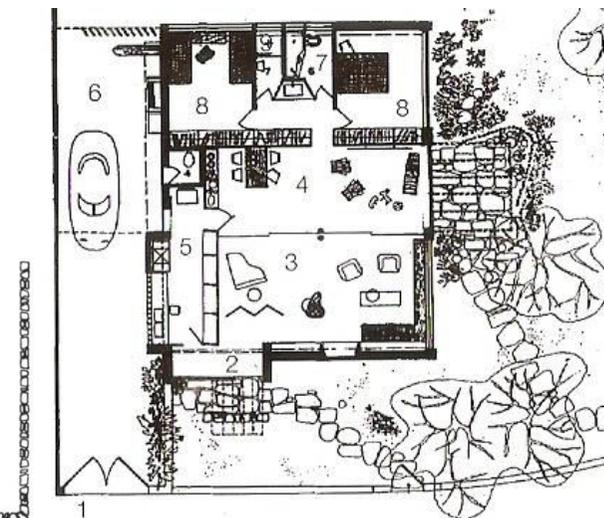


Fig. 5: Casa Oswaldo Bratke, Rua Avanhandava, 1947.
 Fonte: Arts & Architecture, out. 1948, p. 31.



Fig. 6: Terraço da Casa Júlio Ortiz.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 7: Terraço da Casa Noé Ribeiro .
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 8: Janelas dos quartos no piso superior da Casa Oswaldo Bratke.
Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.



Fig. 9: Janelas da sala no piso superior da Casa Oswaldo Bratke.
Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.

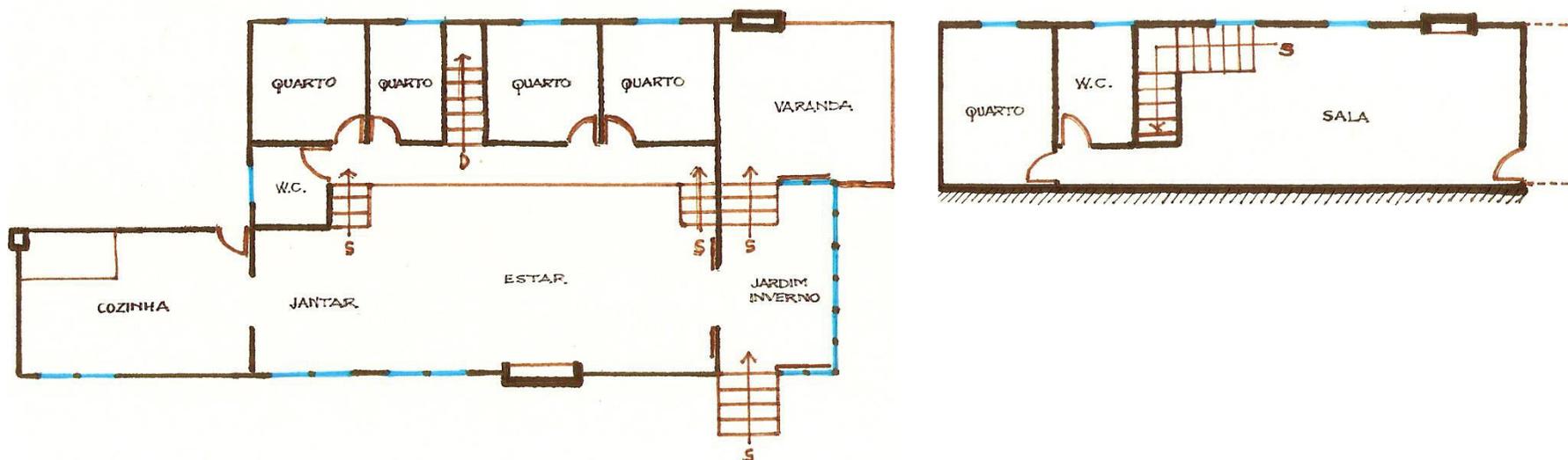


Fig. 10: Planta baixa dos pisos superior (esq.) e inferior (dir.) da Casa Teixeira de Barros.
Fonte: Elaborado pelo autor com base em croqui de Anna Galvão e observação *in loco*.

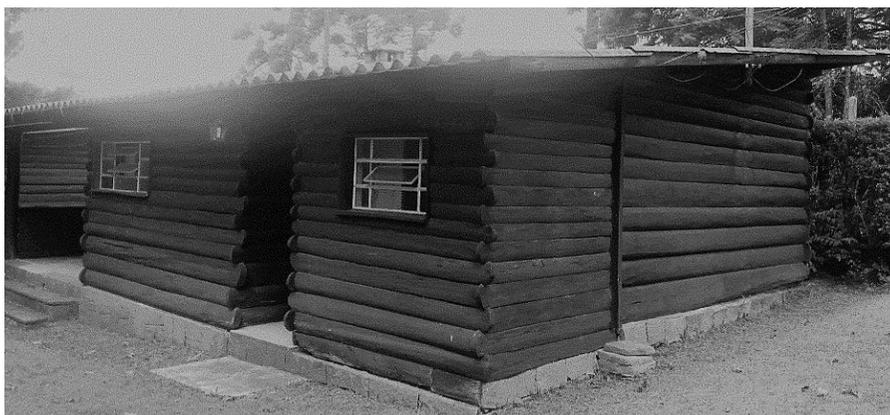


Fig. 11: Habitação para empregados no terreno da Casa Noé Ribeiro. Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.

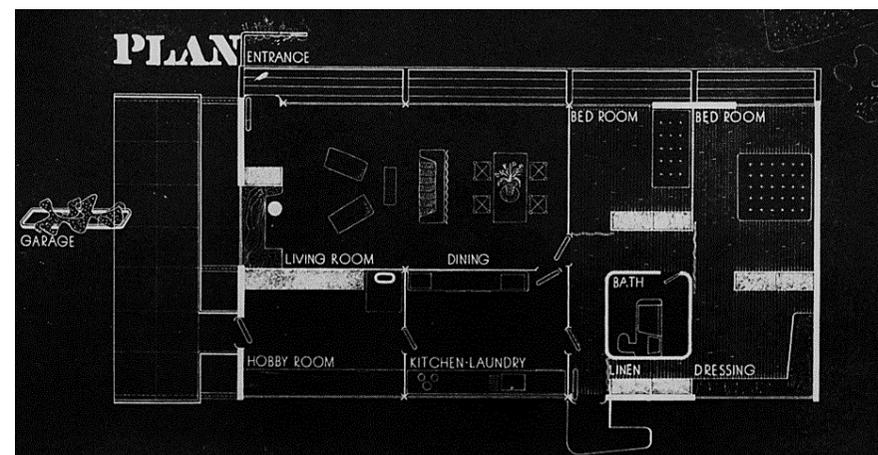


Fig. 12: Projeto de Eduardo Catalano, 3º lugar no *concurso anual para uma pequena casa*, promovido por Arts & Architecture em 1945. Fonte: Arts & Architecture, fev. 1945, p. 40.



Fig. 13: Interior da casa do lote 87: ambiente de jantar em primeiro plano e o de estar em segundo plano. Fonte: www.zapimoveis.com.br.



Fig. 14: Interior da Casa Júlio Ortiz: ambiente de jantar em primeiro plano, e o de estar em segundo plano. Fonte: www.zapimoveis.com.br.



Fig. 15: Lareira da sala de jantar da casa do lote 87. Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 16: Lareira da Casa Júlio Ortiz. Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 17: Lareira da Casa Scavone. Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 18: Interior da casa de campo de Marcel Breuer em Cape Cod-MA, 1948. Fonte: Sogbe, 2012, p. 206.



Fig. 19: Casa Paschoal Scavone. A chaminé da esquerda pertence à sala, e a da direita pertence à cozinha. Fonte: Foto Postal Colombo.



Fig. 20: Fogão à lenha industrializado. Fonte: www.magazineluiza.com.br.



Fig. 21: Cozinha da casa do lote 87. Fonte: montanhesimoveis.com.br.

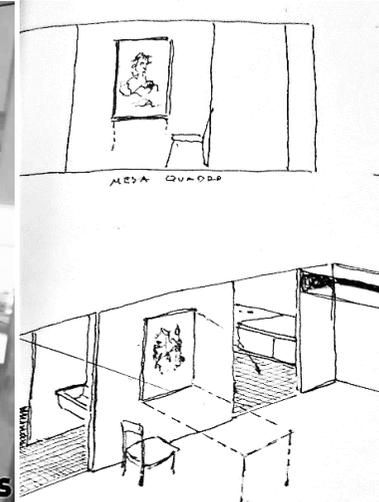


Fig. 22: Croqui p/ mesa-quadro. Fonte: Acervo FAUUSP.



Fig. 23: Cozinha da Casa Gilberto Ferreira, São Paulo, 1951. Fonte: *Acrópole*, set. 1952, p. 173.

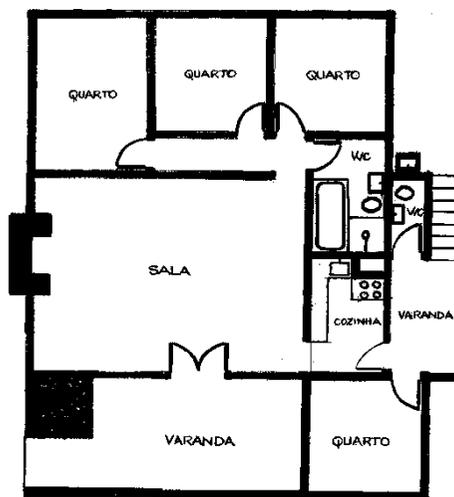


Fig. 24: Planta baixa da Casa Scavone. Fonte: elaborado pelo autor com base na observação *in loco* das ruínas.

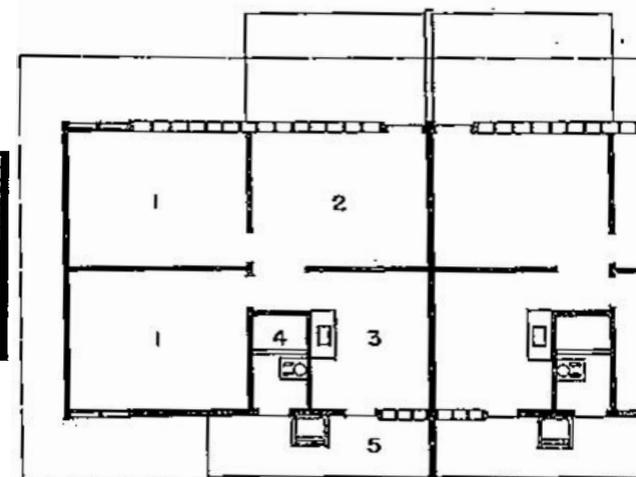


Fig. 25: Planta de uma habitação operária geminada para as vilas Serra do Navio e Amazonas. Fonte: *Acrópole*, mar. 1966, p. 27..



Fig. 26: Quarto na Casa Ortiz com armário embutido no fundo à esquerda. Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 27: Quarto com beliches na Casa Ortiz. Fonte: www.capivariimoveis.com.br.

4.3 Aberturas

No último estudo para casa de campo em Campos do Jordão, publicado em *Acrópole* em julho de 1944 (fig. 1, p. 168), Bratke apresenta um grande painel-veneziana como fechamento para o corpo central de uma residência. O desenho parece ser uma das primeiras aparições desse elemento tão icônico na obra do arquiteto. Colocando a ideia em prática, no Jardim do Embaixador, Bratke criou na fachada frontal da Casa Firmino Whitaker uma malha de brises móveis pivotantes (fig. 2) que protege os moradores de olhares indesejados vindos da rua e do sol da manhã, além de conferir dinamismo à composição. Como visto anteriormente, essa forma de tratamento da fachada frontal é comum na linguagem moderna: o californiano Harold Bissner (1901-1988) usou um esquema parecido com o da Casa Whitaker em sua própria residência, construída por volta de 1949 (fig. 3):

Do exterior, a fachada principal parece fechada. Tábuas verticais de cedro formam o padrão da

fachada que se vê da rua. Uma estrutura projetada alongada com ripas de alumínio verde, isola a sala de estar e o quarto (SERRAINO, 2009, p. 78)¹.

Bratke posteriormente aprimorou esse elemento de vedação das janelas, com os brises pivotantes se transformando em palhetas móveis basculantes, como visto nas vilas mineradoras Serra do Navio e Amazonas, no Amapá (1955-1960, fig. 4).

O emprego do vidro nas áreas sociais é pensado de maneiras diversas, com o intuito de atender às demandas de cada cliente e como forma de experimentação. Busca *o olhar para fora*, uma espécie de *vocação do campo*, de acordo como o urbanista inglês Patrick Abercrombie (1879-1957):

Com respeito à cidade tudo é centrípeto, convergindo para uma área concentrada e limitada [...] de todos os lados pessoas e interesses estão convergindo para dentro, e em última análise, para cima. Com respeito ao campo tudo é centrífugo: de costas para a cidade ou vilarejo, olhamos para fora, para um horizonte sempre aberto, ampliando-se em todas as direções. (ABERCROMBIE *apud* CABRAL, 2014, p. 278)².

¹ SERRAINO, P. *Julius Schulman: modernism rediscovered*. 2ª ed. Colônia: Taschen, 2009. Primeira publicação em 2000.

² CABRAL, C. P. C. Na natureza agreste: a proposta de Julio Vilamajó para Villa Serrana, Uruguai, 1946-1947. In: SOUZA, C. F. *Ideias em circulação na construção*

das cidades. Porto Alegre: Marcavizual, PROPUR-PROPAR/UFRGS, 2014, p. 261-285.

Três soluções com uso de vidro no Jardim do Embaixador merecem atenção. Na *primeira*, alguns dos estudos (fig. 5) e casas construídas (fig. 6) apresentam janelas e portas-janelas com uma *malha de caixilhos de pequenas dimensões*, certamente mais baratos e mais fáceis de serem instalados.

Na *segunda*, vista também em projetos anteriores (fig. 7) e posteriores (fig. 8) ao bairro jordanense, a *malha de caixilhos ganha tamanhos maiores*, ocupando quase todo o pé-direito. A Casa Firmino Whitaker (figs. 9 e 10) é o exemplo no Jardim do Embaixador, e Fernando Serapião³ observou que “as aberturas em retículas quadradas lembram, curiosamente, as que Lucio Costa adotou na área social de seu hotel” no Parque São Clemente em Nova Friburgo (fig. 11). Identificamos também semelhança com a porta-janela basculante na fachada posterior do Pavilhão Aricanduva em São Paulo (1945, fig. 12) – a qual, por sua vez, é similar às desenvolvidas por Richard Neutra para as escolas rurais porto-riquenhas em 1944.

³ SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. In: **Projeto Design**, n. 340, jun. 2008.

⁴ YORKE, F. R. S. **The Modern House**. 6ª ed. Londres: Architectural Press, 1948. Primeira publicação em 1934.

Na *terceira* solução – vista numa das publicações em *Acrópole* de abril de 1944 (fig. 13), na casa do lote 87 (fig. 14) e no chalé do arquiteto (fig. 15), os *caixilhos perdem o aspecto de malha* e se aproximam dos projetos posteriores do arquiteto (fig. 16).

Algumas janelas no Jardim do Embaixador têm a forma de *bay windows* (figs. 17 e 18), o que ajuda a ampliar a iluminação natural e a relação visual da com o exterior. A mais interessante dessas é a da casa Armando Ciampolini (figs. 19 e 20), cujos caixilhos possuem inclinação de cerca de 105° em relação ao piso interno, criando uma sensação de espaço mais dinâmico – como ocorre na casa-atelier (figs. 21 e 22) do norte-americano Quincy Jones (1913-1979), construída em Los Angeles em 1938.

A inspiração para Bratke construir suas paredes envidraçadas inclinadas pode ter vindo do livro *The Modern House*⁴. Escrito pelo britânico Francis Yorke (1906-1962)⁵ e publicado pela primeira vez em 1934, o arquiteto paulista possuía um exemplar da quinta edição (1944), adquirido em 1946. Hugo

⁵ Além de atuar no Reino Unido, Francis Yorke também trabalhou na Alemanha e em parceria com arquitetos da Europa continental, como Marcel Breuer e Walter Gropius.

Segawa⁶ descreve de forma detalhada o conteúdo do livro, que continha obras de Frank Lloyd Wright, Breuer, Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier, entre outros profissionais espalhados por mais de dez países. Havia capítulos intitulados:

Arquitetura do século XX; planta; parede e janela; teto; casas 1926-1941; casas experimentais e pré-fabricadas [...] um destaque das possibilidades de industrialização eram as unidades completas de cozinhas e sanitários pré-fabricados, projetados pelo arquiteto californiano William Wilson Wurster (SEGAWA e DOURADO, 2012, p. 22).

O holandês Leendert Van der Vlugt (1894-1936), um arquiteto menos conhecido internacionalmente, também aparece em *The Modern House* – e o fato de ter sido citado por Bratke em sua entrevista à John Peter nos anos 1950, como visto no primeiro capítulo desse trabalho, corrobora a hipótese de que o livro de Yorke deve ter sido uma grande referência para o mestre brasileiro na segunda metade da década de 1940.

Explicado um pouco sobre esse importante volume da biblioteca de Bratke, retomemos a possível relação entre o livro e

as paredes envidraçadas inclinadas no Jardim do Embaixador. Nas páginas 46 e 47 de *The Modern House* há uma parede de vidro inclinada, em corte e em vistas externa e interna. Trata-se do jardim de inverno da Vila Engkvist (figs. 23 a 26), construída em Estocolmo em 1939 pelos suecos Sven Backstrom (1903-1992) e Leif Reinius (1907-1995). O texto entre as imagens explica que a “posição e o tamanho das janelas não são mais determinados por requisitos de simetria; o vidro é agora parte de uma membrana envoltória contínua” (p. 46-7, tradução nossa).

Outra edificação que faz uso de uma parede envidraçada inclinada é o Restaurante Jardim do Embaixador (figs. 27 e 28) – à semelhança de outros estabelecimentos similares com vista panorâmica (figs. 29 e 30), que empregam uma linguagem que é simultaneamente rústica e moderna, com “combinação de materiais e técnicas vernáculas à uma concepção estrutural que busca a transparência do espaço”, segundo Anderson Dall’Alba⁷.

⁶ SEGAWA, H. M.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke**: a arte de bem projetar e construir. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997.

⁷ DALL’ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

Conforme Segawa, as interessantes mãos francesas existentes na fachada principal do restaurante – além de elementos de sustentação do telhado – eram parte de um “sistema de caixilhos inventado pelo arquiteto [que] compunha-se de planos envidraçados que, ao serem destravados, abriam por gravidade” (p. 104). Tal solução foi incorporada por Bratke também nas casas para Adhemar de Campos (fig. 31) e Edmundo e Mário Sansone, no Jardim do Embaixador. E posteriormente, na fachada frontal do Pavilhão Aricanduva (fig. 32) e no seu atelier na Rua Avanhandava (1947, figs. 33 e 34), ambos na capital paulista.

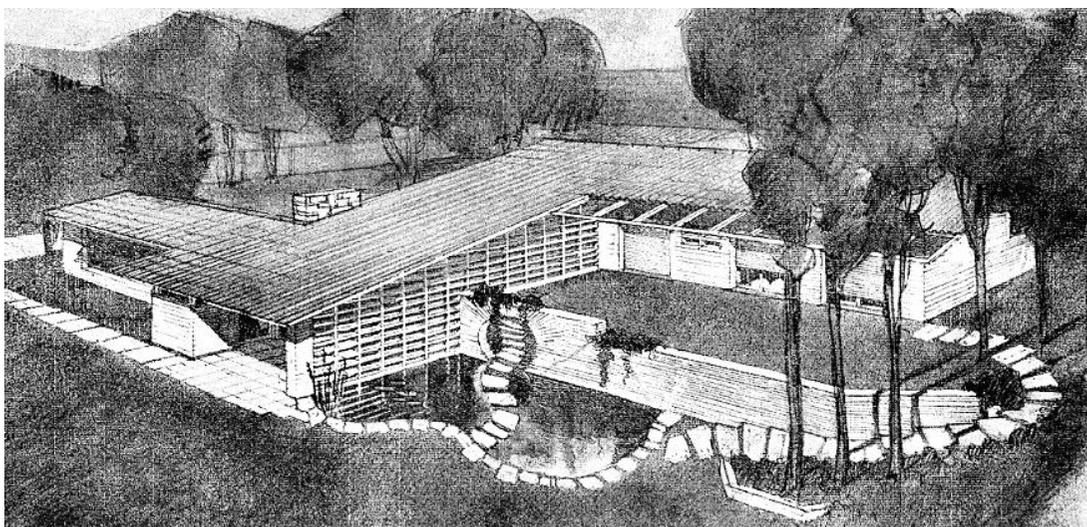


Fig. 1: Sexto estudo para casa de campo em Campos do Jordão.
Fonte: *Acrópole*, jul. 1944, p. 119.



Fig. 2: Brises na fachada frontal da Casa Firmino Whitaker.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.

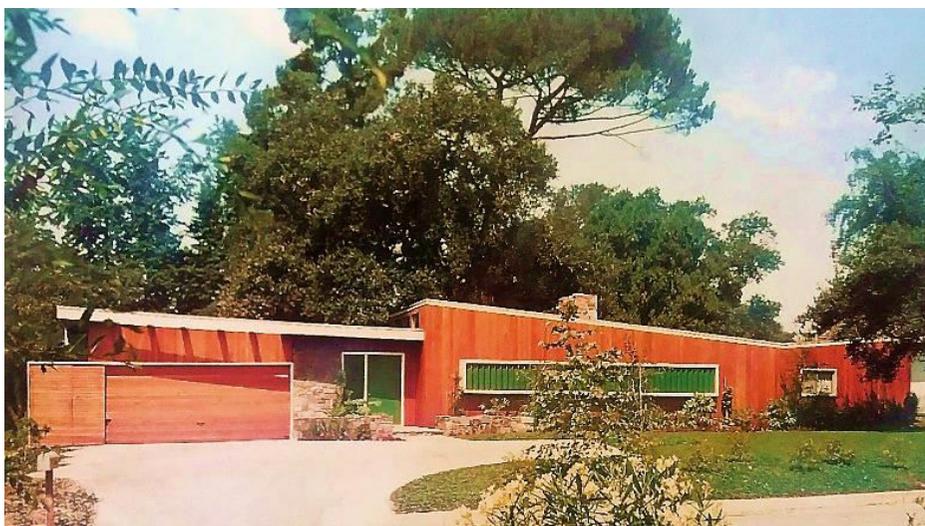
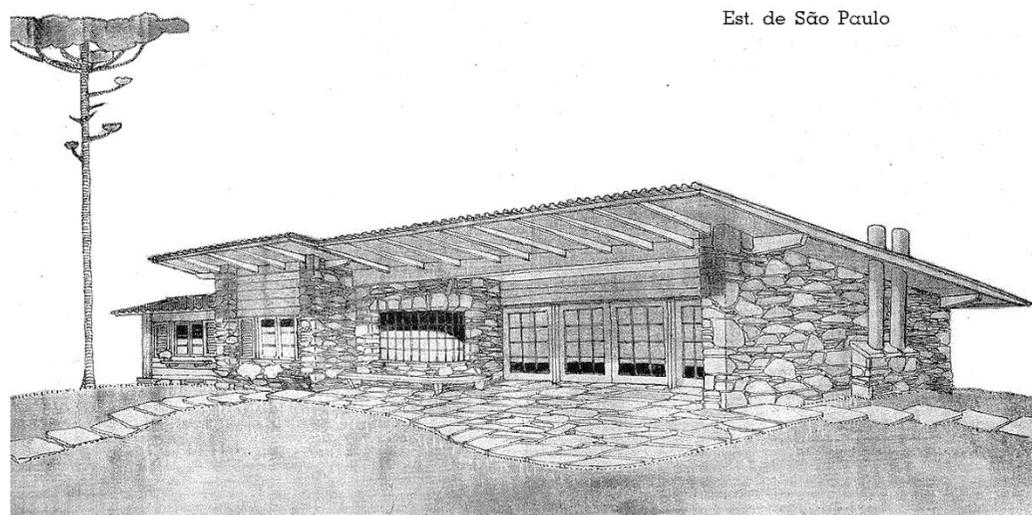


Fig. 3: Brises na fachada frontal da Casa Harold Bissner.
Fonte: Serraino, 2009, p. 79.



Fig. 4: Painéis com venezianas móveis em edifícios de Serra do Navio.
Fonte: www.archdaily.com.br.



Est. de São Paulo



Fig. 6: Fachada posterior da Casa Noé Ribeiro.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 7: Casa na Avenida Brasil do Jardim América, 1941. Fonte: *Acrópole*, mai. 1941, p. 27.



Fig. 8: Edifício em Vila Serra do Navio.
Fonte: www.leonardofinotti.com.

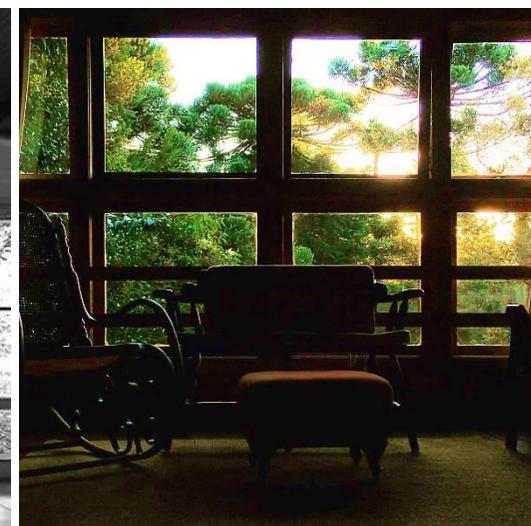


Fig. 9: Janela no estar da Casa Whitaker.
Fonte: Acervo da família Whitaker.



Fig. 10: Fachada posterior da Casa Firmino Whitaker. As esquadrias do piso superior correspondem ao projeto original, de Bratke, e as do piso inferior, à reforma realizada por Paulo Krause nos anos 1950. Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Figs. 11: Área social do Park Hotel São Clemente, 1944. Fonte: www.archdaily.com.br.

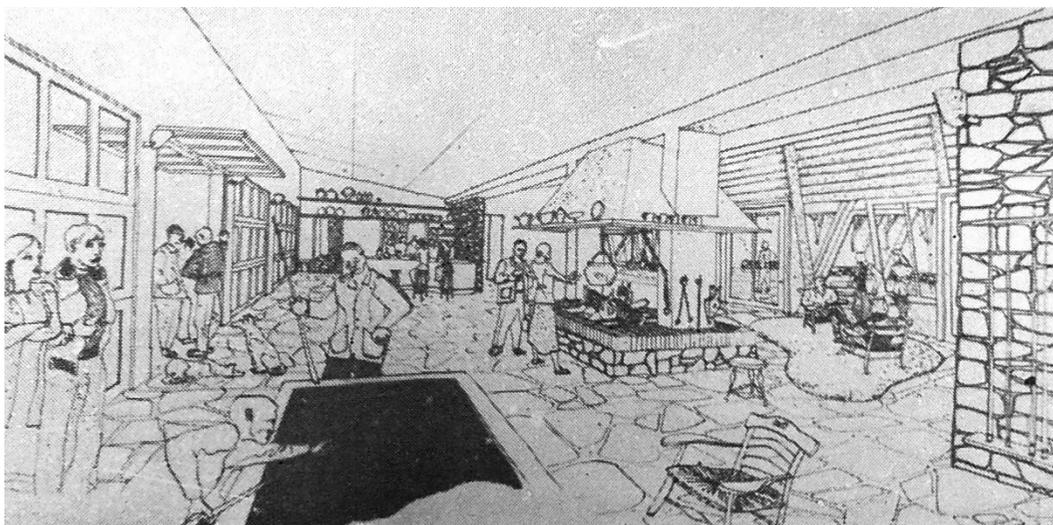


Fig. 12: Pavilhão Aricanduva, 1945. Fonte: *Habitat*, nov-dez. 1957, p. 23.

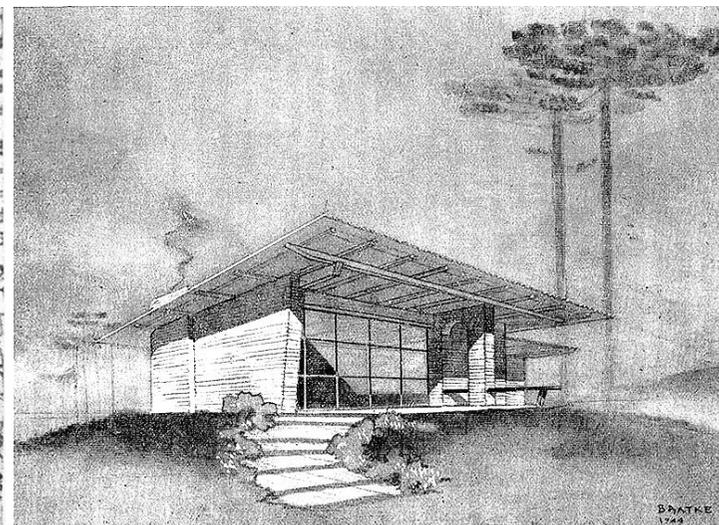


Fig. 13: Terceiro estudo para casa de campo em Campos do Jordão. Fonte: *Acrópole*, abr. 1944, p. 371.



Fig. 14: Fachada frontal da casa do lote 87.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br .



Fig. 15: Casa Bratke no Jardim do Embaixador.
Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.



Fig. 16: Casa do arquiteto no Morumbi, 1951. Fonte: Hitchcock, 1955, p. 174.



Fig. 17: Casa Teixeira de Barros. Fonte:
www.google.com.br/streetview, imagem ago. 17.



Fig. 18: Casa nos lotes 138-139.
Fonte: www.alugueltemporada.com.br.



Fig. 19: Face posterior da Casa Ciampolini.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 73.



Fig. 20: Croqui da face posterior da Casa Ciampolini.
Fonte: Elaborado por Marcelo Leite e Gabi Moraes.



Figs. 21 e 22: Casa-atelier do arquiteto Quincy Jones. Fonte: architectureforsale.com.



Figs. 23 a 26: Vila Engkvist, projetada por Backstrom & Reinius. Fonte: www.ofhouses.tumblr.com.

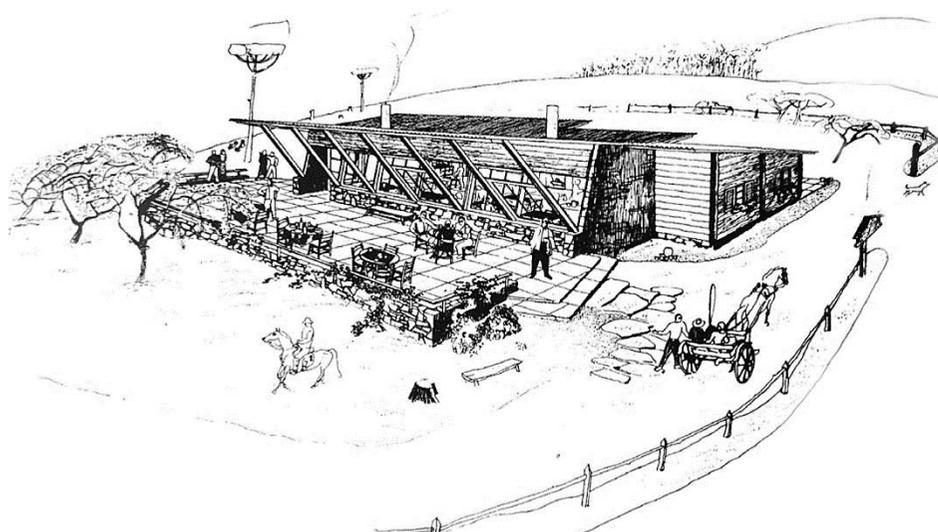


Fig. 27: Perspectiva de Lívio Abramo para o Restaurante Jardim do Embaixador. Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 72.



Fig. 28: Interior do Restaurante Jardim do Embaixador. Fonte: *Floradas na Serra*, 1954.

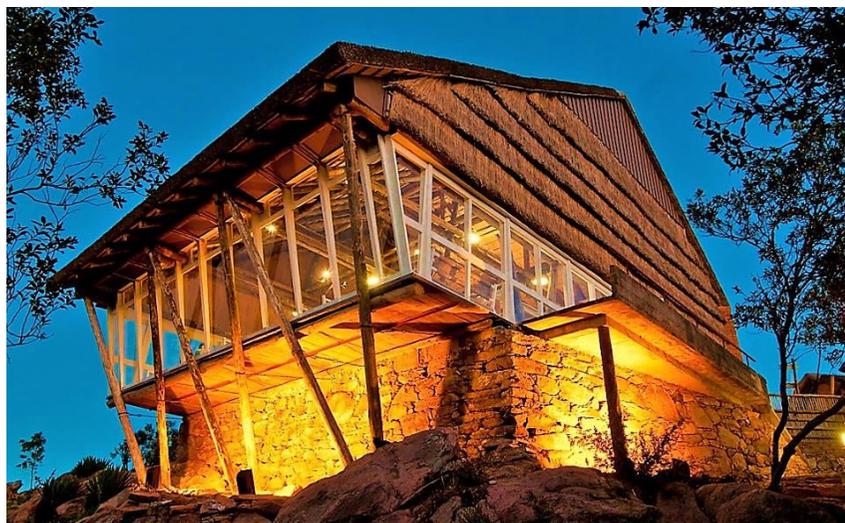


Fig. 29: O Ventorrillo de la Buena Vista em Villa Serrana, Uruguai, 1946 .
Fonte: www.archdaily.com.br.

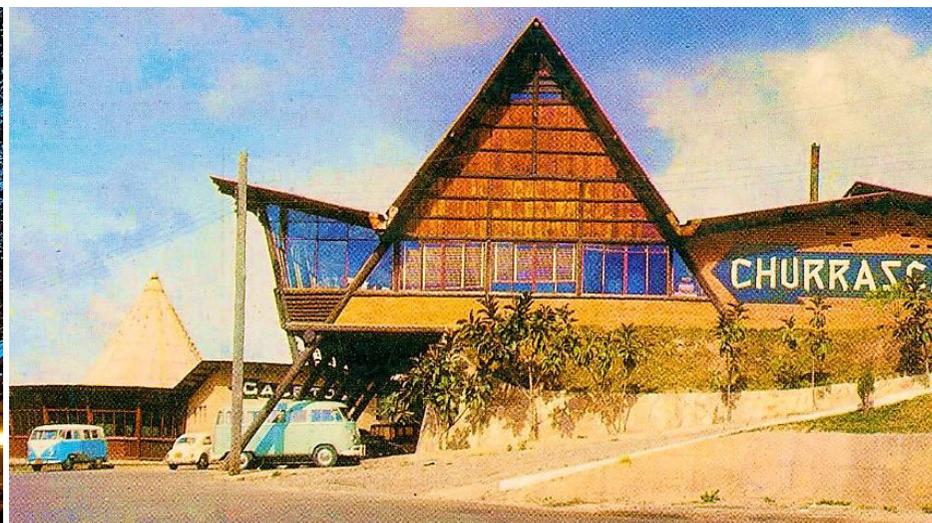


Fig. 30: A Cabana da Mantiqueira em Barbacena, 1961.
Fonte: www.ibge.gov.br.



Fig. 31: Fachada frontal da Casa Adhemar de Campos. Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.

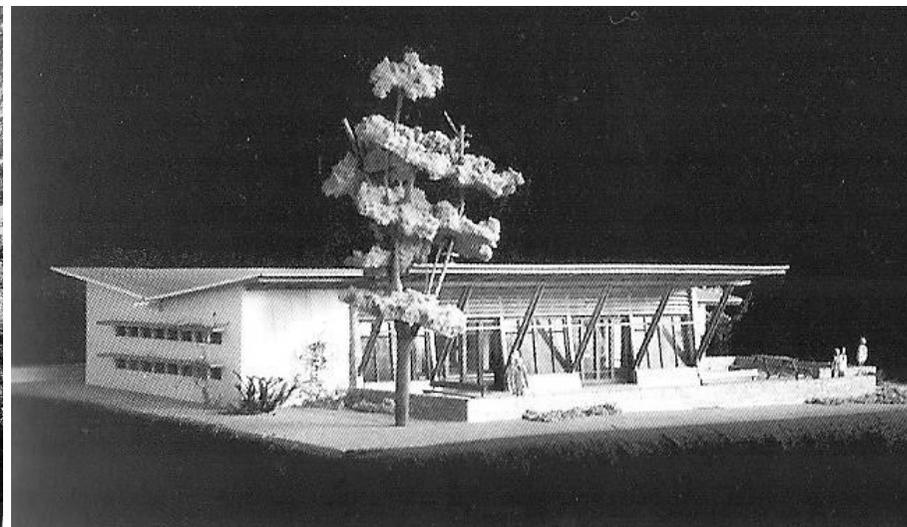
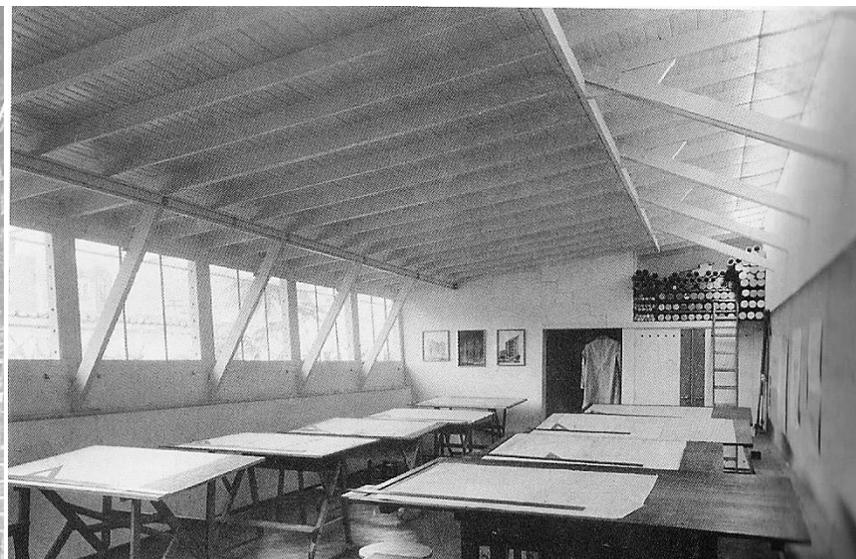


Fig. 32: Maquete de Zanine Caldas para o Pavilhão Aricanduva, São Paulo, 1945. Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 45



Figs. 33 e 34: Vistas externa e interna do atelier do arquiteto na rua Avanhandava, 1947. Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 104.

4.4 Estruturas e acabamentos em alvenaria

O uso do tijolo – seja com função estrutural, de acabamento, ou ambas – se tornou bastante comum em São Paulo a partir de meados do século XIX, quando os construtores imigrantes europeus ficaram encarregados de colocar a abaixo a cidade de taipa e refazê-la com o novo material, como explica Carlos Augusto da Silva Telles¹:

A partir do enriquecimento com a cultura do café e com a chegada, em 1867, da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, todo esse acervo urbano foi sendo rapidamente eliminado, substituído por um novo casario, agora de tijolo e cal, com características arquitetônicas diferentes, onde predominava o ecletismo arquitetônico, de estilos e gostos os mais variados (TELLES, 2008, p. 183).

No início dos anos 1940, vemos Bratke adotar o tijolo em seus projetos normandos (fig. 1, p. 178). Naquela década, além de fazer parte de uma tradição construtiva paulista, o tijolo também passa a ser empregado por Vilanova Artigas na capital paulista em seu diálogo com a obra de Frank Lloyd Wright (figs. 2 e 3).

Em Campos do Jordão, Bratke optou pelo tijolo em poucos fechamentos, como nas paredes laterais da pensão não construída (fig. 4). No pavimento inferior da casa de campo do arquiteto (fig. 5) e na Casa Campos Freire no Pacaembu em São Paulo (1944, fig. 6), o tijolo recebeu pintura branca, com aparente intenção *modernizadora* – semelhante ao acabamento da Casa em Sea Lane (1936, fig. 7), de Marcel Breuer e Francis Yorke – apesar dessas obras do paulista não contarem com estética *International Style* presente na residência inglesa. Em sua carreira posterior, Bratke mantém o uso do tijolo – pintado ou de forma natural (fig. 8) – e ainda passa a empregar os tipos vazados, também conhecidos como *cobogós*, um elemento de uso frequente na arquitetura moderna brasileira (fig. 9).

Contudo, no Jardim do Embaixador, o tijolo acabou preterido pela pedra, o que pode ser explicado por três razões. A primeira delas diz respeito à formação acadêmica de Bratke no Mackenzie, onde a disciplina de geologia fazia parte do curso de

¹ TELLES, A. C. S. **Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil**. 3ª ed. Brasília: Iphan/Monumenta, 2008. Primeira publicação em 1975.

engenheiro-arquiteto (2º ano, 2º período), conforme Mônica Junqueira de Camargo².

A segunda razão é de ordem econômica, pois a rocha seria um material de mais fácil obtenção na Campos do Jordão da década de 1940, onde a pedreira municipal (fig. 10) realizava “explosões programadas diariamente” e fornecia aos construtores locais “as quantidades necessárias de pedra britada, em suas diversas especificações”³. O tijolo, por sua vez, vinha das cidades do Vale do Paraíba, e subia a serra nos vagões da ferrovia, o que certamente resultava num custo mais elevado. Em paralelo com o cenário norte-americano do mesmo período, é interessante notar que “problemas de escassez de materiais causados pela II Guerra Mundial” (p. 87)⁴ também motivaram Wright a fazer um uso cada vez mais frequente de pedras locais em suas casas usonianas a partir do fim dos anos 1930 (figs. 11 e 12) – além de ser uma

evolução da linguagem orgânica do arquiteto, a partir das já citadas Casa da Cascata e Taliesin West.

Apontado o fator financeiro, a terceira razão está no fato de que a pedra no Jardim do Embaixador acentuaria o *imaginário de cabana na montanha* presente na concepção dessas casas de campo. Apesar de não sabermos se Bratke estabeleceu alguma diretriz como a de Julio Vilamajó em Villa Serrana, onde havia “um mínimo de superfícies executadas em pedra nas paredes exteriores de cada edificação (20%)” (p. 274)⁵, o fato é que as rochas foram utilizadas abundantemente pelo arquiteto paulista: presentes deste os primeiros estudos (fig. 13), elas protegem os fechamentos de madeira da umidade do solo, já que são fundação (fig. 14) e pavimentação externa (fig. 15) de praticamente todas as primeiras construções do bairro; e eventualmente, também dão forma a pilares ou paredes (figs. 16 a 18). Mas, retomando o

² CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke**: uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

³ Segundo o iconógrafo jordanense Edmundo Rocha, que afirma que a pedreira municipal funcionou entre as décadas de 1940 e 1980.

⁴ TAGLIARI, A. **Os princípios orgânicos na obra de Frank Lloyd Wright**: uma abordagem gráfica de exemplares residenciais. 2008. 351 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

⁵ CABRAL, C. P. C. Na natureza agreste: a proposta de Julio Vilamajó para Villa Serrana, Uruguai, 1946-1947. In: SOUZA, C. F. **Ideias em circulação na construção das cidades**. Porto Alegre: Marcavizual, PROPUR-PROPAR/UFRGS, 2014, p. 261-285.

aspecto simbólico discutido anteriormente, é nas lareiras (figs. 19 e 20) que o uso da pedra se destaca devido à aparente contradição de sua rusticidade no interior de um ambiente doméstico destinado às classes médias e altas, como descreve Andréa Soler Machado⁶:

A rocha em estado natural que penetra a acristalada sala de estar simboliza o pacto da arquitetura com a natureza, da máquina com a pedra, uma espécie de nostalgia do mundo moderno em relação ao mundo das cavernas, ou concessão da civilização frente ao primitivo (MACHADO, 2013, p. 2).

O uso da pedra no Jardim do Embaixador também dialoga com obras de Marcel Breuer realizadas por ele nos Estados Unidos entre os anos 1930 e 1950 (figs. 21 e 22). Segundo Abílio Guerra⁷, o húngaro faz uso de “paredes de pedra – erguidas com técnicas diferentes, com juntas a seco ou com reboco”, bem como emprega rochas em embasamentos (como comentado na parte sobre implantações) “e muros externos de suas residências” (p. 151).

⁶ MACHADO, A. S. A pedra na arquitetura moderna de Porto Alegre, 1950-1970. *In: Anais do IV Seminário Docomomo Sul*. Porto Alegre: Docomomo 2013.

⁷ GUERRA, A. A casa binucleada brazuca. *In: ZEIN, R. V. Caleidoscópio concreto: fragmentos da arquitetura moderna em São Paulo*. São Paulo: Romano Guerra, 2017, p. 129-162.

Nas obras de Bratke fora de Campos do Jordão – distantes, portanto, do *imaginário campestre ou montanhês* – o uso da pedra se mantém. Na visão de Anderson Dall’Alba⁸, os *planos de madeira* que são os fechamentos predominantes no bairro jordanense (como veremos a seguir) “são substituídos pelo tijolo aparente ou por blocos pré-fabricados de elementos vazados” – enquanto que “a pedra bruta é mantida de maneira recorrente como elemento de contenção ou revestimento nos planos externos dos níveis inferiores” (p. 195).

⁸ DALL’ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

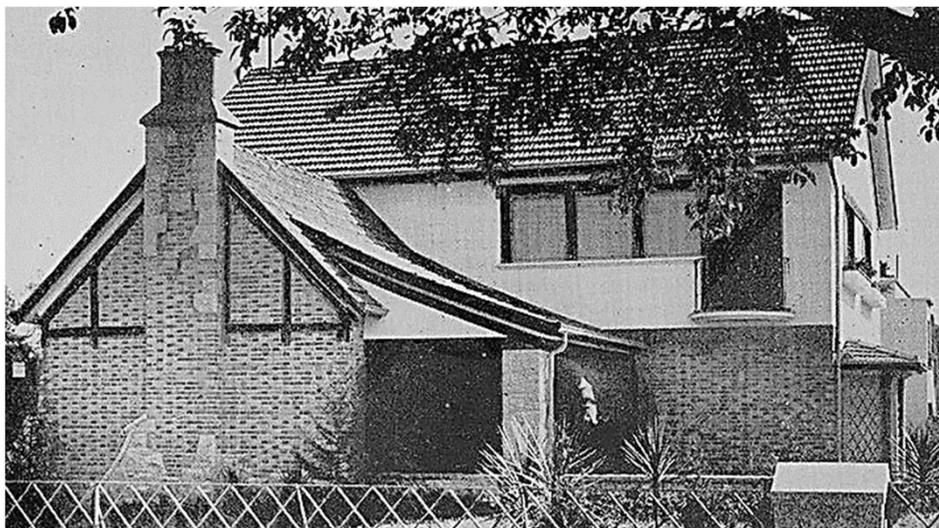


Fig. 1: Casa Rogério Giorgi, Jardim América, 1941.
Fonte: *Acrópole*, dez. 1941, p. 333.



Fig. 2: Casa Rio Branco Paranhos, Pacaembu, 1943.
Fonte: www.vilanovaartigas.com.

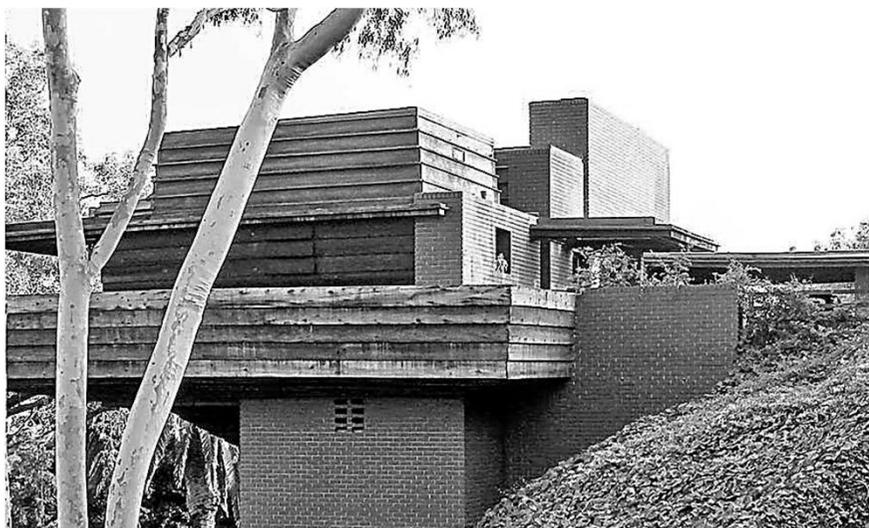


Fig. 3: Casa Georges Sturges, Los Angeles, 1939.
Fonte: www.inhabitat.com.

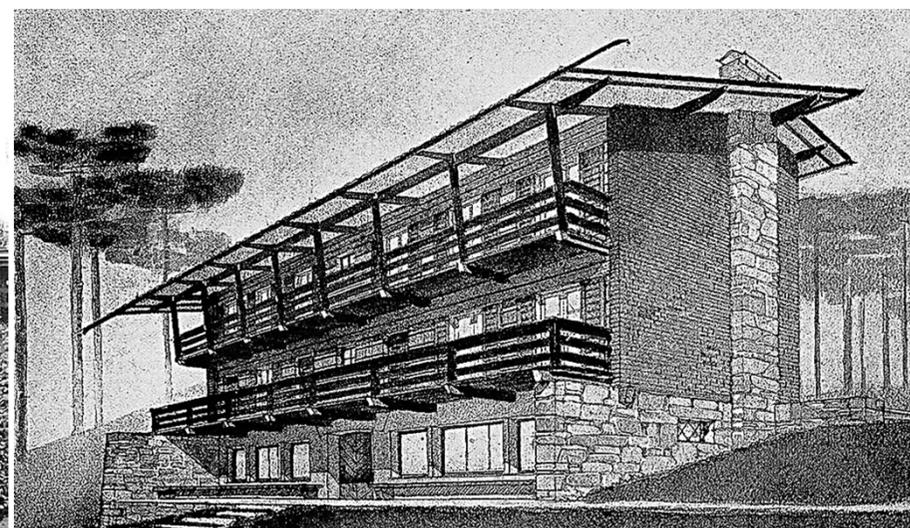


Fig. 4: Perspectiva para a Pensão Jardim do Embaixador, 1944. *Acrópole*, abr. 1944, p. 25.



Fig. 5: Casa Bratke no Jardim do Embaixador.
Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.

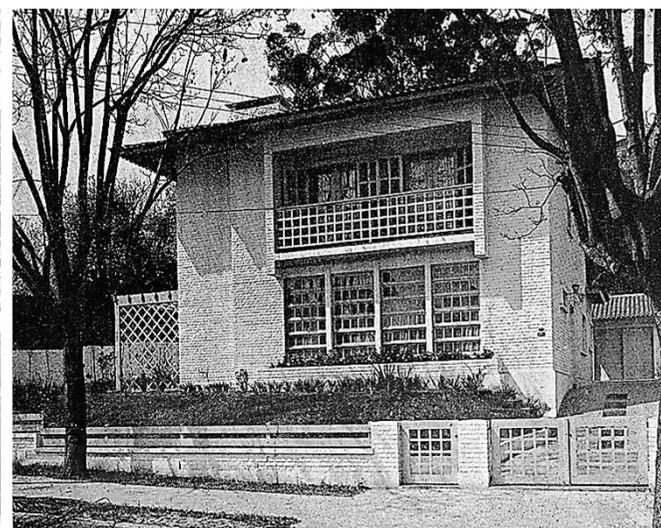


Fig. 6: Casa Campos Freire, Pacaembu, 1944.
Fonte: *Acrópole*, set. 1944, p. 182.



Fig. 7: Casa em Sea Lane, Angemering, 1936,
Fonte: Cobbers, 2009, p. 10.



Fig. 8: Casa Bratke no Morumbi, 1951,
Fonte: www.archdaily.com.br.

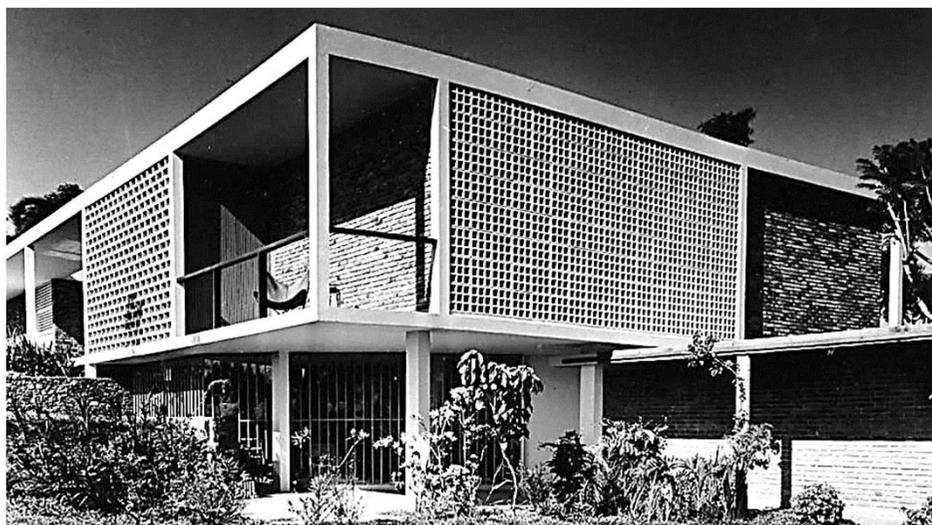


Fig. 9: Casa Bratke no Morumbi, 1951,
Fonte: www.archdaily.com.br.



Fig. 10: Pedreira municipal.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Fig. 11: Casa Rose Pauson, Phoenix-AZ, 1938.
Fonte: www.guerrero-photo.com.

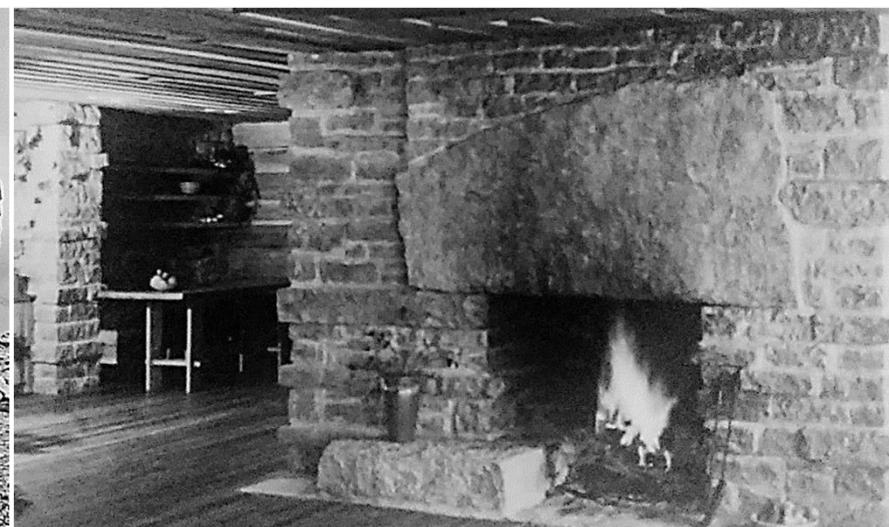


Fig. 12: Casa John Pew, Shorewood Hills-WI, 1938.
Fonte: Pfeiffer e Goessel, 2015, p. 335.



Fig. 13: Quinto estudo para casa de campo em Campos do Jordão,
Fonte: *Acrópole*, jul. 1944, p. 118.



Fig. 14: Fundação da Casa Scavone.
Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 15: Terraço da Casa Júlio Ortiz.
Fonte: www.damattaimoveis.com.br.



Fig. 16: Pilares na Casa Whitaker.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Fig. 17: Parede da Casa Campos.
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Figs. 18 e 19: Casa Noé Ribeiro. Parede de pedra do piso inferior (esq.) e chaminé de um possível fogão à lenha (dir.).
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 20: Lareira da Casa Scavone.
Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.

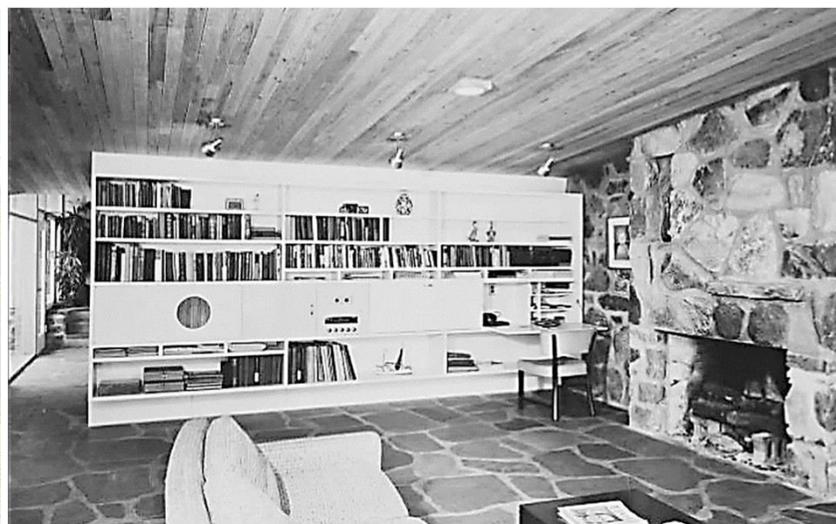


Fig. 21: Casa John Hanson, Huntington-NY,
1950. Fonte: www.ncmodernist.org.

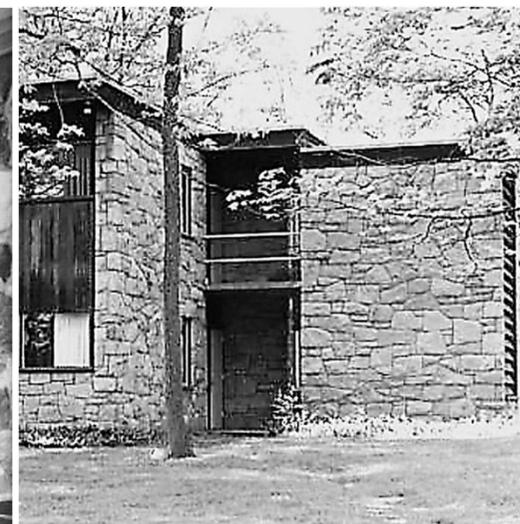


Fig. 20: Casa Weizenblatt, Asheville-NC,
1940. Fonte: www.ncmodernist.org.

4.5 Estruturas e acabamentos em madeira

Principal material utilizado por Bratke no Jardim do Embaixador, a madeira é onipresente nas paredes, esquadrias e elementos de sustentação dos telhados. Da mesma forma que a pedra, a abundância e facilidade de obtenção dessa matéria-prima na Campos do Jordão dos anos 1940 – ainda sem legislações ambientais que restringissem a obtenção de madeira através do corte de árvores nativas – devem ter contribuído para o uso ostensivo desse material. Soma-se a isso o já mencionado *imaginário de montanha* por trás da concepção das *cabanas* de veraneio e as qualidades da madeira enquanto isolante térmico numa região de clima frio.

Além desses dois fatores, há ainda o “especial interesse pelo trabalho em madeira” (p. 203)¹ confessado pelo arquiteto na entrevista à John Peter realizada em 1956, e o fato do arquiteto

ser um dos profissionais “com maior discernimento sobre o uso da madeira” em sua geração, segundo o testemunho de Zanine Caldas no livro de Hugo Segawa. Esse último comenta ainda que o domínio de Bratke sobre o material provinha da “formação num curso com base na engenharia e [d]a trajetória de arquiteto-construtor” (p. 33)². A esse respeito, Mônica Junqueira de Camargo³ mostra que o currículo para engenheiro-arquiteto do *Mackenzie College* dos tempos de Bratke de fato contemplava uma disciplina específica sobre madeira (1º ano, 2º período).

Conforme Marcos Paulo Cereto⁴ a madeira, que sempre foi material de ampla utilização na construção nacional, foi *aos poucos* sendo “incorporada ao *modus operandi* da arquitetura moderna brasileira” (p. 204). E as casas de campo foram um importante vetor para a experimentação e a assimilação desse e de outros materiais ditos tradicionais a um *repertório moderno*:

As experiências bucólicas com a madeira iriam se intensificar com a construção das casas de final de semana no sudeste brasileiro. Enquanto nas grandes cidades o concreto armado era a pauta nas

¹ HORMAIN, D. **O relacionamento Brasil-EUA e a arquitetura moderna: experiências compartilhadas, 1939-1959.** 2012 271 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

² SEGAWA, H; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke: a arte de bem projetar e construir.** 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012. Primeira publicação em 1997.

³ CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke: uma trajetória de arquitetura moderna.** 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

⁴ CERETO, M. P. Severiano Porto: lições para as cidades amazônicas. *In: Pracs*, v. 9, n. 1, jan-jun. 2016, p. 193-208.

construções das residências, a madeira, a pedra e os materiais locais definiam a modernidade nas cidades do interior” (CERETO, 2016, p. 202).

Ainda de acordo com o autor, a madeira no contexto nacional de meados do século XX serviu para mostrar que o conceito de *modernidade* “não estava relacionado a um único material”, mas sim à uma associação entre “o pitoresco, o transitório, o bucólico e a tradição” (p. 200) da madeira, da pedra e do tijolo com o gradativo desenvolvimento tecnológico do concreto, do aço e do vidro. Juntos, os materiais do passado e do presente criariam configurações espaciais inéditas até então.

Assim, de uma forma pouco usual na arquitetura moderna brasileira, a grande maioria dos fechamentos no Jardim do Embaixador foi realizada com madeira – e parece ter sido realizada com base nos sistemas *timber framing* e *balloon framing* (fig. 1, p. 188), ainda que de forma rústica. Segundo Camargo⁵, o primeiro:

Foi o sistema construtivo mais difundido na arquitetura doméstica dos Estados Unidos [...] consiste essencialmente numa série de delgadas travessas de madeira, padronizadas, equidistantes e fixadas por pregos, que formam paredes,

pavimentos e tetos. A estrutura é depois revestida com uma dupla capa de tábuas que constitui uma garantia contra deformações [...] um sistema construtivo de rara simplicidade, que utiliza um verdadeiro e adequado método de pré-fabricação que, uma vez feitas as fundações, é facilmente montado (CAMARGO, 2000, p. 37).

Acreditamos que Bratke tenha empregado o *balloon framing* nas áreas *secas* (salas e quartos) das construções no Jardim do Embaixador. Já o *timber framing* – também conhecido como *enxaimel* – é uma técnica muito comum na Alemanha, nação da qual vieram os antepassados de Bratke. O livro *The Modern House*⁶, que fazia parte da biblioteca do mestre paulista, apresenta nas páginas 118 e 119 uma pequena habitação moderna na Suíça construída com esse sistema (figs. 2 e 4). As principais diferenças entre o *timber framing* e o *balloon framing* é o fato do primeiro ser uma técnica mais antiga e tradicional, empregando tijolos ou pedra no espaço entre as travessas de madeira. Algo similar – envolvendo o uso de telas metálicas e reboco, como vemos nas ruínas da Casa

⁵ CAMARGO, M. J. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

⁶ YORKE, F. R. S. *The Modern House*. 6ª ed. Londres: Architectural Press, 1948. Primeira publicação em 1934.

Paschoal Scavone (fig. 5) – parece ter sido usado por Bratke nas áreas *molhadas* (cozinhas e banheiros) do bairro jordanense.

Posteriormente, o arquiteto voltaria a optar por estruturas de madeira nas vilas Serra do Navio (fig. 6) e Amazonas (1955-1960), numa tentativa de facilitar, baratear e agilizar a construção das duas cidades em meio à selva amazônica. A esse respeito, Luís Espallargas Gimenez⁷ observa que a madeira era o “único material abundante”, e que a técnica adotada era comum na construção de:

Loteamentos de classe média na costa oeste americana, um tipo de solução que não passa despercebida ao admirador da arquitetura eficiente, ainda que americana, como, certamente, é o caso de Bratke (GIMENEZ, 2009, p. 69).

Externamente, são identificáveis no Jardim do Embaixador dois tipos de pranchas de madeira: as lisas e as costaneiras (figs. 7 e 8). Essas últimas são as mais recorrentes, talvez por transmitirem melhor ao observador a ideia de um *abrigo rústico*. As tábuas lisas (fig. 9), por sua vez, se associam mais fortemente à arquitetura doméstica norte-americana de meados do século XX (fig. 10) e à casa que Bratke construiu para si mesmo na Rua Avanhadava (São

Paulo, 1947, fig. 11), e que foi publicada em *Arts & Architecture* no ano seguinte.

Internamente, as duas formas de acabamento em madeira também estão presentes, bem como na forma de painéis. A combinação de costaneiras (fig. 12) com painéis (fig. 13) lembram as escolhas de Le Corbusier para o *petit cabanon* (figs. 14 e 15), uma cabana-refúgio que o franco-suíço construiu para si mesmo na cidade litorânea de Roquebrune-Cap-Martin, França, em 1951.

A disposição das tábuas no bairro jordanense ocorre de três formas distintas: horizontal, vertical e diagonalmente (comparações I e II). Acreditamos que essa variação possa ter sido um experimento para tornar mais estáveis as construções em madeira, a exemplo das soluções desenvolvidas por Marcel Breuer nos Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950 (figs. 16 a 19). Por exemplo, na icônica Casa de Campo Chamberlain, que aparece nas páginas 108 e 109 de *The Modern House*, Breuer:

Usou um princípio distinto na fase de construção. O princípio envolveu, primeiramente, estender camadas de madeira horizontalmente (no interior), depois na diagonal (no meio) e finalmente na

⁷ GIMENEZ, L. E. Caraíba e Serra do Navio: a construção da cidade brasileira. *In: Arq.Urb*, n. 2, jul-dez. 2009, p. 56-79.

vertical (no exterior) para garantir suficiente estabilidade (COBBERS, 2009, p. 41)⁸.

Excluindo-se os projetos publicados em *Acrópole* – não coloridos – e as fotografias em preto e branco do Restaurante Jardim do Embaixador, constatamos nas residências ainda existentes (ou que possuem algum registro a cores) que a opção por pintar a madeira (ou os tijolos) com tonalidades fortes foi uma unanimidade no Jardim do Embaixador. Na paleta do arquiteto encontramos variações de marrom, os extremos branco e preto e cores quentes como vermelho, laranja e amarelo, as quais criam um interessante contraste com a gama de verdes da natureza que cerca os terrenos e o intenso azul do céu nos dias de inverno sem nuvens (figs. 20 a 25). O marrom, o preto e o vermelho escuro dos fechamentos externos – além de servirem como uma proteção à madeira – absorvem grande parte da energia solar, transmitindo mais calor para o interior da edificação, algo benéfico em climas frios como o de Campos do Jordão.

⁸ COBBERS, A. **Marcel Breuer**: criador da forma do século vinte. Colônia: Taschen, 2009.

⁹ FUJIOKA, P. Y. **Princípios da arquitetura organicista de Frank Lloyd Wright e suas influências na arquitetura moderna paulista**. 2003. 313 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

Além disso, o uso da cor aproxima Bratke de Breuer, que também pintava algumas superfícies de seus projetos com tons semelhantes aos usados pelo arquiteto paulista – mas o distancia de boa parte da obra de Frank Lloyd Wright, que costumava afirmar que em sua arquitetura havia “pouco ou nenhum espaço para aplicação de qualquer tipo” já que nunca fora um “aficionado de pinturas” (p. 99)⁹. Em uma análise mais atenta, as cores fortes no bairro jordanense (bem como as coberturas, que veremos a seguir) podem ser consideradas como elementos de *distanciamento do cenário*, gerando “por contraste, uma relação de autonomia com o entorno natural”, na visão de Anderson Dall’Alba (p. 56)¹⁰. Em contrapartida, a implantação e o uso da pedra podem ser entendidas como ferramentas do arquiteto para aproximar sua arquitetura da paisagem original, o que acaba por

¹⁰ DALL’ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

gerar a relação ambígua de *envolvimento-distanciamento* como mostram os estudos de James Ackerman¹¹.

Em entrevista concedida a Fernando Serapião¹², Roberto Bratke especula que o pintor Francisco Rebolo Gonsales pode ter pintado algumas casas no Jardim do Embaixador – uma vez que, segundo Roberto, Rebolo também possuía uma empresa de pintura. Se assim for, a parceria de Bratke com o pintor perdurou até os anos 1950 – pois ambos trabalharam junto nas vilas Serra do Navio e Amazonas. Segundo o depoimento de Oswaldo para Hugo Segawa, o Rebolo elaborou um estudo cromático para as edificações do empreendimento (figs. 26 a 29), com intuito de criar uma variação de cores que evitasse monotonia. Supomos que tal cuidado também teria sido uma preocupação no bairro jordanense. Pois apesar de formarem uma vizinhança e compartilharem materiais e elementos arquitetônicos semelhantes¹³, cada unidade deveria ter um aspecto próprio: era desejável que o grupo de casas não se parecesse com um conjunto

seriado, e acreditamos que Bratke conseguiu criar uma linguagem coesa sem se tornar repetitiva. Apesar de não ser possível atualmente traçar uma cronologia precisa de quais obras foram construídas primeiro, e quais foram construídas por último, acreditamos que o caráter mais (ou menos) arrojado de cada construção não necessariamente ocorreu dentro de uma *linha temporal*: parece ter sido resultado sobretudo de uma maior (ou menor) liberdade concedida ao arquiteto por seus clientes.

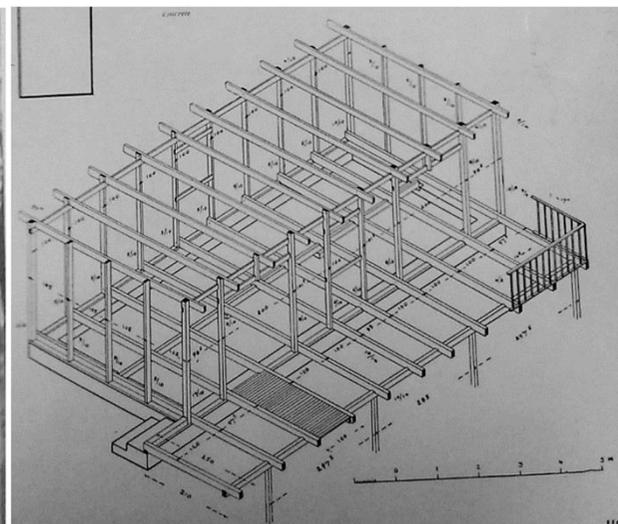
¹¹ ACKERMAN, J. *The villa: form and ideology of country houses*. Princeton: University Press, 1989.

¹² SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. In: *Projeto Design*, n. 340, jun. 2008.

¹³ Como na Villa Serrana de Julio Vilamajó, onde o arquiteto uruguaio procurou “obter, dentro da diversidade, um pequeno número de coisas em comum que [dessem] unidade ao conjunto edificado, obtendo-se assim, dentro da maior liberdade, um ponto de contato geral” (VILAMAJÓ *apud* CABRAL, 2014, p. 274).



Fig. 1: O sistema *balloon framing*.
Fonte: www.thinglink.com.



Figs. 2 a 4: Casa próxima à Locarno, Suíça, arq. M. Segal, 1935. Vistas do exterior
E esquema intitulado *timber framing diagram*. Fonte: Yorke, 1948, p. 118-9.



Fig. 5: Estrutura similar ao *timber framing* na Casa Paschoal Scavone. Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 6: Habitação em Serra do Navio.
Fonte: www.leonardofinotti.com.



Fig. 7: Fachada de costaneiras na Casa Fabrini.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Figs. 8 e 9: costaneiras envernizadas (esq.) e tábuas lisas pintadas de marrom (dir.) na Casa Campos.
Fonte: Marcelo Leite 14/03/16.



Fig. 10: Casa de campo Howard Wise, arq. Marcel Breuer,
Cape Cod-MA, 1963. Fonte: Sogbe, 2012, p. 240.



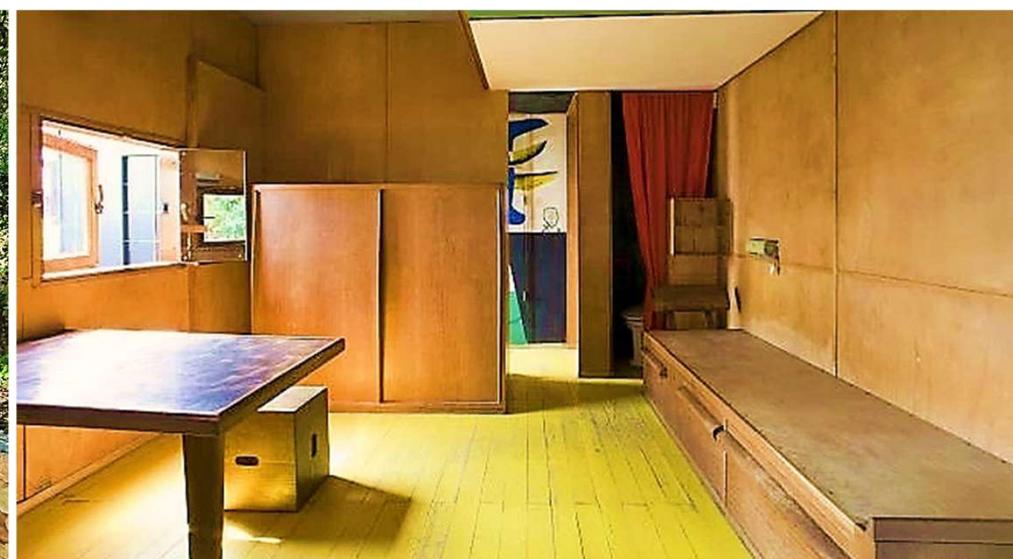
Fig. 11: Casa Bratke na Rua Avanhandava, 1947.
Fonte: *Arts & Architecture*, out. 1948, p. 33.



Fig. 12: Costaneiras na Casa Ribeiro.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 13: Painéis de madeira em quarto da Casa Ortiz.
Fonte: www.capivariimoveis.com.br.



Figs. 14 e 15: Exterior e interior do *petit cabanon*. Fontes: www.dezeen.com e www.sites-le-corbusier.org.

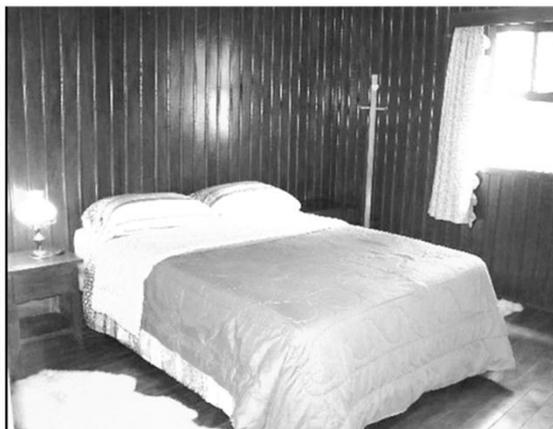
Comparação I
tábuas lisas

Horizontal



Casa Firmino Whitaker.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.

Vertical



Casa do Lote 87.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.

Diagonal



Casa Firmino Whitaker.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.

Comparação II
tábuas costaneiras



Restaurante Jardim do Embaixador.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Casa do Lote 87.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Casa Mário Barreiro.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.

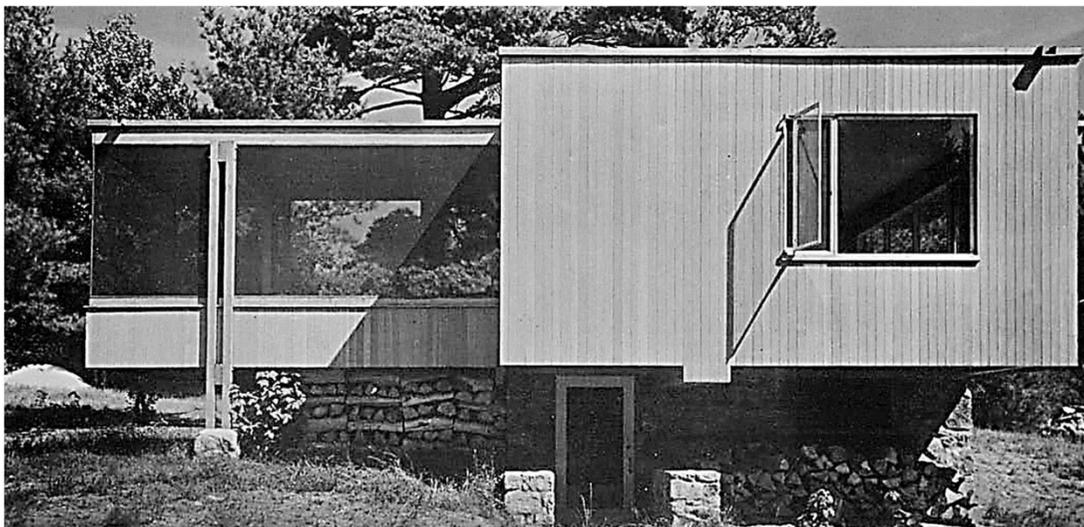


Fig. 16: Casa de campo Chamberlain, Wayland-MA, 1940
 Fonte: Yorke, 1948, p. 108.

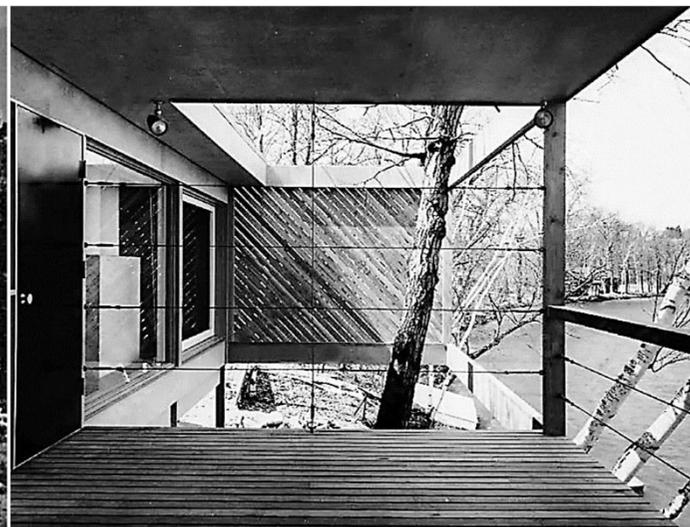


Fig. 17: Casa de campo Harry Caesar, Lekeville-CT, 1951.
 Fonte: Sogbe, 2012, p.230.

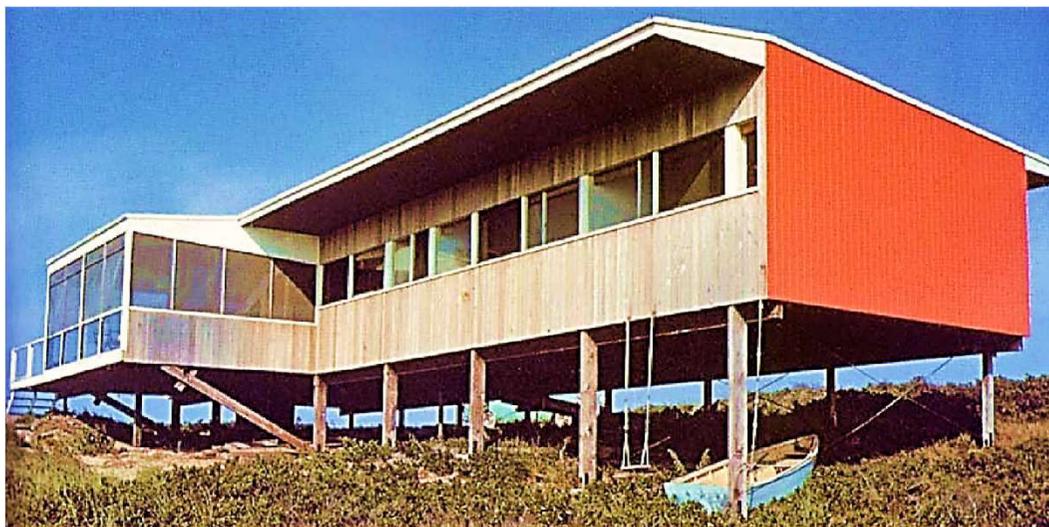
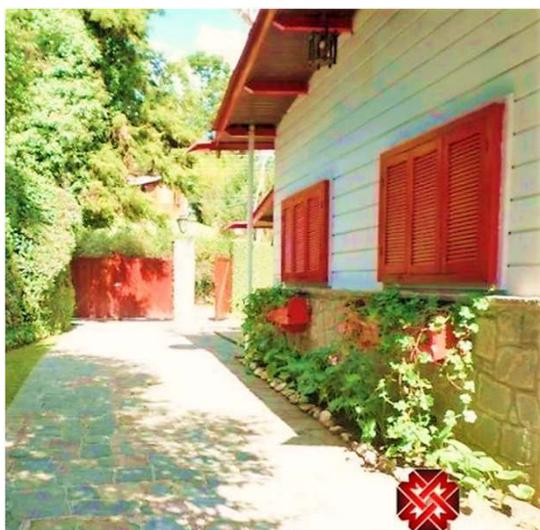


Fig. 18: Casa de campo Edgar Stillman Jr., Cape Cod-MA, 1953.
 Fonte: Sogbe, 2012, p. 194.



Fig. 19: Casa Robert Snower, Kansas City-KS, 1953.
 Fonte: architectureforsale.com.



Figs. 20 e 21: Casa Júlio Ortiz, fachadas lateral e posterior. Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.

Fig. 22: Casa Armando Ciampolini. Fonte: Marcelo Leite, 22/03/16.



Fig. 23: Casa Oswaldo Bratke. Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.

Fig. 24: Casa Firmino Whitaker. Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.

Fig. 25: Casa Adhemar de Campos. Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Figs. 26 a 29: Edificações em Vila Serra do Navio, 1955-1960. Fonte: www.archdaily.com.br.

4.6 Coberturas

Entre a década de 1930 e princípios da década de 1940, a construtora Bratke & Botti desenhou e executou na capital paulista algumas centenas de casas, em uma gama bastante diversa de linguagens que iam do normando ao neocolonial. Em relação às coberturas das edificações desse período, Mônica Junqueira de Camargo¹ observa que “no início, os telhados eram invariavelmente de duas ou quatro águas [em] telhas francesas ou capa-e-canal” (p. 82, fig. 1, p. 198). Porém, no fim dos anos 1930 o arquiteto inicia os experimentos com outras soluções de cobertura, variando os materiais, inclinações e formatos usados nos telhados. A Casa Augusto Sampaio (fig. 2), por exemplo, é uma das primeiras residências de Bratke com telhado em uma água.

No Jardim do Embaixador, protegendo o madeiramento das paredes, o arquiteto utiliza beirais amplos – em alguns casos

também aproveitados como terraços, um convite para atividades ao ar livre, como o tradicional chá da tarde na varanda do restaurante coração do bairro. Ao invés de telhas cerâmicas, Bratke optou pelas de fibrocimento – permitindo declividades pouco acentuadas e, como notou Fernando Serapião², evidenciando preocupação com a “industrialização dos componentes construtivos, influenciado por norte-americanos da costa oeste”. De fato, algumas das soluções de cobertura pensadas para o bairro jordanense (fig. 3) são semelhantes às desenvolvidas na Califórnia no mesmo período (fig. 4). A dissertação de Sabrina Pereira sobre Rodolpho Ortenblad Filho (1926-...)³ explica as vantagens das telhas de fibrocimento:

Além de permitirem pouca inclinação ao telhado, eram de fácil e rápida montagem, por se tratar de peças bem maiores que as telhas de barro [...] o madeiramento do telhado não precisava ser tão fechado, tornando possível a solução de usar algumas poucas vigas mais espessas [...] dessa maneira o telhado se tornava um componente que poderia ser montado facilmente na obra (PEREIRA, 2010, p. 167).

¹ CAMARGO, M. J. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

² SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. In: *Projeto Design*, n. 340, jun. 2008.

³ PEREIRA, S. S. B. **Rodolpho Ortenblad Filho**: estudo sobre as residências. 2010. 238 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010. Ortenblad estagiou com Bratke em algum período de sua formação no Mackenzie, entre 1946 e 1950.

Além disso, as telhas de fibrocimento já na década de 1940 poderiam ser mais econômicas, contribuindo para baratear os custos da construção. E por serem isolantes térmicas, ajudariam a manter o ambiente interno aquecido, protegido das baixas temperaturas comuns na Serra da Mantiqueira.

Apesar de não sabermos se Bratke chegou a estabelecer uma inclinação máxima para as coberturas – como fez Vilamajó em Villa Serrana ao propor um máximo de 25%⁴ – é certo que ao escolher a telha de fibrocimento o mestre paulista subverteu em Campos do Jordão um dos clichês da *arquitetura de montanha*: o telhado de alta declividade, próprio para neve.

Mesmo ao usar a cobertura em duas águas simétricas (ou tradicional), o arquiteto adota uma inclinação mais baixa do que o usual no restante da cidade naquela época e nos dias atuais (fig. 5), como vemos num dos estudos publicados em *Acrópole* e na Casa Firmino Whitaker (fig. 6). Obviamente esse telhado em duas águas com baixa declividade não desapareceu do repertório de Bratke ao longo de sua carreira, sendo utilizado sempre que

conveniente, como na ampla maioria das edificações construídas nas vilas Amazonas e Serra do Navio. Na igreja dessa última, os suportes inclinados de sustentação da cobertura (fig. 7) ecoam os pensados para o Restaurante Jardim do Embaixador (fig. 8).

Dentro de um *repertório moderno*, vemos o arquiteto empregando as coberturas: em duas águas assimétricas (sem cumeeira, conhecida como *tipo americano*), no projeto para a pensão não construída (fig. 9) e na casa do lote 87; em duas águas invertida (*borboleta*) ou em plano único (uma água). O restaurante (fig. 10) e a Casa Armando Ciampolini (fig. 11) parecem ter sido as primeiras obras em que Bratke executou telhados borboleta – talvez inspirado pelas obras de Niemeyer na Pampulha (o late Clube e a Casa JK), ou mesmo diretamente pela Casa Errazuriz, projeto chileno de Le Corbusier desenvolvido em 1930 (fig. 12). É curioso notar que todos os três casos – Errazuriz, Pampulha, Jardim do Embaixador – giram em torno de um programa voltado ao lazer: uma casa de campo isolada, um bairro-jardim metropolitano com diversos atrativos e um bairro-jardim com casas de campo,

⁴ CABRAL, C. P. C. Na natureza agreste: a proposta de Julio Vilamajó para Villa Serrana, Uruguai, 1946-1947. In: SOUZA, C. F. **Ideias em circulação na construção**

das cidades. Porto Alegre: Marcavizual, PROPUR-PROPAR/UFRGS, 2014, p. 261-285.

respectivamente. Fato que corrobora as hipóteses defendidas nas teses de Junqueira de Camargo (2000) e de Bressan Pinheiro (1997) de que “o aspecto lúdico e alternativo” (2000, p. 99), informal e descompromissado das *arquiteturas de lazer* tornaram esse tipo de programa “um vetor privilegiado para a experimentação de inovações” (1997, p. 297)⁵.

Após o Jardim do Embaixador, o mestre paulista empregaria o telhado borboleta em outras obras, entre elas o Pavilhão Aricanduva (1945, fig. 13) e a casa do arquiteto na Rua Avanhandava (1947, fig. 14), ambas em São Paulo. Contudo, é o plano único de cobertura que aparece na grande maioria das edificações do bairro jordanense, entre elas as casas para Tufik Chohfi (fig. 15) e para Edmundo e Mário Sansone (fig. 16). Na visão de Márcio Cotrim Cunha⁶:

A imagem da cobertura única ao longo da cultura arquitetônica do século XX foi significativa, manifestando-se em diferentes contextos, programas e escalas através de distintas soluções e materiais; foi marcada, de um lado, por um forte

caráter simbólico impregnado no conceito de abrigo, e de outro, pelo necessário avanço técnico que a acompanhou (CUNHA, 2009, s/p).

Em sintonia com o pensamento anterior, acreditamos que Oswaldo Bratke possa ter feito um uso maior do plano único no Jardim do Embaixador com um duplo intuito de evidenciar o primitivo e o moderno. O primeiro conceito ficaria exposto por meio de uma associação do tema da *cabana rústica de montanha* com a ideia de um abrigo simples, quase primordial. Já o segundo, pelo uso da telha de fibrocimento e das baixas inclinações – que funcionariam como experimentos iniciais ou prenúncios das lajes planas, que fariam parte de sua carreira no futuro, a partir do projeto de sua casa no Morumbi em 1951⁷.

⁵ PINHEIRO, M. L. B. **Modernizada ou moderna?** A arquitetura em São Paulo: 1938-1945. 1997. 365 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

⁶ CUNHA, M. C. Mies e Artigas: a delimitação do espaço através de uma única cobertura. In: *Arquitextos*, n. 108.01, mai. 2009.

⁷ Hugo Segawa (2012, p. 108) afirma que a Casa Bratke no Morumbi “foi a primeira obra em que o arquiteto realizou um teto plano (e talvez uma das primeiras bem-sucedidas aplicações de lajes de cobertura em São Paulo).



Fig. 1: Casa E. M. C. no Jardim Paulista, 1938.
Fonte: *Acrópole*, set. 1938, p. 42.

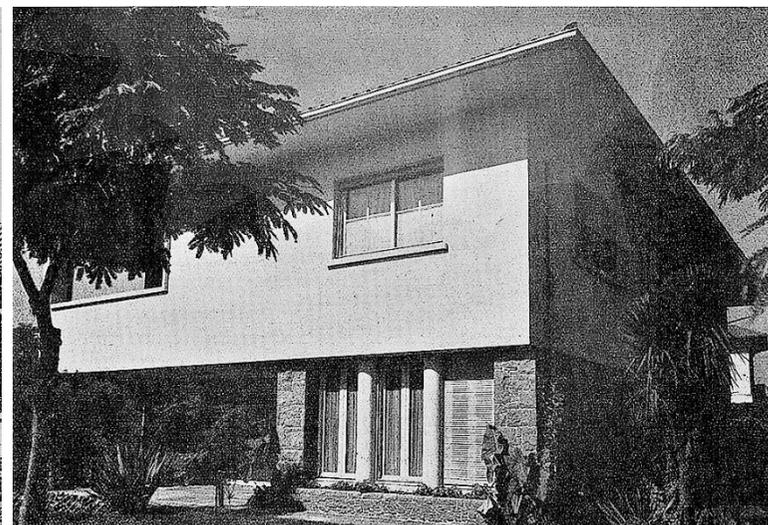


Fig. 2: Casa Augusto Sampaio no Jardim América, 1938.
Fonte: *Acrópole*, jul. 1938, p. 115.

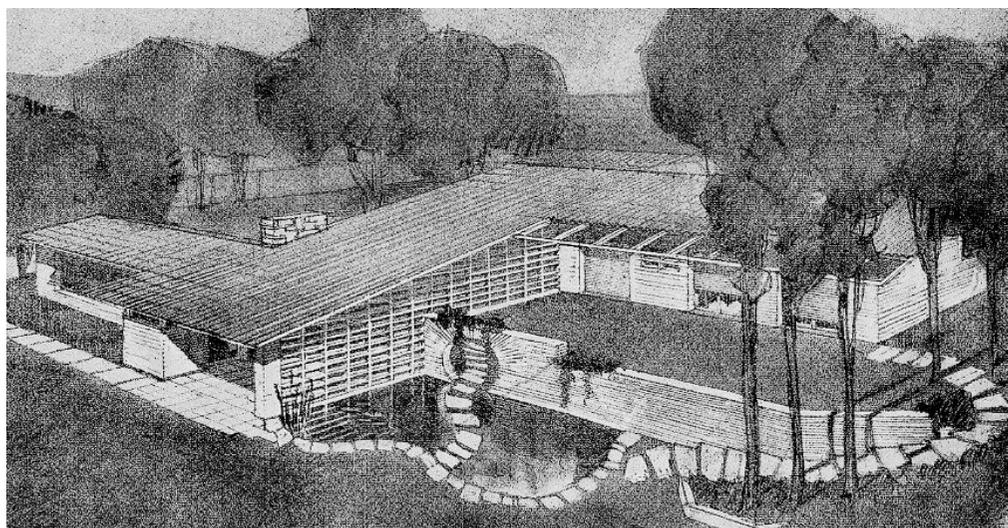


Fig. 3: Sexto estudo para casa de campo em Campos do Jordão.
Fonte: *Acrópole*, jul. 1944, p. 119.



Fig. 4: Case Study House #10, Pasadena-CA, arq. Kemper Lomland, 1945. Fonte: www.esotericsurvey.blogspot.com.



Fig. 5: Hotel Vila Inglesa.
Fonte: www.hotéis.com.

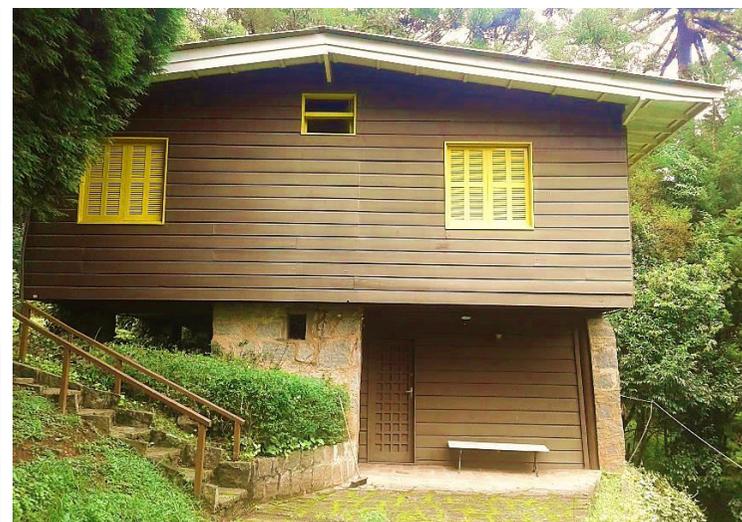


Fig. 6: Casa Firmino Whitaker.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.

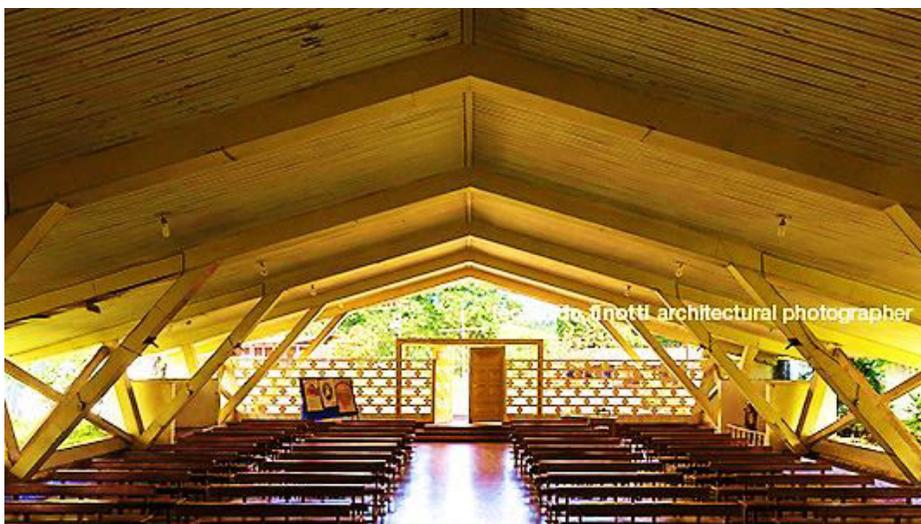


Fig. 7: Igreja em Serra do Navio.
Fonte: www.leonardofinotti.com.

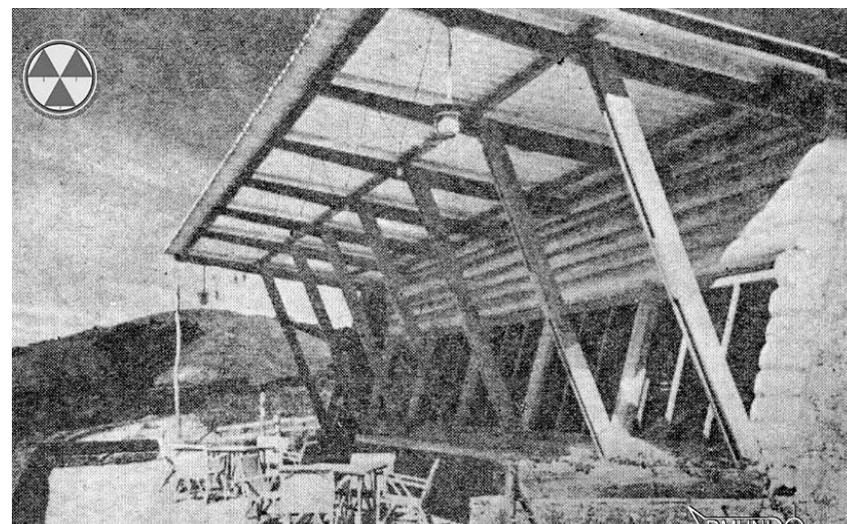
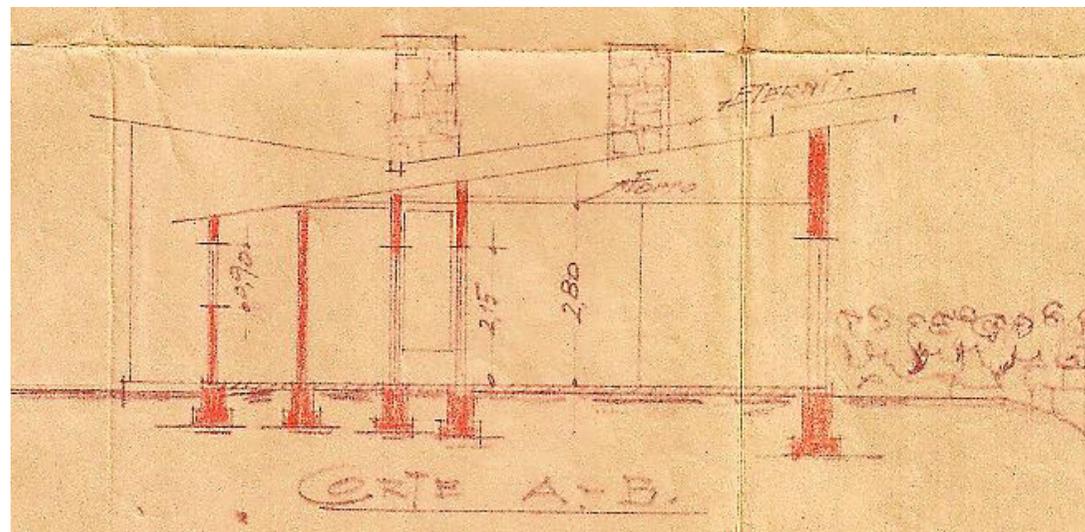
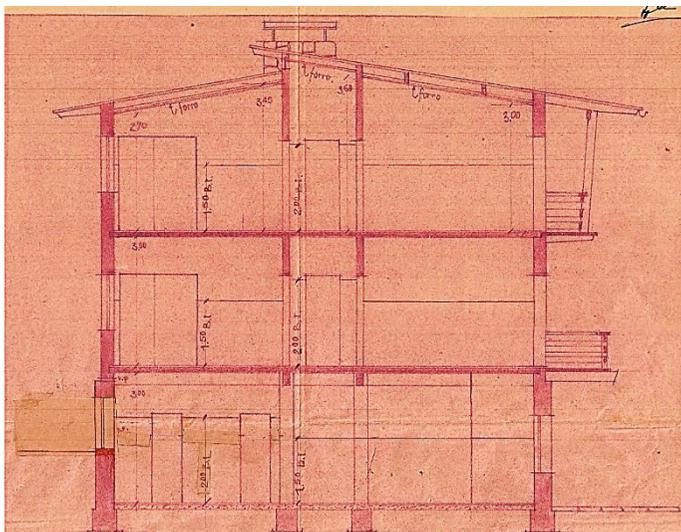


Fig. 8: Restaurante Jardim do Embaixador.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Figs. 9 e 10: Cortes transversais do projeto para pensão (esq.) e do Restaurante Jardim do Embaixador (dir.).
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.



Fig. 11: Casa Armando Ciampolini.
Fonte: Marcelo Leite, 22/03/16.

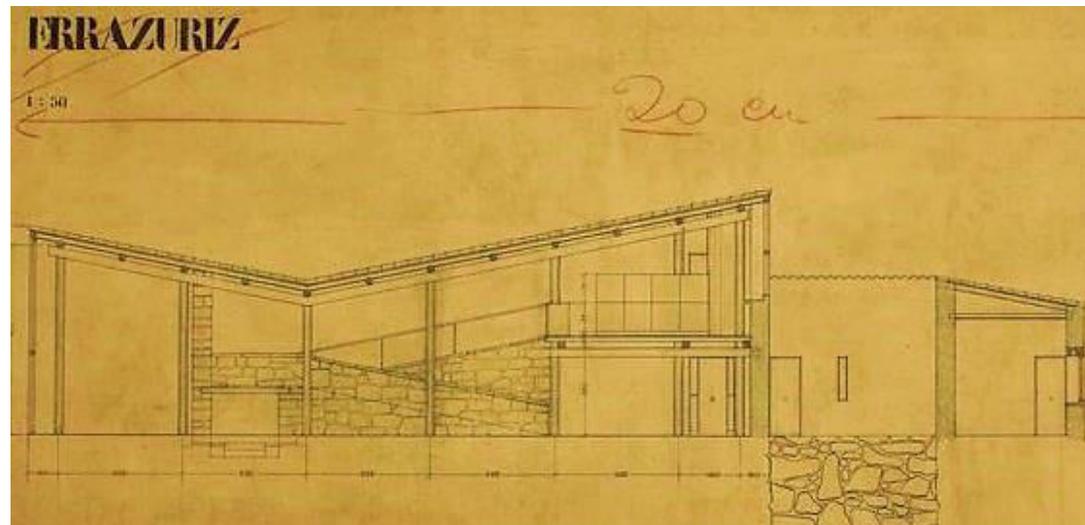


Fig. 12: Corte longitudinal da Casa Errazuriz.
Fonte: www.fondationlecorbusier.fr.

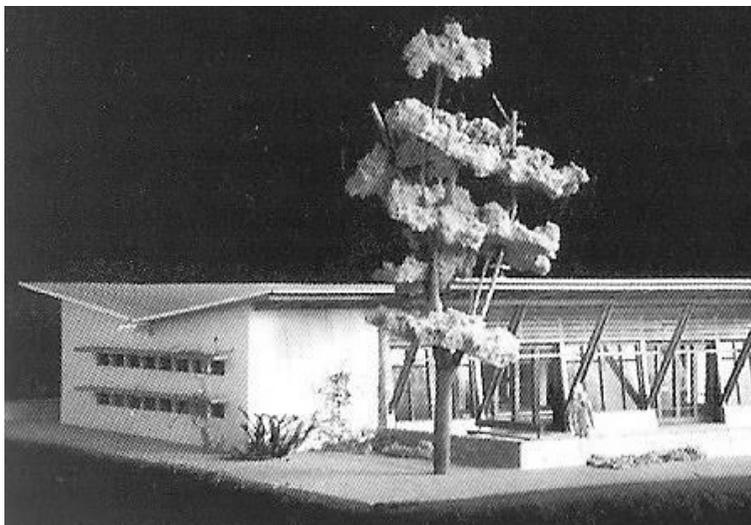


Fig. 13: Detalhe da maquete do Pavilhão Aricanduva, 1945. Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 45.



Fig. 14: Casa Bratke na Rua Avanhandava, 1947. Fonte: *Arts & Architecture*, out. 1948, p. 33.



Fig. 15: Casa Tufik Chohfi. Fonte: Acervo de Anna Galvão.



Fig. 16: Casa Edmundo e Mário Sansone. Fonte: Marcelo Leite, 22/03/16.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Conforme comentamos no início desse trabalho, a arquitetura moderna brasileira, amplamente reconhecida no país e no exterior, forjou-se por meio do trabalho de qualidade de muitos personagens – que deixaram seu testemunho em projetos e obras, as quais foram posteriormente comentadas e criticadas pelos próprios autores e por pesquisadores. Contudo, a *trama narrativa dominante* acabou concedendo maior espaço aos grandes centros urbanos, à utilização de técnicas ditas *mais avançadas* (como as do concreto armado e do aço), à chamada *arquitetura de gênio*, às obras públicas ou institucionais, e ao papel quase messiânico atribuído a Le Corbusier. Nesse contexto, Oswaldo Bratke acabou relegado a uma posição secundária, por ser um expoente da *arquitetura de ofício*, ter se dedicado majoritariamente à tipologia residencial unifamiliar e finalmente por nunca ter se prendido a qualquer tipo de doutrina, preferindo uma busca livre e múltipla por referências no Brasil e no exterior.

O Jardim do Embaixador, por sua vez – produção doméstica interiorana, realizada com madeira e pedra, e relacionada com

arquiteturas norte-americanas – foi esquecido por seu criador que, após se tornar eminentemente *moderno* e sendo demasiadamente *modesto* em relação à sua obra, não fez questão de divulgar nem preservar para a posteridade muitos projetos – ainda mais aqueles realizados durante as décadas de 1930 e 1940.

Diante desse cenário, nosso trabalho resgata a importância do bairro jordanense para a ampliação do conhecimento da obra de Bratke. Ao focar uma produção que ficou à margem dos trabalhos sobre o arquiteto, esse trabalho insere-se na trilha aberta por inúmeras pesquisas realizadas nos últimos trinta anos, que vêm problematizando a arquitetura moderna brasileira. Trata-se de questionar o paradigma unívoco que por muito tempo existiu, bem como reconhecer outras expressões do moderno no país. Afinal, como explica Marcelo Puppi¹:

Se essa historiografia já deu grandes passos nas últimas três décadas, a pesquisa sempre pode ou deve continuar avançando, tanto para se produzir novos conhecimentos, naturalmente, quanto para incorporar novos métodos e novos objetos de pesquisa que contribuam justamente para

¹ PUPPI, M. O racionalismo estrutural e as fontes da arquitetura moderna brasileira: método, definições e potencial da pesquisa. In: **Thesis**, jan-out. 2017, p. 77-87.

aprofundar a revisão historiográfica em curso (PUPPI, 2017, p. 78-9).

A escolha de Bratke como nosso protagonista, um arquiteto que, segundo Mônica Junqueira de Camargo² – possuía “reconhecida autonomia em relação aos seus pares” e foi *moderno* sem ser *revolucionário* (p. 105) – permitiu que olhássemos para certos aspectos de forma diferente, a exemplo do trabalho de Joana Mello e Silva³ sobre Jacques Pilon.

Com o Jardim do Embaixador como objeto de estudo, acreditamos contribuir para preencher uma lacuna nos estudos sobre Bratke. O plano urbanístico para o bairro, do qual até dez anos atrás apenas *tinha-se conhecimento* da autoria, foi mostrado inicialmente no texto de Fernando Serapião⁴. Contudo, por se tratar de um artigo mais focado na arquitetura, o projeto do loteamento acabou ficando em segundo plano. Dessa forma, nossa pesquisa é a primeira a descrever *com detalhes* e analisar de forma *mais aprofundada* o plano urbanístico do Jardim do Embaixador – contribuindo para um melhor entendimento da figura de Bratke

² CAMARGO, M. J. Ecletismo e modernismo na arquitetura de Oswaldo Arthur Bratke. *In*: FERNANDES, J. M; PINHEIRO, M. L. B. **Portugal, Brasil e África: arquitetura e urbanismo do ecletismo ao modernismo**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.

enquanto *arquiteto empreendedor*, que adquire terras, elabora um projeto de arruamento baseado em preceitos de bairros-jardins, incentiva parentes e amigos a comprar terrenos e desenha e constrói ele mesmo as primeiras edificações. O Jardim do Embaixador foi, inclusive, o campo *inaugural* dessa forma de atuação do arquiteto – que posteriormente se repetiria na Ilha Porchat no litoral paulista, e no Morumbi em São Paulo.

O memorial que acompanha o plano de urbanização, o projeto para a pensão não construída e a lista de casas construídas pela Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. – três fontes primárias encontradas por nossa pesquisa – são documentos que *confirmam* a presença de Bratke no processo de concepção do Jardim do Embaixador, expondo também quem foram os seus sócios nesse empreendimento.

A listagem com os nomes dos primeiros proprietários, já citada, era composta por imigrantes enriquecidos e famílias paulistas abastadas. Ela revela o perfil atendido por Bratke naquele

³ SILVA, J. M. C. **O arquiteto e a produção da cidade**: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960). 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

⁴ SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In*: **Projeto Design**, n. 340, jun. 2008.

momento: tratava-se de uma *nova elite*, uma clientela endinheirada que não necessariamente pertencia aos círculos mais *tradicionais* de São Paulo. São esses personagens que compram a ideia de uma casa de campo *moderna*, e que de certa forma é representativa da própria ascensão daquelas famílias num *novo* contexto social, passado o Estado Novo e recém-finalizada a Segunda Guerra Mundial. E tal como o seu trabalho, o próprio arquiteto encarna essa realidade: Bratke era descendente de alemães, nascido no interior do estado e cujo pai havia sido dono de uma papelaria; não vinha, portanto, de um clã *importante* ou mesmo *conhecido* antes de iniciar sua trajetória profissional.

Ao apresentarmos e comentarmos as edificações que foram nosso objeto de estudo – as quais formam um todo coeso estético e construtivamente, ainda que cada unidade tenha um aspecto próprio – ampliamos a relevância da produção arquitetônica de Bratke no Jardim do Embaixador, que certamente foi mais expressiva do que apenas *algumas, seis ou oito*

edificações⁵. Trata-se de um acervo construído numa década importantíssima para a arquitetura brasileira, pautada em experimentalismos e na qual ocorre uma gradativa incorporação de espaços, elementos e estéticas modernas, juntamente com o emprego de novas tecnologias construtivas.

O trabalho de campo por nós realizado revelou uma arquitetura singela, peculiar, diversa e até muito mais rica do que a imaginada de início, que esperamos que essa pesquisa possa tornar mais visível e reconhecida. Ao estudarmos as residências construídas no Jardim do Embaixador, comprovamos que “muitas das características que viriam a marcar a carreira posterior de Oswaldo Bratke já se evidenciavam nestes” projetos⁶. Pela mesma linha vai Serapião, afirmando que o mestre paulista realizou “na serra suas primeiras experiências modernas [...] que o ajudaram, no decorrer de sua carreira, a definir sua própria gramática arquitetônica”. Já Anderson Dall’Alba⁷ não deixa de notar as semelhanças entre a arquitetura e o urbanismo do Jardim do

⁵ Que são os quantitativos sobre a atuação do arquiteto no bairro jordanense encontrados na bibliografia sobre Oswaldo Bratke.

⁶ Tal como observou Maria Lúcia Bressan Pinheiro (1997, p. 298) ao analisar os *estudos para casas de campo* publicados pelo arquiteto em *Acrópole*.

⁷ DALL’ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

Embaixador e suas correspondentes no Morumbi, ressaltando que “ao responder ao desejo de abrigo na montanha e a necessidade de converter a natureza em cenário habitável e, sobretudo, desfrutável, Bratke se manteve fiel ao próprio discurso” (p. 55-6).

Entretanto, além de mostrar as particularidades de Bratke em relação à produção nacional: economia, rigor construtivo, experimentalismo e compreensão mais ampla do fenômeno arquitetônico⁸, o Jardim do Embaixador também se destaca por suas características quase únicas: na arquitetura de Bratke, o *programa* da casa de campo e o desenvolvimento de *estratégias* de conforto numa região de clima frio; e na arquitetura brasileira em geral, a *temática* do abrigo rústico de montanha e o *protagonismo* da madeira como material construtivo.

No empreendimento em Campos do Jordão o arquiteto teve a oportunidade de experimentar de forma mais livre e recorrente a implantação que respeita alguns preceitos dos bairros-jardins, tais como a baixa taxa de ocupação do lote e a preocupação em manter a maior parte do terreno vegetada e

permeável. Aproveitando de forma inteligente os desníveis naturais dos sítios onde interveio, conseguiu criar uma fachada frontal *introvertida*, que recuada da rua e com poucas esquadrias concede *privacidade* aos moradores. Simultaneamente, a mesma forma de implantação permite que as vistas mais amplas – e consequentemente as maiores aberturas – fiquem voltadas para o interior do lote, tornando a relação dos habitantes com o quintal mais *amigável* e *extrovertida*.

Em relação ao uso dos espaços, verifica-se que algumas das transformações que ocorriam na década de 1940 se materializaram nas casas de campo em estudo, como a divisão do espaço interno das moradias em “*zona diurna* composta de estar, jantar e cozinha, e *zona noturna* dedicada aos dormitórios” – característica que segundo Marlene Acayaba⁹ é compartilhada por Bratke e o arquiteto húngaro-americano Marcel Breuer. Nas *cabanas* do bairro jordanense também já há “integração entre sala

⁸ De acordo com Camargo (2000, p. 160).

⁹ ACAYABA, M. M. **Residências em São Paulo**: 1947-1975. 2ª ed. São Paulo: Romano Guerra, 2011. Primeira publicação em 1986.

de estar e de refeições” (p. 2)¹⁰, tendência à “compartimentação por [meio de] móveis e painéis deslizantes” (p. 4)¹¹ e emprego de parede hidráulica única, estrategicamente posicionada entre a cozinha e o banheiro.

Todas as soluções destacadas mostram um modo de vida mais informal e mesmo americanizado, além de uma intenção do projetista em simplificar o processo construtivo, tornando-o mais rápido e mais econômico. No caso específico do Jardim do Embaixador, onde a estrutura em madeira é protagonista, Bratke também revela sua “preferência por processos construtivos tectônicos – próprios da carpintaria –, leves e *secos*” (p. 56)¹², como o *balloon framing* e o *timber framing*.

Diversas aberturas são testadas no Jardim do Embaixador, com o intuito de atender às demandas específicas de cada cliente e como forma de experimentação: venezianas de correr ou com paletas móveis aparecem para proteger os moradores de olhares

indesejados vindos da rua ou do excesso de luminosidade; já os painéis envidraçados procuram alcançar o pé-direito, por vezes se inclinando para gerar fachadas mais dinâmicas, ambas as soluções não deixando de tentar otimizar a ventilação e a iluminação natural. Buscam sobretudo o *olhar para fora*, uma espécie de *vocação do campo*, de acordo como o urbanista inglês Patrick Abercrombie¹³ e em plena sintonia com o preceito de integração interior-exterior, conveniente numa casa de campo.

A relativa facilidade em obter matéria-prima e a grande experiência de Bratke com os materiais de construção fazem com que a madeira e a pedra sejam empregadas abundantemente, numa clara tentativa do arquiteto de se adequar ao *imaginário de montanha* pelo qual anseia sua rica clientela que quer aproveitar a natureza sem perder certas comodidades urbanas. A ambiguidade dessa situação acaba se refletindo numa materialidade também ambígua das habitações: se por um lado a madeira é onipresente,

¹⁰ PINHEIRO, M. L. B. Uma cidade pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. In: **Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Campinas: SHCU, 1998.

¹¹ COSTA, A. E; GERHARDT, T. Regra em meio à natureza: casas refúgio na arquitetura brasileira. In: **Anais do VII Projetar**. Natal: Projetar, 2015.

¹² LUCAS, L. H. H. O Sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50. In: **Pós**, v. 17, n. 27, jun. 2010, p. 46-65.

¹³ Citado em: CABRAL, C. P. C. Na natureza agreste: a proposta de Julio Vilamajó para Villa Serrana, Uruguai, 1946-1947. In: SOUZA, C. F. **Ideias em circulação na construção das cidades**. Porto Alegre: Marcavizual, PROPUR-PROPAR/UFRGS, 2014, p. 261-285.

ela chama a atenção por seus “efeitos plásticos [...] e seus diferentes arranjos como revestimento”, como sugere Dall’Alba (p. 55) – incluídos aí as variadas disposições das pranchas e as fortes pinturas nas variações de marrom, nos extremos branco e preto e nas cores quentes como vermelho, laranja e amarelo, que acabam *contrastando* com a gama de verdes da natureza que cerca os terrenos e com o intenso azul da abóbada celeste nos dias de inverno sem nuvens.

A pedra, por sua vez, além de dar forma a pilares e paredes – “penetra a acristalada sala de estar [e] simboliza o pacto da arquitetura com a natureza” (p. 2)¹⁴ através das lareiras presentes no “espaço único de atividade social” das casas de campo. “Única conexão vertical que une céu e terra”, esses elementos atravessam “o centro da vida doméstica onde a busca pelo conforto térmico é prioritária” (p. 16)¹⁵. As rochas também protegem os fechamentos de madeira da umidade do solo, já que constituem a fundação e a pavimentação externa de praticamente todas as primeiras

construções do bairro. E essa espécie de *pódio pétreo* sobre o qual se implanta a residência acaba funcionando como um elemento de *distanciamento do cenário*, segundo as teorias de Ackerman¹⁶.

Protegendo o madeiramento das paredes, o arquiteto utiliza beirais amplos – em alguns casos também aproveitados como terraços, um convite para atividades ao ar livre. Ao invés de telhas cerâmicas, Bratke opta pelas de fibrocimento – permitindo declividades pouco acentuadas e, como notou Serapião, evidenciando preocupação com a “industrialização dos componentes construtivos, influenciado por norte-americanos da costa oeste”. Ao usar a cobertura em duas águas o mestre paulista adota inclinações mais baixas do que o usual em Campos do Jordão, naquela época e nos dias atuais, subvertendo o clichê do telhado próprio para neve. Já dentro de um *repertório moderno*, vemos o arquiteto empregando coberturas borboleta ou em plano único, essa última um prenúncio da laje plana que faria parte de

¹⁴ MACHADO, A. S. A pedra na arquitetura moderna de Porto Alegre, 1950-1970. In: **Anais do IV Seminário Docomomo Sul**. Porto Alegre: Docomomo 2013.

¹⁵ SOGBE, E. *El lugar del fuego en la arquitectura de Marcel Breuer*. 2012. 354 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 2012.

¹⁶ ACKERMAN, J. *The villa: form and ideology of country houses*. Princeton: University Press, 1989.

sua carreira no futuro – a partir do projeto de sua casa-atelier no Morumbi em 1951.

A respeito da descoberta de interessantes semelhanças entre a arquitetura do Jardim do Embaixador e as produções de norte-americanos e de europeus radicados nos Estados Unidos no mesmo período – como as casas de madeira de Breuer, as casas usonianas de Frank Lloyd Wright e a arquitetura doméstica californiana de meados do século XX – quisemos demonstrar que apesar do evidente diálogo, as obras de Bratke se desenvolveram de uma forma muito *particular e autônoma*, provando que a linguagem moderna na arquitetura dos países ditos periféricos não é necessariamente uma simples versão modificada daquela dos países ditos centrais. O entendimento mais adequado desse fenômeno parece ser o de um *esforço coletivo que, trabalhando simultaneamente* ao longo da primeira metade do século XX (independente da região no globo), atingiu resultados similares –

¹⁷ Segawa acredita em um “esforço de uma geração de artistas em busca de uma modernidade que *não tinha modelos, mas sentimentos em torno de objetivos transformadores da realidade*” (in SEGAWA e DOURADO, 2012, p. 28, grifo nosso); Guerra comenta que “a enorme proximidade das datas dos projetos dos brasileiros em relação ao de Breuer [...] nos faz supor que as relações são muito mais complexas e dialéticas do que uma influência de mão única (2017, p. 140);

algo em que creem diversos pesquisadores brasileiros: Hugo Segawa, Abílio Guerra e Carlos Comas, sendo alguns exemplos¹⁷.

Por fim, ao trabalhar com um objeto situado em uma localidade interiorana – como é Campos do Jordão – conseguimos desenvolver um material complementar aos diversos outros estudos sobre Bratke ou sobre a arquitetura moderna brasileira em geral, quase sempre focados na produção em grandes centros metropolitanos. Esperamos que os resultados aqui apresentados sejam úteis para futuras pesquisas, sobretudo aquelas que tenham o mestre paulista ou a tipologia da casa de campo como tema.

e Comas faz uma interessante e criativa analogia com uma partida de futebol ao afirmar que o mais importante é que “todos estão no mesmo campo, pouco importando quem faça o gol primeiro” (em sua fala na mesa redonda Conversas sobre arquitetura moderna na América Latina, no XII Seminário Docomomo | Brasil em 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CASA ARMANDO CIAMPOLINI. FONTE: MARCELO LETTE, 22/03/16.

Livros

ACAYABA, M. M. **Residências em São Paulo: 1947-1975**. 2ª ed. São Paulo: Romano Guerra, 2011.

ACKERMAN, J. *The villa: form and ideology of country houses*. Princeton: University Press, 1989.

BENEVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRATKE, O. A. Projetos 17 e 18. *In*: ANTEPROJETO. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Anteprojeto, 1947, v.1.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CABRAL, C. P. C. Na natureza agreste: a proposta de Julio Vilamajó para Villa Serrana, Uruguai, 1946-1947. *In*: SOUZA, C. F. (Org.). **Ideias em circulação na construção das cidades**. Porto Alegre: Marcavizual, PROPUR-PROPAR/UFRGS, 2014, p. 261-285.

CAMARGO, M. J. Ecletismo e modernismo na arquitetura de Oswaldo Arthur Bratke. *In*: FERNANDES, J. M.; PINHEIRO, M. L. B (Orgs.). **Portugal, Brasil e África: arquitetura e urbanismo do ecletismo ao modernismo**. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2013.

CAVALCANTI, L. **Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura – 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

COBBERS, A. **Marcel Breuer: criador da forma do século vinte**. Colônia: Taschen, 2009.

CORONA, E; LEMOS, C. A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: Edart, 1972.

CURTIS, W. **Arquitetura moderna desde 1900**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOODWIN, P. *Brazil Builds: architecture new and old, 1652-1942*. 4ª ed. Nova York: MoMA, 1946. Primeira publicação em 1943.

GUERRA, A. A casa binucleada brazuca. *In*: ZEIN, R. V (Org.). **Caleidoscópico concreto: fragmentos da arquitetura moderna em São Paulo**. São Paulo: Romano Guerra, 2017, p. 129-62).

_____ (Org.). **Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

HITCHCOCK, H-R. *Architecture: nineteenth and twentieth centuries*. 2ª ed. Baltimore: Penguin Books, 1963.

_____. *Latin american architecture since 1945*. Nova York: MoMA, 1955.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IRIGOYEN, A. **Wright e Artigas: duas viagens.** São Paulo: Atelier Cultural, 2002.

LEMOS, C. A. C. **Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979.

LIRA, J. T. C; FINOTTI, L. **O visível e o invisível na arquitetura brasileira.** São Paulo: DBA, 2017.

_____. **Warchavchik: fraturas da vanguarda.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MACHADO, L. G. **Retrato da arte moderna do Brasil.** São Paulo: Departamento de Cultura, 1947.

MINDLIN, H. **Modern architecture in Brazil.** Rio de Janeiro/Amsterdam: Colibris, 1956.

MORSE, R. **Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole.** 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture.** Nova York: Rizzoli, 1980.

PAULO FILHO, P. **História da Estrada de Ferro Campos do Jordão: uma escalada para a vida.** São Paulo: Noovha América, 2007.

_____. **História de Campos do Jordão.** Aparecida: Santuário, 1986.

PEVSNER, N. **Origens da arquitetura moderna e do design.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.

PFEIFFER, B. B; GOESSEL, P. **Frank Lloyd Wright.** Colônia: Taschen, 2015.

PUGLIESE, M. H. **Carlos Bratke: arquitetura.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

RIBEIRO, B, A. **Vila Serra do Navio: comunidade urbana na selva amazônica, um projeto do arq. Oswaldo Arthur Bratke.** São Paulo: Pini, 1992.

SANTOS, P. F. **Quatro séculos de arquitetura.** Barra do Pirai: Fundação Educacional Rosemar Pimental, 1977.

SÃO PAULO, PREFEITURA MUNICIPAL. **São Paulo minha cidade: mais de mil memórias.** São Paulo: PMSP/São Paulo Turismo, 2008.

SEGAWA, H. M. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990.** 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1999.

_____; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke: a arte de bem projetar e construir.** 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012.

SERRAINO, P. **Julius Schulman: modernism rediscovered.** 2ª ed. Colônia: Taschen, 2009.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, M. A. A. **A identidade da metrópole**: a verticalização em São Paulo. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1994.

SVEVO, C; NEDOPETALSKI, S. **O Toriba na cultura de Campos do Jordão**. São Paulo: Metalivros, 2007.

TELLES, A. C. S. **Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil**. 3ª ed. Brasília: Iphan/Monumenta, 2008.

TINEM, N. **O alvo do olhar estrangeiro**: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna. João Pessoa: Manufatura, 2002.

WOLFF, S. F. S. **Jardim América**: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: Edusp, 2001.

YORKE, F. R. S. **The Modern House**. 6ª ed. Londres: Architectural Press, 1948.

Teses e dissertações

ATIQUÊ, F. **Arquitetando a boa vizinhança**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. 2007. 470 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke**: uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

_____. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CAMPOS, F. C. **Richard Neutra e o Brasil**. 2015. 300 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

COSTA, E. **Brazil Builds e a construção de um moderno na arquitetura brasileira**. 2009. 291 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

DALL'ALBA, A. **Formas modernas em jardins pitorescos**: as casas e os planos de Oswaldo Bratke para o Morumbi dos anos 1950. 2017. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

DEDECCA, P. G. **O lugar da história em revista: Acrópole, Habitat, Módulo**, 1940-1970. 2017. 16 f. Ensaio acadêmico – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FORESTI, D. F. **Aspectos da arquitetura orgânica de Frank Lloyd Wright na arquitetura paulista**: a obra de José Leite de Carvalho e

Silva. 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

FUJIOKA, P. Y. **Princípios da arquitetura organicista de Frank Lloyd Wright e suas influências na arquitetura moderna paulista**. 2003. 313 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

HAMMERL, P. C. **Por uma cidade turística: formação e transformação territorial da estância de Campos do Jordão-SP (1911-1966)**. 2016. 285 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2016.

HORMAIN, D. **O relacionamento Brasil-EUA e a arquitetura moderna: experiências compartilhadas, 1939-1959**. 2012 271 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTIN, J. B. D. **A outra: a segunda-casa**. 2015. 208 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2015.

PARETO JR, L. **Pândegos, rábulas, gamelas: os construtores não diplomados entre a engenharia e a arquitetura (1890-1960)**. 2016. 416 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PEREIRA, S. S. B. **Rodolpho Ortenblad Filho: estudo sobre as residências**. 2010. 238 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e

Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

PINELO, A. M. S. **Frank Lloyd Wright – usonian houses: uma abordagem sintática ao estudo do espaço doméstico**. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008.

PINHEIRO, M. L. B. **Modernizada ou moderna? A arquitetura em São Paulo: 1938-1945**. 1997. 365 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

REGINO, A. N. **Eduardo Kneese de Mello: do eclético ao moderno**. 2011. 580 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, C. M. A. **A imagem dos destinos turísticos de montanha: olhares dos residentes e dos turistas**. 2011. 385 f. Tese (Doutorado em Turismo) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011.

SILVA, J. M. C. **O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)**. 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOGBE, E. **El lugar del fuego en la arquitectura de Marcel Breuer**. 2012. 354 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Politécnic da Catalunha, Barcelona, 2012.

TAGLIARI, A. **Os princípios orgânicos na obra de Frank Lloyd Wright: uma abordagem gráfica de exemplares residenciais**. 2008. 351 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VILLÀ, S. R. C. **Oswaldo Bratke - Vila Serra do Navio: soluções projetuais e construtivas**. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

Artigos em periódicos

BERTONI, E. Mary Mauger Whitaker (1916-2010): a delicadeza de uma pintora de porcelanas. In: **Folha de São Paulo**, 20 abr. 2010, caderno cotidiano.

B RATKE, O. A. Estudos para casas de campo em Campos do Jordão. In: **Acrópole**, abr. 1944, p. 370-1; mai. 1944, p. 25 e jul. 1944, p. 118-9.

_____. *House and studio in Brazil*. In: **Arts & Architecture**, out. 1948, p. 32-3.

CERETO, M. P. Severiano Porto: lições para as cidades amazônicas. In: **Pracs**, v. 9, n. 1, jan-jun. 2016, p. 193-208.

COMAS, C. E. D. Arquitetura moderna, estilo campestre. Hotel, Parque São Clemente. In: **Arquitextos**, n. 123.00, ago. 2010.

CORREIA, T. B. A cidade-jardim: os conjuntos residenciais de fábricas (Brasil, 1918-1953). In: **Anais do Museu Paulista**, v. 22, n. 1, jan-jun. 2014, p. 161-98.

_____. Bratke e o projeto civilizatório da ICOMI. In: **Pós**, v. 19, n. 31, jun. 2012, p. 132-45.

CUNHA, M. C. Mies e Artigas: a delimitação do espaço através de uma única cobertura. In: **Arquitextos**, n. 108.01, mai. 2009.

DEDECCA, P. G. A ideia de uma identidade paulista na historiografia de arquitetura brasileira. In: **Pós**, v. 19, n. 32, dez. 2012, p. 90-101.

FERRAZ, G. Novos valores na arquitetura moderna Brasileira II – Oswaldo Bratke. In: **Habitat**, n. 45, nov-dez. 1957, p. 21-36.

GIMENEZ, L. E. Caraíba e Serra do Navio: a construção da cidade brasileira. In: **Arq.Urb**, n. 2, jul-dez. 2009, p. 56-79.

LEMOS, C. A. C. Da arquitetura roceira à célula viva de concreto. In: **Folha de São Paulo**, 3 set. 1972, seção do sesquicentenário da Independência.

LUCCAS, L. H. H. O Sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50. In: **Pós**, v. 17, n. 27, jun. 2010, p. 46-65.

MORAES, L. R. Casas de recreio. In: **Acrópole**, abr. 1944, p. 386.

PUPPI, M. O racionalismo estrutural e as fontes da arquitetura moderna brasileira: método, definições e potencial da pesquisa. *In: Thesis*, jan-out. 2017, p. 77-87.

SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008.

SILVA, J. L. M. Transformações no espaço doméstico: o fogão a gás e a cozinha paulistana, 1870-1930. *In: Anais do Museu Paulista*, v. 15, n. 2, jul-dez. 2007, p. 197-220.

Artigos em eventos

COSTA, A. E; GERHARDT, T. Regra em meio à natureza: casas refúgio na arquitetura brasileira. *In: Anais do VII Projetar*. Natal: Projetar, 2015.

FRANCO, A. C. Entre o racional e o pitoresco: o plano diretor de Luís Saia para Águas de Lindóia, 1956. *In: Anais do V Seminário Docomomo | Brasil*. São Carlos: Docomomo, 2003.

HAMMERL, P. C. Política ambiental e o turismo na Era Vargas: análise do caso de Campos do Jordão-SP. *In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal: ANPUH, 2013.

LEITE, M. A. F. Arquitetura moderna na Mantiqueira: os experimentos de Oswaldo Bratke em Campos do Jordão nos anos 1940. *In: Anais do XI Seminário Docomomo | Brasil*. Recife: Docomomo, 2016.

_____. *Floradas na Serra e a re(construção) da arquitetura através do cinema*. *In: Anais do V Colóquio de Cinema e Arte da América Latina*. São Paulo: Cacaal, 2017.

LOPES, M. E; TIRELLO, R. Inventário da arquitetura eclética nos bairros-jardins paulistanos em meados do século XX. *In: Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: Enanparq, 2014.

MACHADO, A. S. A pedra na arquitetura moderna de Porto Alegre, 1950-70. *In: Anais do IV Seminário Docomomo | Sul*. Porto Alegre: Docomomo, 2013.

PINHEIRO, M. L. B. Rumo ao Moderno: uma historiografia da arquitetura moderna em São Paulo até 1945. *In: Anais do III Seminário Docomomo | Brasil*. São Paulo: Docomomo, 1999.

_____. Uma cidade pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. *In: Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Campinas: SHCU, 1998.

SEGAWA, H. M; ATIQUE, F. A turma de 1930 do Mackenzie: Bratke, Cápua e Fonseca Rodrigues. Ensino e arquitetura em São Paulo nos anos 1920-1930. *In: Anais do V Seminário Docomomo | São Paulo*. São Paulo: Docomomo, 2017.

TAGLIARI, A; GALLO, H. O movimento inglês arts & crafts e a arquitetura norte-americana. *In: Anais do III Encontro de História da Arte do IFCH/Unicamp*. Campinas: Unicamp, 2007.

WOLFF, S. F. S. O moderno como opção estilística: a gradual assimilação das linguagens despojadas de ornamentos na arquitetura residencial do bairro Jardim América em São Paulo nas décadas de 20 a 40. *In: Anais do III Seminário Docomomo | Brasil*. São Paulo: Docomomo, 1999.

Fontes primárias

BRATKE, O. A; RIBEIRO, N. **Memorial descritivo do plano de urbanização da gleba de terreno conhecida como Homem Morto, em Campos do Jordão**. São Paulo: Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., 1944. Código de arquivo na SEPLAN/PMCJ: pasta de bairro nº 13.

_____. **Projeto para uma pensão na zona Homem Morto**. São Paulo: Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., 1944. Código de arquivo na SEPLAN/PMCJ: pasta de projeto nº 596.

CAMPOS DO JORDÃO, PREFEITURA SANITÁRIA. **Coletânea dos dados obtidos para o Serviço de Estatística Imobiliária**. Campos do Jordão: Prefeitura Sanitária, 1932.

KRAUSE, P. **Projeto de ampliação no Restaurante Jardim do Embaixador**. Campos do Jordão, 1951. Código de arquivo na SEPLAN/PMCJ: pasta de projeto nº1115.

PASSOS, R. Requerimento nº 225 de 20 de fevereiro de 2008. **Requerer à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo voto de congratulações em homenagem ao centenário do nascimento do senhor Oscar Americano de Caldas Filho pelos relevantes serviços**

prestados ao desenvolvimento econômico e cultural do Estado de São Paulo. São Paulo, 20 de fevereiro de 2008.

PINHEIRO, F. R. **Projeto de reforma e ampliação da Casa Felício Lanzara no Jardim do Embaixador em Campos do Jordão**. Campos do Jordão: Floriano R. Pinheiro Cia. Ltda., 1955. Código de arquivo na SEPLAN/PMCJ: pasta de projeto nº 1298.

SOCIEDADE DE IMÓVEIS E MELHORAMENTOS LTDA. **Residências construídas no Jardim do Embaixador em Campos do Jordão**. São Paulo: Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda., 1954. Código de arquivo na SEPLAN/PMCJ: pasta de bairro nº 13.

Sites

ARTS & ARCHITECTURE. **Revista Arts & Architecture**. Disponível em: www.artsandarchitecture.com, acesso contínuo ao longo de todo o trabalho.

COMPANHIA CITY. **Presença**: conheça os bairros que fizeram história. Disponível em: www.ciacity.com.br, acesso contínuo ao longo de todo o trabalho.

ROCHA, E. F. **Campos do Jordão Cultura**. Disponível em: www.camposdojordaocultura.com.br, acesso contínuo ao longo de todo o trabalho.

STICKEL, F. **Campos do Jordão**. Disponível em www.stickel.com.br, acesso em 18/02/18.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Revista Acrópole**. Disponível em: www.acropole.fau.usp.br, acesso contínuo ao longo de todo o trabalho.

YUNIS, N. **Clássicos da arquitetura**: Cap Ducal/Roberto Dávila. 24/08/16. Disponível em www.archdaily.com.br, acesso em 06/02/18.

Entrevistas

BRATKE, R. C. **História do Jardim do Embaixador**. [São Paulo]: Construtora Bratke & Collet, 27/01/17. Entrevista concedida a Marcelo Leite.

GALVÃO, A. B. A. **História do Jardim do Embaixador**. [São Paulo]: Residência Anna Galvão, 27/04/18. Entrevista concedida a Marcelo Leite.

KOLLERITZ, F. **História do Restaurante Jardim do Embaixador**. [Campos do Jordão]: Residência Fernando Kolleritz, 19/12/16. Entrevista concedida a Marcelo Leite.

Filmes

FLORADAS NA SERRA. Direção: Luciano Salce. Produção: Estúdios Vera Cruz. Brasil, 1954. 100 min, p&b.



Sumário

Anexo 1 – Memorial do plano de urbanização	[221]
Anexo 2 – Mapa do plano de urbanização	[224]
Anexo 3 – Fichas das edificações	[225]
Ficha A – Casa Oswaldo Bratke	[226]
Ficha B – Casa Guilherme Corazza	[229]
Ficha F – Casa Noé Ribeiro	[232]
Ficha G – Casa Armando Ciampolini	[236]
Ficha H – Casa Firmino Whitaker	[239]
Ficha I – Restaurante Jardim do Embaixador	[243]
Ficha M – Casa Francisco Berrettini	[249]
Ficha N – Casa Paschoal Scavone	[252]
Ficha Q – Casa Adhemar de Campos	[258]
Ficha R – Casa Teixeira de Barros	[265]
Ficha T – Casa Júlio Ortiz	[269]
Ficha X – Casa do Lote 87	[274]

Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda.

São Paulo,

MEMORIAL DESCRITIVO DO PLANO DE URBANIZAÇÃO DA GLEBA DE TERRENO SITUADA NO LOCAL CONHE- CIDO PELA DENOMINAÇÃO DE "HOMEM MORTO", EM CAMPOS DO JORDÃO, DE PROPRIEDADE DA SOCIEDA- DE DE IMÓVEIS E MELHORAMENTOS, LTDA.

1) Situação e Área:-

O imóvel em questão tem uma área de 562.182 (quinhentos e sessenta e dois mil cento e oitenta e dois) mts. quadrados. É um terreno de configuração típica da região, regularmente acidentado, parte com vegetação rasteira e parte coberto por matas de araucárias. É cortado, conforme vê-se pela planta em anexo, pelo "CÓRREGO DO HOMEM MORTO", que é um curso d'água de proporções regulares. Há, na parte mais alta, dentro da gleba, entre as linhas divisórias com as propriedades de Pedro Gianotti e Domingos Jaguaribe, uma nascente em pedra, com vazão regular média de 200.000 litros d'água em 24 horas.

A situação do lote de terra em apreço está claramente determinada na planta geral em anexo. O ponto A, início referencial da linha perimetral, dista 1.311,6 metros da torre da Igreja Matriz de Capivari, e tem as seguintes coordenadas:

$$N = 11.416.10 \quad E = 12.049.90$$

2) Plano de Arruamen- to:-

O plano de arruamento e loteamento, elaborado por urbanista de nomeada, foi feito tendo em vista construções

Anexo 1: Página 1/3 do Memorial do plano de urbanização do Jardim do Embaixador. No canto inferior esquerdo, vê-se as rubricas de Noé Ribeiro (maior, esq.) e Oswaldo Bratke (menor, dir.).
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda.

São Paulo,

do tipo residencial campestre, de fino gosto. As ruas acompanham tanto quanto possível as curvas de nível de modo a se evitar ladeiras muito íngremes, obtendo-se, dest'arte, o máximo efeito paisagista.

3) Zonamento:-

Foi prevista uma grande área para o centro comercial, com 3955 m², no qual serão instaladas as lojas necessárias ao conforto dos habitantes locais, organizações esportivas, sociais etc.. Esta área, conforme vê-se na planta junto, fica situada no centro loteado, entre as ruas Cabreuva, Araucária e Jacarandá.

Da área loteada foram deixados 39.400 m² em áreas livres de ruas, largos e praças de retorno. Na parte reservada para chácaras, conforme vê-se na planta, ficou, também, reservado um vasto parque que servirá de proteção do manancial d'água.

4) Normas Técnicas:-

Na elaboração do plano urbanístico em apreço foram observadas rigorosamente as normas técnicas mais adequadas. Assim é que as ruas e avenidas obedecerão às seguintes normas:-

- a) Largura das avenidas de penetração: 14 mts. (já prevendo gabarito duplo carroçavel)
- b) Largura das ruas: 9 metros
- c) Rampas: na sua maior parte abaixo de 8% para as avenidas de penetração, e as demais com inclinação adequada ao escoamento de águas pluviais, conforme plan-

ta.

5) Águas pluviais- Água e esgotos:-

O escoamento das águas pluviais se dará pelo Ribeirão do Homem Morto, na parte mais baixa.

Anexo 1: Página 2/3 do Memorial do plano de urbanização do Jardim do Embaixador.
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda.

São Paulo,

Acompanham o presente memorial os seguintes documentos:-

- Planta do projeto de arruamento e loteamento, e de situação da gleba de terra em questão;
- Perfis longitudinais e transversais das ruas principais projetadas.

SOCIEDADE DE IMOVEIS E MELHORAMENTOS, LTDA.

(a)

TAB. BRU O Engº Osvaldo Arcinir Bratka

(a)

TAB. BRU O Engº Hoé Ribeiro



TABELIAO BRUNO

— 10.º OFICIO —

Rua Marconi, 100 — São Paulo

Recobrado a 3 firma

Osvaldo Arcinir Bratka

São Paulo, 28 de

Em testemunho

de 1944

de verdade

Anexo 1: Página 3/3 do Memorial do plano de urbanização do Jardim do Embaixador.
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.



Anexo 2: Mapa do plano de urbanização do Jardim do Embaixador.
 Fonte: cópia fornecida pelo escritório de topografia de Carlos Wagner em 2017.

Observações: Esse é o mapa mais antigo do Jardim do Embaixador encontrado durante a realização da pesquisa. Suas dimensões reais são 84 cm de largura e 93 cm de altura. O canto inferior direito contém uma data pouco legível, que parece ser 10 de outubro de 1944, e a assinatura de Délio Rangel Pestana – que foi durante muitos anos o Oficial Titular do Cartório de Registro de Imóveis de Campos do Jordão. Se a data estiver correta, o plano de urbanização levou 12 dias para ser aprovado pelas autoridades municipais e registrado no cartório local, uma vez que pelo memorial constante no anexo 1 desse trabalho sabemos que Oswaldo Bratke e Noé Ribeiro assinaram em São Paulo o documento que acompanha o mapa no dia 28 de setembro de 1944. Contudo, acreditamos que o arquivo em poder de Carlos Wagner seja uma cópia do mapa original, feita pela Sociedade de Imóveis e Melhoramentos Ltda. em 26 de março de 1954, para ser entregue à Prefeitura Municipal de Campos do Jordão junto com a *lista de residências construídas no Jardim do Embaixador* que apresentamos na página 134 dessa dissertação. Essa hipótese se baseia no fato de que *todas* as casas mostradas na lista se encontram representadas no mapa (e *apenas* elas), além do restaurante na quadra central.

Anexo 4: Fichas das edificações

As fichas a seguir foram elaboradas segundo um padrão *reduzido* e *adaptado* das fichas de inventário utilizadas pelo Docomomo Internacional, a fim de que pudessem se adequar melhor à estrutura do trabalho e às informações disponíveis para cada construção, em alguns casos bastante escassas.

A denominação das fichas por letras (A, B, F, G, H, I, M, N, Q, R, T e X) segue à legenda usada nos mapas e fotografias antigas que apareceram nos capítulos 3 e 4.

A primeira página de cada ficha contém uma imagem da obra e os mapas A e B, que compartilham a mesma legenda. O primeiro, mostra a localização da edificação (ou do lote) dentro do plano de urbanização do Jardim do Embaixador, enquanto que o segundo corresponde a uma imagem de satélite com recorte mais ou menos igual ao visto no mapa A.

A segunda página (e em alguns casos também a terceira) apresenta a obra em 4 itens:

- 1) Dados de identificação: nome (original ou do primeiro proprietário), variante (nome popular ou do segundo proprietário), endereço, tipologia (residencial ou comercial), e status (se ainda existe ou foi demolida, se sofreu alterações ou ampliações, se o estado de conservação atual é bom ou regular);
- 2) Histórico: proposta original, autor do projeto (original), e alterações significativas (como reformas, ampliações, demolições, mudanças de proprietário, etc.);
- 3) Descrição: terreno (número de lotes, área, vegetação, topografia e acessos), edificação principal (implantação, forma em planta, número de pavimentos e programa de

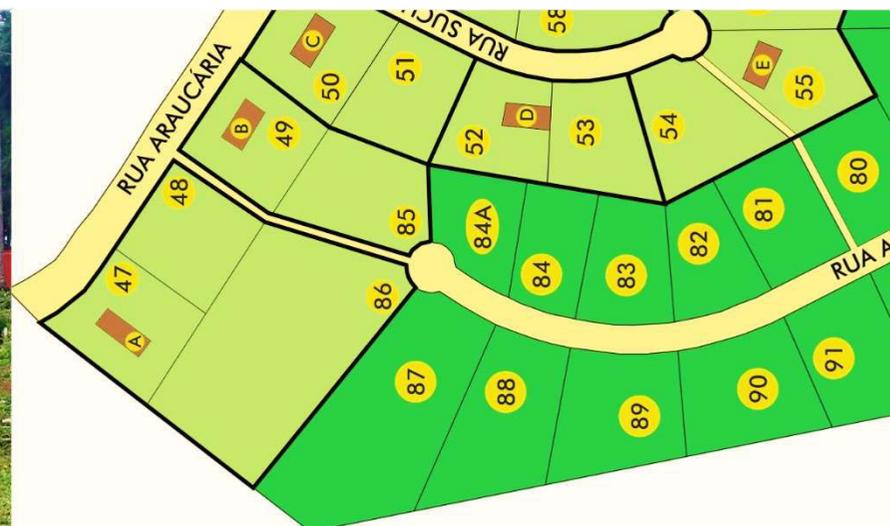
necessidades), sistema construtivo (fundação, estruturas, fechamentos, aberturas, cobertura, acabamentos e elementos ou detalhes arquitetônicos de interesse) e outras edificações (se existem ou não outras construções dentro do terreno);

- 4) Documentação específica: elenca outras fontes de pesquisa *específicas* sobre a obra, quando existentes, além das informações apresentadas nesse trabalho.

As páginas seguintes à descrição mostram imagens da construção obtidas por meio dos levantamentos físico e/ou documental, e possuem chamadas no texto (fig. 2, fig. 3, etc).



Fig. 1: Fachadas frontal (esq.) e lateral (dir.) da Casa Oswaldo Bratke.
Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.



Mapa A: Localização da Casa Oswaldo Bratke no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Oswaldo Bratke no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- A – Casa Oswaldo Bratke
- B – Casa Guilherme Corazza
- C – Casa Oscar Americano
- D – Casa Henrique Grabner
- E – Alberto Lang
- X – Casa do Lote 87
- Y – Moradia do Caseiro da Casa Oswaldo Bratke
- Z – Restaurante Avestruz (antiga Casa Rui Amaral)

A – Casa Oswaldo Bratke

1. Dados de identificação

Nome: Casa Oswaldo Arthur Bratke e Helena Ciampolini

Variante: não possui

Endereço: Av. Pedro Paulo (antiga R. Araucária), lotes 47-48-86, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: demolida em dezembro de 2011

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para o engenheiro arquiteto Oswaldo Arthur Bratke (1907-1997) e sua família (fig. 2). O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: um madeiramento na fachada frontal sugere que teria existido um deck no andar superior, posteriormente suprimida. Esse fato é um indício de que a residência tenha sido ampliada durante sua existência, mas as intervenções respeitaram a linguagem arquitetônica original proposta por Bratke. A moradia do caseiro, existente num canto do lote 86, parece ter sido construída após a casa principal. Ao que tudo indica, o imóvel não estava condenado estruturalmente quando foi demolido. Sua destruição possivelmente se deveu ao fato do atual proprietário ter outros interesses (residenciais ou comerciais) no terreno.

3. Descrição

Terreno: formado por três lotes contíguos, possui 5840 m² de área. Era bastante arborizado (fig. 3), mas após a demolição da casa principal restaram apenas espécies de pequeno porte e as araucárias, cujo corte é monitorado pela polícia ambiental e autorizado somente em alguns casos. A topografia apresenta acentuado declive da frente para os fundos do terreno. O acesso era feito por um portão (fig. 4) localizado num canto do lote 48, próximo à entrada da Casa Guilherme Corazza.

Casa principal: apresentava formato L em planta. Implantada no centro do lote 47, na cota mais alta do terreno (fig. 5), a relação com

o sítio ajuda a definir os usos do espaço: o piso superior, que segundo o arquiteto Roberto Bratke possuía dois ou três quartos, sala e banheiro, talvez tivesse uma saída para a parte mais alta do terreno (na fachada posterior); já o piso inferior, que se abre para uma parte mais baixa do sítio (fachada frontal), possuía cozinha, área de serviço, dormitórios para empregados, banheiro e provavelmente outra sala.

Sistema construtivo: assentava-se em uma fundação de pedra que regularizava o desnível natural e dava forma ao terraço frontal social, e ao terraço lateral, de serviço. O pavimento inferior era possivelmente construído em alvenaria portante de tijolos, os quais receberam pintura branca. Havia duas chaminés feitas com o mesmo material no centro da planta, provavelmente uma para lareira no piso superior e outra para fogão à lenha no piso inferior, as quais eram o núcleo de um sistema para aquecimento da habitação. À época da demolição, a fachada frontal ostentava amplas portas-janelas envidraçadas. Já o pavimento superior era em estrutura de madeira, com as tábuas externas lisas, em posição diagonal e pintadas de vermelho forte. Enquanto as janelas das áreas sociais e de serviço eram apenas em vidro, as dos quartos eram protegidas por venezianas de madeira (fig. 6). Todas as esquadrias recebiam pintura branca. A cobertura era em duas águas com telhas de fibrocimento. O madeiramento do telhado e os coletores de águas pluviais eram pintados de amarelo.

Outras edificações: a moradia do caseiro, que não apresenta a mesma linguagem arquitetônica da casa principal. Está implantada num canto do lote 86, próximo à casa do lote 87

4. Documentação específica

BRATKE, R. C. *História do Jardim do Embaixador*. [São Paulo]: Construtora Bratke & Collet, 27/01/17. Entrevista concedida a Marcelo Leite

SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008



Fig. 2: Família Bratke nos anos 1950:
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 312.



Fig. 3: Vista da casa em 2008.
Fonte: Serapião, 2008.



Fig. 4: Portão da Casa Bratke.
Fonte: Serapião, 2008.



Fig. 5: A elevação onde ficava a residência.
Fonte: Marcelo Leite, 07/11/16.



Fig. 6: Fachada lateral leste.
Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.

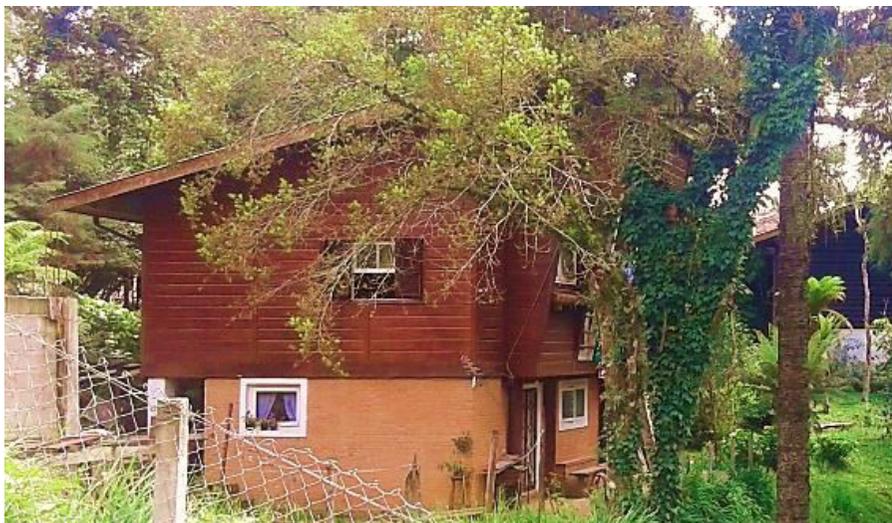
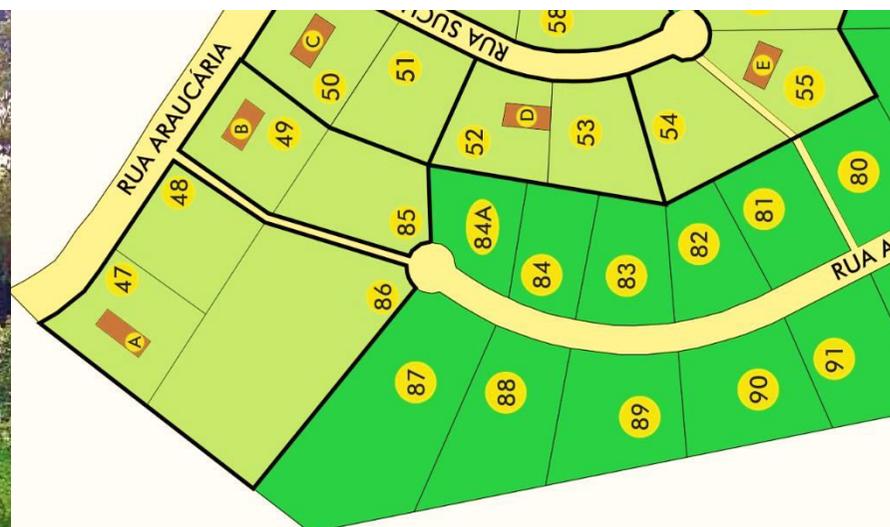
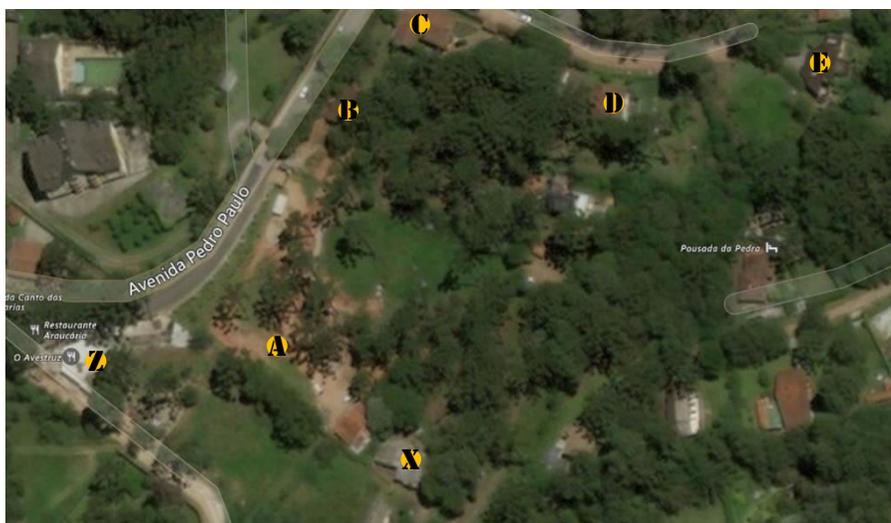


Fig. 1: Fachadas frontal (esq.) e lateral (dir.) da Casa Guilherme Corazza.
Fonte: Amauri Dolomiti, 01/12/11.



Mapa A: Localização da Casa Guilherme Corazza no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Guilherme Corazza no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- A – Casa Oswaldo Bratke
- B – Casa Guilherme Corazza
- C – Casa Oscar Americano
- D – Casa Henrique Grabner
- E – Alberto Lang
- X – Casa do Lote 87
- Z – Restaurante Avestruz (antiga Casa Rui Amaral)

B – Casa Guilherme Corazza

1. Dados de identificação

Nome: Casa Guilherme Corazza

Variante: não possui

Endereço: Av. Pedro Paulo (antiga R. Araucária), lotes 49-85, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: existente, com alterações e conservação regular

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para o engenheiro arquiteto Guilherme Corazza e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: há pelo menos trinta anos, esse imóvel foi adquirido pelos proprietários da residência vizinha (a Casa Oscar Americano, fig. 2), que passaram a utilizá-la como habitação de hóspedes (piso superior) e moradia do caseiro (piso inferior). Certamente ocorreram mudanças com essa alteração de uso, as quais desconhecemos, uma vez que o atual proprietário não permitiu nosso acesso ao terreno. Do exterior, a residência atualmente conserva a linguagem original, mas parece estar desabitada.

3. Descrição

Terreno: formado por dois lotes contíguos, possui 2370 m² de área e é bastante arborizado. A topografia apresenta acentuado declive da frente para os fundos do terreno (fig. 3). O acesso é feito por um portão localizado num canto do lote 49 (fig. 4), próximo à entrada da Casa Oswaldo Bratke.

Casa principal: apresenta formato retangular em planta. Está implantada no centro do lote 49, na cota mais alta do terreno, ainda assim abaixo do nível da rua. A relação com o sítio ajuda a definir os usos do espaço: o piso superior, que parece possuir dois quartos, sala, cozinha e banheiro, pode ser acessado por uma passarela de madeira para a parte mais alta do terreno (fachada frontal); já o piso

inferior, que se abre para uma parte mais baixa do sítio (fachada posterior), possui dois quartos, cozinha, banheiro e área de serviço.

Sistema construtivo: assenta-se em uma fundação de pedra. O pavimento inferior é possivelmente construído em alvenaria portante de tijolos, deixados em sua coloração natural. Há uma chaminé em pedra no centro da habitação, provavelmente de uma lareira no andar superior. Já o pavimento superior é em estrutura de madeira, com as tábuas externas lisas, em posição horizontal e pintadas de marrom escuro (fig. 5). As janelas das áreas de serviço são apenas em vidro com caixilhos pintados de branco, enquanto que as dos quartos são protegidas por venezianas, que acompanham o marrom dos fechamentos em madeira. Desconhecemos como são as janelas das áreas sociais, mas no andar superior parece existir um deck na fachada posterior, a qual também possui interessantes elementos de madeira semelhantes a brises verticais fixos. A cobertura é em plano único com telhas de fibrocimento também pintadas de marrom escuro (fig. 6), tal como os coletores de águas pluviais. Já o madeiramento do telhado é pintado de branco.

Outras edificações: não possui

4. Documentação específica

SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008



Fig. 2: Av. Pedro Paulo, com a Casa Corazza (B) e a Casa Americano (C). Fonte: Marcelo Leite, 07/11/16



Fig. 3: Terreno da Casa Corazza. Fonte: Marcelo Leite, 07/11/16.



Fig. 4: Portões das casas Corazza (dir) e Bratke (esq). Fonte: Serapião, 2008.



Fig. 5: Fachada lateral sul. Fonte: Serapião, 2008.



Fig. 6: Fachada frontal vista da rua. Fonte: Marcelo Leite, 25/01/18.



Fig. 1: Fachadas posterior (esq.) e lateral (dir.) da Casa Noé Ribeiro.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Mapa A: Localização da Casa Noé Ribeiro no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Noé Ribeiro no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- B – Casa Guilherme Corazza
- C – Casa Oscar Americano
- D – Casa Henrique Grabner
- F – Casa Noé Ribeiro
- G – Casa Armando Ciampolini
- I – Restaurante Jardim do Embaixador
(atual Hotel Colônia da USPESP)
- J – Casa Adolpho Calliera
- K – Casa Noêmia di Giulio
- U – Casa Carlos Boccellini
- Y – Moradia do Caseiro
da Casa Noé Ribeiro
- Z – Garagem da
Casa Noé Ribeiro

F – Casa Noé Ribeiro

1. Dados de identificação

Nome: Casa Noé Ribeiro e Martha Whitaker (fig. 2)

Variante: não possui

Endereço: R. Sucupira, lotes 58-59-63-64, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: existente, com poucas alterações e conservação boa

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para o engenheiro civil Noé Ribeiro (1897-1975) e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: a moradia do caseiro, que provavelmente foi construída ao mesmo tempo em que a casa principal, teve seu fechamento original em costaneiras e telhado em plano único alterados para fechamento em alvenaria e telhado em duas águas. No imóvel principal – provavelmente aquele que mais conserva as características originais em todo o bairro – a única alteração visível no exterior (não tivemos acesso ao interior da edificação) é na cobertura que protege a porta de entrada na fachada frontal (fig. 3), que parece destoar da linguagem arquitetônica da construção e de outros elementos similares presentes em outras habitações no Jardim do Embaixador. O terreno foi cercado com tela e vegetação em data desconhecida.

3. Descrição

Terreno: formado por quatro lotes contíguos, possui 5535 m² e área e é bem arborizado com espécies de grande e pequeno porte (fig. 4). A topografia se apresenta em médio declive da frente para os fundos do terreno. O acesso é feito por um portão centralizado na testada do lote 59, de frente com o portão da Casa Oscar Americano.

Casa principal: apresenta formato retangular em planta. Implantada no centro do lote 59, a relação com o sítio ajuda a definir os usos do espaço: o piso superior, com três quartos e banheiro, possui saída

direita para a parte mais alta do terreno (fachada frontal); já o piso inferior, aberto para uma parte mais baixa do sítio (fachadas posterior e lateral oeste), possui uma grande sala imediatamente abaixo dos dormitórios e um pequeno anexo na lateral oeste onde ficam cozinha e área de serviço.

Sistema construtivo: assenta-se sobre uma fundação de pedra que também dá forma ao terraço posterior. O pavimento inferior é possivelmente construído em alvenaria portante de blocos de pedra (fig. 5). Há duas chaminés feitas com o mesmo material: provavelmente uma para lareira, em posição central na planta, e a outra para fogão à lenha, numa junção do volume principal com o anexo na lateral oeste (fig. 6). A fachada posterior ostenta amplas portas e janelas (essas últimas atualmente gradeadas) formadas por caixilhos envidraçados (fig. 7). Já o pavimento superior é em estrutura de madeira, com as tábuas externas costaneiras, em posição horizontal e pintadas de marrom escuro. As janelas das áreas de serviço são basculantes metálicas, enquanto que as portas-janelas dos quartos são venezianas de madeira. Todas as esquadrias recebem pintura branca, com exceção da porta de entrada, em madeira envernizada. A cobertura é em plano único com telhas de fibrocimento pintadas de branco, mesma cor do madeiramento do telhado e do deck. Os coletores de águas pluviais são pretos.

Outras edificações: no canto do lote 59 que é próximo à divisa com o lote 58 e de frente para o portão da Casa Henrique Grabner, há uma construção que funciona como churrasqueira, garagem (fig. 8) e quarto para empregado (fig. 9). Junto a essa, há outra construção menor, que parece ser um galpão. Ambas possuem a mesma linguagem arquitetônica da casa principal. Já no canto do lote 59 que é próximo à divisa com o lote 60, junto ao portão da Casa Ciampolini, fica a moradia do caseiro: no passado apresentava uma linguagem similar à casa principal, mas atualmente está descaracterizada.

4. Documentação específica

Não possui

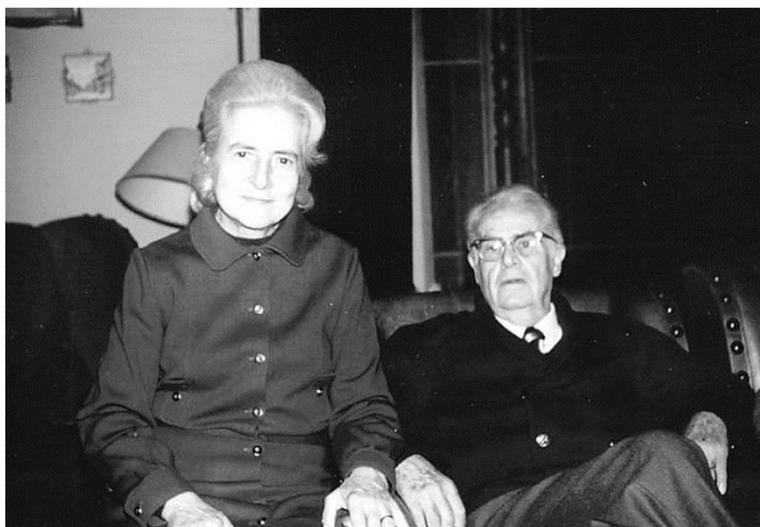


Fig. 2: Martha Whitaker e Noé Ribeiro em 1974.
Fonte: www.marcosfrosa.com.br.



Fig. 3: Vista da fachada frontal.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 4: Vista a partir da parte baixa do jardim.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 5: Fachada lateral oeste.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 6: Chaminé do fogão à lenha.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 7: Vista da fachada posterior.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 8: Vista do portão da garagem.
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.

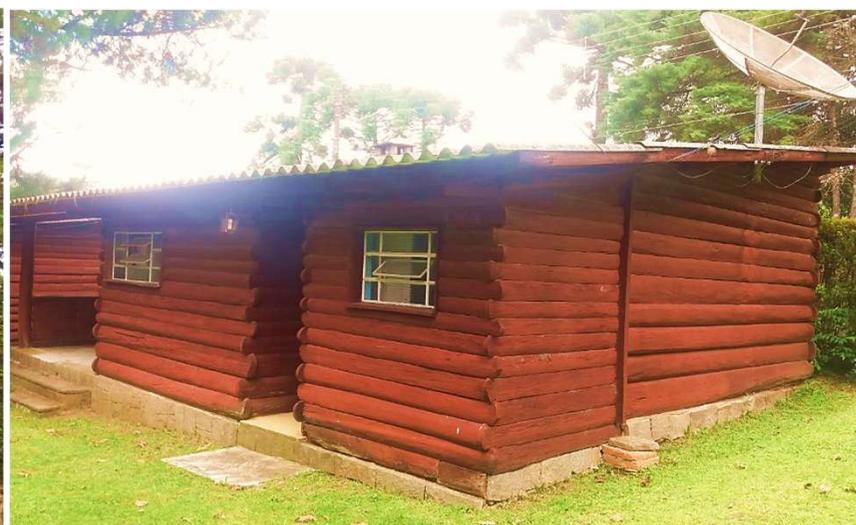


Fig. 9: Vista do quarto para empregado .
Fonte: Marcelo Leite, 21/02/17.



Fig. 1: Fachadas frontal (esq.) e lateral (dir.) da Casa Armando Ciampolini.
Fonte: Marcelo Leite, 22/03/16.

Mapa A: Localização da Casa Armando Ciampolini no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Armando Ciampolini no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- B – Casa Guilherme Corazza
- C – Casa Oscar Americano
- D – Casa Henrique Grabner
- F – Casa Noé Ribeiro
- G – Casa Armando Ciampolini
- I – Restaurante Jardim do Embaixador
(atual Hotel Colônia da USPESP)
- J – Casa Adolpho Calliera
- K – Casa Noêmia di Giulio
- U – Casa Carlos Boccellini

G – Casa Armando Ciampolini

1. Dados de identificação

Nome: Casa Armando Ciampolini

Variante: Rancho das Araucárias

Endereço: R. Sucupira, lote 60, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: ampliada, com alterações e conservação boa

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para o engenheiro arquiteto Armando Ciampolini (1906-1980, fig. 2) e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: o pavimento superior parece ter sofrido um pequeno aumento em relação ao seu tamanho inicial. Contudo, a intervenção foi feita mantendo a linguagem arquitetônica original – pelo menos no exterior da edificação – de modo que é difícil distinguir elementos mais antigos dos mais recentes: só constatamos a ampliação ao confrontarmos imagens atuais com fotografias antigas. O terreno foi cercado, uma parte com tela e vegetação e outra parte com muro de alvenaria, em data desconhecida. Não sabemos de outras alterações, sobretudo no interior, pois o funcionário responsável não pôde permitir nossa entrada no terreno e nem fornecer meios de contato com os atuais proprietários.

3. Descrição

Terreno: formado por apenas um lote, possui 1302 m² de área e é bem arborizado com araucárias e outras espécies de pequeno porte. A topografia se apresenta em médio declive da frente para os fundos do terreno. O acesso de veículos é feito por um portão localizado no canto do lote que se comunica com a R. Sucupira. Há também um portão para pedestres no canto do lote que faz divisa com o lote 61, com saída para a Av. Pedro Paulo.

Casa principal: apresenta formato retangular em planta, com um avanço na fachada posterior que corresponde a uma *bay window*.

Implantada no centro do lote 60, em cota intermediária do terreno, a relação com o sítio ajuda a definir os usos do espaço: o piso superior, que parece possuir dois quartos, cozinha, sala e banheiro, tem saída para a parte mais alta do terreno (fachadas frontal e lateral leste); já o piso inferior, aberto para a parte mais baixa do sítio (fachada posterior), parece possuir outra sala (maior), área de serviço e banheiro.

Sistema construtivo: assenta-se sobre uma fundação de pedra que regulariza o desnível natural e dá forma aos terraços posterior e lateral (fig. 3), de uso social. O pavimento inferior é possivelmente construído em alvenaria portante de blocos de pedra. Há duas chaminés feitas com o mesmo material: provavelmente uma para lareira, em posição lateral na planta, e a outra para fogão à lenha (no andar superior), em posição central. A fachada posterior ostenta amplas portas e janelas formadas por pequenos caixilhos envidraçados, no piso inferior. Já no pavimento superior se destaca uma interessante *bay window*, cujos caixilhos são maiores que os do andar inferior e possuem uma inclinação de cerca de 105° em relação ao piso interno (figs. 4 e 5). Nesse nível existem alguns pilares estruturais em pedra, enquanto que os fechamentos são feitos em madeira, com as tábuas externas costaneiras em posição horizontal e pintadas de bege (fig. 6). Enquanto as portas e janelas das áreas sociais e de serviço são apenas em vidro, as portas e janelas dos quartos e da sala (voltada para o terraço lateral) são protegidas por venezianas de madeira. Todas as esquadrias, bem como os decks, recebem pintura vermelha. A cobertura é em duas águas invertidas (tipo borboleta) com telhas de fibrocimento.

Outras edificações: não possui

4. Documentação

SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008



Fig. 2: Armando Ciampolini.
Fonte: www.iabsp.org.br.



Fig. 3: Terraço na lateral leste.
Fonte: Marcelo Leite, 22/03/16.

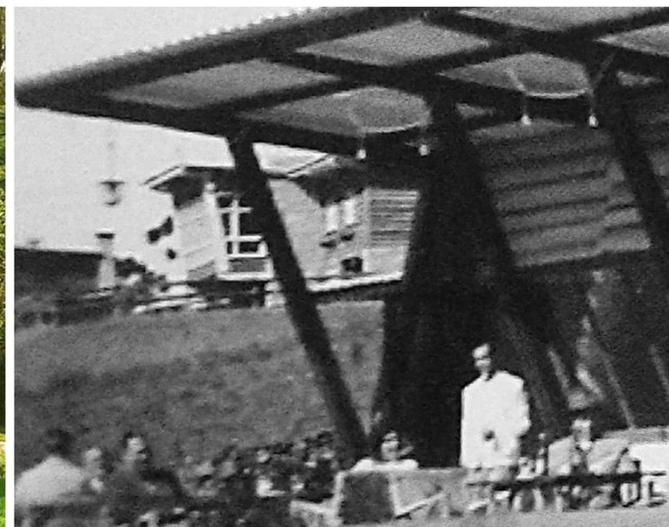


Fig. 4: Em segundo plano, face posterior da Casa Ciampolini. Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 73.



Fig. 5: Croqui da face posterior da Casa Ciampolini.
Fonte: Elaborado por Marcelo Leite e Gabi Moraes.



Fig. 6: Vista da fachada lateral oeste.
Fonte: Marcelo Leite, 22/03/16.



Fig. 1: Fachada frontal da Casa Firmino Whitaker.
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Mapa A: Localização da Casa Firmino Whitaker no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Firmino Whitaker no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- H – Casa Firmino Whitaker
- I – Restaurante Jardim do Embaixador
(atual Hotel Colônia da USPESP)
- Y – Antiga Moradia do Caseiro
da Casa Firmino Whitaker

H – Casa Firmino Whitaker

1. Dados de identificação

Nome: Casa Firmino Whitaker e Mary Mauger

Variante: Casa Francisco Azevedo e Maria da Penha Whitaker

Endereço: Av. Pedro Paulo (antiga R. Araucária), lotes 38-39-45-46, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: ampliada, com alterações e conservação boa

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para o advogado Firmino Whitaker (1912-1998) e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: conforme Fernando Serapião, a casa foi reformada no início dos anos 1950 (fig. 2), quando Firmino a vendeu para sua irmã, Maria da Penha. Paulo Krause¹ foi o responsável pela ampliação, construindo dois quartos no pavimento inferior, andar no qual as janelas contrastam com as esquadrias originais da fachada posterior (vistas no nível superior, fig. 3). Mais ou menos na mesma época, o lote 44 foi comprado e nele construída uma moradia do caseiro, posteriormente vendida como casa de campo para terceiros. Em data desconhecida, deixaram de existir os painéis de correr que integravam os quartos à sala, no piso superior.

3. Descrição

Terreno: formado por quatro lotes contíguos, possui 4666 m² de área e é bastante arborizado com araucárias e outras espécies de grande e pequeno porte. A topografia apresenta acentuado declive da frente para o meio do terreno (fig. 4), e desse ponto até os fundos é praticamente plana. O acesso de veículos é feito por portão centralizado na testada do terreno, entre os lotes 45 e 46. O portão para pedestres é centralizado na testada do lote 45.

Casa principal: apresenta formato retangular em planta. Implantada no centro do lote 46, na cota mais alta do terreno, a relação com o sítio define usos no espaço: o piso superior, que segundo Serapião possui dois quartos, sala e banheiro, é acessado através de uma passarela de madeira que se conecta com a parte mais alta do lote (fachada frontal); já o piso inferior, aberto para uma parte mais baixa do terreno (fachadas posterior e lateral norte), possui cozinha, área de serviço e dois quartos.

Sistema construtivo: a fundação é de pedra, que também dá forma ao terraço lateral (onde param os veículos) e a alguns pilares no pavimento inferior (fig. 5), cujas paredes possuem tábuas externas lisas, em posição horizontal e pintadas de marrom escuro. Já o pavimento superior é em estrutura de madeira, com pranchas em posição diagonal na fachada frontal. Há uma chaminé para a lareira, centralizada na planta. Nesse andar a face posterior possui janelas formadas por caixilhos envidraçados quadrados (fig. 6), enquanto que a fachada frontal apresenta uma interessante malha de pequenos brises pivotantes quadrados (fig. 7). As janelas dos quartos (com exceção daquelas na face frontal) apresentam venezianas de madeira. Todas as esquadrias recebem pintura amarela, com exceção das portas externas no andar inferior, que acompanham o marrom dos fechamentos em madeira. A cobertura é em duas águas com telhas de fibrocimento (fig. 8). O madeiramento do telhado e da passarela que conduz à porta de entrada (fig. 9) são brancos.

Outras edificações: a moradia do caseiro, que já foi vendida e não apresenta a mesma linguagem da casa principal

4. Documentação específica

SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008

¹ Krause, um imigrante alemão, segundo Serapião “era engenheiro [...] autor da catedral da cidade [a Matriz de Santa Therezinha, em Abernécia], de alguns

sanatórios e muitos outros projetos. Na mesma época das alterações na Casa Whitaker, Krause também ampliou o Restaurante Jardim do Embaixador.

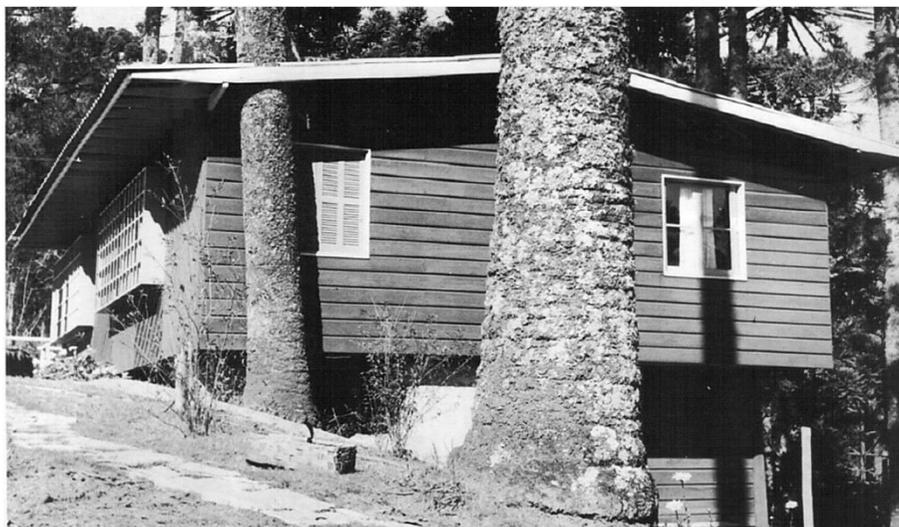


Fig. 2: Casa Whitaker nos anos 1950.
Fonte: Acervo da Família Whitaker.



Fig. 3: Vista da fachada posterior.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Fig. 4: Vistas lateral norte (esq.) e posterior (dir.).
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Fig. 5: Pilares do nível inferior.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Fig. 6: Janela posterior da sala.
Fonte: Acervo da Família Whitaker.



Fig. 7: Vista da fachada frontal.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Fig. 8: Fachada lateral norte.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Fig. 9: Acesso principal à casa.
Fonte: Marcelo Leite, 17/03/16.



Fig. 1: Fachada posterior do Restaurante Jardim do Embaixador.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Mapa A: Localização do Restaurante Jardim do Embaixador no bairro.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização do antigo Restaurante Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- C – Casa Oscar Americano
- F – Casa Noé Ribeiro
- G – Casa Armando Ciampolini
- H – Casa Firmino Whitaker
- I – Restaurante Jardim do Embaixador
(atual Hotel Colônia da USPESP)
- K – Casa Noêmia di Giulio
- U – Casa Carlos Boccellini

I – Restaurante Jardim do Embaixador

1. Dados de identificação

Nome: Restaurante Jardim do Embaixador

Variante: Hotel Colônia da União dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo – USPESP (atualmente)

Endereço: Av. Pedro Paulo (antiga R. Araucária), quadra central, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: comercial

Status: ampliado em 1998, com completa descaracterização

2. Histórico

Proposta original: café-restaurante criado como chamariz para a compra de terrenos no Jardim do Embaixador (fig. 2). O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: Em 1998 o local foi ampliado e totalmente descaracterizado, quando de sua transformação num hotel colônia da USPESP, tornando completamente irreconhecíveis seus traços originais (fig. 3)

3. Descrição

Terreno: possui 3955 m² de área e era bem arborizado com espécies de pequeno porte (figs. 4 e 5), hoje praticamente suprimidas por completo devido a ocupação quase total do lote com construções. A topografia se apresenta em médio declive da frente para os fundos do terreno. O acesso de veículos é feito por um portão centralizado na testada do terreno, de frente com a entrada de veículos da Casa Firmino Whitaker. Há também um portão para pedestres com saída para a R. Cabreúva, de frente com a entrada da R. Caviúna.

Edifício principal: implantando no centro da quadra e na cota intermediária do terreno, era uma edificação térrea. Tinha forma retangular na planta original de Bratke (fig. 6), que consistia no restaurante propriamente dito e instalações de apoio: copa, cozinha,

despensa, sanitários e um quarto-e-sala para os proprietários. Ainda nos anos 1940 foi construído uma construção com quatro quartos e banheiros para hóspedes, próximo a fachada posterior do edifício principal, de modo que o local passou a funcionar também como uma pequena pousada. Já em 1951 foi realizada uma ampliação, executada pelo construtor local Paulo Krause¹. Suas alterações consistiram na criação de um anexo junto à fachada lateral sul (figs. 7 e 8), com mais dois quartos e banheiros para hóspedes, uma sala de estar com bar e lareira, e uma lavanderia, mantendo inalterados os ambientes do projeto original.

Sistema construtivo: assentava-se sobre uma fundação de pedra que regularizava o desnível natural e dava forma ao terraço posterior. As paredes laterais do salão (fig. 9) eram construídas em alvenaria portante de blocos de pedra. Havia duas chaminés feitas com o mesmo material: uma para a lareira, no ambiente principal, e a outra para fogão à lenha, na cozinha. A fachada principal ostentava grandes janelas envidraçadas inclinadas, as quais possuíam uma inclinação de cerca de 75° em relação ao piso interno. Quando abertas, essas aberturas se apoiavam em interessantes mãos francesas que sustentavam o amplo beiral do terraço (fig. 10). Algo semelhante existe até hoje na Casa Carlos Adhemar de Campos. A maioria dos fechamentos eram feitos em madeira, com as tábuas externas costaneiras em posição horizontal e pintadas de um tom claro, possivelmente branco ou bege. As janelas das demais áreas sociais e de serviço também eram apenas em caixilhos de vidro, mas de menores dimensões que os presentes na face principal original, enquanto que as portas e janelas dos quartos eram protegidas por venezianas de madeira. Todas as esquadrias e o madeiramento do telhado recebiam pintura em um tom mais escuro, provavelmente

¹ Krause, um imigrante alemão, segundo Serapião (2008) “era engenheiro [...] autor da catedral da cidade [a Matriz de Santa Therezinha, em Abernécia], de alguns sanatórios e muitos outros projetos. Segundo testemunho do topógrafo

Carlos Wagner, Krause e Bratke eram amigos”. Na mesma época da ampliação do restaurante, Krause também reformou Casa Firmino Whitaker no Jardim do Embaixador.

preto ou vermelho. A cobertura era em duas águas invertidas (tipo borboleta) com telhas de fibrocimento.

Outras edificações: não possuía

4. Documentação específica

CAMARGO, M. J. **Oswaldo Bratke:** uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. 271 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995

FLORADAS NA SERRA. Direção: Luciano Salce. Produção: Estúdios Vera Cruz. Brasil, 1954. 100 min, p&b

KOLLERITZ, F. **História do Restaurante Jardim do Embaixador.** [Campos do Jordão]: Residência Fernando Kolleritz, 19/12/16. Entrevista concedida a Marcelo Leite

KRAUSE, P. **Projeto de ampliação no Restaurante Jardim do Embaixador.** Campos do Jordão, 1951. Código de arquivo na SEPLAN/PMCJ: pasta de projeto nº1115

SEGAWA, H. M; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke:** a arte de bem projetar e construir. 2ª ed. São Paulo: PW Editores, 2012, p. 72-73-104

SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In*: **Projeto Design**, n. 340, jun. 2008



Fig. 2: Terraço com lotação máxima.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

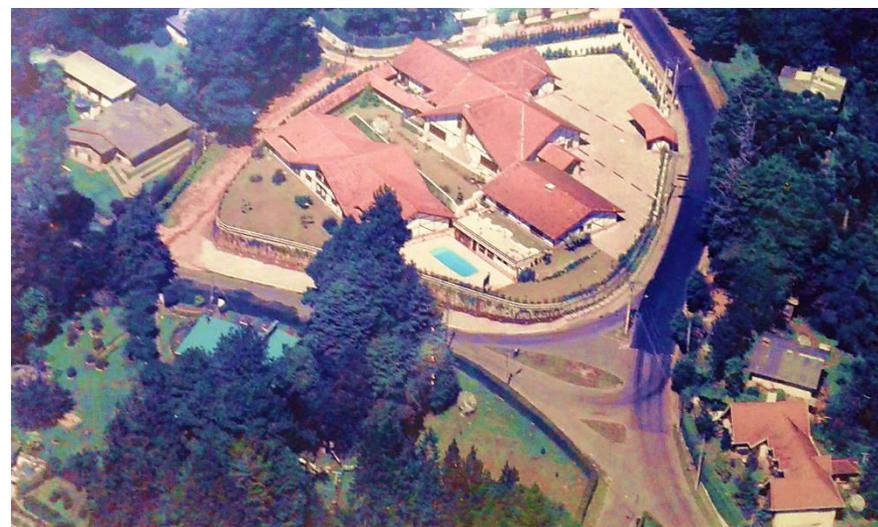


Fig. 3: Hotel Colônia em 1998.
Fonte: Acervo da USPESP.



Fig. 4: Quadra central nos anos 1950.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Fig. 5: Vista do jardim nos anos 1970.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.

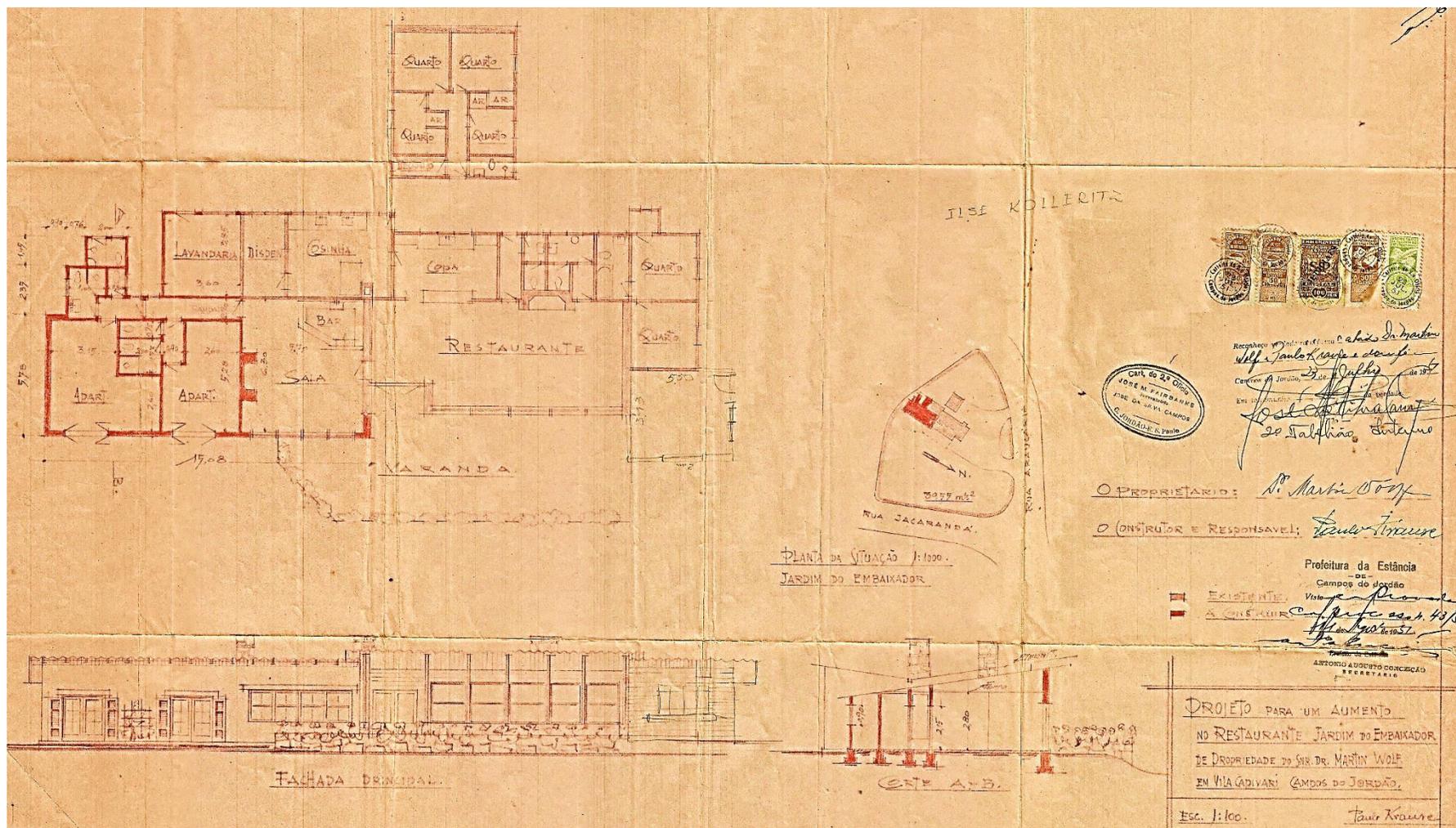


Fig. 6: Planta, fachada frontal e corte da ampliação de 1951.
 Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

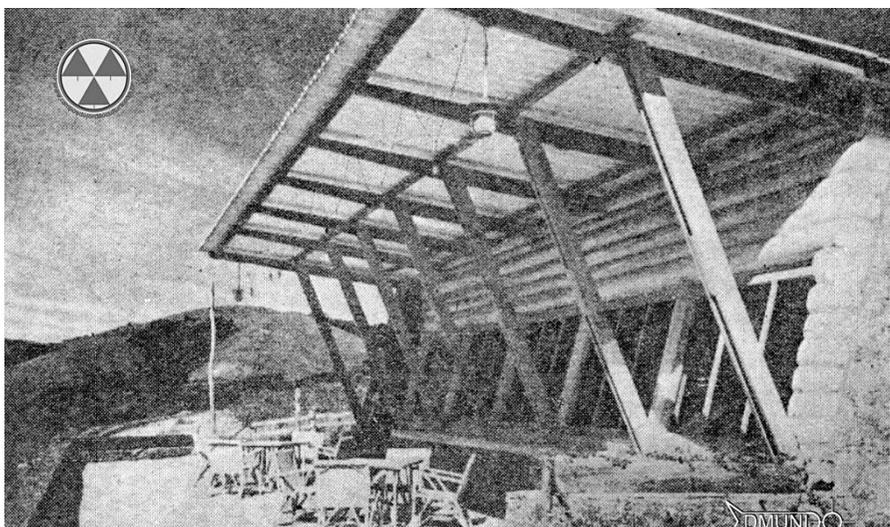


Fig. 7: Terraço antes da reforma de 1951.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Fig. 8: Terraço após a reforma de 1951.
Fonte: Acervo de Edmundo Rocha.



Fig. 9: Interior do restaurante.
Fonte: *Floradas na Serra*, 1954.

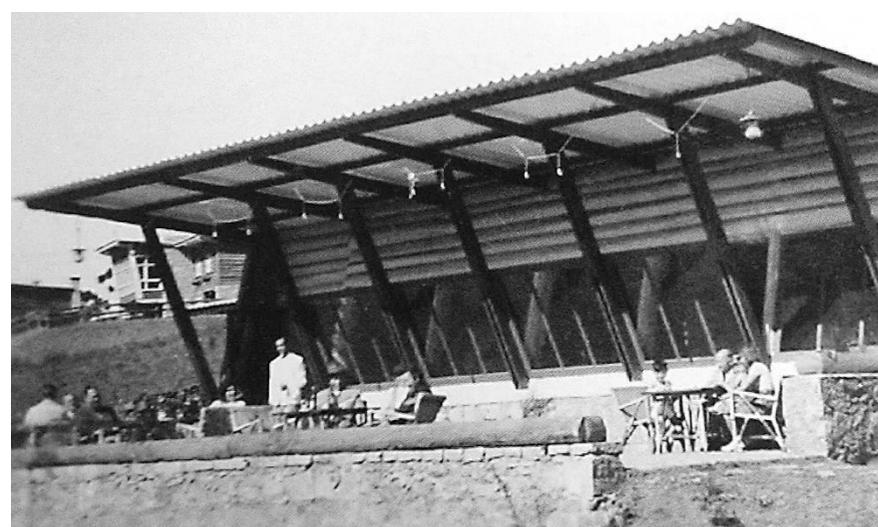


Fig. 10: Vista da fachada principal.
Fonte: Segawa e Dourado, 2012, p. 73.

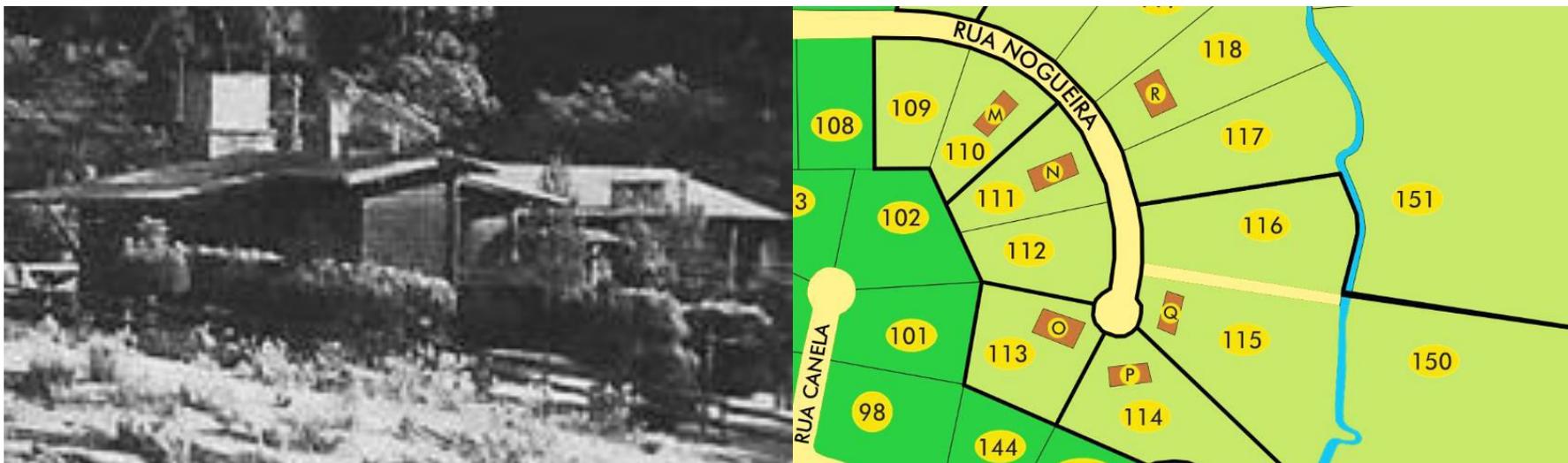


Fig. 1: Casa Francisco Berrattini (esq.) nos anos 1940 ou início dos anos 1950, e Casa Teixeira de Barros (dir.). Fonte: Foto Postal Colombo.

Mapa A: Localização da Casa Francisco Berrattini no Jardim do Embaixador. Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Francisco Berrattini no Jardim do Embaixador. Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- M – Casa Francisco Berrettini
- N – Casa Paschoal Scavone
- O – Casa Aristides Camargo
- P – Casa Theda Fabrini
- Q – Casa Adhemar de Campos
- R – Casa Teixeira de Barros
- Y – Moradia do Caseiro da Casa Francisco Berrettini
- Z – Moradia do Caseiro da Casa Paschoal Scavone

M – Casa Francisco Berrettini

1. Dados de identificação

Nome: Casa Francisco Berrettini

Variante: não possui

Endereço: R. Nogueira, lotes 109-110, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: ampliada, com completa descaracterização

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para o advogado Francisco Berrettini e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: a edificação original possuía um prolongamento do telhado junto à sala que poderia servir como um jardim de inverno, uma varanda ou uma garagem (fig. 1). Contudo, na década de 1960 esse espaço já não existia (fig. 2). Pelo menos nos últimos quinze anos, a edificação principal foi bastante ampliada e consideravelmente descaracterizada. Não tivemos acesso ao terreno, mas sabemos que hoje também há na propriedade uma construção retangular que parece ser utilizada como garagem e moradia para o caseiro, bem como uma quadra. Os limites da propriedade foram cercados com tela e vegetação em data desconhecida.

3. Descrição

Terreno: formado por dois lotes contíguos, possui 2044 m² de área e é arborizado com espécies de pequeno porte. A topografia se apresenta em suave declive da frente para os fundos do terreno. O acesso é feito por um portão centralizado na testada, entre os lotes 109 e 110 (fig. 3).

Casa principal: implantada no centro do lote 110, a edificação é térrea, e a planta original apresentava um formato quadrangular (fig. 4), possuindo três quartos, sala, cozinha e banheiro

Sistema construtivo: a edificação original assentava-se sobre uma fundação de pedra que regularizava o desnível natural, mesmo material da lareira na sala, em posição central na planta. É provável que as paredes das áreas de serviço fossem construídas em alvenaria. Os fechamentos das áreas sociais e íntimas eram feitos em madeira, externamente com tábuas costaneiras dispostas em posição horizontal e pintadas de marrom escuro (fig. 5). As esquadrias recebiam pintura branca em suas faces internas, e pintura laranja em suas faces externas (venezianas nas áreas íntimas e sociais). A cobertura era em duas águas com telhas de fibrocimento.

Outras edificações: o bloco utilizado para garagem e moradia do caseiro, que não apresenta a mesma linguagem arquitetônica da casa principal

4. Documentação específica

GALVÃO, A. B. A. **História do Jardim do Embaixador.** [São Paulo]: Residência Anna Galvão, 27/04/18. Entrevista concedida a Marcelo Leite



Fig. 2: Rua Nogueira em 1957. Fachada frontal da Casa Tufik Chohfi (fundo à esq.) e Fachada frontal da Casa Francisco Berrettini (fundo à dir.). Fonte: Acervo de Anna Galvão.



Fig. 3: Possível portão original da Casa Berrettini. Fonte: Acervo de Anna Galvão.

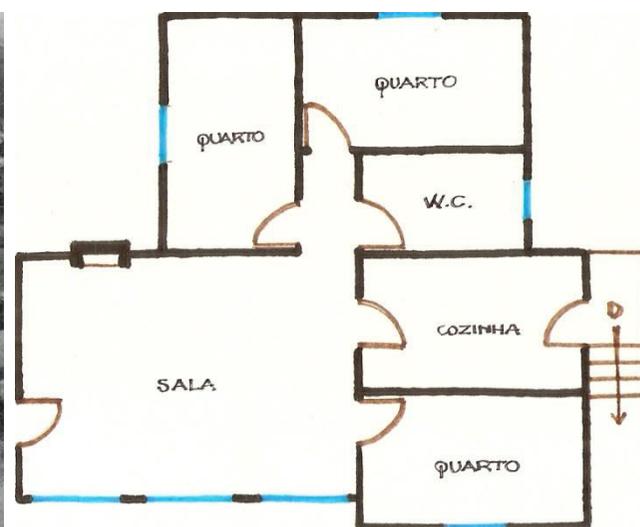


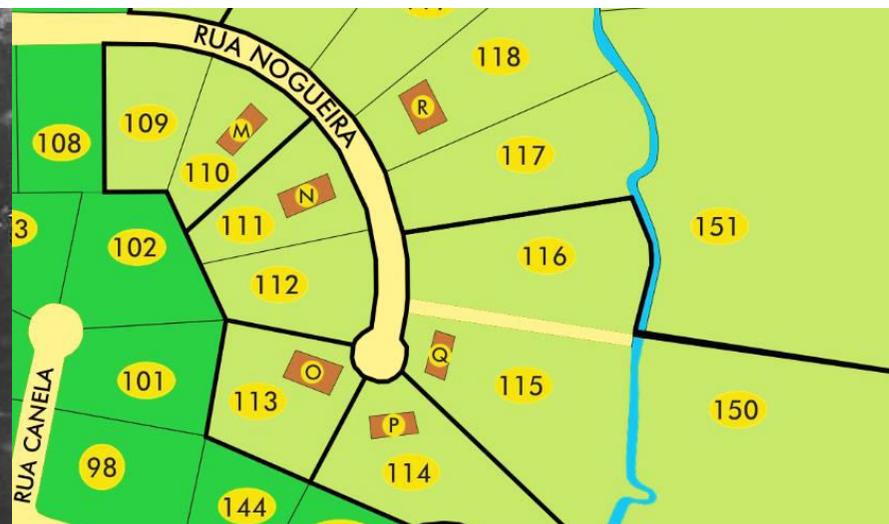
Fig. 4: Planta baixa da Casa Berrattini. Fonte: Elaborada pelo autor com base em croqui de Anna Galvão.



Fig. 5: Fachada frontal em 1969. Fonte: Acervo de Anna Galvão.



Fig. 1: Fachada posterior da Casa Paschoal Scavone (esq.) e moradia do caseiro (dir.). Fonte: Foto Postal Colombo.



Mapa A: Localização da Casa Paschoal Scavone no Jardim do Embaixador. Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Paschoal Scavone no Jardim do Embaixador. Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- M – Casa Francisco Berrettini
- N – Casa Paschoal Scavone
- O – Casa Aristides Camargo
- P – Casa Theda Fabrini
- Q – Casa Adhemar de Campos
- R – Casa Teixeira de Barros
- Y – Moradia do Caseiro da Casa Francisco Berrettini
- Z – Moradia do Caseiro da Casa Paschoal Scavone

N – Casa Paschoal Scavone

1. Dados de identificação

Nome: Casa Paschoal Scavone

Variante: não possui

Endereço: R. Nogueira, lotes 111-112, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: destruída por incêndio nos anos 1990

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para o empresário do setor têxtil Paschoal Scavone (m. 1979, fig. 2) e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: vizinhos relatam que nos anos 1990 a residência deixou de ser utilizada pelos proprietários. Em seguida foram ocorreram furtos de mobília e depredação, até que um incêndio consumiu quase toda a estrutura de madeira que formava a maior parte da construção. A moradia do caseiro (fig. 3), que atualmente está abandonada, foi poupada do fogo. Num canto do lote 112 há restos de uma mesa de caramanchão feita com tijolos e concreto (fig. 4), provavelmente construída em época posterior.

3. Descrição

Terreno: formado por dois lotes contíguos, possui 2239 m² de área e é bem arborizado com espécies de pequeno porte. A topografia se apresenta em suave declive da frente para os fundos do terreno (fig. 5). O acesso é feito por um portão centralizado na testada (fig. 6)

Casa principal: implantada no centro do lote 111, era uma casa térrea com formato retangular em planta – a qual pôde ser reconstituída a partir da observação *in loco* das ruínas (fig. 7): havia uma grande sala, três quartos, banheiro social, cozinha, área de serviço, dormitório e banheiro para empregado (fig. 8).

Sistema construtivo: assentava-se sobre uma fundação de pedra que regularizava o desnível natural (fig. 9) e dava forma ao terraço lateral (fig. 10). Havia duas chaminés feitas com o mesmo material,

colocadas em laterais opostas na planta: uma para a lareira, na sala (fig. 11), e a outra para fogão à lenha, na cozinha. Esse último já não existia quando a residência foi destruída. Os fechamentos das áreas secas (sala e quartos) eram feitos apenas com madeira, com as tábuas externas costaneiras em posição horizontal e pintadas de preto (fig. 12). Nas áreas molhadas (cozinha e banheiros) a estrutura de madeira era preenchida com tela e concreto (fig. 13), ou com tijolos. Internamente, as costaneiras também apareciam como decoração no console da lareira (fig. 14). O piso da sala e do dormitório para empregado era em tacos de madeira (fig. 15), enquanto o dos quartos possivelmente era assoalhado. As janelas das áreas sociais e de serviço provavelmente eram apenas em vidro, enquanto que as dos quartos eram protegidas por venezianas de madeira. Todas as esquadrias e o madeiramento do telhado recebiam pintura branca. A cobertura era em plano único com telhas de fibrocimento.

Outras edificações: a moradia do caseiro, que também continha uma pequena garagem e apresenta a mesma linguagem da casa principal

4. Documentação específica

SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008



Fig. 2: O Sr. Scavone. Fonte: *Jornal de Notícias*, 08/11/51.



Fig. 3: Vista da moradia do caseiro. Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 4: Mesa de caramanchão. Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 5: Vista da fachada nordeste. Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 6: Vista do portão de entrada. Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.

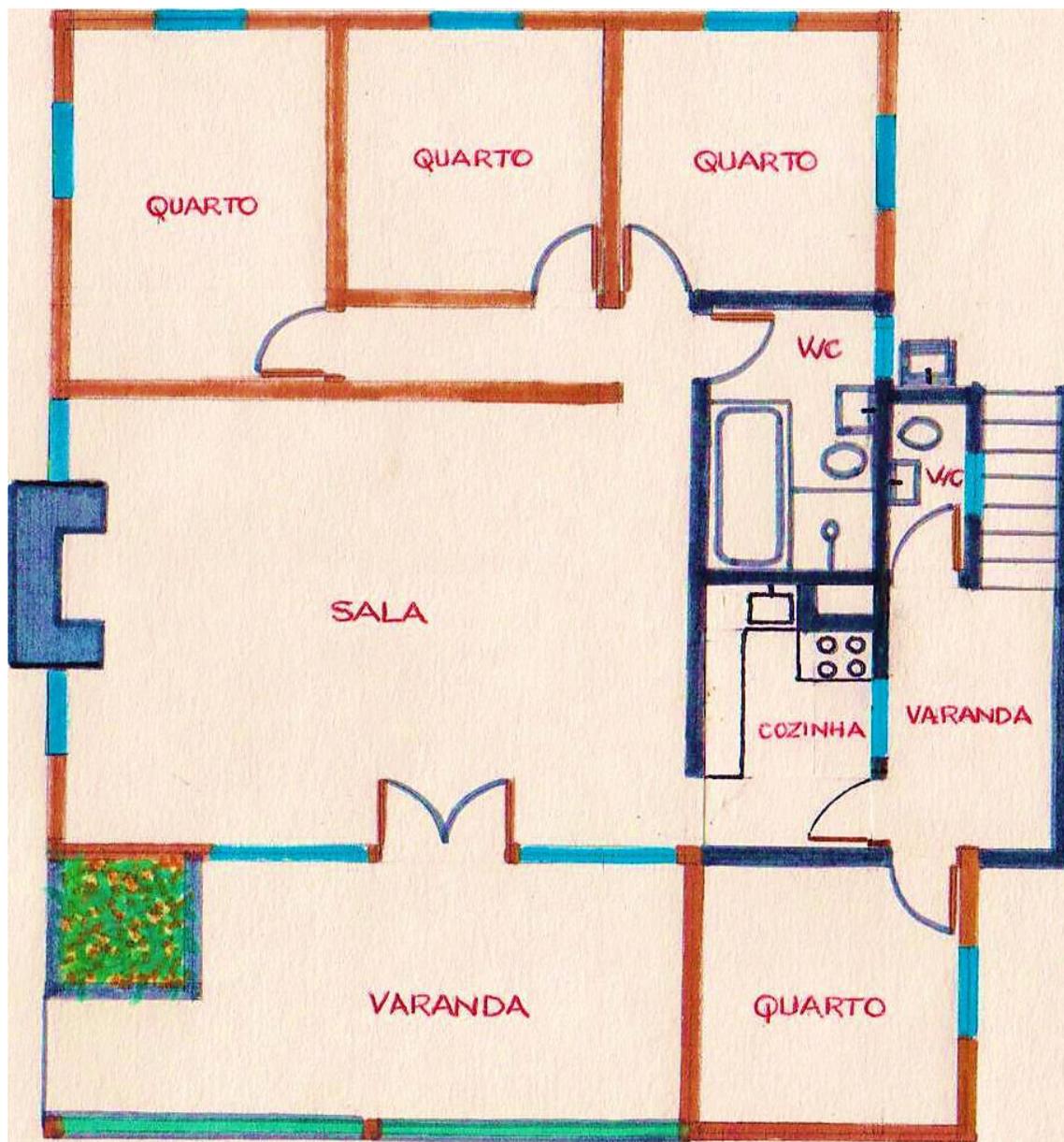


Fig. 7: Reconstituição da planta baixa. O posicionamento das aberturas na sala e nos quartos é hipotético, tal como a posição do mobiliário fixo nas áreas molhadas. Fonte: Croqui elaborado pelo autor com base em levantamento *in loco* realizado em 31/10/16.



Fig. 8: Vista da parede do quarto de empregado (esq.), cozinha (centro) e banheiro de empregado (dir.). Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 9: Fundação em pedra. Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 10: Vista do terraço lateral. Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 11: Vista da chaminé da lareira. Fonte: Marcelo Leite, 31/03/16.



Fig. 12: Detalhe das costaneiras.
Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 13: Vista das áreas molhadas.
Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 14: Vista da lareira na sala.
Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.



Fig. 15: Tacos no quarto de empregado.
Fonte: Marcelo Leite, 31/10/16.

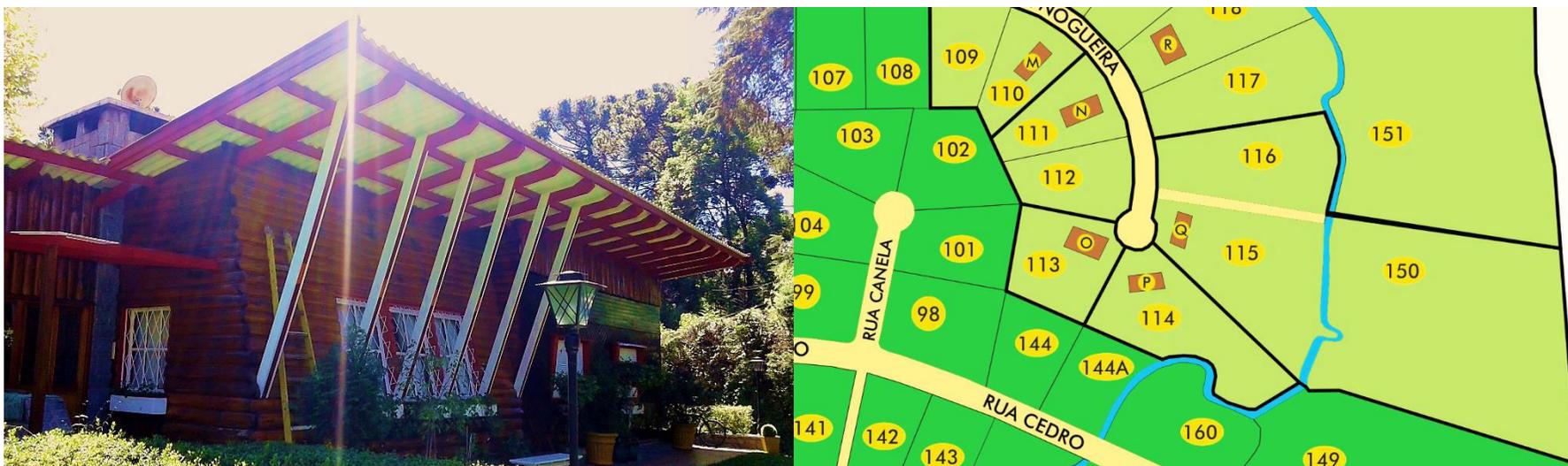


Fig. 1: Fachada frontal da Casa Adhemar de Campos.
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.

Mapa A: Localização da Casa Adhemar de Campos no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Adhemar de Campos no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- M – Casa Francisco Berrettini
- N – Casa Paschoal Scavone
- O – Casa Aristides Camargo
- P – Casa Theda Fabrini
- Q – Casa Adhemar de Campos
- R – Casa Teixeira de Barros
- Y – Moradia do Caseiro da Casa Adhemar de Campos

Q – Casa Adhemar de Campos

1. Dados de identificação

Nome: Casa Carlos Adhemar de Campos

Variantes: Casa Felício Lanzara, Rancho Azul, Rancho Fundo

Endereço: R. Nogueira, lotes 115-116-150, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: ampliada, com alterações e conservação boa

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para o advogado Carlos Adhemar de Campos (1895-1962) e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: em 1955, reforma e ampliação realizada por Floriano Rodrigues Pinheiro¹ (fig. 2) criou no piso superior um terraço lateral à área social (fig. 3), que foi aumentada. A porta de entrada e a lareira mudaram de posição, essa última mantendo a chaminé em pedra. A cozinha ganhou mais uma pia. O banheiro foi reduzido, permitindo a criação de um corredor e de uma ala onde foram construídos mais um banheiro e dois quartos. No nível inferior também surgiram outros dois dormitórios. Nos anos 1990, o atual proprietário fechou o terraço (ampliando a área social novamente), criou mais três quartos e provavelmente alterou a posição de um dos banheiros, no piso superior; no nível inferior, fez mais uma sala, com lareira em pedra (fig. 4); e externamente, colocou muro na frente do terreno. A desativação do fogão à lenha, a construção da moradia do caseiro e o cercamento do terreno com tela e vegetação são intervenções das quais não foi possível precisar a data.

3. Descrição

Terreno: formado por três lotes contíguos, possui 10924 m² de área e é bastante arborizado com araucárias e outras espécies de grande

e pequeno porte (fig. 5). A topografia apresenta declive da frente para os fundos do terreno. O acesso de veículos é feito por um portão centralizado na testada, entre os lotes 115 e 116. Há também um portão para pedestres localizado no canto do lote 115, próximo à divisa com o 114. A área distante das edificações corresponde ao leito do Córrego do Homem Morto, que passa pelo centro da propriedade. Cruzando o pequeno curso d'água, o terreno rapidamente se transforma num acentuado acive consideravelmente arborizado.

Casa principal: os acréscimos construídos ao longo do tempo se preocuparam não descaracterizar completamente a linguagem arquitetônica original. O formato da planta original era retangular, e foi alterado para a forma atual em L (fig. 6) a partir da ampliação de 1955. Implantada na cota mais alta do lote 115, a relação com o sítio ajuda a definir os usos do espaço: o piso superior, com oito quartos (originalmente três), uma grande sala, cozinha e banheiros, tem saída direita para uma parte mais alta do terreno (fachada frontal); já o piso inferior, que se abre para uma parte mais baixa do sítio (fachadas laterais), possui mais dois quartos, sala, garagem (fig. 7), área de serviço, adega, depósito e banheiro.

Sistema construtivo: as partes mais antigas da edificação assentam-se sobre uma fundação de pedra, enquanto que as mais recentes possivelmente estão sobre fundação em concreto armado. Da mesma forma, a parte mais antiga do pavimento inferior foi construída parcialmente com alvenaria portante de blocos de pedra e parcialmente com alvenaria portante de tijolos, enquanto que as partes mais recentes devem adotar estrutura de concreto armado com fechamentos em tijolos. Já o pavimento superior parece todo construído em estrutura de madeira, com três tipos de acabamento externo: um em tábuas lisas, em posições diagonal e horizontal, com

¹ Conforme o iconógrafo Edmundo Rocha, Pinheiro (1896-1981) foi um imigrante português que veio para Campos do Jordão trabalhar na construção da ferrovia, em 1914. Sua construtora, formada nos anos 1920, foi responsável

por executar diversas obras de vulto na cidade, entre elas diversos sanatórios, a Igreja Matriz, o Hotel Toriba e o Palácio Boa Vista.

pintura marrom escura (fig. 8); outro, com pranchas costaneiras envernizadas, em posições horizontal e vertical (fig. 9); e o último, correspondendo ao antigo deck do terraço lateral, em tábuas lisas brancas horizontais (fig. 10). A fachada frontal ostenta aberturas envidraçadas inclinadas (atualmente gradeadas), as quais possuem uma inclinação de cerca de 75° em relação ao piso interno. Quando abertas, é provável que essas janelas se apoiem em interessantes mãos francesas pintadas de branco e vermelho que sustentam o amplo beiral, lembrando as aberturas que existiam no Restaurante Jardim do Embaixador. As janelas das áreas sociais e de serviço são apenas em vidro e apresentam variedade de formatos, em virtude de terem sido instaladas em épocas distintas. Apesar disso, não parecem destoar radicalmente da linguagem original. As portas e janelas dos quartos, por sua vez, são protegidas por venezianas de madeira. As esquadrias são brancas e emolduradas por pintura vermelha (fig. 11), com exceção de uma porta no nível inferior (fig. 12) e das janelas construídas no antigo terraço, que são apenas envernizadas. O telhado original era somente em plano único, e foi prolongado para cobrir o antigo terraço (fig. 13). Já o acréscimo, que transformou a planta retangular em L, possui cobertura em duas águas (fig. 14). Todas essas estruturas recebem telhas de fibrocimento, que em suas partes inferiores estão atualmente pintadas de branco. O madeiramento do telhado e os coletores de águas pluviais são vermelhos (fig. 15)².

Outras edificações: a moradia do caseiro, que não apresenta a mesma linguagem arquitetônica da casa principal

4. Documentação específica

PINHEIRO, F. R. **Projeto de reforma e ampliação da Casa Felício Lanzara no Jardim do Embaixador em Campos do Jordão**. Campos do

Jordão: Floriano R. Pinheiro Cia. Ltda., 1955. Código de arquivo na SEPLAN/PMCI: pasta de projeto n° 1298

SERAPIÃO, F. C. Outra montanha mágica. *In: Projeto Design*, n. 340, jun. 2008. São feitas sobre observações sobre essa residência, mas a mesma é creditada como sendo a Casa Teixeira de Barros (que na realidade é a propriedade vizinha)

² Ao que tudo indica, todos os elementos arquitetônicos atualmente pintados de vermelho na Casa Adhemar de Campos originalmente recebiam pintura azul, advindo daí a variante *Rancho Azul* como uma das antigas denominações para essa residência. É possível que a mudança para vermelho tenha ocorrido

durante a reforma realizada nos anos 1990. Curiosamente, na mesma época em que se deu a descaracterização do Restaurante Jardim do Embaixador, que se destacava no centro do bairro justamente pela pintura vermelha.

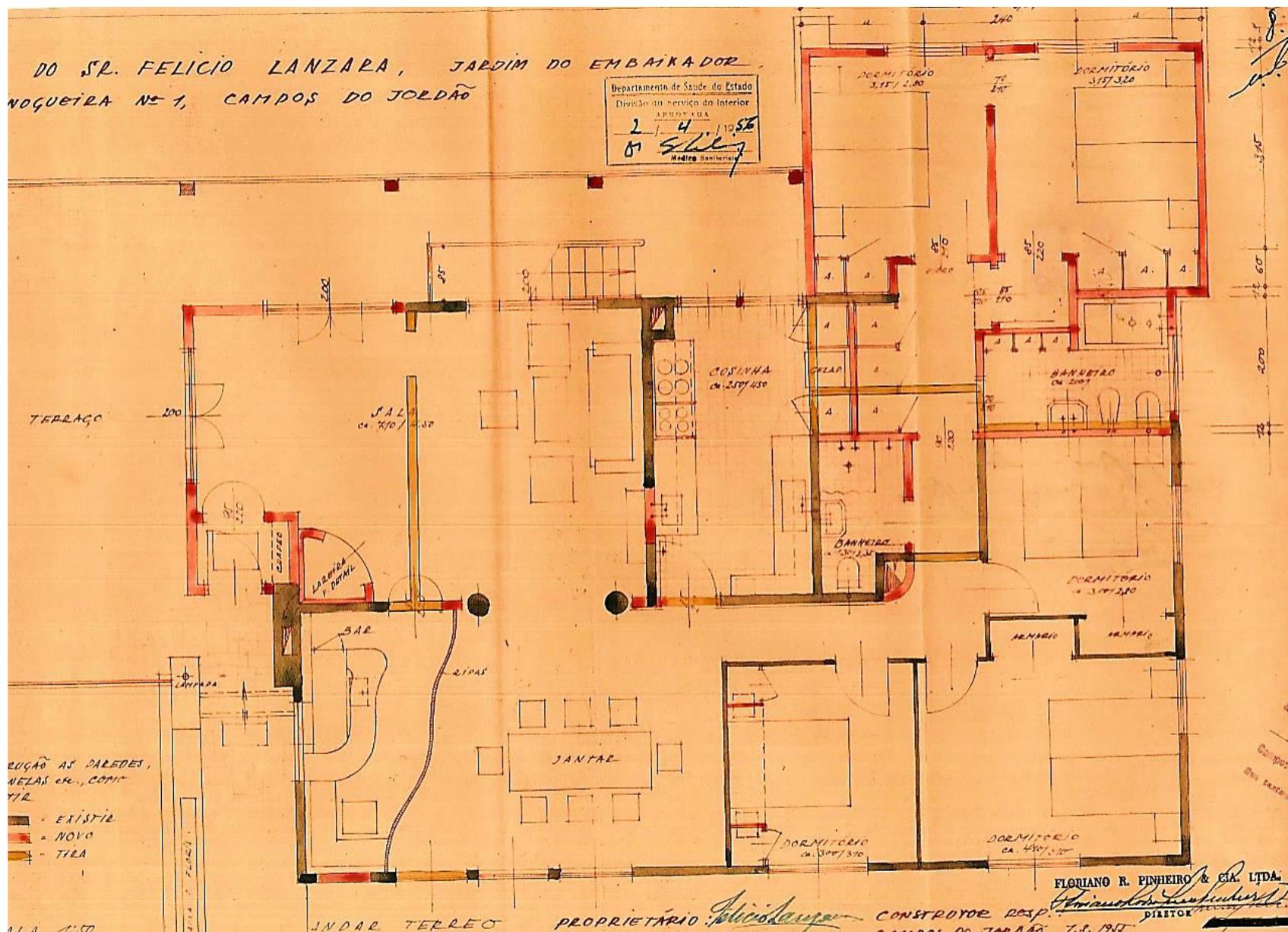


Fig. 2: Planta da reforma na Casa Adhemar de Campos/Felício Lanzara, 1955.
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão.

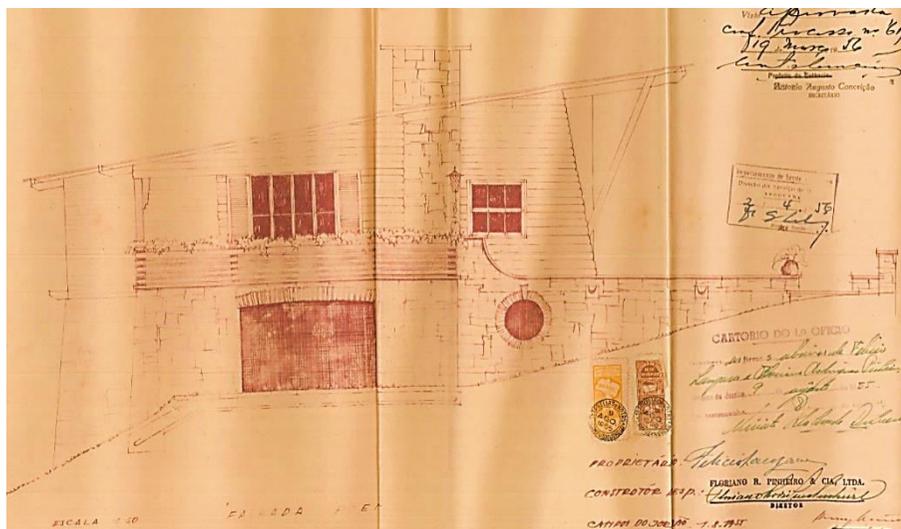


Fig. 3: Face oeste na ampliação de 1955, com terraço em primeiro plano.
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão



Fig. 4: Fachada lateral leste, com destaque para três fases da construção: o projeto original (as duas janelas à esq.), a ampliação de 1955 (a janela à dir.) e a última ampliação (à dir. da chaminé). Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Fig. 5: Vista do interior do terreno.
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Fig. 6: Fachada posterior. Ampliações (à esq.) e parte do projeto original (à dir.)
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Fig. 7: Garagem, na fachada lateral oeste.
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Fig. 8: Fechamentos em madeira.
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.

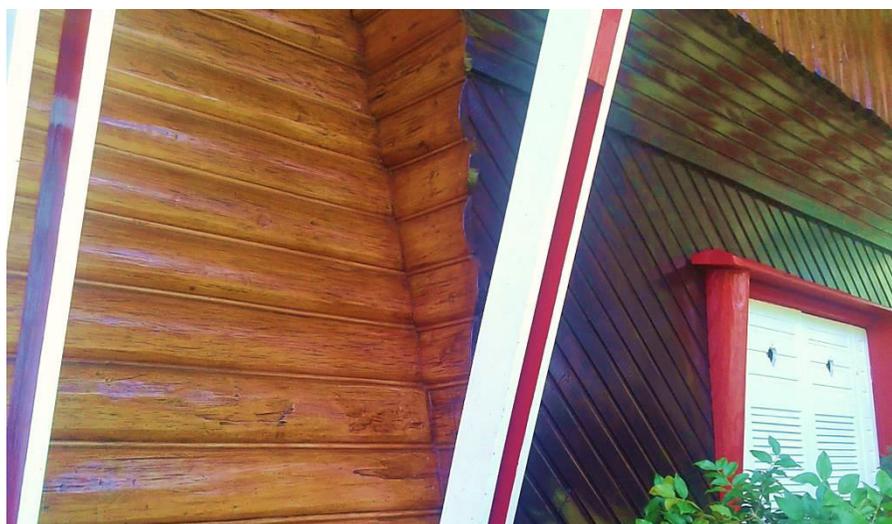


Fig. 9: Costaneiras (esq.) e tábuas lisas (dir.).
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Fig. 10: Detalhe do deck do antigo terraço.
Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Figs. 11 e 12: Fachada lateral leste, com destaque para as molduras das janelas (esq.) e a porta no pavimento inferior (dir.), Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Fig. 13: Plano único de cobertura na fachada lateral oeste. Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Fig. 14: Detalhe do encontro do telhado mais antigo (esq.) com o mais recente (dir.). Fonte: Marcelo Leite, 14/03/16.



Fig. 15: Madeiramento do telhado. Fonte: Marcelo Leite, 25/12/15.

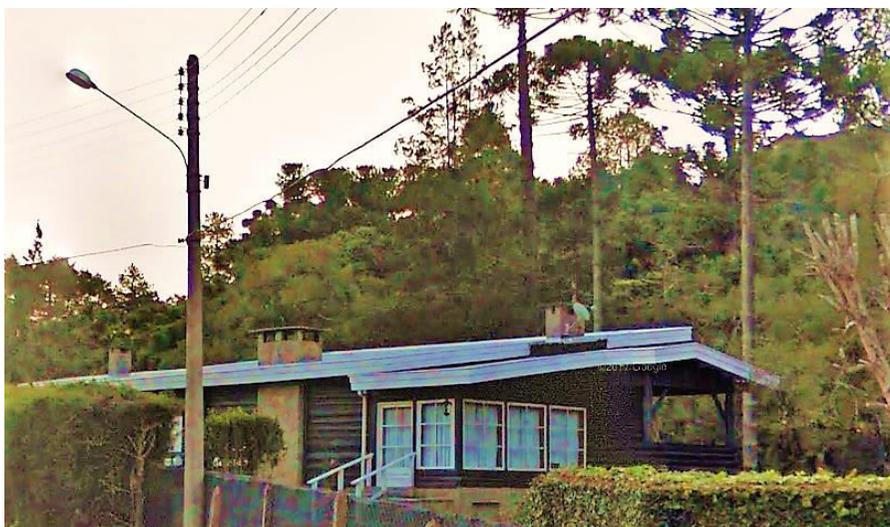


Fig. 1 Fachada lateral nordeste da Casa Teixeira de Barros.
Fonte: www.google.com.br/streetview, imagem ago. 17.



Mapa A: Localização da Casa Teixeira de Barros no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Teixeira de Barros no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- I – Restaurante Jardim do Embaixador (atual Hotel Colônia da USPESP)
- K – Casa Noêmia Di Giulio
- M – Casa Francisco Berrettini
- N – Casa Paschoal Scavone
- O – Casa Aristides Camargo
- Q – Casa Adhemar de Campos
- R – Casa Teixeira de Barros
- S – Casa Tufik Chohfi
- W – Casa Sete
- Y – Moradia do Caseiro da Casa Teixeira de Barros

R – Casa Teixeira de Barros

1. Dados de identificação

Nome: Casa Antônio Teixeira de Barros

Variante: Rancho Cantagalo

Endereço: R. Nogueira, lotes 117-118-119-120-151-152-NA, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: ampliada, com alterações e conservação boa

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para Antônio Teixeira de Barros e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: não tivemos acesso ao terreno, mas sabemos que o projeto original não possuía a garagem anexa à parede da cozinha, que existe atualmente (fig. 2). Também é provável que, na fachada posterior junto à cozinha, tenha ocorrido um prolongamento do telhado – ampliando um dos quartos e o banheiro ou criando uma área de serviço. Os limites da propriedade foram cercados com tela e vegetação em data desconhecida.

3. Descrição

Terreno: formado por sete lotes contíguos, possui 25592 m² de área. A área onde se situam as casas principal e do caseiro é arborizada com espécies de grande e pequeno porte, com topografia apresentando declive da frente para os fundos do terreno. O acesso de veículos é feito por um portão centralizado na testada, entre os lotes 118 e 119. A área distante das edificações corresponde ao leito do Córrego do Homem Morto, que passa pelo centro da propriedade. Cruzando o pequeno curso d'água (fig. 3), o terreno rapidamente se transforma num acentuado aclave consideravelmente arborizado, onde há uma nascente de água que desemboca no córrego.

Casa principal: apresenta um formato retangular em planta. Implantada centralizada e na cota mais alta do lote 118, a relação

com o sítio ajuda a definir os usos do espaço (fig. 4). O piso superior original contava com quatro quartos, sala, jardim de inverno, varanda, cozinha, banheiro, possuindo duas saídas para uma parte mais alta do terreno: uma na fachada frontal, onde fica a entrada principal (fig. 5) conectada ao jardim de inverno e outra na fachada posterior, dando acesso à cozinha. Já o piso inferior, que se abre para uma parte mais baixa do sítio (a partir da fachada lateral nordeste), continha originalmente mais um quarto, sala e banheiro.

Sistema construtivo: assenta-se sobre uma fundação de pedra. Há três chaminés feitas com o mesmo material: duas para as lareiras das salas inferior e superior, em laterais opostas na planta (fachada frontal e fachada posterior), e uma para fogão à lenha, na lateral sudoeste. O pavimento inferior é possivelmente construído em alvenaria portante de blocos de pedra (fig. 6). Já o pavimento superior é em estrutura de madeira, com as tábuas externas costaneiras, em posição horizontal e pintadas de preto (fig. 7). Todas as esquadrias recebem pintura branca e são venezianas nas áreas íntimas e sociais, com exceção do jardim de inverno, que é apenas envidraçado. A cobertura é plano único em telhas de fibrocimento (fig. 8). O madeiramento do telhado e os coletores de águas pluviais são brancos, enquanto o madeiramento da varanda e os lampiões externos são pretos.

Outras edificações: a moradia do caseiro, que não sabemos se apresenta ou não a mesma linguagem arquitetônica da casa principal

4. Documentação específica

GALVÃO, A. B. A. **História do Jardim do Embaixador**. [São Paulo]: Residência Anna Galvão, 27/04/18. Entrevista concedida a Marcelo Leite



Fig. 2: Vista a partir da Rua Nogueira, com o prolongamento da garagem.
 Fonte: www.google.com.br/streetview, imagem ago. 17.

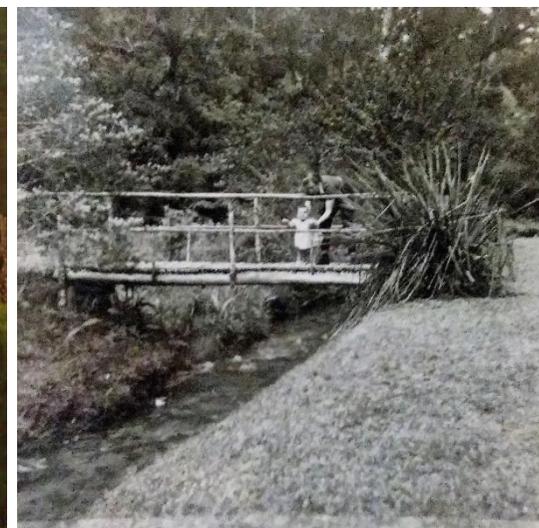


Fig. 3: Córrego no interior da propriedade.
 Fonte: Acervo de Anna Galvão.

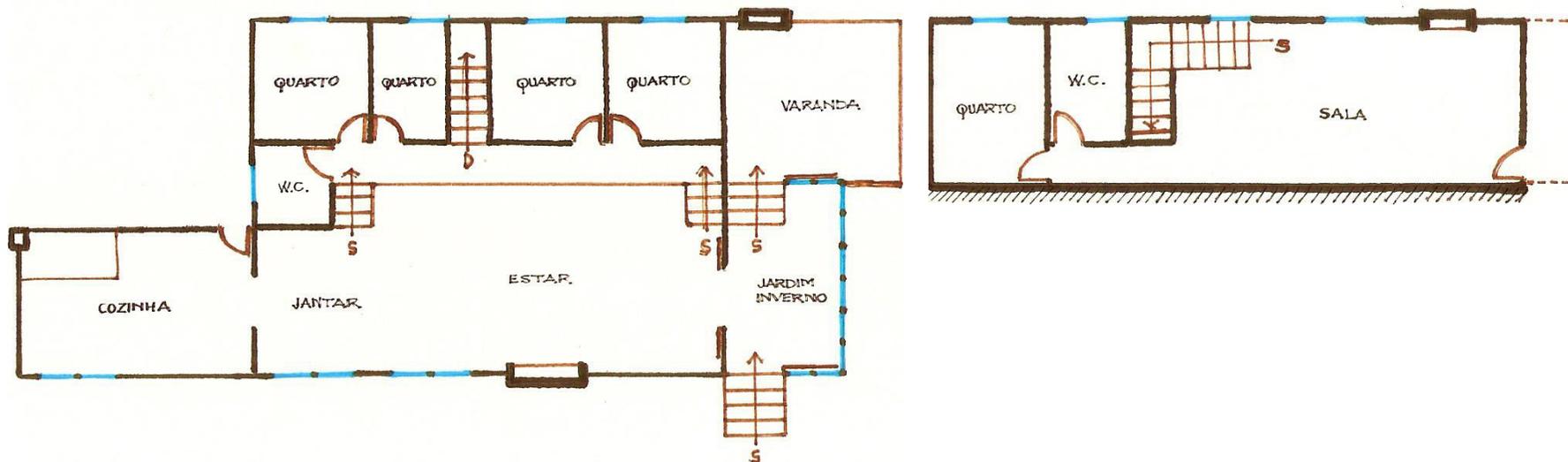


Fig. 4: Planta baixa original dos pisos superior (esq.) e inferior (dir.) da Casa Teixeira de Barros.
 Fonte: Elaborada pelo autor com base em croqui de Anna Galvão e observação *in loco*.



Fig. 5: Entrada principal da casa.
Fonte: Acervo de Anna Galvão.



Fig. 6: Lateral nordeste, onde se vê parte do piso inferior.
Fonte: www.google.com.br/streetview, imagem ago. 17.



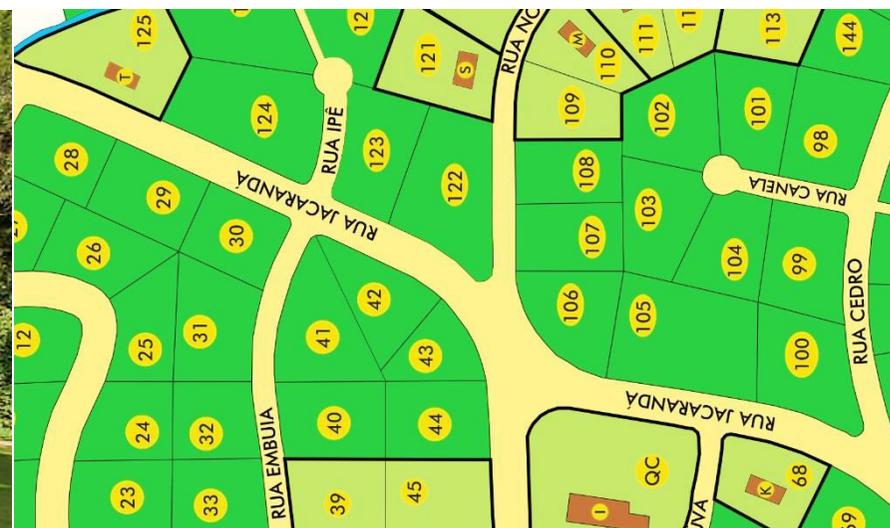
Fig. 7: Detalhe da fachada frontal.
Fonte: Acervo de Anna Galvão.



Fig. 8: Casa Berrattini (esq.) e Casa Teixeira (dir.), onde se vê o telhado e a chaminé frontal.
Fonte: Foto Postal Colombo.



Fig. 1: Fachada posterior da Casa Júlio Ortiz.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Mapa A: Localização da Casa Júlio Ortiz no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa Júlio Ortiz no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- I – Restaurante Jardim do Embaixador (atual Hotel Colônia da USPESP)
- K – Casa Noêmia di Giulio
- M – Casa Francisco Berrettini
- S – Casa Tufik Chohfi
- T – Casa Júlio Ortiz
- Y – Moradia do Caseiro da Casa Júlio Ortiz
- Z – Quarto de hóspedes da Casa Júlio Ortiz

T – Casa Júlio Ortiz

1. Dados de identificação

Nome: Casa Júlio Ortiz

Variante: não possui

Endereço: R. Dr. José Mestres (antiga R. Jacarandá), lote 125, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: ampliada, com alterações e conservação boa

2. Histórico

Proposta original: casa de campo para Júlio Ortiz e sua família. O projeto e a construção provavelmente ocorreram realizados entre 1944 e 1947

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: desconhecemos a data em que ocorreram as seguintes intervenções. Certamente o piso de madeira foi trocado, bem como algumas esquadrias. Externamente, destoa da linguagem arquitetônica original um alto volume que parece ser uma caixa d'água ou um pequeno quarto. Há um anexo com dormitórios junto à fachada lateral oeste (fig. 2) e próximo a um quarto de hóspedes independente da construção principal (fig. 3). É provável que a moradia para o caseiro e a garagem também não sejam contemporâneas a residência principal. Atualmente o imóvel se encontra a venda e o terreno está cercado com tela e vegetação, com exceção da testada, que é murada.

3. Descrição

Terreno: formado por apenas um lote, possui 1790 m² de área e é bem arborizado com espécies de grande e pequeno porte. Por estar situado muito próximo ao Córrego do Homem Morto, a topografia revela um terreno praticamente plano (fig. 4). Há dois portões para veículos, localizados nos extremos da testada.

Casa principal: implantada num canto do lote 125, próxima ao lote 124, é uma casa térrea. Seu formato original em planta era

retangular, ao qual foi acrescido o anexo na lateral oeste. Uma das imobiliárias encarregadas da venda¹ informa que a casa tem quatro quartos, uma grande sala de estar e jantar (fig. 5), cozinha (fig. 6), área de serviço e banheiros.

Sistema construtivo: assenta-se sobre uma fundação de pedra, que também forma o terraço da fachada posterior (fig. 7). As paredes das áreas de serviço parecem construídas com alvenaria portante de blocos do mesmo material. Na sala há uma lareira em pedra, cuja chaminé aparece na fachada posterior. Os fechamentos das áreas sociais e íntimas são feitos em madeira: nas primeiras, com as tábuas externas costaneiras em posição horizontal e envernizadas; e nas segundas, com tábuas externas lisas em posição horizontal e pintadas de branco (fig. 8). Internamente, há madeira envernizada em todas as áreas sociais e íntimas: nas esquadrias, nos assoalhos, nos painéis que formam as paredes (figs. 9 e 10) e armários embutidos (fig. 11), e nos forros. Entre os fechamentos verticais e o teto há um acabamento com costaneiras verticais, vistas também como decoração no console da lareira (fig. 12). Também identificamos o que parece ser um pilar com função estrutural, feito com tijolos (fig. 13). As janelas das áreas de serviço são basculantes metálicas, e seus caixilhos recebem pintura branca, tal como as portas. Já as portas e janelas dos quartos e das áreas sociais são venezianas de madeira, pintadas de vermelho no exterior. A cobertura é em duas águas com telhas de fibrocimento, as quais também tem pintura vermelha, tal como o madeiramento do telhado e os coletores de águas pluviais.

Outras edificações: o quarto de hóspedes independente e a moradia do caseiro (que também contém a garagem), as quais não apresentam a mesma linguagem da casa principal

4. Documentação específica

Não possui

¹ www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 2: Fachada posterior. Projeto original (volume à esq.) e ampliação (torre e volume à dir.). Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 3: Fachada posterior. Projeto original (esq.) e quarto para hóspedes (dir.). Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 4: Vista do interior do terreno. Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.

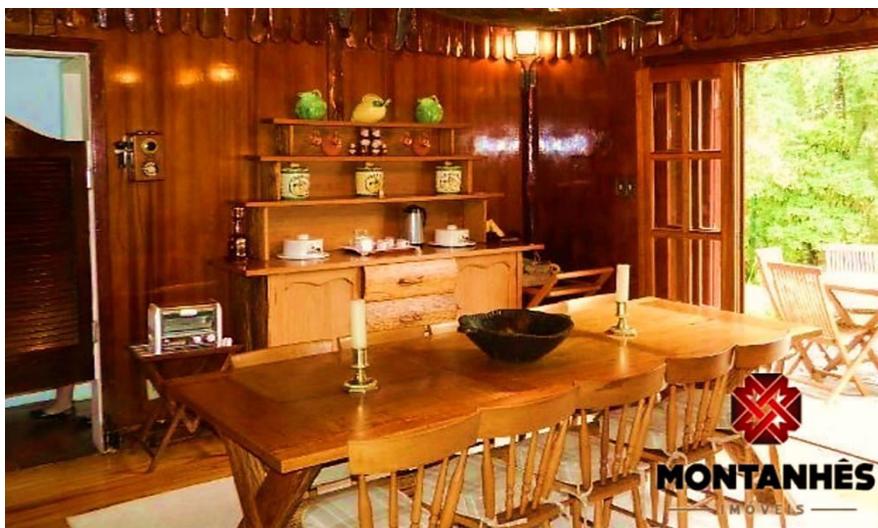


Fig. 5: Vista do ambiente de jantar. Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 6: Vista do interior da cozinha.
Fonte: www.damattaimoveis.com.br.



Fig. 7: Vista do terraço na fachada posterior.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 8: Muro da rua e fachada frontal.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 9: Quarto com painéis de madeira .
Fonte: www.capivariimoveis.com.



Fig. 10: Quarto com painéis de madeira.
Fonte: www.capivariimoveis.com.

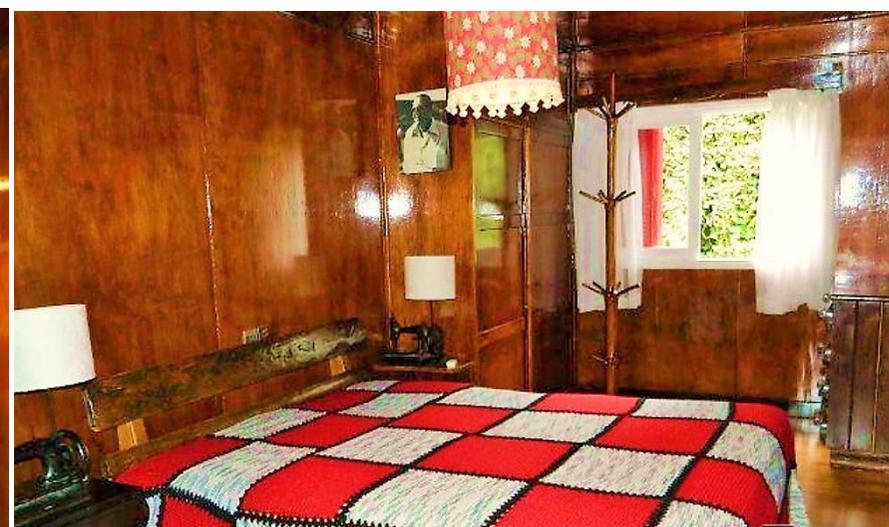


Fig. 11: Quarto com armário embutido.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 12: Lareira no ambiente de estar.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.

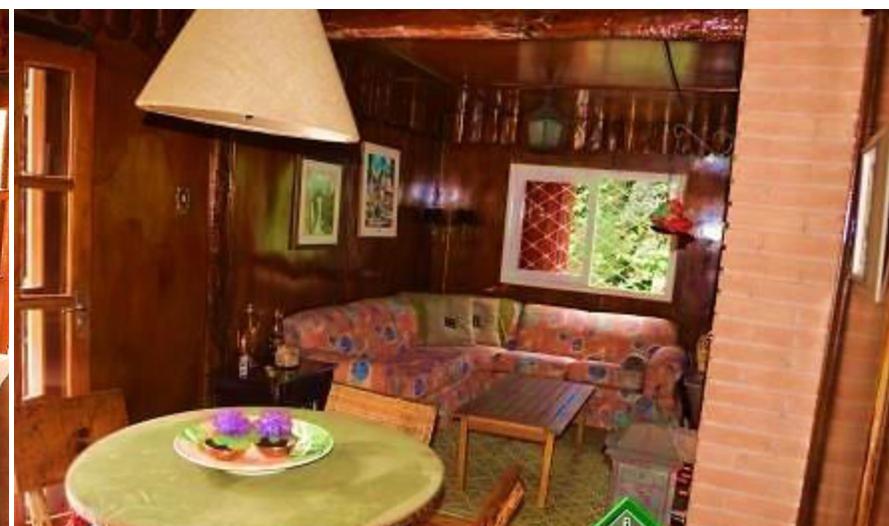


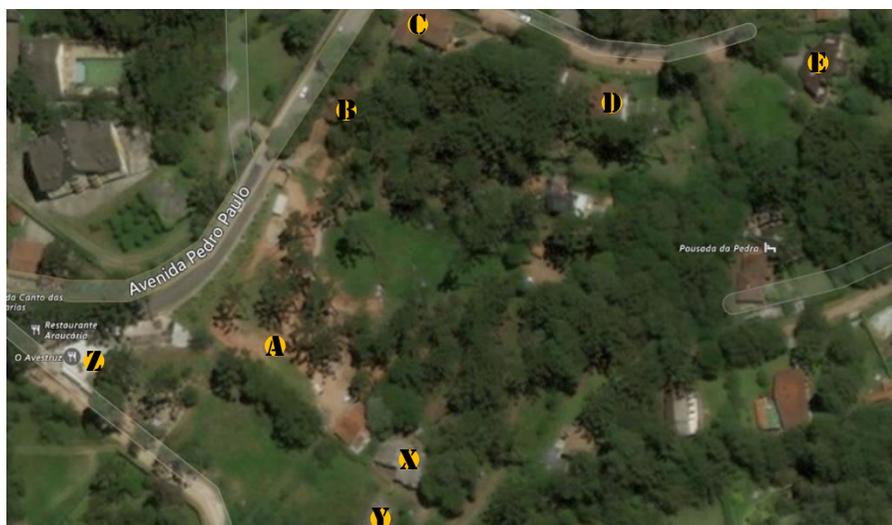
Fig. 13: Pilar de tijolos entre sala e quarto.
Fonte: www.damattaimoveis.com.br.



Fig. 1: Fachada frontal da Casa do Lote 87.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Mapa A: Localização da Casa do Lote 87 no Jardim do Embaixador.
Fonte: Redesenho do mapa da Sociedade de Imóveis e Melhoramentos, 1954.



Mapa B: Localização da Casa do Lote 87 no Jardim do Embaixador.
Fonte: Adaptado com base em www.bing.com.br/maps, imagem de 2017.

Legenda:

- A – Casa Oswaldo Bratke
- B – Casa Guilherme Corazza
- C – Casa Oscar Americano
- D – Casa Henrique Grabner
- E – Alberto Lang
- X – Casa do Lote 87
- Y – Moradia do Caseiro da Casa do Lote 87
- Z – Restaurante Avestruz (antiga Casa Rui Amaral)

X – Casa do Lote 87

1. Dados de identificação

Nome: Casa do Lote 87

Variante: não possui

Endereço: R. Alecrim, lote 87, Jardim do Embaixador, Campos do Jordão-SP

Tipologia: residencial

Status: existente, com alterações e conservação boa

2. Histórico

Proposta original: casa de campo. O projeto e a construção provavelmente ocorreram entre 1954 e 1957

Autor do projeto: possivelmente Oswaldo Arthur Bratke

Alterações significativas: há uma moradia do caseiro, provavelmente construída posteriormente à casa principal. Recentemente a casa foi colocada à venda e recebeu nova pintura externa, mantendo-se as cores originais. Não sabemos de alterações no interior, pois não tivemos acesso ao imóvel.

3. Descrição

Terreno: o da casa principal é formado por apenas um lote, que possui 2869 m² de área, e é bastante arborizado. Já a moradia do caseiro se encontra num lote vizinho que oficialmente está fora dos limites do Jardim do Embaixador, e curiosamente não aparece no cálculo da área do terreno nos sites das imobiliárias responsáveis pela venda. A topografia apresenta acentuado aclive da frente para os fundos do terreno. O acesso é feito por um portão localizado no canto próximo ao lote 88, na cota mais baixa do terreno (fig. 2).

Casa principal: está implantada num canto do lote 87, próxima ao lote 86, na cota mais alta do terreno. É térrea, com formato L em planta. A imobiliária responsável pela venda¹ informa que a residência tem quatro quartos, uma grande sala de estar (fig. 3) e jantar, cozinha (fig. 4), área de serviço e banheiros. Também possui

uma garagem (fig. 5), implantada na cota intermediária logo abaixo da habitação.

Sistema construtivo: assenta-se sobre uma fundação de pedra, e a parede das áreas de serviço parecem construídas com alvenaria portante de tijolos, rebocados e pintados de branco no exterior e revestidos com azulejos amarelos e brancos no interior. Os ambientes de estar e jantar possuem cada um uma lareira em pedra, posicionadas em laterais opostas na planta. Os fechamentos das áreas sociais e íntimas são feitos em madeira, externamente com tábuas costaneiras em posição horizontal e pintura marrom escura (fig. 6). Internamente, costaneiras e pranchas lisas são colocadas na posição vertical e envernizadas (fig. 7), tal como as esquadrias, o assoalho e a decoração em diagonal que existe no console da lareira do ambiente de jantar (fig. 8). Os forros são pintados de branco. As janelas das áreas sociais e de serviço são apenas em vidro, as primeiras de madeira e as segundas, basculantes metálicas. Os caixilhos recebem pintura na cor branca. Cortinas amarelas colocadas nas esquadrias das áreas sociais lembram a pintura existente na Casa Firmino Whitaker. Já as janelas dos quartos são protegidas por venezianas de madeira, brancas, tal como o madeiramento que sustenta a cobertura duas águas com telhas de fibrocimento (fig. 9).

Outras edificações: a moradia do caseiro, que não apresenta a mesma linguagem arquitetônica da casa principal

4. Documentação específica

Não possui

¹ www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 2: Caminho do portão à garagem.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.

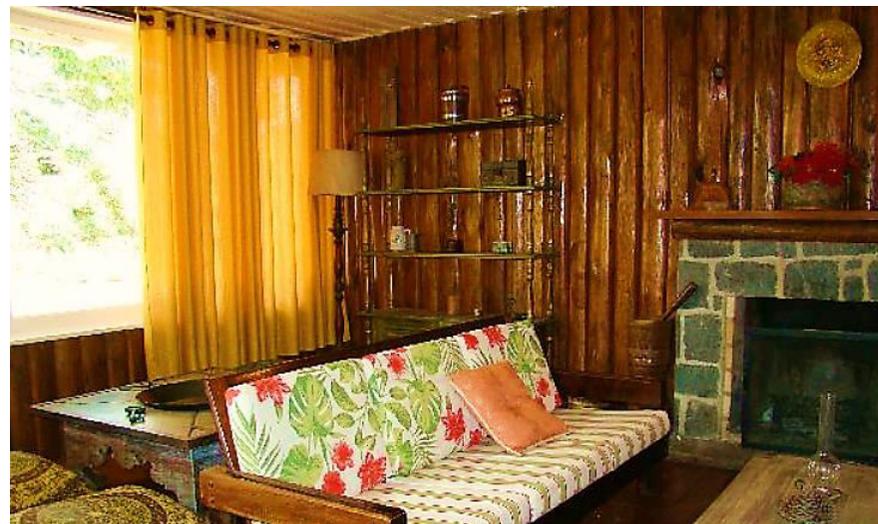


Fig. 3: Vista do ambiente de estar.
Fonte: www.zapimoveis.com.br.



Fig. 4: Vista da cozinha da Casa do Lote 87.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 5: Garagem (esq.) e portão (dir.).
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 6: Vista da fachada lateral sul.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.

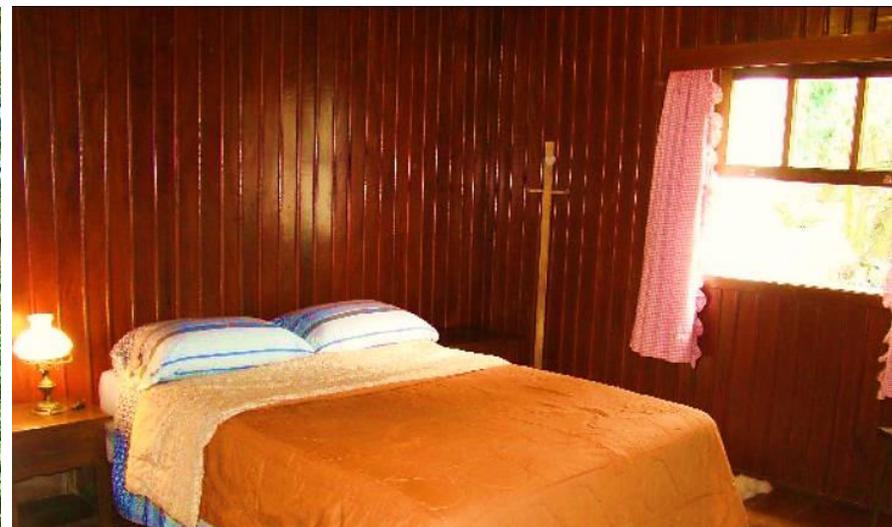


Fig. 7: Quarto revestido com madeira.
Fonte: www.zapimoveis.com.br.



Fig. 8: Lareira do ambiente de jantar.
Fonte: www.montanhesimoveis.com.br.



Fig. 9: Cobertura da Casa do Lote 87.
Fonte: Marcelo Leite, 07/11/16.